TOBIAS BARRETO

Varios Escriptos

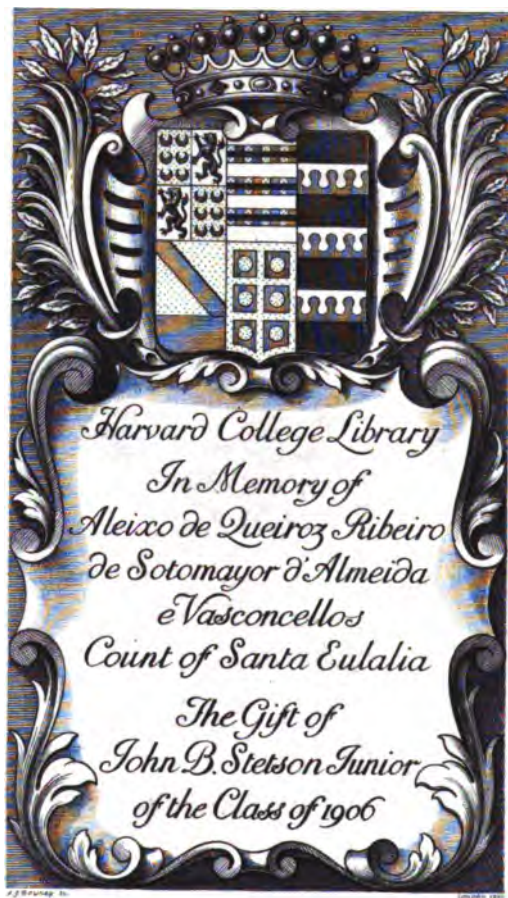
Publicação posthuma dirigida

POR

SYLVIO ROMÉRO

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.—Editores
Casas filiaes em S. PAULO e RECIFE

1900

Varios Escriptos

Explicações indispensaveis

I

Ainda uma vez sou eu quem ha de dizer algumas palavras em mais um livro posthumo de Tobias Barreto.

Não sei se *mes amis les ennemis* e até *mes ennemis les amis* m'o consentirão.

Não poucos são os lettrados e não lettrados que me têm levado a mal, não direi a amisade, senão o enthusiasmo sempre da minha parte manifesto por aquelle espirito de selecção. Não ha muito ainda uma completa leva de broqueis viu-se movida contra mim, por haver tido a audacia de comparar o escriptor do norte ao magestoso Sr. Machado de Assis. Os *devotos deste* (a expressão não é minha, é de meu illustre amigo José Verissimo) sahiram a campo em toda a linha e não houve pancada que me não dêssem.

Um Sr. Labieno Rodrigues Pereira, ex-senador do imperio, ex-conselheiro de Estado, ex-ministro da corôa, ex-plenipotenciario, ex-republicano, disse-me cousas do arco da velha, a que não respondi, por duas razões, cada qual mais peremptoria : grave molestia, que me tem levado ás portas da morte e só agora vae lentamente passando, e a conveniencia de cumprir á risca a primeira regra da boa polemica — entregar, por tempo indefinido, o adversario maligno ao inferno do esquecimento... Mas Labieno, o filho celebre da familia dos *Macacos* de Queluz, (Elle me entende), não perde nada por esperar.

Ajustaremos contas um dia, se Deus me der vida e saude. Os meus collegas de critica, Medeiros e Albuquerque, Frota Pessoa e outros, cujos nomes me não occorrem, consideraram o livro um

desastre, por ser o methodo comparativo desusado, senão inapplicavel, em cousas litterarias; serem os dois escriptores entre si inequiparaveis, além da superioridade inconcussa do autor de *Paginas Recolhidas;* o que tudo eu não via, por ter a vista cançada, não vêr nitidamente ao perto, não comprehender bem os individuos, e só enxergar ao longe os grandes factos, as grandes linhas, a ponto de caracterisar vantajosamente as épocas, as phases longas e seculares da historia, notando com acerto o temperamento da raça, do povo, das massas, sob a influencia do meio physico e das forças sociaes. São esses, *mutatis mutandis,* os dizeres do mais favoravel dos criticos citados, Medeiros e Albuquerque, sob o influxo de uma certa sympathia conservada do tempo em que foi meu discipulo de philosophia, circumstancia por mim já descripta no prefacio á segunda edição dos *Estudos de Direito* de Tobias (1).

Os outros não foram tão gentis principalmente o Sr. Frota Pessoa, cujas sentenças parecem mais decisivas e dogmaticas do que as do pontifice infallivel do Vaticano... E eu que julgava até agora ser o unico em posse do privilegio de não *ver ao perto, não penetrar nos temperamentos* e o unico a fazer juizos errados... Santa simplicidade!

Tenho hoje um guapo companheiro. Companheiro? não: companheiros — é que devia dizer.

O Sr. Araripe Junior não veio á liça directamente por causa de Machado de Assis; mas aproveitou o ensejo para atordoar-me com uma duzia de estirados artigos, na *Revista Brasileira,* nos quaes sou descripto qual um terrivel Roldão, um truculento matamouros, o que tudo quer dizer — um temeroso *polemista,* pura e simplesmente um *polemista,* porque (Leitor benevolo, tu deves saber vêr bem ao perto, saber lêr entre as linhas) porque elle sim, elle é que é o *critico,* o critico *accompli,* que vê tudo, penetra nos temperamentos, sabe fazer psychologia.... ás direitas. Este privilegio psychologico de *penetrar no systema nervoso dos autores,* segundo a phrase de Pessoa, não se vá crer uma pertença, um instrumento exclusivo do distincto autor d'*O Ninho do Beija-Flor*. Seria injustiça: Medeiros, o sabio Pessoa e o meu amigo Verissimo tambem são dotados delle..

---

(1) Tudo me leva a crêr não haver o meu honrado amigo Medeiros lido o alludido *prefacio*.

Eu é que daquillo nasci desarmado, desapercebido.

Os mais todos, a uma, o possuem. Entre parenthesis: o titulo do romance de Araripe, *O Ninho do Beija-Flor*, lembra-me uma curiosissima descoberta de Pessoa, que consigno desde já, antes que me esqueça. Disse este illustradissimo esthetico, de quem não sou digno de desatar os sapatos, não poder eu jámais ser critico, porque me tenho dividido demasiado: tenho feito máos versos e máos ou soffriveis direitos, philosophias, politicas e não sei que mais. Vá que seja: mas, meu caro Pessoa, se taes assumptos tiverem sido assimilados apenas como auxiliares da critica?

E, ainda, se fôrem elles apenas tratados criticamente? Que dizeis a isto?

Não é tudo: vós sabeis, e sabeis melhor, muito melhor do que eu, porque tendes o poder de *penetrar no systema nervoso dos autores*, repetindo vossa encantadora phrase, e sois mestre na maravilhosa psychologia, cousas que me fallecem, em absoluto, sabeis, ia eu dizendo, que Sainte Beuve, o mestre dos mestres em critica, e exactamente o pai do methodo psychologico em tal materia, fez versos, e não eram lá muito bons, escreveu romances, compoz historias... logo, não podia ser critico. Lessing, vulto mais imponente ainda do que o autor de *Port Royal*, fez versos, dramas, contos, romances... logo, não podia ser critico. Taine, o mais original dos criticos conhecidos, o mestre do methodo *sociologico* em taes assumptos, escreveu politica, historia, viagens... logo, não podia ser critico. Scherer, o mais lucido critico deste seculo, fez theologia, politica, exegese biblica... logo, não podia ser critico. E assim Macaulay, Vinet, Bourget, Zola, Lemaître e tantos outros, que todos escreveram um pouco de tudo... logo, não podiam ser criticos. E, meu caro mestre Pessoa, como vos esquecestes dos romances do *attico* Araripe? Como é que peccastes, affirmando nunca jámais haver o grande critico escripto obras de imaginação? Será possivel que tenhaes olvidado *O Reino Encantado*, *O Ninho do Beija-Flor*, *Luizinha*, *Jacyna — a Marabá*?

J'en passe encore, *verbi-gratia*, um que, se me não engano, chamava-se *Chico Melindroso*... um *penetrante e psychologico* estudo que haveis, por força, de ter saboreado em tempo.

E o nosso amavel José Verissimo, não será tambem, este illustre critico, autor de contos e de estudos politicos?

Dar-se-ha acaso que ignoreis a existencia das *Scenas da Vida Amazonica* e do volumoso livro *O Seculo XIX*? Não creio.

Eu é que tenho o privilegio da ignorancia, da alta de vista e de penetração ; não m'o queirais tomar. Deixai-me com as minhas mazellas.

O nome do amigo José Verissimo, ultimo referido, leva-me a retomar o assumpto em seu principio, de que me ia desviando um pouco, encantado com a perspicacia de Frota Pessoa. José Verissimo não acudiu directamente em defensa de Machado; tomou outras attitudes e usou d'outras praticas : atirou ao esquecimento o livro que do autor de *Yayá Garcia* escrevi, não se dando delle nunca noticia na *Revista Brasileira* ; redobrou de elogios ao escriptor fluminense, de quem, com todas as syllabas, se declara *devoto*, já ao dizer de *Paginas Recolhidas*, já ao escrever de *Dom Casmurro*, cujo parentesco com *Braz Cubas* e *Quincas Borba* estudou carinhosamente, com vista, penetração e psychologia; finalmente, sempre que ao pobre myope autor destas linhas se refere, entre palavras consoladoras e balsamicas, não se esquece de umas poucas de reticencias no tocante ao seu estylo e linguagem, ao tom polemistico de seu analysar, ás deficiencias de erudição da sua *Historia da Litteratura Brasileira*, á estreiteza de seu criterio litterario, por Verissimo reduzido ao simples *criterio nacionalistico*, e alguma vez não deixa de lastimar o ter ficado o dito autor destas paginas preso á *pessima* escola de Tobias.

Não é aqui o logar de responder a todos estes meus collegas em critica, se dão licença a assim falar a um myope-deserudito-nacionalistico-impsychologico-impenetrante-polemistico-pessimistico-briguento-tobiista-impenitente. Entretanto, timidamente lembrarei duas ou tres coisitas de vista curta em replica ás accusações acima assignaladas

Primeiramente, peço venia para ponderar o seguinte que não deixa de ter seu valor : sempre e sempre systematicamente tenho evitado escrever de meus companheiros de critica, que, todavia, me têm, como se vê, tratado com demasiada sem-ceremonia ; e eu é que sou o atacante...

Do Sr. Frota nunca escrevi palavra ; do Sr. José Verissimo quasi nada, a não serem algumas referencias amistosas ; dos Srs. Araripe e Medeiros (Este em critica dá pelo nome de J. dos Santos) só me occupei uma vez do ultimo e duas do primeiro, sempre em defesa propria e com a maior moderação possivel. E eu é que sou o atacante...

Peço aos espiritos imparciaes que tomem nota do facto.

No que diz respeito a Tobias e sua comparação com Machado, que tanto escandalisou os devotos do autor de *Helena*, não será fóra de proposito dizer que o mesmo aconteceu aos devotos do autor dos *Estudos Allemães*, em sentido inverso : elles levaram, por seu lado, a mal o haver eu comparado o fulgurante poeta, o vigoroso critico do norte ao poeta e romancista do Rio de Janeiro, por o considerarem superior de muito a este ultimo. Ora, ahi está o que são cousas de devotos. Cada qual acha mais milagroso o seu feitiço. Tanto é verdade não ser a supremacia do Sr. Machado de Assis ainda dogma de todo assentado e definido. Pessoa e Medeiros, Araripe e Verissimo ainda não conseguiram fazel-o passar em concilio ecumenico sem cousa que duvida faça.

De accordo, dirão talvez ; porém andas errado com os teus processos comparativos, que nem se usam em critica, nem se podem applicar aos dois celebres co-patricios.

Tenho certo acanhamento em contestar. A cousa não é tão evidente como lhes parece. O methodo comparativo tem sido applicado a todas as creações humanas : religião, moral, direito, mythologia, linguistica, arte, e, finalmente, litteratura mais do que possam suppor. George Brandes é um dos pró-homens do genero, que não é alheio a francezes, como F. Brunetière, L. Teste e outros.

E, pelo que de mais perto se refere a Tobias e Machado, ouso aventar não ser de todo falha a tentativa que usei. Os meus psychologos censores hão de concordar cemmigo no seguinte principio de methodo : não se comparam duas cousas inteiramente similhantes, inteiramente identicas, se é que existem duas cousas de todo identicas ; seria inutil e superfluo. Muito bem ; estão de accordo com esse preceito logico. Devem estar tambem accordes neste outro principio : não se comparam duas cousas inteiramente dissimilhantes e antagonicas.

Acceitam, é claro. Devem tambem admittir esta terceira regra : só se comparam cousas, que, tendo muitos pontos de similhança e analogia, têm outros de differença e antagonismo.

Ora, é exactamente o caso dos dois celebres personagens : — ambos brasileiros, ambos nascidos em 1839, ambos mestiços, ambos poetas, ambos prosadores, ambos criticos, ambos humoristas, ambos pessimistas, ambos chefes de escola, posto que um tivesse sido, além disso, jurista e o outro romancista.

Que impossibilidade haveria em comparal-os ?

Ora, pelo amor de Deus : o publico não é tão tolo como se lhes afigura.

Entretanto, no livro consagrado ao autor de *Braz Cubas*, que foi todo meditado sem a idéia de comparação, a qual só mais tarde surgiu, a talho de fouce no correr da escripta, o malsinado confronto é apenas um mero episodio, que, longe de fazer mal ao idolo de meu amigo José Verissimo, ao emvez disto lhe faz bem, com provocar a contestação e alliviar, por assim dizer, o escriptor criticado de estar só numa tão demorada berlinda de paginas e paginas. A comparação foi, repito, uma especie de intermezzo, favoravel a Machado, por o desafogar algum tanto do apparelho frio e apertado da critica.

Quem quizer experimentar, leia o livro, saltando as paginas de comparação e fixando-se apenas nos capitulos exclusivamente referentes ao autor de *Quincas Borba*.

A figura do illustre fluminense destaca-se mais nitida, é certo; mas a impressão de seus defeitos é tambem mais penosa. Espero dar uma edição escoimada do quadro comparativo e ver-se-ha.

Como quer que seja, porém, parece-me que, com toda curteza de minha vista, incapacidade psychologica e de penetração no systema nervoso dos escriptores, o estudo a respeito de Machado de Assis não foi de todo inutil, porquanto vejo certas idéias, que fui o primeiro a sustentar dello, hoje ahi repetidas e já como de outra procedencia. Por exemplo, a demonstração da unidade de sua intuição e de sua obra, outr'ora geralmente contestada; entre as suas melhores qualidades, senão a melhor, a habilidade em pintar rapidos e exactos quadros nacionalistas, por todos despercebida antes do desastroso estudo. Espero que não serão as unicas.

Não é tudo; venhamos a outros itens.

Frota escreveu em seu evangelho ser eu admirador *incondicional* do autor dos *Dias e Noites* e Medeiros que eu collocava este escriptor *a cima de todos* os escriptores nacionaes. Ambas as allegações são falsissimas.

A Frota basta lembrar-lhe não ser elle capaz de mostrar um escripto qualquer meu anterior a 1878, epoca em que appareceu a *Philosophia no Brasil*, em que eu tivesse falado em o nome de Tobias, meu amigo desde dez annos antes, pois o conhecera em 1868. Depois que deixei o Recife, e naquelle

livro foi que o estudei pela primeira vez e, como se houvesse levantado a gritaria opposicionista, o que se tem seguido depois tem sido sómente a necessidade da defesa.

Ainda mais no alludido livro, pag. 139, lê-se esta declaração, apta a evitar quaesquer duvidas: « Não tenho Tobias Barreto na conta de *genio*, nem de notabilidade *européa*. »

Evidentemente, não são dizeres de um admirador *incondicional*. E eu que pensava ser o unico a engendrar e escrever falsidades !...

Medeiros ainda é mais desastrado em sua affirmativa. Peço-lhe licença para dizel-o com toda a isenção; pois considero-o meu amigo e não desejo, por forma alguma, romper com elle.

O autor de *Peccados*, para ser justo e fazer boa psychologia, não precisa trucar de falso, nem exaggerar as cousas. Não é capaz de, com toda a sua vista de ao perto, descobrir uma só pagina em que eu haja commettido aquelle peccadilho.

Como é que, muito em contrario ao que diz e pretende vêr, não se lhe deparou a pagina 328 do estudo sobre Machado de Assis, na qual aponto uns poucos de escriptores nossos que julgo superiores a Tobias ?

Pois vá á tal pagina e leia e não venha mais affirmar erroneas capazes de afeiar seus brilhantes processos psychologicos e empanar sua nitida visualidade.

Este mesmo amigo Medeiros, num rasgo de psychologismo que não sei como qualifique e quero desde já apreciar, antes que me passe, teve a sem-ceremonia de escrever com todas as lettras já haver eu « *descoberto dois ou tres primeiros poetas brasileiros e agora o primeiro romancista !* » Eis aqui uma verdadeira tentação: se fosse entre os meus vinte e trinta annos, era agora a occasião de uma surriada a valer.

Mas esse bello tempo já passou, e, ai de mim ! creio que para não mais voltar, e é preciso ser commedido. Não direi, portanto, ser aquillo menos verdade de meu talentoso e illustrado confrade em critica e Academia Brasileira ; mas é um redondissimo erro, praticado agora conscientemente e com o fim manifesto de molestar seu velho amigo, collaborando na acção de demolição que lhe movem.

Este ponto não deixarei correr á revelia : o Sr. Medeiros e Albuquerque, cuja amizade preso desde os tempos de seu velho pai que m'o apresentou, não é capaz de citar authenticos e

integraes textos meus em que eu tenha dito A. é nosso *primeiro* poeta, e depois B. é nosso *primeiro* poeta, e mais C. é nosso *primeiro* poeta. Não é capaz ; taes textos não existem, são meras allucinações da vista penetrante do joven escriptor.

Poderei ter dito *A* é o nosso primeiro poeta pela imaginativa, *B* é o primeiro pelo sentimento, *C* é o primeiro pelo colorido, ou pela profundeza do pensamento, ou pela riqueza do vocabulario, ou qualquer outra qualidade assignalavel.

Poderei ter escripto isto ou cousa que o valha, e Medeiros vê bem ser cousa mui diversa. Quanto ao primeiro romancista, o acto descamba até para a pulhice propositalmente acariciada. O Sr. Medeiros e Albuquerque não é, ainda, capaz de citar um trecho meu em que tenha proclamado essa primazia entre os nossos romancistas. A allegação é clamorosamente falsa. Um moço do commercio escreveu um romance, no qual estudou factos e typos de sua classe, e disse eu delle : « foi entre nós, que eu saiba, o *primeiro a enveredar por esse caminho, e, pelo lado da realidade e veracidade da observação*, seu livro é um dos melhores da novellistica nacional. » Ora, são cousas bem diversas estas, cá sob as minhas curtas vistas e acanhada *penetração no systema nervoso* (Bravos á phrase do Pessoa !) *dos escriptores* !... Onde diabo Medeiros ouviu-me falar em primeiro romancista ? Ando já a desconfiar das vantagens das taes agudezas psychologicas, que fazem os seus possuidores commetterem tantos descuidos.

E estas decantadas agudezas psychologicas, de que sou falho, puxam-me ao assumpto principal : minha tão malsinada defesa de Tobias. Acho inexplicavel como tão aguçadas visões cegam os meus amigos criticos a ponto de não lhes deixar ver cousa tão simples. Defender Tobias, será preciso dizel-o? é implicita e explicitamente defender uma epoca inteira, uma phase do pensamento nacional, um periodo historico, toda uma escola litteraria. Já vejo que o ver ao longe leva, ás vezes, suas vantagens sobre o ver ao perto.

Aos meus amigos criticos — as arvores não deixam ver a floresta, o individuo não deixa ver a vida social, a phantastica e presumpçosa psychologia empana a sociologia. *Maria optimam partem elegit* ; prefiro o ultimo quinhão e elle seria capaz de me envaidecer, se fosse caso disso.

E não é porque não o tenha dito sem falhar syllaba, não é porque tenha deixado de falar a miude em *escola do Recife*, em

escola de Pernambuco, em sua prioridade no movimento espiritual brasileiro em certo periodo de nossa historia. Isto tem sido dito e redito á saciedade. Os nomes de Celso de Magalhães, de Victoriano Palhares, de Castro Alves, de Souza Pinto, de Clovis Bevilaqua, de Martins Junior, de Arthur Orlando, de Inglez de Souza, de Farias Neves Sobrinho, de Viveiros de Castro, de França Pereira, de Fausto Cardoso, de Gumersindo Bessa e outros e outros vêm sempre ao bico de minha penna. A psychologia de meus censores é que os não deixa ver.

E o mesmo tenho feito para com outros escriptores que, não tendo vivido nunca no Recife, mostraram pronunciada sympathia pelo movimento alli iniciado na phase critico-philosophica, e ligam-se áquella escola por alguns laços. E' o caso de Tito Livio de Castro, cujo perfil fui até hoje o unico a traçar, se me não engano, e cujas obras pedi ao governo provisorio da Republica para publicar, tendo já apparecido o formoso livro — *A Mulher e a Sociogenia*, contendo como prefacio o alludido perfil. E' tambem o caso de Oliveira Fausto, Estellita Tapajós, Marcolino Fragoso e Trajano de Moura, de quem me não esqueço e sou dos raros a lembrar de quando em vez. E' questão de evolução e de agrupamento. E porque podem os meus adversarios ser *devotos* de Machado e não poderei ser admirador de Tobias? Porque podem elles estimar o que se poderia chamar a escola fluminense de Machado, Taunay e outros, e não poderemos eu e meus amigos do norte amar o nosso punhado de combatentes do Recife, principalmente os que alli pugnaram as lutas do decennio maximo, o decennio que iniciou e adiantou a derrocada do velho Brasil catholico-feudal, 1868-1878?

E nem sei o que merecerá, por exemplo, mais duros reparos á critica do futuro: se os meus elogios a Tobias e sua escola, todos provocados pela mania negacionista, pela obsessão irritante de seus adversarios; ou a tremenda diatribe de Medeiros e Albuquerque contra os *Lusiadas* de Camões e os terriveis artigos que tem vibrado contra Ruy Barbosa; ou os contra este ultimo escriptos pelo Sr. Araripe Junior; ou os encomios, estes é que se poderiam chamar incondicionaes, de todos elles ou quasi a Machado de Assis e Taunay; ou as censuras severas, fortes, repetidas do Sr. José Verissimo a varios escriptores novos.

E eu que suppunha ser o unico intratavel e o unico habilitado para errar e para aggredir....

Entretanto, no meu activo, além do que deixei aqui dito em relação á escola do Recife e seus adeptos, nomeadamente Martins Junior, Celso de Magalhães, Gumersindo Bessa, Viveiros de Castro, Victoriano Palhares, Luiz Guimarães Junior, Leonidas e Sá e outros, aos quaes consagrei artigos de jornaes ou paginas de livros; além do que fiz por Tito Livio de Castro, até hoje, que eu saiba, apenas estudado por mim, e do que pratiquei com Estellita Tapajós, a quem consagrei vasto estudo, publicado em folhas de S. Paulo, não é bom esquecer que me cabe tambem a honra de ter sido o apresentador de João Ribeiro e Mucio Teixeira, dois grandes talentos, ao publico fluminense quando, ainda desconhecidos ha bons vinte annos, aportaram a estas plagas Já não quero lembrar varias reivindicações que se acham nas paginas da *Historia da Litteratura Brasileira*, que aos meus olhos me orgulhariam, se tanto valesse a pena neste paiz, como a de Gregorio de Mattos, até então julgado apenas um maldizente desprezivel e depois objecto de mais de um estudo, onde ao leitor attento se deve deparar mais de uma idéia já consignada nas paginas daquelle livro; a de Laurindo Rabello, havido apenas por um bohemio de talento, um improvisador de pornographias, um rimador de modinhas, um lyrico soffrivel e que alli se demonstrou, apezar da falta de vista ao perto, ser o maior de nossos elegiacos e um dos maiores de nossos lyristas; a de Teixeira de Mello, reconhecida por Clovis Bevilaqua nestas palavras: «o autor das *Sombras e Sonhos*, que não teve lenda, ficou ignorado como lyrista, até que Sylvio Roméro lhe viesse fazer justiça em umas boas paginas de reparo á cegueira injustificavel do publico»; a de Maciel Monteiro, conhecido sómente como diplomata, como galanteador, e muito mal como poeta, até que fosse naquella obra collocado em seu exacto logar de predecessor immediato do romantismo; a de Moniz Barreto, o repentista, só então assignalado em seu posto exacto e não como simples poeta de jantares, qual delle assoalhava a psychologia vaidosa; a de Mello Moraes Filho, tido geralmente pelo que nunca foi—um erudito de cousas da historia nacional, uma traça dos archivos, quando a verdade é que elle nunca leu patavina dessas cousas, sendo ao contrario um inspirado e imaginoso lyrico; a de José Maria do Amaral, dado por grande jornalista, quando não passou de um delicioso elegista; a de Martins Penna, cujas comedias eu é que colleccionei e fiz dar á casa Garnier para as publicar, e cuja caracteristica tracei em estudo especial, que, em analyse historica, social e psychologica,

apezar de não haver meio deste pobre diabo penetrar no systema nervoso d'um escriptor, conheço muita gente que o não troca por mais de um producto da grande escola dos nossos psychologistas, *si vantés*. E' que esta gente que assim pensa tem vista curta ao perto... Já não preciso lembrar o que deixei escripto no livro do centenario do Brasil a respeito de Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Luiz Murat e peculiarmente Cruz e Souza, o que tudo seria possivel que acabasse por provar não ser o demonio tão feio como o pintam, nem eu *si bête* como me querem fazer.

Como quer que seja, não estou arrependido da direcção que dei ás minhas idéias ; não renuncio a uma só dellas ; se tivesse de recomeçar a vida seguiria o mesmo caminho. Bem sei a razão da meia raiva com que me olham, do falso odio com que me encaram, digo meia-raiva e falso odio, porque no fundo não ha rancor positivo ; são todos elles boas pessoas e, em grande parte, estão de accordo commigo. Não o proclamam alto e bom som por falta de costume, porque se educaram, fingindo-se meus adversarios e não querem espantar a galeria, habituada ha bons trinta annos a um dos *chics* de nossos litteratos : dizerem mal de mim.

Acho-lhes uma graça ineffavel, quando julgam que os tomo demasiado á lettra, e quando acreditam não ser eu capaz de saber a receita para agradar... Ah! se tambem eu tivesse querido agradar!...

Porque não poderia ter concorrido com os outros?

A receita foi sempre facil aos escriptores provincianos que têm vindo ao Rio, desde os tempos do primeiro imperio, tentar fortuna: nada mais do que procurarem a confraria dos chefes da epoca, fazer-lhes zumbaias, tratar de lhes cahir em graça, o que de ordinario se conseguia e consegue a troco de alguns elogios habeis, oraes ou escriptos, sempre mais oraes do que escriptos. A principio procuravam-se Januario Barbosa, Cunha Mattos, Monte-Alverne, Evaristo da Veiga; depois Magalhães, Porto Alegre, Norberto, Octaviano, Macedo; mais tarde Alencar, Pedro Luiz, Quintino; pouco mais tarde Machado de Assis, Taunay, Ferreira de Araujo, sem querer falar nos nucleos mais recentes.

O autor destas mal alinhavadas linhas poderia acaso procurar cartões de entrada e gosar tambem da festa; nunca o fez, nunca

pertenceu a grupo nenhum, a não ser agora aquella singular corporação eclectica e amorpha chamada Academia Brasileira, cujas sessões não frequenta e da qual faz parte por honra da firma.

Preferiu entrar o Rio de Janeiro, trazendo no bolso *A Philosophia no Brasil*, livro de ataque a mais não ser, fazendo-o seguir logo da *Critica Parlamentar*, ainda mais decisivo no genero, e de bem perto d'*A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, que não lhes fica atraz na especie.

Estava a desgraça feita; não poderia haver maior desaso, se o fito do escriptor fosse agradar. Mas, Deus louvado, nunca lhe passou pela mente tal desejo: quiz mesmo conscientemente lutar, como, durante dez annos antes, tinha feito no Recife, o que importa dizer que as lutas alli travadas foram proseguidas aqui. Vieram depois o periodo de transição, representado pelos trabalhos de *folk-lore*, (*Cantos e Contos Populares do Brasil*, *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*) e o periodo de pacificação, representado principalmente pela *Historia da Litteratura Brasileira*, periodos estes uma vez magistralmente descriptos por Viveiros de Castro, n'um bello estudo que tive a honra de merecer á sua intelligente, distincta e honrada penna.

Nem assim a guerra passou; soffro agora os effeitos da reacção; esperava-a e não dou o cavaco por isso. Dei ao meu paiz o que lhe podia dar: algum amor ao trabalho, submissão á verdade e sinceridade nas convicções.

Se o não fiz com talento, a culpa não é minha. Se me fosse possivel comparar a um grande nome, diria que em toda a historia das lutas brasileiras só dois combatentes vieram da provincia para este Rio de caso pensado para atacar: Gaspar Martins, na politica e, oh! leitor, este teu obrigado e criado, na litteratura.

Qual tenha sido disto o effeito só o futuro poderá dizer.

E já agora não ponho o ponto final a esta primeira parte deste prologo, sem fazer mais um reparo.

Os criticos *soi-disant* psychologos, Frota que repete, avolumando, o que diz Medeiros, Medeiros que reproduz com clareza o que o amigo Verissimo diz velada e docemente, Araripe que pensa e escreve galhardamente por sua conta e risco, andam bem longe de estar accordes na psychologia que tenho tido a honra de lhes inspirar: algum delles pinta-me com o temperamento de mero polemista, ao que acode outro, dando-me qualidades philosophicas, como sejam destresa no manejo das idéias e theses geraes e visão

nitida dos grandes factos. São duas caracteristicas contradictorias, que se excluem e repellem.

Vejam em que ficam.

Demais, a critica meramente psychologica, que tanto preconisam, este exaggerado individualismo não será um ponto de vista atrasado, diante da critica sociologica, que se detem principalmente na contemplação da evolução geral das idéias, das doutrinas, dos generos artisticos e litterarios, mostrando mais a sociedade em sua grandeza do que o individuo no seu exclusivismo? Ainda mais: fazer a psychologia do povo não será tambem fazer psychologia? Será verdadeira a inexistencia de psychologia nos multiplos e variados estudos de critica devidos ao signatario destas paginas?

No que escreveu de Gregorio de Mattos, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Moniz Barreto, o velho José Bonifacio, Evaristo da Veiga, Maciel Monteiro, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Varella, Laurindo Rabello, Martins Penna, Machado de Assis, para só citar estes, não haverá psychologia, ao menos naquella proporção em que é indispensavel para se comprehender a collaboração dos individuos na trama social? Ou eu me engano muito, ou meus collegas e emulos em critica andam errados nos exageros antipsychologicos que costumam embarcar na frota de Pessoa contra mim. Não me queiram mal, entretanto, e acabemos como bons amigos. Vejo, um pouco tarde parece, que já é tempo de falar do livro do meu saudoso Tobias, por amor de quem tenho sido sempre e sempre um verdadeiro armazem de pancadas.

II

O livro que se vai ler, a que dei o titulo de *Varios Escriptos*, contem diversos artigos, dispostos em ordem chronologica, de 1866 a 1888, excepto os cinco ultimos que não guardaram a mesma ordem, por me terem chegado tarde ás mãos, quando já ia adiantada a publicação. Os vinte e dois ultimos annos da evolução espiritual do autor estão, pois, ahi representados.

Dos cinco artigos que não puderam entrar na serie chronologica, dois — *A proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino*, *A theologia e a theodicéa não são sciencias*, são de 1868; um — *Uma luta de gigantes*, é de 1871; outro — *O atraso da philosophia entre nós*, é de 1872; e, finalmente, outro — *As artes e a industria artistica*, é de 1883.

Devem todos estes e outros artigos do autor ser lidos nessa ordem; porque, só assim, se notará a harmoniosa unidade do desenvolvimento espiritual do fallecido escriptor. Uma edição regular dos seus trabalhos deveria ser feita, separando-se as materias e dispondo-as na ordem do tempo. Por este modo teriamos a obra do poeta e depois a do critico de philosophia, de litteratura, de direito, de politica, de religião e de arte em seu normal desdobramento. Infelizmente não tem sido possivel assim proceder; pude, apenas, no que já tem sido publicado, separar as poesias e os estudos de direito. Philosophia, arte, religião, litteratura, politica têm apparecido promiscuamente sem a conveniente selecção e o indispensavel arranjo.

Em todo caso, a critica imparcial deverá proceder, tendo como norma capital a natureza das materias e a consideração do tempo, condições estas desastradamente desprezadas, maximé pelos famosos psychologistas recentes.

Este livro poderia sahir mais alentado e completo, se me houvessem chegado ás mãos diversos escriptos do autor. Entre outros, existem: um publicado em o n. de 5 de junho de 1869 do *Jornal do Recife*, de que se fala á pag. 20 deste volume, e que erroneamente suppuz ser *Uma luta de gigantes*, que é de 1871, e mais um — *Sobre a força motriz*, um — *O que é monismo* (Este publicado n'*A Tribuna*, em 1882 no Recife), um em apreciação das — *Idéas de Francisco Huet*, um criticando as *Lições de philosophia* do actual arcebispo da Bahia — D. Jeronymo Thomé, um denominado — *Guizot e a escola espiritualista*, e varios mais de que tenho hoje apagada lembrança.

Muitos outros subsidios poderia tirar das collecções de — *Um Signal dos Tempos*, de *A Igualdade*, de que não pude dispôr em absoluto, e das de *A Comarca da Escada, O Americano, O Desabuso, Contra a Hypocrisia, O Povo da Escola, O Industrial*, se as destes me tivessem chegado mais perfeitas e não demasiado truncadas, como foi o facto. E' tambem falha notavel neste livro o apparecerem incompletos os artigos — *A Provincia e o Provincialismo, O Direito Publico Brasileiro, As Artes e a Industria Artistica.*

O apparecimento tardio, posthumo, fragmentado dos escriptos do critico e poeta sergipano tem-lhe sido assás desfavoravel. Teria-lhe sido muito mais vantajoso que as condições de sua vida lhe tivessem deixado o lazer e a facilidade de publicar a tempo e proposito os volumes de suas poesias e de seus ensaios

de critica. O inconsciente das cousas não o quiz e agora já não ha mais geito a lhe dar.

Uma das razões da incomprehensão dos criticos, que hoje se dizem psychologos e têm a doce ingenuidade de haver feito monopolio desse processo de analysar entre nós, em o que diz respeito ao valor, ao merecimento da acção espiritual de Tobias Barreto nas lides do pensamento nacional, provem nesses tão distinctos espiritos da falha de senso historico e sociologico, da incapacidade de vêr ao longe.

Têm a vista curta, só vêem bem ao perto; as grandes linhas lhes escapam, voltando contra elles e *à rebours* a censura que me fazem.

Se elles tivessem uma visão clara da evolução total do espirito brasileiro na poesia, uma visão clara da evolução total do espirito brasileiro em religião, philosophia, politica, direito e critica litteraria, deveriam saber qual o estado de todas estas cousas n'esta terra, em 1862, quando Tobias iniciou no Recife o seu poetar, e em 1868, quando deu começo á sua evolução critica. A phase poetica, com ter valor, não tem a importancia e o alcance da phase seguinte. O decennio que vai de 1868 a 1878 é o mais notavel de quantos no seculo XIX constituiram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido directamente em si as mais fundas commoções da alma nacional. Até 1868 o catholicismo reinante não tinha soffrido nestas plagas o mais leve abalo; a philosophia espiritualista, catholica e eclectica a mais insignificante opposição; a autoridade das instituições monarchicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionaes do feudalismo pratico dos grandes proprietarios a mais indirecta oppugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores scismares, a mais apagada desavença reactora. Tudo tinha adormemecido á sombra do manto do principe feliz que havia acabado com o caudilismo nas provincias e na America do Sul e preparado a engrenagem da peça politica de centralisação mais cohesa que já uma vez houve na historia em um grande paiz. De repente, por um movimento subterraneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as cousas se mostrou e o sophisma do imperio appareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguay estava ainda a mostrar a todas as vistas os immensos defeitos de nossa organisação militar e o acanhado de nossos progressos

sociaes, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão: e então a questão dos captivos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o apparelho sophistico das eleições, o systema de arroxo das instituições policiaes e da magistratura e innumeros problemas economicos; o partido liberal, expellido grosseiramente do poder, commove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programma de extrema democracia, quasi um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organisa e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar. Na politica é um mundo inteiro que vacilla. Nas regiões do pensamento theorico o travamento da peleja foi ainda mais formidavel, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéas novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horisonte. Hoje, depois de mais de trinta annos, hoje, que são ellas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, soffremos os combatentes do grande decennio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, critica religiosa, naturalismo, scientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de critica e de historia litteraria, transformação da intuição do direito e da politica, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola do Recife. Tobias foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rapida de que era dotado.

Porque contestar o seu merecimento? Porque amesquinhar o seu esforço? Eis ahi o motivo da minha defesa; não n'o ataquem que me calarei. Amparando-o a elle, defendo meu tempo, minha escola, meu grupo, defendo-me a mim mesmo.

O Sr. Medeiros e Albuquerque (*Noticia* de 24 de março corrente) diz ser o Sr. Machado de Assis um *genio*... Com todos os meus exaggeros quando elogio ou censuro, segundo os conceitos do illustre critico, e a despeito de minha curta vista de perto, segundo os mesmos conceitos do mesmissimo critico, nunca me animei a dizer tanto de Tobias Barreto, e a todos preveni disso no primeiro estudo que lhe consagrei. (Vide *Philosophia no Brasil*, pag. 139 citada).

Não, amigo Medeiros, Machado de Assis não é um genio, como não o é Tobias, como não é Ruy, como não é Patrocinio, como não é Nabuco, e não é Alencar, nem Gonçalves Dias, nem Alvares de Azevedo, nem Castro Alves, nem Bilac, nem Cruz e Sousa, nem ninguem até hoje neste nosso Brasil. O genio é inventivo por

excellencia, creador por indole, original em essencia no desvendar novas perspectivas e abrir novos caminhos á humanidade.

Nós ainda não tivemos disso. Um bom estylo e boa grammatica e mais um regular talento de observar alguns recessos d'alma humana, macerado tudo em certa dose de inoffensivo pessimismo e quasi apagado humour, não dá para fazer um genio... Agora me lembra que o Frota Pessoa disse ser *eu facil em descobrir genios e incapaz de os crêar!...* Este pensamento deve ser forçosamente muito profundo. Basta vir do Frota. Mas confesso que o não entendo bem. Esta historia de *crêar genios e de os descobrir,* não, isso não é commigo. Ha engano com toda a certeza: meu caro Frota, até hoje não descobri nenhum, nem mesmo aquelle malfadado Tobias, que *admiro incondicionalmente,* segundo dizeis sem razão.

Ide ter com o Medeiros, que foi meu discipulo de philosophia e meu mestre de hypnotismo e materias connexas, que versa e percorre com facilidade e brilho; ide ter com elle, que já descobriu ou creou um genio — Machado de Assis. Para cá vindes errado, Frota.

Outra razão pela qual tratam ainda injustamente o autor dos *Menores e Loucos* provem de quererem ver nelle aquillo que elle não é. Sabendo-se que se occupou de philosophia, de direito, de litteratura, vão atraz de encontrar um tratadista *ex-professo,* um expositor, um commentador de doutrinas, um desses que fazem os pratos para os vadios e preguiçosos do pensamento.

A desillusão é completa: encontram apenas um critico, um ensaista, sempre rapido e como que apressado. Mas é preciso tomar esse singular despertador de idéas, essa sentinella sempre prestes ao rebate como era na realidade e não ao gosto de nossas phantasias.

Este mesmo livro é uma prova do que digo; tudo nelle é rapido e suggestivo: pequenos estudos, escaramuças valentes e decisivas da parte de um homem occupado a ler, a estudar criticamente philosophia, religião, politica, arte, direito, litteratura e que mal tinha tempo de dar ao publico pela escripta o resultado de suas meditações e de seu saber; porque o mais ia-se em lições oraes e conversações constantes.

Neste volume ha especimens de sua critica sob os varios aspectos de religião, philosophia, direito, politica, litteratura; faltam-lhe, porém, algumas paginas de critica d'arte, isto é, critica musical, que tambem cultivava.

O complexo dos trabalhos de analyse de meu amigo, pondo de parte os que ainda andam tresmalhados nos jornaes e periodicos, pode ser hoje apreciado nos cinco livros — *Estudos de Direito, Estudos Allemães, Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica, Varios Escriptos, Menores e Loucos,* sob a condição d'uma leitura por materias e atttendendo ás datas, como disse.

Os *Discursos* e principalmente as *Polemicas*, a sahir após este volume, ajudarão certamente a completa apreciação do escriptor.

Para facilitar aos leitores de Tobías a comprehensão de sua obra, darei aqui, por materias, a indicação de seus principaes ensaios, espalhados nos alludidos livros :

CRITICA DE RELIGIÃO

A religião perante a psychologia.
Moysés e Laplace.
Notas sobre a critica religiosa.
Os livros mosaicos ou assim considerados.
Uma lucta de gigantes.
Uma excursão de dilettante nos dominios da sciencia biblica.
Sobre o Dr. Strauss.
A Historia do Povo de Israel e o Sr. Oliveira Martins.
A Irreligião do Futuro.
Traços da vida religiosa no Brasil.

CRITICA DE PHILOSOPHIA

A proposito d'uma theoria de S. Thomaz de Aquino.
A theologia e a theodicéa não são sciencias.
A Religião Natural de Jules Simon.
Os Factos do Espirito Humano de G. de Magalhães.
O atraso da philosophia entre nós.
A sciencia d'alma ainda e sempre contestada.
O häckelismo em zoologia.
Notas sobre a evolução emocional e intellectual do homem.
Glossas anti-sociologicas.
Recordação de Kant.

CRITICA DE LITTERATURA

A grande e a pequena poesia.
As Flores da Noite.
Auerbach e Victor Hugo.
Sobre um escripto de Alexandre Herculano.
Socialismo em litteratura.
A alma da mulher.
Influencia do salão na litteratura.
Ensaio de pré-historia da litteratura classica alleman.
O dia de Camões.
Traços de litteratura comparada do seculo XIX.
O partido da reacção em nossa litteratura.
Nota sobre o romantismo allemão.
Nota sobre a litteratura americana.
O romance no Brasil.

CRITICA DE DIREITO

Uma nova intuição do direito.
Menores e loucos em direito criminal.
Delictos por omissão.
A tentativa em direito criminal.
Direito autoral.
Mandato criminal.
Commentario aos primeiros artigos do Codigo Criminal do Imperio.
Algumas palavras sobre a theoria da móra.
A co-delinquencia e seus effeitos na praxe processual.
Introducção ao estudo do direito.
Fundamento do direito de punir.
Prolegomenos do estudo do direito criminal.
Historia do processo.
Os Pontos de Direito Romano do Dr. Soriano de Sousa.

CRITICA DE POLITICA

Os homens e os principios.
Politica brasileira.
A questão do poder moderador ou o parlamentarismo no Brasil.
A Provincia e o provincialismo.

Direito publico brasileiro.
A responsabilidade dos ministros no governo parlamentar.
Organisação communal da Russia.
Politica da Escada.
Um discurso em mangas de camisa.
Glossas a alguns preconceitos brasileiros.

CRITICA DE ARTE

Carlos Gomes e a opera *Salvator Rosa*.
Bellini e a *Norma*.
As ultimas representações de *Faust*.
Alguma cousa tambem sobre Meyerbeer.
De novo alguma cousa sobre Meyerbeer.
Um pedaço de auto-psychologia.

Resta-me agora dizer algumas palavras dos principaes artigos desta obra.

III

Deixando de parte os poucos que tratam de critica de litteratura e critica de direito, pretendo deter-me rapido sómente diante dos referentes á critica philosophica, religiosa e politica.

Os escriptos de philosophia e religião são aqui, em sua ordem chronologica:—*A proposito de uma theoria de São Thomaz de Aquino*, *A theologia e a theodicéa não são sciencias*, *A religião perante a psychologia*, *Moysés e Laplace*, *Uma luta de gigantes*, *O atraso da philosophia entre nós*.

A critica religiosa, no sentido restricto e proprio de critica e exegese biblica, que foi, durante muitos annos, um dos estudos predilectos de nosso philosopho e jurista, está neste livro, d'entre os seis artigos acima citados, em *Moysés e Laplace* e *Uma luta de gigantes*. No primeiro ha notavel, alem de uma pagina magistral sobre as origens das cosmogonias, e d'outra d'analyse da exposição biblica da creação, ha notavel, dizia, que o autor, depois de repetir as considerações do grande critico Michel Nicolas, illustre professor de Montauban, rival de Reuss e Colani, mais profundo que Renan, sobre as duas narrativas differentes que o

Genesis traz da creação, adduz estas observações que são originaes: «Um tal phenomeno que com muitos outros levou os criticos a admittirem na construcção do *Pentateuco* elementos de procedencia diversa, cremos que se prestava a mais serias e mais fundas conjecturas. Uma comparação das duas narrativas, sob o ponto de vista da fórma, descobrirá que a segunda é mais definida e menos vaga, ainda que inferior na pintura de Deus; o que revela na primeira uma poesia de tempos mais remotos.

Ora, sendo sómente a segunda que refere em tom de idyllio a existencia do paraiso em que viveram ditosos os pais do genero humano, é bem concludente que similhante historia foi escripta em época posterior aos grandes prophetas; mesmo porque em seus discursos Adão e Eva não occupam lugar, quando aliás havia muitas occasiões de se tirar desse exemplo, se elle fosse conhecido, os argumentos mais poderosos, em mãos d'aquelles tribunos.»

Em *Uma luta de gigantes*, apreciação da discussão travada em 1871 entre Vacherot e o padre Gratry a respeito de cousas religiosas, o nosso critico vem em auxilio do philosopho contra o padre. A questão era a seguinte. Vacherot, em seu livro *A Religião* (pag. 134) tinha dito que a prophecia da resurreição não está em S. Matheus e S. Marcos e sim apenas em S. Lucas e S. João. Tinha dito mais que n'aquelles dois primeiros evangelistas o drama da paixão é triste e desanimador e que só nos dois outros Jesus mostra coragem e confiança em sua missão. Gratry, quanto á primeira asserção, diz ser justamente o contrario: a prophecia da resurreição está em Matheus e Marcos e não se acha em Lucas e João. Tobias, intervindo, mostrou que a citação feita por Gratry de Matheus, C. 26 v. 3, como encerrando a prophecia da resurreição, é errada; deve-se ler — Matheus, C. 26, v. 32, onde realmente Jesus predisse que resuscitaria, e o mesmo, como quer o padre, em Marcos, C. 14 v. 28; cumprindo, porém, ponderar, accrescenta o nosso critico, que taes textos não podem prevalecer contra a affirmação de Vacherot, porque repetem palavras proferidas por Jesus antes de *começar o drama da paixão*, ao qual o philosopho se havia peculiarmente referido.

Não é tudo: se é verdade que em S. João não se lêem palavras analogas ás de S. Matheus e S. Marcos, pelo que toca á confiança de Jesus em sua resurreição, o mesmo não se pode dizer de S. Lucas, accrescenta Tobias contra a affirmativa de Gratry, porquanto neste evangelista, C. 22 v. 42 e 43, a respeito de um dos

malfeitores, entre os quaes Jesus fôra crucificado, lê-se: *Et dicebat ad Jesum: Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum. Et dixit illi Jesus: Amen dico tibi; hodie mecum eris in paradiso*, palavras estas que mostram a consciencia que ainda n'aquelle momento extremo Jesus tinha do seu caracter divino, do triumpho completo de sua missão e da gloria que o esperava. Já se vê que Vacherot, com attribuir a Lucas alguma cousa da prophecia da resurreição, não andou errado; enganou-se apenas em attribuil-a tambem a João, e se vê, ao demais, que Gratry errou crassamente em negal-a em Lucas, acertando apenas no que diz respeito ao quarto evangelista. Quanto á segunda asserção de Vacherot, isto é, o desanimo de Jesus na paixão, segundo Matheus e Marcos, e a coragem, segundo Lucas e João, o padre Gratry não a rebateu. Tobias, fortificando a opinião do philosopho, escreveu estas bellas palavras, que mostram seu conhecimento dos textos: «O pensamento do autor d'*A Religião*, resumido, simplificado e limitado, como o mesmo Gratry concede que seja, é que em S. Matheus e S. Marcos Jesus morre como que baldo de força e de esperança, ao passo que nos dois outros evangelistas elle apresenta uma coragem, uma confiança, uma grandeza divina.

Não ha que responder; a evidencia resalta dos textos.

Alli elle exclama: *Deus, Deus meus, quid dereliquistis me?* (Math. c. 27 v. 46, Marc. c. 15 v. 34) — Expressão de agonia e desanimo. Aqui porém: *Pater, in manus tuas commendo espiritum meum*. (Luc. c. 23 v. 46) — Resignação e firmeza. E mais: *Mulier, ecce filius tuus. Deinde dixit discipulo: ecce mater tua. Post ea sciens Jesus quia omnia consummaretur scriptura, dixit sitio... Cum ergo accepisset Jesus acetum, dixit: consummatum est. Et inclinato capite, traditi spiritum*, (João, c. 19 v. 26, 27, 28, 30). Aqui tudo respira a serenidade e a calma da consciencia de um Deus. Jesus morre sem dar um grito ou gemido, *voce magna*, de que falam os outros evangelistas, grito ou gemido que de um certo modo deturpa a simplicidade e, por assim dizer, a belleza divina daquella morte.» O critico faz ainda, afinal, uma observação original nestas palavras: «E' por iguaes considerações que tambem nos parece digna de attenção a divergencia que se nota nos mesmos textos sobre a historia dos dois ladrões. Nos primeiros evangelhos não ha differença entre elles; ambos insultam a Jesus. (S. Matheus, c. 27), diz: *Id ipsum autem et latrones qui crucifixi erant cum eo, improperabant ei.*

(S. Marcos, c. 15 v. 32), diz: *Et qui cum eo crucifixi erant, conviciabuntur ei*. Mas em S. Lucas, um desses crucificados pede a Jesus que se lembre delle. S. João menciona-os, porém não lhes attribue palavra alguma.»

Entretanto, os dois artigos de critica religiosa, que occorrem neste volume, não são sufficientes só por si para dar plena idéa dos conhecimentos do autor neste genero de estudos. Devem-se lêr os varios escriptos consagrados ao assumpto n'outros livros, a saber: *Uma excursão de dillettante nos dominios da sciencia biblica*, *Notas sobre a Critica religiosa*, *A Irreligião do futuro*, *Os livros mosaicos ou assim considerados*, A *Historia do Povo de Israel e o Sr. Oliveira Martins*.

Tobias tinha feito boas leituras de Baur, Strauss, Reuss, Colani, Abraham Geiger, Dörner, Ewald, Michel Nicolas, A. Reville, Chwolson, Scherer e Renan. Foi elle quem primeiro entre nós tratou esses problemas á luz da moderna critica biblica e não o Sr. J. de Campos Novaes, no seu livro, aliás excellente, *Origens Chaldeanas do Judaismo*, como disse por engano o meu amigo José Verissimo.

Os artigos relativos á critica de philosophia geral e de philosophia religiosa, que se não deve confundir com a critica religiosa propriamente dita, contidos neste livro, os já citados — *A proposito de uma theoria de S. Thomaz*, *Theologia e theodicéa não são sciencias*, *Atraso da Philosophia entre nós*, *A religião perante a psychologia*, devem ser lidos, porque são capitaes na historia do desenvolvimento espiritual do escriptor sergipano. O primeiro delles, o mais antigo devido no assumpto á sua penna, (1868) comparado ao ultimo, tambem no assumpto devido a ella, — *Recordação de Kant*, (1887), o qual se acha nos *Estudos Allemães*, mostra-nos a bella unidade, que reinou sempre em sua evolução mental. E' sempre o mesmo *agnosticismo*, a mesma guerra á metaphysica do a priori, á metaphysica de antigo estylo, o mesmo *evolucionismo teleologico*, fundado nas lições de Comte, alargado por Schopenhauer, Hartmann, Häckel e Noiré, e cujas bases fundamentaes lá se acham na *Critica da Razão Pura* do velho Kant. Só espiritos de todo alheios a este genero de estudos poderão ignorar o que ao philosopho de Königsberg devem os pensadores citados. Tirando-se delles o que é particular ao systema individual de cada um, resta em commum a todos o *agnosticismo monistico*, mecanista para Häckel, teleologista para todos mais.

Não se deve esperar que venha agora resumir sequer as linhas principaes de taes escriptos, sobre os quaes chamo apenas a attenção do leitor. Não me eximo, porém, de rebater a serie de babuzeiras, a proposito de um delles—*A relegião perante a psychologia*—alinhavadas por um tal Sr. J. Pereira de Sampaio, que costuma desfarçar-se sob o pseudonymo de *Bruno*, num acervo de despauterios publicados com o titulo de *O Brasil Mental*. E' o caso que, havendo Tobias Barreto, num estudo da *Irreligião do Futuro* de Guyau, citado um trecho de seu referido artigo—*A religião perante a psychologia*—, no ponto precipuo da doutrina de Vacherot no que ella tem de aparentado com as ideias do *Curso de Philosophia Positiva* de Comte, eu, em nota áquelle escripto, publicado nos *Estudos Allemães*, dissera ser elle de valor na vida intellectual do nosso auctor, porquanto por varias vezes, e a annos de intervallo, tratando o assumpto, sempre voltava áquelle trabalho inicial.

Tudo isto é a verdade pura; mas eis que o Sr. Bruno, ou Pereira de Sampaio, sem conhecer o artigo de Tobias, sem o haver lido, pegando as cousas no ar, como é o seu costume de trapalhão emerito, sahiu-se com esta serie de tolices: «Tobias Barreto, em seu ensaio ácerca do volume (*Irreligião do Futuro, de Guyau*) a quem com requintado maneirismo *(Ah! paspalhão!)* chama calhamaço, reporta-se de um seu precedente escripto. O escripto a que elle se refere, e que Sylvio Roméro se lastima de lhe não haver chegado a tempo de o incluir no livro dos *Estudos allemães*, denomina-se—*A Religião perante a psychologia*, e sahiu publicado no n. 6 e seguintes d' *O Americano*, periodico que viu a luz em Pernambuco em 1870.

E' trabalho decisivo na vida intellectual de Tobias Barreto. Por tres vezes diversas, e com longos intervallos, elle voltou ao problema religioso e sempre se baseava sobre aquelle estudo: em 1878, nas *notas* ao *Discurso em mangas de camisa*, que Sylvio Roméro republicou, sob o titulo— *Glossas a alguns preconceitos brasileiros;* em 1881, nos *Traços sobre a vida religiosa no Brasil;* e em 1888, finalmente, neste estudo acerca de Guyau.

Este querido trabalho primacial, sempre lembrado, é uma analyse do livro de Vacherot:—*La Religion*. Pois bem. Tobias Barreto reivindica em 1888 a gloria de haver posto em evidencia, ha dezoito annos, diz com orgulho (*Sim? meu gaiato!*), uma grande descoberta. Foi o caso, *combatendo as ideias de Vacherot, cuja filiação no positivismo não me passou então despercebida: demonstrei-a*

cabalmente. E' phantastico. Positivista Vacherot! (*Ah! demonio!*) O ultimo dos metaphysicos da grande raça em França. Aquelle erudito mystico da *Historia critica da escola de Alexandria,* thema propositadamente (*E' falso!*) escolhido. O collaborador, com os espiritualistas classicos (*E' falso!*), como um Amedée Jacques ou E'mille Saisset, na propaganda orthodoxa com livrinhos vulgarisadores (*E' falso!*), qual o que debate o supposto conflicto entre — *a sciencia* e a *consciencia.* O autor do livro fundamental de *A metaphysica e a sciencia,* em fórma de dialogo, cuja decima quarta palestra, versando sobre a philosophia do seculo XIX, se emprega precisamente a refutar o positivismo. Vacherot positivista!» (*Brasil Mental,* pag. 129 e 130).

Ora, já se viu maior philaucia e maior desproposito? Esse sujeito a querer nos ensinar quem foi Vacherot? Vacherot, cujas obras — *Histoire Critique de l'E'cole d'Alexandrie, La Métaphysique et la Science ou Principes de Métaphysique positive, La Democratie, La Religion, Essais de Philosophie Critique, La Science et la Conscience* — andam nas mãos de toda a gente?

Não é verdade que tivesse elle, por tendencia propria, elegido o assumpto da historia da escola de Alexandria; o thema foi fornecido pela Academia e ao concurso sujeitou-se tambem Jules Simon, cujo livro sobre o assumpto é inferior. Não é verdade que o autor de *La Religion* tivesse collaborado com Amedée Jacques e Émile Saisset em manuaes de propaganda orthodoxa. Este papel coube ainda a Jules Simon. Não é verdade que em *Science et Conscience* se estabeleça conflicto entre as duas.

Não é verdade que Vacherot tivesse sido o ultimo metaphysico de raça em França: elle não era superior a Renouvier, Fouillée, Nolen, Sécretan, Tannery, não falando já em Taine, Renan e o proprio Guyau, que muito tinham de metaphysicos, por mais que o quizessem esconder.

Não é tambem verdade que Vacherot não tivesse recebido mais de um influxo da philosophia positiva; para proval-o não precisa ir alem do sub-titulo de sua obra capital, o qual reza assim: *ou principes de metaphysique* POSITIVE.

Que diz a tudo isto o impagavel Bruno? Não é, finalmente, verdade que Tobias ignorasse o caracter metaphysico da philosophia de Vacherot e tivesse feito delle um positivista completo e acabado. Notou pura e simplesmente que, quanto ao problema religioso, o celebre metaphysico não tinha feito mais do que repetir,

sem citar, a solução do *Curso de Philosophia Positiva*. E tal é a verdade. Tobias tinha mais senso critico e mais orientação do que aos Brunos apraz suppor. Elle não fez jamais de Vacherot um discipulo de Comte. Conhecia perfeitamente os dois philosophos, cujas obras capitaes estudou com cuidado. Eis aqui as suas proprias palavras para de uma vez calar as gaiatices de Bruno, com o seu insulso estribilho — *Vacherot positivista!*

Andae, lêde, meu trapalhão : « O alvo principal do nosso philosopho, o seu unico ponto de insistencia, é mostrar que a religião não tem elementos proprios no fundo da alma humana.

Mistura confusa de phenomenos variados, uma vez decomposta pela analyse e tomando cada uma das faculdades o que de direito lhe pertence, a religião fica sendo simplesmente o nome de um grande facto historico, sem exprimir uma qualidade essencial do espirito. Aqui nos occorre uma consideração que não deixa de ter importancia para bem ajuisar destas idéas.

Vacherot, que, no seu ultimo livro consagrado á exposição e defesa de similhante doutrina, reunio e commentou as opiniões dos pensadores, que se occuparam da materia, esqueceu-se de mencionar, como devia ao lado de outras, a theoria do triplice estado humanitario, creada por A. Comte.

Entretanto, nós descobrimos uma real analogia, senão perfeita identidade, entre o que diz Vacherot e o que diz a philosophia positiva. Ha sómente uma differença: é quanto ao methodo; mas isto não infirma as relações que prendem as doutrinas, uma vez que ellas chegam, pouco mais ou menos, a resultados identicos.

A. Comte, procedendo á observação da intelligencia humana em seu desenvolvimento historico, ensina que ella começa pelo estado theologico, passa ao metaphysico e attinge finalmente o positivo e scientifico.

Vacherot sustenta que a religião é um estado transitorio do espirito humano, caracteristico de sua infancia e mocidade, que deve ceder ao imperio da reflexão madura e calma, isto é, ao imperio da philosophia.

Se Comte admitte tres momentos successivos, é que para elle a metaphysica não tem positividade, não offerece garantias contra os assaltos da duvida, não passa de um fasciculo de abstracções e inverificaveis hypotheses.

Porém, Vacherot, que a considera rica e fecunda, animada de justas ambições e coroada de verdades, não podia conceber outra phase substitutiva do encanto religioso.

O positivo que para um reside só na sciencia, para o outro comprehende tambem a metaphysica; mas entre ambos ha commum o juizo que formam da religião e os limites que lhe assignam no terreno da historia.

Estas mesmas noções de *estado religioso* e *philosophico, transitorio* e *permanente*, de que fala Vacherot, são dados proprios da philosophia positiva, que se encontram pela primeira vez nas obras de seu grande chefe a respeito das evoluções intellectuaes da humanidade.

E' facil objectar que o autor da *Religião*, sendo um *á priorista*, um philosopho absorto nas idéas do infinito e do absoluto, não se póde filiar em ponto algum na escola que só admitte o relativo e o finito no quadro da sciencia.

A objecção parece plausivel, mas não póde prevalecer contra a evidencia.

Não é que nós queiramos fazer de Vacherot um discipulo de Comte; (Vêde, Bruno) o que dizemos e provamos é que elle não creou sobre o caracter religioso do espirito humano uma theoria nova; é que tambem nelle, como em outros, se verifica a exactidão com que Littré affirma fluctuarem no ar farrapos de philosophia positiva que cada qual se appropria e accommoda a seus usos.

Confrontemos e vejamos.

«Assim como na historia do individuo a imaginação é o pri-
« meiro e a razão o ultimo grau de evolução do pensamento ; da
« mesma fórma, na historia geral da humanidade, o movimento in-
« tellectual começa pela religião, acaba pela philosophia, e no proprio
« desenvolvimento philosophico, termina pela philosophia critica e
« positiva.» (*Religion*, pag. 314).

Para quem sabe ler, estas palavras não fazem mais que repercutir as seguintes:

«O ponto de partida sendo na educação do individuo preci-
« samente o mesmo que na especie, as diversas phases principaes
« da primeira devem representar as épocas fundamentaes da se-
« gunda. Ora, cada um de nós, contemplando sua propria historia,
« lembrar-se-á que foi successivamente, quanto ás noções mais im-
« portantes, *theologo* em sua infancia, *metaphysico* em sua virili-
« dade.» (*Philosophie Positive*, I, pag. 11.)

Em vez de *metaphysico*, lêde *philosopho*. Tal é a idéa do autor.

Mas ainda concedamos que esta approximação seja forçada; que não haja em taes palavras laço algum de parentesco entre os dois pensadores. Mesmo assim permanece incontestavel que, no modo de julgar o intimo religioso ou theologico do homem, Vacherot é um positivista.

Afim de evitar enganos, tenhamos sempre em mira que Comte dá o estado metaphysico por uma simples modificação do primeiro, sendo que neste ponto não diverge o illustre autor da *Religião*, o qual tambem rejeitou as abstracções, as entidades e os idolos da velha metaphysica, em nome e sob os auspicios de uma nova que igualmente se decora do titulo de *positiva*.

Limitemos porém o plano destas observações e vamos ao que é decisivo.

Vacherot está convencido e quer convencer que o espirito humano, pelos progressos da philosophia e da sciencia, tem de largar a plumagem postiça da crença religiosa, com que sóe atravessar os mundos imaginarios, para só desdobrar no espaço as azas de cem covados, em que se balança o vôo das idéas. A religião é uma especie de epidermo grosseira, que os seculos hão de arrancar do corpo da humanidade para fazel-a crear uma nova, subtil como o pensamento, diaphana como a verdade.

Não era menor nem diversa a convicção de Augusto Comte. Elle tambem concebia um estado philosophico de emancipação para os espiritos que fossem attingindo o termo da grande evolução mental; de modo que, diz elle, não é dos philosophos religiosos que se deve esperar uma historia racional da religião. Só intelligencias plenamente livres podem cumprir esse mister.

Devia pois o nosso philosopho ser mais justo e reconhecido para com o pai do positivismo, que é sem duvida superior aos desdens de muito espiritualista acanhado, sem doutrina definida, que adquire facilmente o valor de autoridade.»

O trecho é completo, o castello de cartas de Pereira de Sampaio vôa pelos ares diante da realidade, da veracidade dos assertos do escriptor brasileiro.

São sempre neste gosto as criticas de Bruno e seus iguaes. E o homemzinho a querer nos ensinar quem foi Vacherot... Impagavel!

Por duas vezes, e consta deste livro, o nosso critico se occupou do philosopho francez: no artigo citado *A Religião perante a psychologia* e em *Uma lucta de gigantes*. Eis umas palavras deste ultimo escripto, reveladoras do quanto o autor brasileiro conhecia o grande metaphysico: « Quando Vacherot publicou a sua *Historia critica da escola de Alexandria*, o padre Gratry, que era capellão da Escola Normal, da qual Vacherot era director, sahiu-lhe á frente com uma serie de escriptos refutatorios, e de forte discussão entre elles travada resultou que o director se demittisse, entregando-se, na solidão e no silencio, á meditação profunda, d'onde brotou a grande obra que tem por titulo: *A metaphysica e a sciencia*.

Sobre esta obra, que é talvez *o maior edificio da philosophia franceza contemporanea* (Vede bem, Bruno), sentimo-nos aqui bem acanhados de espaço para emittir um juizo seguro. Podemos, porém, dizer, com Ernesto Bersot, que, se goste ou não de sua doutrina, é forçoso confessar que alli ha uma philosophia e um philosopho.

Eis que de novo os contendores voltam á liça e a peleja é digna da espectação do mundo. O livro d'*A Religião* (O mesmo analysado por Tobias) foi o signal do combate. A theologia catholica sentiu-se ferida e em nome della o padre Gratry aceitou o desafio.»

Já se vê que o critico brasileiro andava a par e bem dos livros e das lutas do autor d'*A Metaphysica e a Sciencia ou Principios de Metaphysica Positiva.*

O Sr. Pereira de Sampaio póde guardar para si as suas lições.

Algum dia hei de submetter a analyse rigorosa, pagina por pagina, o regabofe que ahi corre sob o nome de *Brasil Mental.* Bruno está no mesmo caso de Labieno Pereira: não perde nada por esperar.

Então se terá de vêr muita cousa interessante, muita gaiatada de matar de riso.

Por emquanto tenho cousa mais seria em que me occupar.

Resta-me, neste ponto, dizer algumas palavras do critico de politica em Tobias.

Os principaes artigos do genero, que occorreu neste volume, são: *Os homens e os principios*, *Politica brasileira*, *Politica da Escada*, *O direito publico brasileiro*, *A provincia e o provincialismo*, *Politica da aldeia*.

Por elles pode-se saber a opinião de nosso jurista a respeito do governo, dos partidos, do imperador, do parlamentarismo, do provincialismo, da vida municipal, da democracia e assumptos connexos no Brasil.

Tal conhecimento, porém, para ser completo, deve tambem firmar-se em tres ou quatro escriptos apparecidos n'outro logar. São elles: *A questão do poder moderador*, *A organisação commercial da Russia*, *A responsabilidade dos ministros no governo parlamentar*, *Glossas a alguns preconceitos brasileiros*, publicados nos *Estudos Allemães*. E' preciso tambem consultar varios discursos do autor, nomeadamente o famoso *Discurso em mangas de camisa*, animada pintura das miserias geraes da vida politica nacional.

O fio chronologico deverá ser o guia nestas leituras: os pensamentos fundamentaes do critico não mudam, mas o seu pessimismo se fortalece e acirra cada vez mais.

Note commigo o leitor algumas de suas opiniões, constantes, aliás, deste mesmo volume.

A idéa fundamental dos escriptos politicos do critico sergipano era que o governo do Brasil deveria ser uma conclusão de sua propria historia, alguma cousa de original e proprio, e não uma copia do parlamentarismo britanico, qual o pretendiam os liberaes do imperio, ou do presidencialismo americano, qual já o sonhavam os sectarios da republica.

Por isso, escrevia Tobias no seu estudo sobre a *questão do poder moderador*, em 1871: « O governo do Brasil não pode ser parlamentar, á maneira do modelo que offerece a terra de Pitt e Palmerston; porquanto esse regimen suppõe alli uma penetração reciproca do Estado e da sociedade, que em geral nos outros paizes vivem divorciados. O governo do Brasil não pode ser tal, attento que o systema inglez é o resultado de um germen poderoso deposto pela providencia, isto é, pela mesma indole do povo, no largo ventre da sua historia. E quem sabe que concurso de circumstancias influiu na marcha ascendente da Constituição da Inglaterra, para que a realeza, por uma especie de reducção *ad absurdum*, se desenvolvesse no sentido de chegar á quasi negação de si mesma, restringindo-se e annullando-se, de modo que o ideial da sua perfeição se confunde com a sua propria destruição; quem sabe disto não deverá vir falar-nos de governo parlamentar. Logo, o unico meio de salvar e engrandecer o Brasil, é tratar do

collocal-o em condições de poder elle tirar de si mesmo, *quero dizer, do seio da sua historia, a direcção que lhe convem*. O destino de um povo, como o destino de um individuo, não se muda, nem se deixa accommodar ao capricho e ignorancia daquelles que o pretendem dirigir. E' mister um estudo mais profundo da nossa genese, afim de dar-se remedio aos males que nos ferem.»

E' por isso que no artigo — *Os homens e os principios* — diz neste livro: «E' indubitavel que importa sobre tudo deixar a safara e esteril eiva da discussão indefinida e trabalhar sómente por accender todas as tochas da evidencia em torno da theoria politica *mais profunda e mais conforme ao espirito nacional*, pela sua maior conformidade aos proprios destinos do espirito humano.»

E' por isso ainda que são suas estas palavras: «Se os nossos escriptores de direito publico e jornalistas do dia soubessem um pouco mais a philosophia das sciencias sociaes, como se lhes applica o methodo inductivo, *não andariam repetindo, a cada passo, mil tolices sobre a Inglaterra e outras tantas sobre os Estados-Unidos*.»

Os escriptos aqui reunidos de critica politica são todos do grande decennio de 1868-78.

Eis como falava de sua co-participação nas lutas partidarias de seu tempo, ao iniciar sua carreira politica em começos de 1870: «Parece que assim me antecipo em fazer conhecidas as minhas adhesões; e, entretanto, eu não sei ainda o que sou, quando venho perguntar o que devo ser á sociedade em que vivo, aos factos que observo, e á razão que consulto.

Fazendo *tabula rasa* de meu passado que é simples, de todas as recordações de outros tempos, claras ou sombrias, tristes ou lisongeiras, firmei-me no proposito de estudar os homens e as cousas e só caminhar sob a direcção de minhas proprias convicções. Ser-me-ia facil atirar-me em busca da ventura, empunhando, eu tambem, um dos mil thuribulos que se balançam em torno do poder; ser-me-ia facil dizer á minha razão: não sejas curiosa, não indagues os principios, vamos aos *meios*...

Mas tudo isso seria indigno, e tanto bastava para assim não praticar. Por outro lado, não me sinto com disposição de ser simplesmente uma cifra de mais no numero deste ou daquelle rebanho, limitando-me a expandir os ternos balidos da humilhação e da baixeza. Bem conheço quanta audacia ha neste

proposito, quanto perigo ha nesta audacia; mas obedeço á logica e aceito as consequencias.

Se não tenho forças para vir, da parte da liberdade em face do espirito publico, desfolhar o livro de suas fraquezas, de seu criminoso desanimo; se não tenho forças para lançar ao ar esse punhado de terra de que falava Mirabeau, de onde nascem os homens de que precisamos, os Marios conculcadores da prepotencia indebita; quero ao menos ter o trabalho de preparar eu mesmo o alimento de minhas crenças, quero inebriar-me de meu proprio vinho.»

Tanto mais meritoria era esta disposição do poeta e critico, quanto deve-se saber que, sendo elle originario de uma familia ultra-conservadora de Sergipe, era natural que seguisse a trilha de seus antepassados, e quanto era verdade estar então de cima aquelle poderoso partido. Tobias, bacharelado em direito nos ultimos mezes do anno anterior, não se deixou influenciar nem pelas tradições de familia nem pelas conveniencias do momento. Seu espirito liberal, no bom e alto sentido, atirou-se á causa da democracia. Eis como a definia em seu alludido manifesto — *Os homens e os principios:*

«O verdadeiro solar do liberalismo é a democracia. Ou seja o governo de todos por todos, como se exprime em formula absoluta, ou seja, como melhor se comprehende, o governo de todos pelos eleitos de todos, o certo é que, racionalmente concebida, a democracia não tolera esta reunião de verdades de principio e verdades de circumstancia, que formam a constituição dos governos mixtos.

Uma sociedade com effeito que se diz organisada sobre a base da liberdade e deixa entretanto passar o privilegio concedido a uns poucos que abarcam a governança, é uma sociedade fraca e mentirosa que não tem animo de elevar-se á altura de seu destino.

Se o principio democratico, em sua pureza nativa, é a abolição completa da menor apparencia de privilegio, ainda mesmo o que se mostre mais simples e inoffensivo; se elle pretende accelerar o progresso para o ponto em que estão duas abstracções,— o individuo e o Estado,—a liberdade e o poder, sobre o que tanto e tão inutilmente se disserta, e que devem concretar-se numa só realidade,—o povo engrandecido,—claro está que os democratas, dos quaes não distingo os liberaes consequentes, não podem jurar

sobre a mesma pagina sagrada nem falar a mesma lingua que os conservadores, ainda os mais moderados.

Eu bem sei que aqui se levantam os publicistas que querem fazer da verdade objecto de transacções para estabelecer a distincção capciosa e futil do privilegio social e do privilegio politico, segundo se refere á organisação da sociedade, ou á organisação dos poderes; — aquelle realmente inadmissivel, este porém toleravel e até necessario, conforme a indole popular, o gráo de sua instrucção e educação...

Verdadeira sorrelfa, perigosa subtileza, que se vai pouco a pouco insinuando como doutrina e ganhando terreno na crença geral.

E' preciso fazer justiça, punindo com o desprezo, a estas theorias cambiantes que deixam sempre na incerteza a melhor face da verdade, para assim abrir caminho a logomachias estolidas em que aliás tanto se comprazem.

O cidadão sem o homem, o homem sem o cidadão, a sociedade abstrahida do Estado, o Estado abstrahido da sociedade, não passam de categorias logicas do pensamento especulativo.

Os publicistas mal avisados travam de qualquer destas concepções abstractas e raciocinam sobre ella, como se falassem de uma cousa real, sem saber que dest'arte resuscitam as entidades escolasticas da idade media.

O cidadão é a fórma social do homem, como o Estado é a fórma social do povo; e pois que em toda a natureza as fórmas são expressões das forças, e as forças não existem sem produzir as fórmas, é mister que o cidadão exprima o homem, como o Estado deve exprimir o povo; é mister que o homem faça o cidadão, como o povo deve fazer o Estado.

Não sei como se possa sustentar a indifferença das fórmas a respeito de governo, quando a respeito de tudo mais, não ha tal indifferença. (1)

E' incontroverso que se todas as cousas fossem entregues á acção de forças identicas, todas as cousas teriam a mesma fórma. Entregai pois todos os povos á acção de sua propria liberdade e vêl-os-heis todos em marcha pelo caminho da democracia.

---

(1) Mais tarde Tobias modificou este seu antigo modo de pensar e passou a admittir a indifferença das fórmas de governo no tocante *á ethica politica*, reduzindo a questão de fórma á méra *esthetica governamental*.

Os Estados monarchicos em geral são fórmas irregulares da vontade popular, como as pedras brutas e os troncos tortuosos representam as forças atomicas em sua primitiva rudeza. Ha nesta comparação mais que o simples proposito de embellecer a phrase; ha duas verdades que se aproximam e se reconhecem irmãs. Desde a tenebrosa hediondez do governo despotico até a sublime claridade do governo livre, o povo é sempre a materia que se lança na forja das revoluções em que se moldam os Estados; o proprio despotismo não existe se não pela fraqueza, pela inercia e humilhação popular.

Mas notemos que a acção de se governar a si mesmo, exercida pelos povos, não é para elles menos do que para os individuos uma cousa indivisivel; não se concede aos poucos. Onde o povo não é tudo, elle torna-se nada.

Ha escriptores que mostram summa habilidade em exagerar os males que podem provir da democracia exaltada, e tratam de desenhar o governo popular como o mais accessivel ás paixões, ao desmando e á loucura; pelo que, dizem elles, em todo o caso é preferivel o despotismo de um só, ao despotismo de todos!...

Confesso não achar em taes considerações valor algum; antes admiro que tão facilmente se formem juizos e se lavrem sentenças condemnatorias daquillo que não foi ainda applicado, nem ha, para justas apreciações, uma dóse sufficiente de experiencia e de estudo.

Não basta ter lido a historia da democracia grega ou romana e de tão poucos dados elevar-se logo á noção geral do governo democratico, para estygmatisal-o e combatel-o. Não é na observação particular deste ou daquelle povo que se póde haurir a idéa do governo em sua universalidade; é no fundo eterno e invariavel da natureza humana que se descobrem as leis eternas da existencia e desenvolvimento das nações.

Nem se nos venha mais falar de uma democracia antiga e outra moderna, estabelecer confrontações e tirar consequencias favoraveis ao descredito de ambas. Não se diga, com Guizot, que a democracia moderna não aspira ao poder, não quer governar, quer apenas intervir no governo, para que seja bem governada, e possa entregar-se á vida domestica, aos seus negocios privados.

Taes idéas, apparentemente admissiveis, involvem um subterfugio, e constituem menos a exacta narração de um facto, do que

a aspiração de um partido; ellas parecem menos uma realidade do que uma suggestão, um conselho maligno dado ao povo pelo genio da politica retrograda.

O principio democratico, em sua idéa, não é de certo que todo o cidadão, como tal, exerça funcções de governo directas e immediatas, mas é que todos por sua acção, menos periodica e mais tenaz, possam, come lhes aprouver, mudar e melhorar as peças governativas; é que o espirito popular não esteja de um lado, e os poderes constituidos de outro; é que a representação nacional seja uma cousa séria, expressiva e real, que o menor interesse publico tenha sempre um voto que o signifique; é em summa a liberdade, operando como força, e a igualdade operando, como tendencia, em todos os atomos do corpo social, para a sua completa harmonia e felicidade.

Disse a *igualdade operando como tendencia*, e não quero deixar passar a phrase, desacompanhada de explicação. Póde correr o risco de não ser entendida. Disse-o pois e repito. E' neste ponto que separo-me das utopias communs. A igualdade só póde obrar como tendencia, não póde obrar como direito. Se é absurdo que o criado, por exemplo, queira ser igual ao amo, que o operario queira ser igual ao capitalista, não é absurdo, antes natural, que um e outro, como termos de relação, tendam a nivelar-se com o termo correspondente.

Ao passo pois que a liberdade é uma força individual, força activa e consciente, a igualdade é apenas, como vimos, um pendor social; e ao passo que as leis da liberdade são subjectivas, as que regulam a igualdade são objectivas e estranhas á vontade do individuo.

A democracia sensata que proclama a liberdade como o seu magno principio, não póde prometter a igualdade senão como resultante de todas as forças contrabalançadas no seio da sociedade; não quer bater o cordel na cabeça do povo, não quer passar a regoa na superficie dos mares.

Onde está o perigo de similhante governo?... onde a inconveniencia da realisação de sua idéa?...

E' mister acabar com estas falsos presentimentos, com estes manhosos receios da escola do cezarismo ».

O critico sergipano já em 1870 tinha a clara intuição das grandes mudanças por que estava passando o espirito brasileiro.

Estas suas palavras, denunciadoras do mal secreto que nos minava, são de um golpe de vista admiravel:

« Por maior que seja actualmente a gritaria dos aulicos, nos festins da realeza, por cima de todos os ruidos e algazarras da época, é possivel destinguir alguma cousa de estranho, que vem sobre nós, que se approxima de nós para salvar-nos ou perder-nos, de um modo irresistivel.

E como quer que seja, não ha duvida que estamos em uma hora solemne e decisiva. O instincto superior do povo atira-se em busca de não sei que nova fórma de vida, pela necessidade de uma regeneração social. Bem como as aves que fogem aos rigores do clima os espiritos se lançam atraz da liberdade: é uma especie de emigração no tempo, que distingue as gerações valentes e avidas do melhor. As nações como os individuos, estão sujeitas a enlarguecimentos de craneo, para dar pouso ás novas idéas. O Brasil está neste caso. Desgostoso do presente, volve-se de todo para o futuro, e aspira, da abundancia da alma, esse *grande aliquid, quod pulmo animæ prælargus anhelet*.

Não dissimularemos que ha enormes difficuldades a vencer para vazar os designios ferventes de algumas cabeças no vasto molde do pensar de todos! Mas nem por isso é menos certo que o pensamento politico do paiz tem a contar uma evolução de mais ».

Mas ainda então era no povo que estavam as suas esperanças. Eis aqui:

« Se ousadamente não cressemos nos instinctos generosos que ainda vicejam no coração popular, faltar-nos-ia sem duvida o animo preciso para affrontar alguma cousa de penoso e arriscado, que sempre se offerece ao escriptor politico.

Mas felizmente no fundo de muita consciencia honesta, como em ninho de ave selvagem, dormem tranquillas as nobres aspirações e vividas tendencias que hão de levar-nos a melhores e mais propicios tempos.

E é sómente destes anhelos irresistiveis, destes presentimentos profundos, que se podem conjecturar as mudanças que se approximam; como de todas essas côres multiplas jogadas atravez da atmosphera social mal se combina o quadro das realidades futuras ».

Aqui vão agora as fortes expressões com que caracterisou as duas noções de *ordem* e *progresso*, como alvos de dous partidos:

« Tendo em vista menos convencer os outros do que preparar a terra em que se estenda a raiz de minhas convicções, o que

me interessa não é o apoio alheio, mas o de minha propria consciencia, assegurando-me a posse da verdade.

Repetindo que não são puras modalidades accidentaes as differenças que separam liberaes e conservadores, quero por este ponto, que é para mim capital, avivar a linha divisoria, já hoje completamente apagada pelos manejos da chicana politica.

Sem pretender impugnar os que possam sentir de um modo contrario, eu não tenho as noções de ordem e progresso, sobre que se ha quasi creado numa tal ou qual doutrina, como bastante claras e intelligiveis, para servirem de bandeira e attrahirem espontaneamente as adhesões populares.

A concepção destes dous factos ou destas duas idéas, como uma these e uma antithese conciliaveis em uma synthese superior, é demasiado philosophica e abstracta, incapaz de captivar a attenção geral.

E os esforços empregados por aquelles, que tentam produzir tal conciliação, ou explical-a a seu modo, perante o povo descuidoso e pouco reflectido, dão apenas testemunho da fatuidade com que certos homens julgam poder empolgar em suas mãosinhas de pequenos estadistas e pensadores pigmeus, o globo de fogo das sociedades politicas.

A ordem e o progresso não são simples instituições que baste enunciar para se comprehender. Ha nellas uma complexidade, uma combinação de outras idéas que é difficil discernir.

A psychologia e a historia são accordes em attestar que essas noções não se offerecem ao espirito humano como principios directores de sua intelligencia ou de sua actividade; nem posso crer que a personalidade collectiva em sua vida tenha outros moveis de acção que não os mesmos do individuo.

Quer em geral, quer em particular, nem o progresso nem a ordem são cousas que se façam ou se deixem de fazer, a sabor de nossas velleidades.

Com effeito o progresso das sociedades, sempre maior que a resistencia de um governo, tambem é sempre maior que a protecção de um partido. Quasi que tanto valera ser partidario do movimento assombroso que arrasta o nosso mundo solar a mergulhar-se nos abysmos sideraes, em busca de destinos desconhecidos!...

Por outro lado, quando se fala de ordem, de ordem social propriamente dita, não é possivel deixar de entender por tal

expressão não só um complexo de leis respectivas, como tambem a resultante de sua inteira applicação, que é a harmonia de todas as forças que ellas regularisam na direcção de um termino, talvez inattingivel, mas certamente concebivel.

E' facil de deduzir que, assim comprehendida, a ordem social não offerece, não póde offerecer as condições de um principio conservador. Em vez de consistir na permanencia de um estado de cousas, ella é pelo contrario uma especie de ponto ideial das aspirações e tendencias sociaes.

Imaginai de feito uma nação em que todas as leis do mundo moral, ethicas, estheticas, industriaes e economicas, sejam exactamente cumpridas, e vós tereis o typo, a verdadeira idéa do que seja a ordem social.

Não ha, pois, mais ridicula pretenção do que a desses homens obcecados pela poeira de velhos prejuizos, que em nome da ordem, isto é, da cohesão, da unidade, da harmonia total, comprimem, reprimem, suffocam o espirito popular em seus vôos impetuosos para uma melhor esphera, de que tem o presentimento vivo e inextinguivel.

Por uma estranha inversão de idéas, a ordem não é para elles o centro em torno do qual gravitam e para o qual se encaminham todos os esforços individuaes, ainda hoje perdidos, dispersos, desaggregados na atmosphera da historia pelo calor das lutas estereis, das dissidencias inuteis.

A ordem, como elles entendem, é o silencio e o deserto, é a paz das trevas e a tranquillidade dos tumulos, é a doçura do somno dormido sob as azas de uma providencia facticia que se diz velar pela sociedade!

Não sei como ha ainda quem se illuda com estas apparencias de reflexão e sensatez que sóe arrogar-se o conservatismo de todos os tempos, com estas grosseiras contrafacções da ordem publica, expressas nas leis, nas opiniões e até nos costumes em que chegue a preponderar o espirito conservador. »

Mas onde o criterio politico de nosso critico se mostrava sobretudo atilado era no seu modo de encarar o papel dos municipios, das provincias e da capital, a *côrte* entre nós.

Convém ouvil-o nestes pontos:

« A exacta observação dos factos que dão testemunho do caracter e da indole do povo, isto é, de todos nós, verifica a existencia de duas forças innegaveis, igualmente reaes, igualmente

indestructiveis. Com effeito, a par do espirito nacional que constitue e anima o Estado pelo sentimento e consciencia de sua unidade, revela-se tambem alguma cousa de mais restricto e não menos poderoso, que é o espirito provincial.

Por maiores que tenham sido os effeitos da centralisação, não foram elles ainda bastantes para extinguir este principio de variedade, que é ao mesmo tempo um principio de vigor e de belleza no interior e no exterior da nação.

Se é só pelo nacionalismo que o povo se levanta no sentido das grandes emoções sociaes, não é menos exacto que só essa tendencia, a que podemos dar o nome de *provincialismo*, é capaz de operar o seu desenvolvimento.

Não ha duvida que o espirito nacional é a força unica motora dos altos feitos e acções brilhantes que recommendam o Estado diante de outros Estados.

Mas isto não basta para produzir a felicidade interna, pondo em jogo, na direcção da utilidade commum, todos os meios activos de progresso.

E pois que esta é a funcção adaptada ao nosso espirito provincial, releva combater no intuito de dar á provincia o lugar que lhe compete, não pelo arbitrio e capricho dos homens, mas pela propria natureza das cousas.

Notar-se-ha com razão que tenhamos posto de parte o que diz respeito ao municipio. Sentimos dizel-o, mas temos como verdade que entre nós não existe o que merece algures o nome de espirito communal.

Ora, assim como no individuo e na familia, tambem na communa a liberdade não é o principio da vida; é uma condição de expandir e prosperar.

Mas a observação mostra que, salvo algumas raras excepções, cujas causas aliás bem indagadas viriam talvez confirmar a regra, as nossas municipalidades são em geral uns verdadeiros cadaveres, meras instituições nominaes, que nada fazem, que nada adiantam.

Falta-lhes uma certa indole peculiar, falta-lhes o espirito vivificador.

E' facil objectar que nós aqui tomando o effeito pela causa, não notamos que essa mesma ausencia de vitalidade é um resultado da centralisação administrativa, que comprime os municipios e tira-lhes a importancia.

Póde ser; mas nós não queremos indagar os motivos, queremos verificar o facto; e como tal, é certo que os municipios são entidades inanes. Não se dá orgãos e funcções áquillo que não tem vida; nem ha meios faceis de os resuscitar armados de todas as condições moraes e economicas, necessarias á mantença de um verdadeiro poder.

E' muito conhecido o bello pensamento de Tocqueville, que as instituições communaes são para a liberdade o que as escolas primarias são para a sciencia. Mas não é menos certo que não basta existir a escola, para haver quem a frequente e aprenda, como não basta existir a communa, para se auferir o proveito desejado.

Uma e outra cousa presuppõem o gosto e aptitude natural, que não se improvisam, que não são facticios. Muitos dos nossos municipios figurariam escolas no deserto.

Tocqueville mesmo nos adverte que na grande união americana, existem não só instituições communaes, mas ainda um espirito que as sustenta e vivifica. Dahi se póde tirar a confirmação do que temos opinado, pois que não ha entre nós esse primeiro alento da vida municipal, o apego do amor e do interesse circumscripto a uma pequena ordem de factos.

Os habitos e tendencias do povo levam-no a inscrever as suas relações politicas em um circulo maior. A propria linguagem, que muitas vezes bem examinada equivale a uma psychologia da alma popular, póde aqui dar-nos algum testemunho.

Em Pernambuco, por exemplo, o nome de pernambucano é uma emphase de alta significação que em geral se assume, relativa e absolutamente.

E' mais que um nome patrio: tem alguma cousa de gentilico; não designa simplesmente uma porção de terra, mas tem o ar de distinguir uma *gente*.

Confronte-se agora o homem da provincia com o homem do municipio. Vede, ao passo que sobresae o pernambucano, não apparece o olindense, o escadense, o goianense, etc., etc... palavras que pelo desuso assimilham-se a barbarismos.

O exemplo é muito simples; mas não deixa por isso de encerrar uma verdade.

....

Deixamos dito que entre nós o municipio não tem força nem vida propria em face da provincia, cujo espirito é claramente

manifesto. O facto é tão incontestavel, que não dá lugar a questão seriamente suscitada sobre as altas franquezas municipaes.

Conhecemos que o principio liberal deve estender-se a todas as liberdades; sem o que não passaria de um engodo, mais uma mentira. Conhecemos ainda que a vida communal é uma premissa fecunda de felizes consequencias. Não achamos, todavia, que estas verdades bastem para autorizar-nos a pugnar pela autonomisação dos municipios em geral.

Nem ha nisto cousa alguma estranhavel, que possa ferir de frente as convicções liberaes.

Não repugna ao proprio espirito democratico reconhecer a nullidade actual da communa em quasi todas as sociedades modernas e declarar que as mais bellas theorias da constituição e organisação communal não podem ser applicadas em face dos obstaculos accumulados no intimo da vida publica.

Sirva de prova o testemunho insuspeito de Vacherot democrata, que não duvida confessar a insufficiencia do municipio, a quem faltam certas condições de população e territorio, para preencher as funcções que se lhe destinam.

Não se julgue pois que similhante problema entende essencialmente com as maiores garantias promettidas em nome do liberalismo. E' um engano dos que não querem penetrar além da superficie das cousas.

Não entraremos em minucias que são escusadas para sustentar um facto e refutar um desproposito.

Ha quem increpe os autores do *Acto addicional*, por não terem levado a idéa de descentralisação, que os inspirava, ás suas ultimas consequencias.

A critica é justa, no sentido de que o intuito exclusivo de dar ás provincias uma certa importancia, que não tinham, fez deixar no esquecimento os pobres municipios.

Dest'arte, quando o art. 1º do *Acto addicional* diz que o direito reconhecido e garantido pelo art. 71 da Constituição, será exercitado pelas camaras dos districtos e pelas assembléas provinciaes, era de esperar que se traçassem tambem, como a respeito da provincia, os principios reguladores da municipalidade, no circulo de suas mais simples e naturaes attribuições. Esta lacuna é palpavel.

Nem vale considerar que esses principios já estavam firmados pela Lei de 1º de Outubro de 1828. Esta Lei que não é má, tem, todavia, o defeito de subordinar as camaras de eleição popular aos

presidentes das provincias, isto é, a sub-ministros ou appendices do poder executivo; o que é absurdo em um direito constitucional.

Foi o qne não quizeram ver os legisladores das *Reformas*, que entretanto podiam ainda naquelle tempo ter tentado a experiencia, livrando os municipios do jugo indebito que acabou por desmoralisal-os e tornal-os inuteis para as cousas mais insignificantes.

Se assim fôra, pouco importava, nessas condições, prendel-os docemente á vigilancia unica das assembléas provinciaes, sahidas da mesma fonte e devotadas a igual ordem de interesses.

Não é pois censuravel o *Acto addicional*, como a alguns parece, pelo que encerra de positivo a respeito dos municipios, mas pelo que tem de negativo, deixando de dar novas bases para a sua direcção, e consentindo que, além das assembléas, ainda os presidentes tivessem as camaras debaixo de suas vistas.

Se não é que se pretenda retrogradar uns oito seculos, e cahir em plena idade média, nos tempos do direito *estatutario*, não descobrimos motivo sério, pelo qual se reclamem as franquias communaes em toda a extensão da idéa.

O que ha de immediatamente necessario e possivel é a franqueza provincial. Lutemos por ella.

....

O que ha no Brasil de aspirações elevadas, de idéas generosas, de vitalidade occulta e aproveitavel, estúa fervidamente no seio das provincias. Assim o cremos e não tememos dizer.

Costumes, caracteres, tradições, é rara a que não tem tudo isto propriamente seu. Estes germens, ou melhor, estes principios de actividade moral, devidos a circumstancias naturaes ou historicas, são outras tantas forças que entregues a si mesmas, ao seu impulso, podiam fazer em geral de cada provincia nossa uma entidade brilhante, capaz de ser vista e admirada de longe.

E' possivel, e nós não duvidamos, que a centralisação tenha algures effeitos grandiosos. E' possivel que, como diz Dupont White, ella signifique, além de uma capital do governo, uma capital do pensamento; e por isso não admira que escriptores francezes defendam esta causa, quando elles têm um argumento vivo, um argumento de fogo, a grandeza intellectual de Pariz.

Mas entre nós o aspecto é outro. A capital, donde partem as leis e os regulamentos e os avisos e as ordens secretas e todo esse tecido administrativo que nos embrulha, não é uma fonte de idéas, não é uma capital do pensamento.

Em materia de lettras e sciencias, as provincias que obedecem á côrte do imperio parecem planetas que gravitassem em torno do centro, por uma especie de habito mecanico, mas que recebessem de outra esphera o calor, a vida e a luz.

O Rio de Janeiro é simplesmente uma cidade *official*, onde por conseguinte, o charlatanismo de todos os generos, a rabulice de todas as fórmas, podem conquistar posições e nomeadas. Conquistar!... dissemos nós; mas é um mau dizer. Ali não se conquista, — consegue-se. E os meios são facillimos.

Muito ha que entre nós se clama contra a centralisação, que se apontam as suas desvantagens, que se amaldiçoam os seus effeitos. Não tomaremos a palavra para repetir o que outros têm dito e dito bem.

Mas é certo que os nobres combatentes, encarando exclusivamente o mundo politico, só têm visto as consequencias immediatas do facto; escapa-lhes alguma cousa de mais longinquo e não menos importante.

Entretanto, a ordem politica é solidaria da ordem moral e intellectual. Quando as questões daquella só se resolvem no circulo dos cortezãos, pouco falta e pouco admira que todas as outras comecem a ir tambem lá ter a sua ultima palavra.

O que na côrte é de uma facilidade vulgar, nas provincias é de uma difficuldade medonha. Queremos falar do engrandecimento e notabilidade, que alli assume, sem trabalho sério, qualquer filho do successo e da ventura.

A provincia póde ter seus grandes homens, seus talentos aproveitaveis. Nada importa; não são conhecidos nem falados, emquanto não fazem uma romaria *politica*, ou mesmo *litteraria*, á capital do imperio, de que se póde dizer o que disse Tacito da prostituta dos Cesares: — *Urbem, quo cuncta undique atrocia aut pudenda confluunt celebranturque.*

E quando acontece que algum espirito elevado tenha o atrevimento de se fazer notavel na provincia, de falar alto e bonito, por muito tempo, sem receber da côrte o decreto que o promova ao grau de capacidade e illustração do paiz, ai! delle, que ha de expiar, um dia, pelo ridiculo, a sua propria grandeza. Não é preciso dizer que tivemos um exemplo em Nascimento Feitosa.

Na côrte onde se engendram os ministros e os presidentes de provincia, onde se decretam os deputados e senadores, é tambem que se nomeam os publicistas, os escriptores de todos os generos.

E como sempre succede, não é sobre o merito real que se depõem essas corôas.

Desafiamos nas provincias a qualquer espirito mais culto, que revolvendo o cofre de suas idéas, encontre uma só joia de preço que lhe tenha vindo da terra dos estadistas, por intermedio de seus jornaes ou de seus livros. Nenhuma, absolutamente nenhuma.

E no emtanto não conhecemos outro modo de influencia e preponderancia moral, que não seja a força das idéas.

Mas é com este mesmo criterio que nós indagamos a razão porque se despende tanto trabalho e tanta vida com um centro de governo, com uma capital, inutil para tudo mais, que não seja uma apparencia de garantia, sob o refle do soldado e a penna do collector...

Então achamos que é ridiculo o papel das provincias, em face da cidade *official*, onde muitas vezes as lagrimas do povo esquecido vão cahir transformadas em pingos de ouro, para dita de aventureiros.

Desprezamos os idyllios do cesarismo ; não gostamos tambem das elegias demagogicas ; mas é de lastimar tanta ruindade e tanta humilhação.

Se um dia algum homem de Deus, como não podem mais existir, se levantasse sob a fórma de algum homem do povo. como é difficil que entre nós ainda exista, e cheio de consciencia, animado do espirito da justiça, rasgasse a sua capa em *vinte pedaços*, para dal-os a quem bem lhe parecesse, não sabemos qual das *tribus* permaneceria fiel...

Isto é biblico, symbolico, e digno de ser meditado.»

Respigando-se nos escriptos de Tobias, no correr de vinte annos, encontram-se phrases de censura aos tres partidos que disputavam na arena politica do paiz : os conservadores — se lhe afiguravam retrogrados, homens do rei, reaccionarios, compressores ; os liberaes — contradictorios, phantasistas, incapazes de cumprir o que promettiam, estragados pela phraseologia rhetorica dos declamadores ; os republicanos — incertos, vacillantes entre as parlamentarices francezas e o arroxo norte americano. Não era isto contradicção de sua parte, desde que nunca se filiou em bando algum, como sectario decidido, como partidario submisso, orthodoxo, cabisbaixo ao mando dos chefes. Era um livre atirador ; não passou nunca de um critico, a que os erros

innegaveis dos tres partidos desgostavam, provocando-lhe a *verve* caustica.

Não encontrou neste paiz quem fizesse a politica larga, humana, democratica e *nacional*, brotada de nossa historia, que elle sonhava.

Teve a felicidade de morrer antes de 15 de Novembro de 1889. Se tivesse vivido até o advento de certos grandes homens do actual regimen, e commettesse a simpleza de julgar ainda possivel o uso da livre critica que estava costumado a manejar, teria sido preso e quem sabe se não fuzilado?

Março de 1900.

SYLVIO ROMÉRO.

I

Flores da Noite

(POESIAS DE LYCURGO DE PAIVA)

A proposito do livro que pretende publicar o Sr. Lycurgo de Paiva, escrevi algumas palavras que, sendo destinadas unicamente á expressão do meu sentir, não merecem, e eu reclamo que não se lhes dê, a consideração de um juizo critico.

E' um livro de versos, cuja leitura fez-me conceber bem fundadas esperanças a respeito do seu autor.

Não é que nesse livro encontre-se a perfeição; pelo contrario, nelle figura grande numero de versos desleixados. Não é que nesse livro o autor nos tenha dado grandes e novas aspirações, grandes e novas idéas sobre o que mais interessa a humanidade; pelo contrario, digamos-lhe a verdade, as suas vistas não alcançaram além do individual.

Mas não é isto propriamente um defeito do autor; é influencia da sociedade em que vive e da litteratura em que se embebe, ambas devassas, impuras, repassadas de materialismo.

O autor das FLORES DA NOITE, em quem a meditação e o estudo têm muito que aperfeiçoar, é um viçoso talento que se póde enriquecer da mais bella fructificação.

Sinto que o poeta novel não tenha querido face á face encarar a natureza e pedir-lhe inspirações ; lamento que se deixasse levar da admiração que a outros consagra, para tornar-se algumas vezes imitador, quando muitas outras provou poder ser original.

No seio das nossas mattas, como no fundo de nossas almas, como no fundo de nossa historia, ha muita sombra de que o poeta se possa vestir, muito mysterio de que a poesia se deve occupar.

Todas as alturas inaccessiveis, todas as profundezas insondaveis, como Deus e coração do homem, estão sempre ahi para receber e sumir nos seus abysmos as inquietitudes, os sonhos, as lagrimas do poeta. A humanidade agita-se, a philosophia observa e a poesia canta.

Nos grandes poetas modernos é sobretudo o sentimento do infinito que transborda em suspiros harmoniosos ou em gritos desesperados. Deixar de sentir com elles tudo que engrandece a nossa natureza, para entreter-se na pintura das paixões triviaes e mesquinhas, é não comprehender os nobres vôos da poesia moderna, gravitar para o nada e condemnar-se ao mediocre.

Ser poeta é mais alguma cousa do que andar com *os seios tumidos, o craneo em braza*, fingindo magoas que não se sentem ou prazeres que não se gosam ; é mais alguma cousa do que viver a beijar *labios de rosa, ver e pegar em peitos de alabastro,* etc. etc., e

chamar-se *lyrico*; falar em *tumulos*, em *desgraças*... e dizer-se — *melancolico*; repetir o insipido lugar commum do —*progresso* — e chamar-se —*humanitario*. Não é isto. Ser poeta, é sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espirito.

Cabe aqui repetir umas bellas palavras de Victor de Laprade. «O que ha de difficil e admiravel não é sómente pintar e escrever bem, é pensar alguma cousa que valha a pena de ser escripta e pintada.»

Ha uma grande e uma pequena poesia; e ao envez do que parece, não é a grande que suffoca a pequena; é esta que mata aquella, como os sentidos escancarados a todos os prazeres empanam o brilho das idéas, o brilho d'alma e embotam, quando não arrancam, todos os bons instinctos do coração.

E' singular, diz o philosopho Jouffroy, dar-se o nome de poesia a esta superficial inspiração que se occupa em celebrar as alegrias frivolas, em deplorar as dôres ephemeras das paixões.

A sciencia e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a sciencia caminha, a poesia vôa: o seu mistér não é, como o da sciencia, esclarecer as sombras do problema universal; mas tambem não deve ser estranha aos achados daquella.

A insipidez de muito poeta dos nossos dias vem menos da falta de talento do que da falta de conhecimentos.

Se a poesia vai adiante da sciencia, se o mysterio é o seu dominio, desde que ella se occupa do que está

sabido na ordem dos sentimentos, das idéas, de todos os factos emfim, torna-se necessariamente insipida.

Os juizos do poeta não são hypotheses que a experiencia possa verificar.

E' uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sábia, como um artigo do codigo civil e lucida, como a demonstração do quadrado da hypothenusa.

O' coração do poeta é o clepsydro em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser iguaes, porque devem ser da estatura do seu seculo. Goethe é do tamanho de Humboldt.

A poesia do seculo XIX deve ir com elle em todos os seus vôos, em todas as suas conquistas. se quer ser grande e merecer a attenção da posteridade.

Voltemos ao autor das FLORES DA NOITE. E' um moço que tem a nobre ousadia de querer produzir. Em nossa terra isto é um crime de lesa-inveja para os que, preguiçosos ou pusilanimes, nem se quer *ousam ousar*.

O Sr. Lycurgo principia agora a estudar, a dedicar-se aos livros; sua alma escaldou-se ao contacto de alguma pagina ardente e sentiu-se capaz de exprimir os seus sentimentos na linguagem dos versos. Outros dir-lhe-iam — deixa isso que não é para ti; nós dir-lhe-hemos — estuda, pensa e prosegue.

Vejamos alguma cousa. O poemeto que tem por titulo — DINA — é engraçado e florido das flores simples que têm as selvas e os campos da patria do autor. A' parte alguns desleixos, ha nelle uns perfumes longinquos de vida innocente, infantil e mimosa.

Estes versos:

Um dia tive saudades
Daquellas mattas viçosas,
Das brisas tão soluçosas,
Dos ares de meu sertão.
Era de tarde, no — sitio —
Tudo era grave e sentido,
Como da rola o gemido
Perdido na solidão.

São bellos, revelam, promettem um poeta.

O sentimento que elles exprimem é doce e partilhavel com todos que soffrem a ausencia do ninho paterno.

E' só quem brincou menino, mais perto da natureza, entretendo relações de ingenua amizade com as velhas arvores, deitado no seu regaço de sombra; só quem teve por companheira dos seus brinquedos uma linda filha dos campos, que fosse o seu primeiro amor, a sua noiva, de quem recebesse como emblema do coração algum fructo mordido, alguma flôr machucada, poderá comprehender, adivinhar quem é — DINA.

Oh! como o ruido das cidades é prosaico diante do silencio da vida rustica!

E' essa amenidade que eu folgo de encontrar mais ou menos expressa no poemeto de — DINA. E' ao mesmo tempo um idyllio e uma elegia.

Quem dera que o poeta procurasse aprofundar-se neste genero e apresentar-nos o quadro delicioso do nosso viver de crianças, á beira do rio, perscrutando o segredo dos ninhos, e depois... abraçados, aquecidos no seio maternal, sonhando com — DINA!

Ouçamol-o:

Foste levar-me ao atalho,
Onde a levada se finda,
Lá onde o sol banha ainda
O liz do val sem orvalho:
Lembras-te desse raminho
Que me off'receste em caminho?
Com que poeticas falas
Tu desprendeste-o ao cabello!
Lembras-te? longe das gallas
Sob o docel tão singelo?

Continua o poeta no modular de suas saudades. Algumas estrophes me desagradam por um certo desalinho no pensamento.

Quiz o poeta dar-nos uma idéa mais determinada do objecto de seus cantos. Achava melhor que nos tivesse deixado o trabalho de adivinhar e não viesse dizer falando de — DINA:

Teus olhos pareciam-se dous astros
. . . .
Teu labio a casta rosa amanhecida
. . . .
Teu collo a nuvem grossa de alabastro
. . . .

DINA é um segredo; não devia ser assim revelada, para achar-se menos bella do que se imaginava.

Não posso nem é meu fim dar uma idéa de todas as peças do volume.

Na poesia — POMBA DOS AMORES — ha versos melodiosos e cheios de naturalidade.

Esta quadra, por exemplo:

> Porque te foste, pomba dos amores,
> Porque nos ermos me deixaste só?
> Tiveste medo de que eu te perdesse,
> Ou que de um tiro te arrojasse ao pó?

A poesia — MEU CORAÇÃO — não é má, tanto mais porque ella se liga naturalmente a uma outra que acho bella e em que encontram-se estrophes como estas:

> Choram as fontes, o bezerro muge,
> O sabiá suspira;
> A natureza infunde amor nos seios
> E faz vibrar a lyra.
>
> Ha um segredo no bolir das mattas
> Que nos agita n'alma :
> E' quando a vida no silencio augusto
> A natureza acalma.
>
> As almas vivem de esperança infinda
> A folhear os dias;
> Com a crença em Deus, a respirar de um anjo
> As santas melodias.

Adiante lêm-se algumas outras estancias que agradam. Deixo de falar em muitas poesias, nas quaes o autor quiz pagar o seu tributo a escola da sensualidade, ao monstro do *realismo*.

Deixo de falar, porque se o tivesse encarado por esse lado, outra teria sido a minha linguagem. Limito-me, pois, a aconselhar-lhe que despreze uma tal seita, para quem a vida deve ser um banquete em communhão de prazeres e a mulher a hostia eucharistica desses poetas, que embellecem o vicio, sacerdotes da devassidão.

Aconselho-lhe que estude, procure corrigir-se, aperfeiçoar-se. Communique-se com a natureza, fale-lhe como filho e como irmão e ouça o que lhe diz.

Familiarise-se com os grandes poetas do seculo e tenha a ousadia de querer seguil-os, não de dizer o que elles dizem, mas de ir aonde elles vão.

Não arrefecer, não recuar diante dos esgares e grimacias da estupidez elegante, é e deve ser o seu primeiro trabalho. (1)

Abril de 1866.

---

(1) E' um dos mais antigos artigos escriptos pelo critico sergipano, então estudante do terceiro anno juridico. E' muito simples, porém cheio de excellentes ideias. (N. de S. R.)

II

A religião perante a psychologia

Por mais que a palavra eloquente, bem que superficial, de Victor Cousin, tenha proclamado a necessidade e a importancia do methodo psychologico em todas as questões que interessam á philosophia; por mais que o genio meditativo de Jouffroy pareça ter penetrado nas profundezas da vida interior e trazido de lá preciosos thesouros de observação, confessamos que jámais nos foi possivel descobrir esse cumulo de riquezas excavadas pela mão dos psychologos, nem mesmo atinar com o modo de haver todos os resultados, tão altamente promettidos.

Se para oppôr serias duvidas ás vastas pretenções da psychologia espiritualista, faltassem ainda fortes e ponderosos motivos, bastaria actualmente recorrer ao vivo exemplo de um philosopho admiravel; o qual, entretanto, se é licito affirmal-o, destróe com a sua pessoa o que a sua logica edifica na defesa do methodo empregado por essa escola, de que elle é filho, ainda que pouco submisso ou quasi rebelde. Falamos de Vacherot.

Não se entenda que porventura alludimos a inconsequencias e volubilidades de caracter; não. Vacherot é, quanto a nós, o modelo da seriedade philosophica, o typo do verdadeiro philosopho moderno.

O que porém pensamos e não tememos dizer, é que a tentativa improficua de tirar da consciencia individual, em ermas contemplações de si mesma, o conhecimento do homem, de todas as suas aptitudes, como de todas as leis que o dirigem, encontra, ao menos sobre o ponto especial que nos vai occupar, uma completa infirmação d'aquelle grande e vigoroso espirito.

I

Uma das theses mais sustentadas e repetidas nos livros de Vacherot, é que a religião não corresponde a um principio interno, a uma faculdade psychica, e portanto, como um simples estado provisorio, terá de desapparecer, cedendo o seu lugar á philosophia. (1)

Não sabemos que se possa, na defesa de uma opinião, empregar com mais vigor todos os recursos da analyse, todas as forças de uma razão calma e convencida.

---

(1) « Quando vos perguntarem para que serve a philosophia, respondei ousadamente : — para que serve tudo mais que não é a philosophia ?... » Assim dizia Mme. de Stael : assim respondemos aos que não gostam de taes assumptos.

E se para não acceitar a sua doutrina fosse mister combater os principios emittidos e negar os dados em que ella se funda, não teriamos o arrojo de tental-o nem vemos que algum outro se pudesse incumbir de o fazer.

Mas é que a doutrina do celebre pensador se acha prejudicada em sua essencia e desvirtuada pelo proprio methodo que a parece robustecer. Vejamos.

Vacherot não admitte que o homem seja, como se ha por vezes definido, *um animal religioso*.

A distincção, estabelecida pela escola naturalista, de *caracteres intellectuaes* formando uma categoria, e *caracteres moraes e religiosos*, formando outra, é por elle rejeitada como inexacta.

Quatrefages é quem ensina similhante distincção. Vacherot, criticando-o, pergunta se não ha ahi uma lacuna; visto que não existe mais razão para definir o homem *um animal religioso*, do que pudera existir para manter a definição de Aristoteles, ou dar outra qualquer, tirada de propriedades reaes e exclusivas ao ente humano.

Custa-nos a perceber, como um espirito tão firme e tão seguro, poude ser leviano, em uma critica desta ordem.

A escola naturalista não tem preoccupações dogmaticas; sua unica divisa é a observação e a experiencia. Ora, partindo deste ponto, ella chega a demonstrar que o homem se distingue dos outros animaes menos por seus diversos caracteres de superioridade intellectual, do que pela *religiosidade e moralidade*.

Isto porém não quer dizer que, por exemplo, no cão ou mesmo no macaco se possa encontrar alguma

cousa de politica, alguma cousa de esthetica, etc., pelo que não devam essencialmente differençar-se do homem. Quer, sim, dizer que todas essas qualidades não têm raizes tão profundas, nem acompanham tão intimamente a natureza humana em todos os pontos de sua existencia.

De feito, se uma horda de selvagens, similhante a um bando de lobos, já encerra, como diz Vacherot, o germen de uma sociedade politica futura no fundo psychico de cada um; tal consideração póde ser valiosa para o philosopho que se preoccupa das causalidades e finalidades; não o é para o naturalista que se limita a observar e induzir.

Critical-o, pois, pela pouca attenção que dest'arte elle presta á psychologia do selvagem, dado mesmo que ella fosse possivel, é commetter um sophysma, suppondo admittido o que o adversario expressamente rejeita.

Se a philosophia do *á priori* julga inconcebivel a existencia do homem fóra de qualquer arranjo politico, ainda o mais grosseiro e brutal; a historia que é mais calma, e por isso menos pretenciosa, não recúa mesmo diante da horribilidade dos factos, trava do braço de sua desdenhosa irman e vai mostrar-lhe o homem primitivo, o Adão mythico e ideal, estupido e feroz, sem esthetica, sem industria, sem commercio, só tendo por destino, como diz Pelletan, «manger le gibier à la façon du rénard, dormir en rase campagne, à la belle étoile, et grelotter au réveil dans la rosée du matin.»

Que importa á escola naturalista que o homem tenha esta ou aquella attitude, susceptivel de vasto

desenvolvimento ulterior, quando ella quer estudal-o sómente nas suas feições indeleveis e persistentes através de todos os tempos?...

Ora, a ethnographia e a historia podem offerecer e de feito offerecem o exemplo de hordas ou tribus, onde não ha o menor vislumbre de qualidades estheticas, salvo um certo gosto pelo canto; facto simples que nada prova, emquanto não se demonstrar que a musica é o germen de todas as bellas artes, o que será bem difficil.

Que o homem póde existir, sem o ar vital de um meio politico, se não serve de prova incontestavel o ascetismo anachoretico, ninguem o duvidará, diante da aceitavel hypothese de um par primitivo, cujo governo é só a força máscula, dirigida pelos instinctos de amorosa ferocidade; ou diante da narração verosimil de um Robinson, dançando e cantando sosinho no meio de suas cabras montezas.

O homem não é, pois, nem um animal essencialmente politico e esthetico, nem mesmo um animal differenciado pelo talento das industrias e das trocas. Estas qualidades são posteriores á sua primeira phase.

Mas o que não se póde negar é que elle se mostra *religioso*, sob todos os aspectos da vida, ou ululando nos bosques, ou sorrindo e chorando no seio das cidades.

E' isto que dá direito á escola naturalista de julgal-o mais bem caracterisado pela *religiosidade* do que pela intelligencia propriamente dita, cujas manifestações são visiveis, por qualquer modo, nos outros animaes.

Vacherot, porém, sustenta que o sentimento religioso nada tem de especial; é uma combinação de

elementos diversos tomados a diversas faculdades; combinação, cujo encanto vai sendo e será desfeito pelo sopro da philosophia.

Quem o autorisa a fazer tão audaciosa promessa?... Eis a questão.

Recolhamo-nos e pensemos.

II

O alvo principal do nosso philosopho, o seu unico ponto de insistencia, é mostrar que a religião não tem elementos proprios no fundo da alma humana.

Mistura confusa de phenomenos variados, uma vez decomposta pela analyse e tomando cada uma das faculdades o que de direito lhe pertence, a religião fica sendo simplesmente o nome de um grande facto historico, sem exprimir uma qualidade essencial do espirito.

Aqui nos occorre uma consideração que não deixa de ter importancia para bem ajuizar destas idéas.

Vacherot, que, no seu ultimo livro consagrado á exposição e defesa de similhante doutrina, reuniu e commentou as opiniões dos pensadores, que se occuparam da materia, esqueceu-se de mencionar, como devia, ao lado de outras, a theoria do triplice estado humanitario, creada por A. Comte.

Entretanto, nós descobrimos uma real analogia, senão perfeita identidade, entre o que diz Vacherot e o que diz a philosophia positiva. Ha sómente uma differença: é quanto ao methodo; mas isto não infirma

as relações que prendem as doutrinas, uma vez que ellas chegam, pouco mais ou menos, a resultados identicos.

A. Comte, procedendo á observação da intelligencia humana em seu desenvolvimento historico, ensina que ella começa pelo estado theologico, passa ao metaphysico e attinge finalmente o positivo e scientifico.

Vacherot sustenta que a religião é um estado transitorio do espirito humano, caracteristico de sua infancia e mocidade, que deve ceder ao imperio da reflexão madura e calma, isto é, ao imperio da philosophia.

Se Comte admitte tres momentos successivos, é que para elle a metaphysica não tem positividade, não offerece garantias contra os assaltos da duvida, não passa de um fasciculo de abstracções e inverificaveis hypotheses.

Porém, Vacherot que a considera rica e fecunda animada de justas ambições e coroada de verdades, não podia conceber outra phase substitutiva do encanto religioso.

O positivo que para um reside só na sciencia, para o outro comprehende tambem a metaphysica; mas entre ambos ha commum o juizo que formam da religião e os limites que lhe assignam no terreno da historia.

Estas mesmas noções de *estado religioso e philosophico, transitorio e permanente,* de que fala Vacherot, são dados proprios da philosophia positiva que se encontram pela primeira vez nas obras do seu grande chefe a respeito das evoluções intellectuaes da humanidade.

E' facil objectar que o autor da *Religião*, sendo um *á priorista*, um philosopho absorto nas idéas do infinito e do absoluto, não se póde filiar em ponto algum na escola que só admitte o relativo e o finito no quadro da sciencia.

A objecção parece plausivel, mas não póde prevalecer contra a evidencia.

Não é que nós queiramos fazer de Vacherot um discipulo de Comte; o que dizemos e provamos é que elle não creou sobre o caracter religioso do espirito humano uma theoria nova; é que tambem nelle, como em outros, se verifica a exactidão com que Littré affirma fluctuarem no ar farrapos de philosophia positiva que cada qual se appropria e accommoda a seus usos.

Confrontemos e vejamos.

« Assim como na historia do individuo a imaginação é o primeiro, e a razão o ultimo grau de evolução do pensamento; da mesma fórma, na historia geral da humanidade, o movimento intellectual começa pela religião, acaba pela philosophia, e no proprio desenvolvimento philosophico, termina pela philosophia critica e positiva.» (1)

Para quem sabe ler, estas palavras não fazem mais que repercutir as seguintes:

« O ponto de partida sendo na educação do individuo precisamente o mesmo que na especie, as diversas phases principaes da primeira devem representar as épocas fundamentaes da segunda. Ora, cada um de nós, contemplando sua propria historia, lembrar-se-á que

---

(1) *Religion*, pag. 314.

foi successivamente, quanto ás noções mais importantes, *theologo* em sua infancia, *metaphysico* em sua virilidade. » (1)

Em vez de *metaphysico*, lêde *philosopho*. Tal é a idéa do autor.

Mas ainda concedamos que esta approximação seja forçada, que não haja em taes palavras laço algum de parentesco entre os dous pensadores. Mesmo assim permanece incontestavel que, no modo de julgar o intimo religioso ou theologico do homem, Vacherot é um positivista.

Afim de evitar enganos tenhamos sempre em mira, que Comte dá o estado metaphysico por uma simples modificação do primeiro, sendo que neste ponto não diverge o illustre autor da *Religião*; o qual tambem rejeitou as abstracções, as entidades e os idolos da velha metaphysica, em nome e sob os auspicios de uma nova que igualmente se decora do titulo de *positiva*.

Limitemos porém o plano destas observações e vamos ao que é decisivo.

Vacherot está convencido e quer convencer que o espirito humano, pelos progressos da philosophia e da sciencia, tem de largar a plumagem postiça da crença religiosa, com que sóe atravessar os mundos imaginarios, para só desdobrar no espaço as azas de cem covados, em que se balança o vôo das idéas. A religião é uma especie de epiderme grosseira, que os seculos hão de arrancar do corpo da humanidade, para fazel-a crear uma nova; subtil como o pensamento, diaphana, como a verdade.

---

(1) *Philosophie positive*, t. I, pag. 11.

Não era menor nem diversa a convicção de Augusto Comte. Elle tambem concebia um estado philosophico de emancipação para os espiritos que fossem attingindo o termo da grande evolução mental; de modo que, diz elle, não é dos philosophos religiosos que se deve esperar uma historia racional da religião. Só intelligencias plenamente livres podem cumprir esse mister. (1)

Devia pois o nosso philosopho ser mais justo e reconhecido para com o pai do positivismo, que é sem duvida superior aos desdens de muito espiritualista acanhado, sem doutrina definida, que adquire facilmente o valor de autoridade.

Tanto mais sentimos essa injustiça, quanto vemos que o autor da *Religião*, são, calmo e rigoroso em seus juizos, fez appello de outras opiniões que, muito em vez de auxilial-o, são-lhe expressamente contrarias.

E' assim que, depois de citar alguns periodos de A. Franck, escriptos em prologo e terminados por uma reflexão sobre as pretenções da philosophia, Vacherot accrescenta: « Esta ultima reflexão é de uma perfeita justeza. Ella não significa, como poder-se-hia crer á primeira vista, que a philosophia não deve aspirar substituir a religião na alma das sociedades humanas: problema de que m. Franck não trata em sua obra de critica. Ella quer dizer sómente que, desde que a philosophia explica uma religião, fal-a perder por isso mesmo seu caracter propriamente religioso, etc. (2)

---

(1) *Philosophie positive*, t. IV, pag. 40.
(2) *Religion*, pag. 65.

Ora pois, é precisamente o contrario que vamos ler na propria obra citada por Vacherot; donde se vê que Franck não só tratou do problema, como deu-lhe uma solução opposta ao sentir do nosso philosopho. Eis aqui:

« Mas porque a religião e a philosophia não podem se encontrar em uma obra commum, e o espirito não concebe um poder superior capaz de absorvel-as, qual das duas será a dona do genero humano? Nenhuma. E' possivel citar um longa lista não só de grandes intelligencias, como tambem de grandes almas, que esclarecidas pelas unicas luzes da razão, dispensaram a tutela da fé e da crença no sobrenatural. Estas nobres naturezas, pode-se ficar certo, não serão mais raras no futuro, do que foram no passado; mas são individualidades...

Nós dizemos mais: haveria da parte dos philosophos uma rara presumpção, uma singular iniquidade em pretender que todas as intelligencias superiores lhes pertencem e que a fé no sobrenatural é a prova de um espirito fraco ou incompleto. A historia inflige a este juizo preventivo o mais solemne desmentido. » (1)

E' uma refutação formal da propria these sustentada no livro da *Religião*.

Ha duas cousas a concluir, primeira, que Vacherot não leu da obra de Franck senão o prologo; segunda, que os espiritualistas da tempera de Franck não são homens de palavra em que se confie; de modo que se possa, do que elles dizem aqui, deduzir o que irão dizer além.

Se Vacherot sómente pretendesse que a religião, como instituição, como poder organisado, não póde

---

(1) *Philosophie et Religion*, pag. 353 e 354.

resistir ás luzes da philosophia, que tem por missão dissipar nuvens e varrer prejuizos, seriamos inteiramente do seu lado.

Já uma vez mostramos a tal respeito nossa adhesão. (1)

Mas chegar até a negação completa do senso religioso, como inherente á natureza humana, é o que não podemos admittir, por motivos de real e profunda convicção.

III

E' recolhendo os dictames da sibylla cerebral, que o philosopho qualifica a religião de passageira e provisoria.

Cremos de certo que na consciencia os factos religiosos realmente appareçam como heras parasitas da arvore interior, que vivem da mesma vida, que bebem o mesmo orvalho, que se embalam com as mesmas auras; e, todavia, não lhe pertencem, não lhe são propriamente essenciaes.

Os philosophos tambem têm a sua Egeria, que responde aos seus appellos, e desata as suas duvidas.

Mas esta nympha solitaria não se mostra sempre por toda parte identica. Os psychologos não se miram no crystal de uma só fonte. Não existe a consciencia, mas as consciencias, que nem divergem totalmente pelo fundo, nem são tambem similhantes a fragmentos de

---

(1) *Jornal do Recife* de 5 de junho do anno de 1869. (No artigo intitulado *Uma lucta de gigantes*, apreciativo de uma polemica travada entre Vacherot e o P. Gratry. (N. DE S. R.)

um grande espelho, que repetissem os objectos com igual fidelidade.

A psychologia não póde ser a expressão completa da vida intima em todas as suas gradações; é uma imagem mutilada, é um busto do espirito humano.

Não seria improprio dizer que a alma tambem tem as suas dimensões, e o olhar da consciencia, bem como a visão physica, não percebe mais que duas; escapa-lhe a profundidade.

Quando Vacherot, internado nos subterraneos da indagação psychologica, chega a proclamar que o senso religioso não faz parte das aptitudes da alma, e será, tarde ou cedo, banido de seus antigos dominios, nós cremos que elle diz justamente o que pensa; mas não podemos apoiar essa falta de modestia, com que o philosopho se apresenta como um módelo do homem futuro.

Se, a exemplo de Jouffroy, elle faz o seu exame de consciencia e põe a descoberto a historia de sua alma, com menos poesia e mais verdade; nota-se que não é para mostrar os tormentos e inquietitudes de um espirito entregue a seus proprios recursos, mas para descrever a marcha calma e pacifica de uma razão, que se eleva ás regiões altissimas do idéal, quebrando e destruindo os idolos estragados da philosophia decrepita.

Applaudimos este modo de pensar, que é igualmente um modo de proceder. Por isso dizemos que Vacherot é o mais sincero dos philosophos actuaes, dando ás suas doutrinas toda a extensão que comportam, sem transigir com os prejuizos populares.

O mundo philosophico, não menos que o mundo moral e politico, tambem conta os seus ridiculos. A parte

comica da philosophia pertence hoje aos directos descendentes de Cousin. O espiritualismo de Franck, Simon, Caro, Amedée de Margerie e muitos outros, que não passa de um esteril e miserrimo commentario do *credo catholico*, é um dos tregeitos de repugnancia que ainda faz o seculo XIX, diante da taça cheia de novas e acerrimas verdades, que lhe offerece a mão dos grandes pensadores.

E não se julgue que, assim nos exprimindo, queiramos admittir o idealismo de Vacherot. O infinito, o absoluto, a suprema perfeição, todas estas idéas que embevecem o philosopho, não basta dizer que não comprehendemos; é mister ser franco: não as podemos conceber; visto que ellas escapam ás condições de toda concepção.

Os philosophos não se illudam, nem queiram illudir. Não ha concepção sem imaginação; e não se imagina o que se nos diz não ter fórma nem limites no tempo e no espaço.

Entretanto, nós cremos em tudo isto, que se subtrahe a nossas concepções. O infinito, de que tanto se fala e nada se explica, devemos confessar que apparece-nos ás vezes sob fórma de rapido presentimento e indefinida aspiração.

E' alguma cousa que nos falta, alguma cousa que far-nos-hia mais felizes e menos incompletos, se nós a possuissemos.

Póde ser tudo; e tambem póde ser nada. Quem nos desprenderá deste embaraço?... Não será de certo a philosophia do *á' priori* com as suas bolhas de hypotheticos principios, que se desfazem ao menor sopro; nem tão pouco a theologia com o seu feixe

de antigualhas e os seus symbolos derretiveis ao calor do sol hodierno.

O Deus de Vacherot não é para nós, mais nem menos aceitavel que o Deus da grey eclectica, o Deus pessoal e anthropopathico dos philosophastros francezes; mas tem o merito de ser mais logico, mostrando a coherencia do pensador, que não guarda em suas doutrinas o quinhão da vulgaridade, este cãosinho das ruas que festeja a quem lhe agrada com tolices e bagatellas.

IV

Cumpre-nos agora assignalar os erros capitaes na theoria do celebre escriptor.

Vacherot suppõe que a substituição da philosophia á religião é um progresso immenso, uma conquista soberana. A extincção do senso religioso constitue a seus olhos um grau de perfeição que todo homem deve adquirir.

Sem contestar que a maioria do genero humano é ainda arrastada pela magia do symbolismo, não lhe parece menos realizavel um estado philosophico universal, em que a humanidade ha de trajar a toga viril da sabedoria e da razão.

Bello sonho de uma alma generosa, este modo de pensar não deixa de ser, comtudo, um erro digno de impugnação e repulsa.

A observação interna dirigida sobre o amago de suas impressões pessoaes levou o philosopho a exagerar os factos e estabelecer uma lei falsa.

E é em nome da reflexão que Vacherot arranca do coração do homem até a ultima fibra religiosa, como cousa inutil ou superflua, para dar cabimento ao governo unico da philosophia!...

Dizer que a religião não tem raizes profundas no mais intimo da alma humana, é uma calumnia psychologica.

Se, porque o estado religioso de alguns espiritos, póde attenuar-se a ponto de parecer nullo, dahi se deduz que elle é provisorio e não corresponde a uma faculdade permanente; não seria injusto assegurar tambem que o estado philosophico é da mesma natureza, porque vemol-o muitas vezes tornar-se vagamente indeciso e perder-se nos vapores de mysticas visões.

Queremos crer e concedemos que sejam effeitos do mau governo mental que ainda impera nas sociedades humanas. Mas esta concessão nada adianta; ella não faz mais do que deslocar a questão. Resta pois a saber se é possivel dar ao espirito uma educação e instrucção de tal natureza, que o menor vislumbre de religiosidade seja de todo apagado; problema que não é facil de resolver pelo emprego do methodo psychologico.

E' certo que não pertencemos ao grupo dos que pensam que o passaro, a que se cortam as azas, não póde mais viver, e que a alma, de quem se tiram as esperanças e bellas perspectivas de além tumulos, perde por isso as forças, e rola no abysmo da abjecção e da miseria.

Este insulto que se faz á razão e á liberdade, julgadas incapazes de abraçar a virtude por si mesma, sem deixar cahir-lhes no seio um titulo de debito pagavel em outro mundo; este suborno hediondo, praticado em nome de Deus, é a mais viva prova da

tacanhice humana; é a theoria do *ganho* transcendental. Não a discutimos, desprezamol-a.

Mas tambem não podemos admittir que a philosophia venha podar estes lances primitivos, estas primeiras folhas do coração, como estereis e cahidiças, para produzir mais vigorosos rebentos. Não comprehendemos o que seja uma alma despegada de todos os fios invisiveis, que por momentos a suspendem e balançam-na entre o ceu e a terra.

Não comprehendemos a vida, sem o cheiro de alguma flôr poetica, de alguma illusão mystica, de que não são isentos os mais valentes heróes da pura metaphysica.

A verdade não é o unico pão de que o espirito se alimenta; a verdade não é a unica medida das cousas. Quando este paradoxo penetrar em nossas crenças, acabar-se-hão muitas lutas, porque a logica saberá conter-se, e não quererá dar leis nos dominios alheios.

A passagem do estado religioso ao philosophico, ainda que lenta e difficil, é uma evolução possivel. Mas esse estado ulterior será com effeito livre das emoções suavissimas, dos anhelos indisiveis, que sempre vêm frisar a superficie da alma, por mais lisa e tranquilla que se considere?...

Não é certo existir em nós uma pleiade de sentimentos sem nome, que a philosophia não póde acabar nem substituir?...

Abraçamos aqui o corpo da questão.

Melhor que Vacherot, ninguem demonstra que a religião não tem direito de se arrogar o privilegio da

caridade. Nobre filha do coração, esta virtude é compativel com a mais livre posição, a que possa attingir o espirito humano.

Tambem é verdade que o phenomeno da graça nada tem de extraordinario e sobrenatural. As mudanças que se operam nos movimentos da alma são devidas a influencias multiplas que partem do proprio seio da natureza. Um aroma que subito aspiramos, um sussurrar do vento que perpassa, um bello e sereno dia, um verde prado sob um ceu azul, incutem-nos muitas vezes uma delicia ineffavel que nos convida a praticar acções diversas dos nossos habitos ordinarios.

No calice de uma flor que colhemos, acontece-nos haurir um pensamento de amor ou uma idéa de virtude. Um ligeiro riso de criança basta ás vezes para ferir de estupor o braço do assassino.

São phenomenos communs, que a philosophia não póde ter a pretenção de explicar devendo porém aceitar como effeitos da constituição organica e psychica, sem attender ao thema theologico.

Mas ainda tudo não está dito, para impor silencio á religião. Se fosse ao menos provavel que a humanidade futura só reconhecesse um Deus, puro ideal, como nol-o ensina Vacherot, seria consequente que a alma do philosopho, perdendo a fé, realmente nada perdesse.

Entretanto é ahi que reside o grande embaraço. Para obviar as difficuldades do problema e apagar os vestigios de virtudes que não se explicam sem *religiosidade*, Vacherot faz jogo de seus principios metaphysicos.

E' natural, mas é illogico. A sua metaphysica é mais que muito impugnada. Vasta e profunda, como se mostra, ella não póde, todavia, orgulhar-se de haver dito sobre Deus a ultima palavra. Succede que toda a argumentação relativa á fé, á esperança e á prece, é fraca e meio sophistica; visto como repousa na supposição gratuita de que o deus-ideal é uma cousa que já não se contesta.

Releva ainda observar que a idéa do estado philosophico adaptado ao maior grau de cultura humana, tambem assenta em uma leviandade psychologica, dando como tendencia irresistivel, como lei de nossa especie, o desejo de pôr a mão no coração do universo e de tomar o pulso da natureza, isto é, o desejo de ser philosopho.

Esta hypothese é bem futil. Se ha homens que não cançam de viver interpellando a propria razão, para apanhar o segredo das cousas, a maior parte é dos que não se dão a um tal trabalho, nem se sentem por isso incommodados.

A reflexão que faz os philosophos, como a inspiração que faz os poetas, será sempre uma raridade, um predicado excepcional.

A theoria de Vacherot não compromette sómente a religião. Seus golpes são tão fortes, que cortam muito mais do que pretendem. A poesia não ficou illesa. Ouçamol-o.

« Ha sómente uma cousa que é propria do estado religioso, e que o distingue do estado poetico: é que o poeta, no emprego de suas imagens, tem consciencia de sua ficção, ao passo que o crente toma os seus symbolos á lettra» (1)

---

(1) *Religion*, pag. 300.

Eis ahi que no entender do philosopho, se é que estas palavras foram bem pensadas, a poesia só vive de imagens e ficções. Logo, os maiores rasgos da poesia moderna que faz consistir todo seu encanto na elevação das idéas e na pureza dos sentimentos, não são phenomenos poeticos. Logo, esta sede insaciavel de eterna serenidade, esta nobre queixa contra a incerteza do destino, que são o distinctivo dos grandes poetas, não pertencem propriamente á poesia; pois que tudo isso é tanto mais penetrante e arrebatador, quanto mais sobrio de imagens e mais simplesmente expresso.

Ora, a evolução mental que attinge o estado philosophico, não deve supportar e menos achar belleza nos lamentos e suspiros desta poesia anhelante. A conclusão é absurda; ninguem aceital-a-hia.

Mas nós queremos crer que Vacherot tem razão; a poesia é isto mesmo que elle pensa. O engano vem de mais longe. O que se costuma chamar sentimento poetico, distincto e differente do sentimento esthetico, da simples emoção do bello, não é um phenomeno especial; é o mesmo senso religioso, cuja indefinitude se presta a formas variadas.

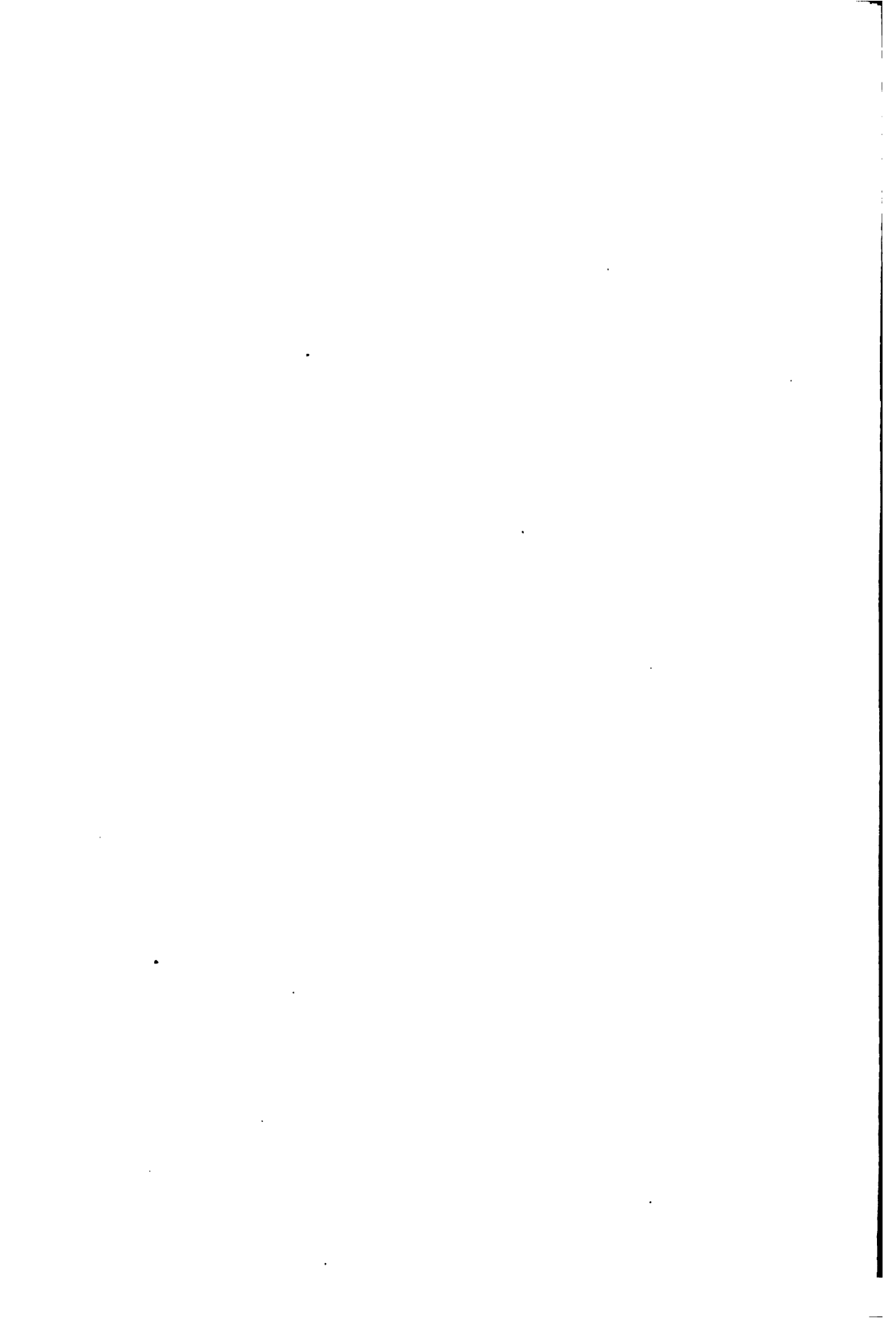
A poesia é, como foi e será sempre, a expressão do finito ideialisado em todos os seus modos e faces diversas. Desde que no seio da alma germinam as inquietitudes solemnes do desconhecido, as entrevisões de não sabemos que augusta e sublime claridade, tenhamos por certo que a poesia cedeu o passo á religião. Lamartine, por exemplo, não era uma alma estrictamente poetica; era uma alma religiosa. Porque a religião exprime-se melhor na linguagem

commum da poesia, não se deve absorver uma na outra; ellas se trocam, mas não se confundem. Não nos enganamos: esta idéa tem força para reformar a esthetica.

Se pois é possivel que a philosophia chegue ainda a constituir todo o governo intellectual do homem, não sabemos porque privilegio a poesia hodierna, esta mater dolorosa do coração cruciado, deixaria tambem de cahir e desapparecer, como cousa transitoria e accidental. Vacherot repelliria estas consequencias; mas fizemol-as brotar do amago de sua doutrina. (1)

Abril de 1870.

---

(1) Quando foi escripto, ha trinta annos, este magnifico ensaio de philosophia religiosa, muitos dos actuaes adiantados do Brasil, que hoje querem dar lições a Tobias, não existiam ainda! Pela leitura d'este brilhante artigo, vê-se a serie de parvoices escriptas por um trapalhão portuguez, n'um impagavel *Brasil Mental*, sobre Tobias e Vacherot!!... (N. DE S. R.)

III

Moysés e Laplace

Eis ahi dous grandes nomes cuja reunião bem póde á primeira vista parecer extranha; e no emtanto é mais que muito natural este conjuncto antithetico da theologia e da sciencia, representadas pelo supposto autor do GENESIS e pelo do SYSTEMA DO MUNDO, em uma das mais graves e tormentosas questões do espirito humano.

Achamos inutil dizer que não temos o GENESIS, bem como o PENTATEUCO em geral, por obras authenticas do legislador hebreu. Os trabalhos da critica moderna não deixam duvida a tal respeito.

E' preciso viver em completo estado de penuria intellectual, para insistir no velho erro que sustenta a origem mosaica daquelles escriptos, como foi precisa muita obcecação orthodoxa para attribuir a um só homem, livros em que se fala de sua morte, segundo diz A. Reville, ou em que se referem factos posteriores, de alguns seculos, á sua existencia.

Ninguem ha, certamente, que se dando ao trabalho de ler, ignore quanto é hoje disparatada e anachronica a pretenção de provar a authenticidade do antigo Testamento, visto como os espiritos mais elevados e mais competentes, pela força de exegese profunda, cavaram tanto e tanto que só deixaram disponivel aos theologos a logica da declamação e do anathema.

Porém, como até agora os resultados da critica têm sido simplesmente negativos, sem que ainda se possa determinar o verdadeiro autor, cujo nome é desconhecido e apenas se divisam os vestigios de sua passagem no tempo, segundo a expressão de Henrique Ewald; como, por outro lado, os crentes e opiniaticos permanecem firmes no seu proposito, pouco importa dar a Moysés simillhante attribuição, uma vez que isto é secundario no assumpto que nos occupa.

I

A explicação da origem do mundo em sua totalidade e em sua unidade, isto é, na relação das partes que o compõem e da força intima que o parece animar, foi sempre a tendencia invencivel das grandes religiões e das grandes philosophias.

Desde que o homem, atravessando o periodo fetichico, entrou na idade polytheica de seu desenvolvimento intellectual e moral, ao continuo assombro das cousas, succedeu o espirito de curiosidade; e é justo que elle provasse logo o soberano desejo de explicar por si mesmo as maravilhas do mundo exterior. Ignorante e isolado, elle só podia conceber explicações absurdas,

cuja audacia é apenas temperada pelo sentimento da propria fraqueza e pelo reconhecimento de uma força superior, a que se prendem e donde sahem todos os prodigios.

A primeira proposição pensada, que o homem enunciou, deveu ser obscura e complexa como a natureza; mas tambem, como a natureza, rica e fecunda, contendo em si os desenvolvimentos possiveis de toda a sciencia humana.

Esta primeira proposição de cada povo ou raça distincta, nada menos foi que uma cosmogonia, envolvendo naturalmente Deus e o homem, como termos de relação; e sobre esta base levantaram-se os templos da religião e os preceitos da moral, que presidiram os ensaios da humanidade.

Nada é que, como pretende uma certa philosophia, visionaria e scismadora, o espirito humano tenha naturalmente noções e ambições do infinito, e com estes dados atire-se á pesquisa das cousas desconhecidas.

O homem que geralmente começou pelo fetichismo a sua educação religiosa, tinha então o seu Deus sempre junto a si em qualquer objecto da natureza, pedra, planta ou animal, e não podia por conseguinte inquietar-se com apprehensões de um mundo superior.

Pela grande distancia em que se acha de nós, digamol-o de passagem, esse primeiro periodo de peregrinação terrestre, não podemos dar-lhe outra prova de attenção que não seja um sorriso de desdem.

Entretanto, aquelle misero culto fetichico, tão grosseiro e tão ridiculo, é credor de maior somma de bens reaes de que certo monotheismo barbaro que ajaeza

a humanidade, sob a vigilancia do latego divino, e tem as mãos cruentas de suffocar auroras e garrotear idéas.

Todos esses pobres animaes que hoje supportam, como escravos, o predominio tyrannico do homem; estas plantas mesmas que actualmente se prestam ao seu alimento e aos commodos de sua vida, já foram outras tantas divindades, cercadas de adoração e respeito. Assim observa Augusto Comte. Sem tal prestigio, crer-se-á porventura que teriam chegado até nós e para nós? não de certo, que os instinctos destruidores do bipede selvagem se oppunham a qualquer idéa de conservação e permanencia.

Mas o rei dos macacos tinha um elemento de mais que os seus descendentes; era theologo e absteve-se de profanar seus deuses, tratando de os domesticar.

Correu o tempo, descerraram-se as primeiras nevoas da intelligencia, e os numes, por sua inercia, cahiram em descredito, mas ficaram conservados como cousas uteis.

E' só com o polytheismo em cujo pensamento superpõe-se ao mundo real um mundo supra terrestre que deve ter apparecido a primeira tentativa de explicação universal, a primeira idéa cosmogonica; visto como a terra, o mundo visivel, já não sendo por si mesmos de essencia divina, foram precisamente elaborados por algum principio superior.

Esta logica era natural; e ainda mais se tornou quando todos os deuses fundidos em um só Deus, a phase monoteica veio coroar e terminar a progressão theologica do espirito humano.

Dispensam-nos aqui de dizer que neste preliminar necessario ao fim que nos propomos, não fazemos mais do que repensar idéas que suppunhamos conhecidas.

Dito isto vamos ao ponto.

II

Nós dissemos que só no periodo polytheico do desenvolvimento humano, é que pudera surgir a idéa cosmogonica.

Esta asserção, porém, parece receber um desmentido diante da historia de Israel, cujo poema genesiaco é uma expressão, bem que mui grosseira, viva e solemne do seu monotheismo.

Isso facilmente se concilia. Basta observar que o povo hebreu, por um concurso de circumstancias, que não vem aqui a proposito mencionar, elevou-se prematuramente ao periodo monotheico; trazendo sem duvida, dos tempos ante-historicos, uma somma de tradições e lendas que entraram depois na composição de seus rudes e imperfeitos annaes.

Além disto a passagem á crença em um só Deus, é uma evolução tão simples da dialectica universal que os dous momentos quasi co-existem, pois não ha em ponto algum da historia polytheismo puro, onde ao mesmo tempo o monotheismo não brote de alguns espiritos elevados.

E' o que attesta a Grecia antiga com as idéas genesiacas dos seus primeiros poetas e seus primeiros philosophos.

Passando a apreciar a cosmogonia biblica, não nos parece inutil aqui intercalar, como verdade adquirida

e não contestada, que o GENESIS offerece duas narrações differentes da creação.

Conforme a primeira (cap. I, v. 9°, cap. II, v. 3) o mundo e tudo que elle contém são produzidos successivamente no espaço de seis dias, e a creação dos grandes corpos da natureza e das differentes especies de seres, é descripta á parte e cada um em seu lugar.

Conforme a segunda (cap. II, v. 4°, cap. III, v. 24) não se trata mais de seis dias. Depois de uma indicação geral da producção do ceu e da terra, só se faz menção, e isto succintamente, da producção das plantas; nada se diz sobre os animaes.

O homem e a mulher são creados ao mesmo tempo, conforme a primeira narração; e successivamente, conforme a segunda. Naquella não se fala no Eden; esta, porém, o descreve com cuidado e o dá por habitação a nossos primeiros pais.

Pedimos estas observações a um sabio professor, escriptor notavel. (1)

Um tal phenomeno que com muitos outros levou os criticos a admittirem na construcção do PENTATEUCO elementos de procedencia diversa, cremos que se prestava a mais serias e mais fundas conjecturas.

Uma comparação das duas narrativas, sob o ponto de vista da fórma, descobrirá que a segunda é mais definida e menos vaga, ainda que inferior na pintura de Deus; o que revela na primeira uma poesia de tempos mais remotos.

---

(1) Michel Nicolas.

Ora, sendo sómente a segunda que refere em tom de idyllio a existencia do paraiso em que viveram ditosos os pais do genero humano, é bem concludente que similhante historia foi escripta em época posterior aos grandes prophetas; mesmo porque em seus discursos Adão e Eva não occupam lugar, quando aliás havia muitas occasiões de se tirar desse exemplo, se elle fosse conhecido, os argumentos mais poderosos, em mãos daquelles tribunos divinos.

Como quer que seja, ponhamos de parte estas questões um pouco extranhas, e, fingindo ignoral-as, abramos o livro da creação.

III

« No principio formou Deus o ceu e a terra.

« A terra, porém, estava desordenada e confusa, e as trevas pousavam sobre a face do abysmo, e o espirito de Deus soprava sobre as aguas...

« E disse Deus faça-se a luz; e a luz foi feita, etc., etc., etc. »

Que estas palavras tenham sido e ainda sejam o thema de altas considerações, como um exordio poetico de admiravel concisão, admitte-se até um certo ponto.

Mas achar que ellas constituem uma doutrina vasta e superior a todas as philosophias, como entendem os theologos, pela clara explicação da origem do homem e da natureza, é o cumulo da extravagancia, o requinte da insensatez.

Entretanto não falta quem sustente que o dogma de um Deus creador, tal qual se deduz desta passagem

do Genesis, é uma cousa unica em sua especie, capaz de dissipar todas as duvidas inherentes ás mais soberbas especulações.

Porém os espiritos sinceros confessam: depois da leitura dessas palavras não ficam mais nem menos instruidos.

O que ha de evidentemente certo é que nesse tão decantado pedaço não existe o menor vislumbre de reflexão, é um rasgo de primitiva ignorancia, fazendo esforço para explicar a seu modo o enigma do universo.

Este *ceu* que Deus formou, é alguma cousa de individual e concreto, como a terra, que estava *desordenada e confusa*, segundo o texto hebreu, ou *invisivel e sem fórma*, segundo a versão dos Setenta, eivada de platonismo.

O *firmamento* que se faz no meio das aguas, *para dividil-as*, é um conceito abstruso. A ordem de successão em que se refere a genealogia dos seres, não resiste a uma analyse. A producção dos vegetaes antes da creação do sol, é um desafio barbaro feito ás leis naturaes e intimas relações das cousas.

Deus ahi afigura-se, como diz Charles Boysset, um gigantesco artista, cujo poder iguala a vontade, e que elabora uma obra colossal, inventando a um só tempo a materia e a fórma.

Neste final, todavia, discordamos de Boysset. O Genesis não foi tão longe quanto os seus commentadores; segundo elle, Deus não inventou a materia. Isto resulta dos proprios textos.

Se a primeira proposição — *Deus formou o ceu e a terra* — é, como suppomos, uma synthese preliminar,

para depois entrar nos detalhes, claro está que na mente do autor a terra existia desordenada e confusa antes da producção dos seres; que ella foi a materia prima sobre que operou a força divina; como é da mesma terra que Deus faz brotarem os vegetaes e animaes, o que destroe a idéa de crear do nada. Esta ultima observação é de Joseph Salvador. (1)

Se, porém, não é assim, resta a saber e explicar como foi que depois de Deus formar o ceu e a terra — esta ainda ficou *inanis et vacua.*

Vê-se que todo esse cumulo de factos foi levantado sómente a custa da imaginação; não ha um só elemento experimental, um só dado de sciencia que conduzisse o pensamento pelo caminho das conjecturas.

Dir-se-á, porém, que tudo aquillo é mesquinho e ridiculo?... Não; o seculo dezoito está longe de nós. As facecias voltairianas não têm mais prestigio em taes assumptos.

O sublime distinctivo de nosso seculo é mesmo esta heroica abnegação, acompanhada de um serio irresistivel, com que elle cava até as raizes apodrecidas de velhas crenças afagadas no seio de mil gerações.

IV

Ao lado da concepção biblica da origem do mundo transformada em dogma religioso e por isso ainda influindo no regimen intellectual do grande numero,

---

(1) *Histoire des institutions de Moïse.*

levanta-se, grandiosa e bella, a cosmogonia de Laplace, que é geralmente aceita e ensinada pelos homens superiores.

Esta hypothese, que outro nome não lhe dá a sciencia cautelosa e modesta, admitte que em certo ponto do tempo a atmosphera solar, em virtude de um extremo calor estendeu-se até as raias do nosso mundo, e sendo successivamente contrahida pelo resfriamento, os planetas se foram formando de sua condensação gradual.

Servem-lhe, porém, de base duas considerações mathematicas.

Uma é concernente á relação necessaria que existe entre as dilatações e contracções successivas de um corpo, inclusive a atmosphera que o envolve, e o tempo de sua rotação, que deve accelerar-se, quando as dimensões diminuem, ou tornam-se mais lentas, quando ellas augmentam.

A outra diz respeito á ligação da ligeiresa angular do movimento rotatorio do sol á extensão possivel de sua atmosphera, cujo limite mathematico é precisamente o ponto em que a força centrifuga, devida áquelle movimento, torna-se igual á gravidade correspondente.

D'onde resulta que, se por qualquer causa uma parte da atmosphera ficasse além desse ponto, ella deixaria de pertencer ao sol, continuando todavia a circular em torno delle.

Comprehende-se, portanto, como o limite atmospherico deve ter ido diminuindo, quanto ás partes situadas no equador solar, ao passo que o resfriamento ia tornando a rotação mais rapida.

Diversas zonas gasosas foram assim abandonadas no plano desse equador; e tal deveu ser o primeiro estado de nosso planeta e seus irmãos conhecidos.

Sendo assim destacados da massa solar, elles poderam tornar-se liquidos, e depois solidos, pelo progresso continuo de seu proprio resfriamento, cuja irregularidade, junta á densidade desigual de cada corpo, devia naturalmente mudar a fórma annullar primitiva, que é, por exemplo, ainda visivel nos satellites de Saturno.

Resulta destes dados que a constituição das diversas partes do nosso systema foi successiva, de modo que os planetas são tanto mais antigos quanto mais afastados do centro...

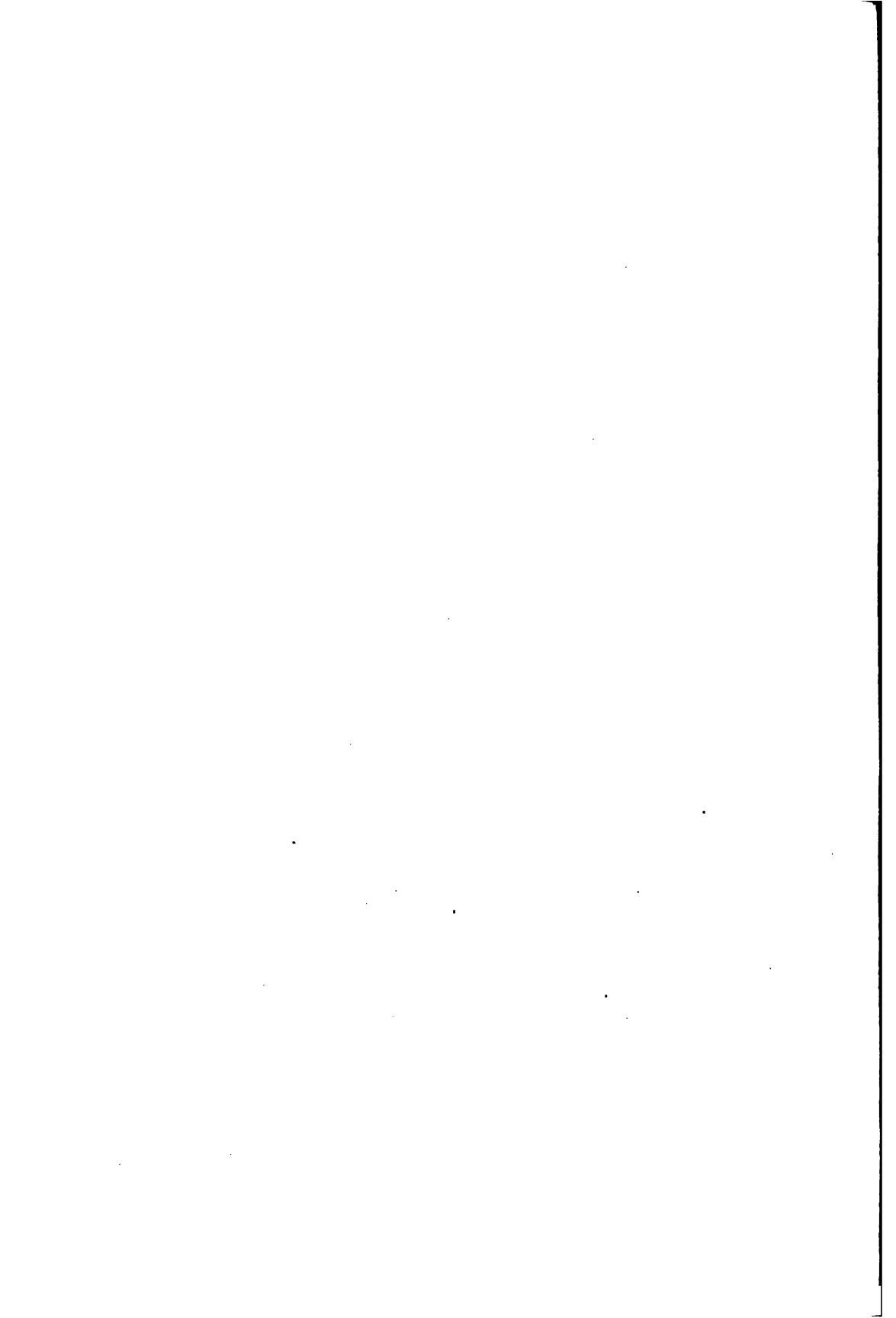
Bem sabemos que tão sublime concepção não entra em todas as intelligencias, não se póde facilmente vulgarisar. Mas tem a vantagem de ser scientifica e acalmar a anciedade da razão, que escandalisam os disparates dos dogmas.

O que sobretudo nos agrada nesta hypothese é que ella faz recuar para longe a questão da causa primeira; obrigando os theologos, bem como certos philosophos que não passam de theologos profanos, a tactearem nas trevas, no infinito dos mundos, em busca do primordio creador...

Quem uma vez achou Deus no fundo do seu coração, não o procura mais no seio do universo, nem nos estereis artificios da logica. E' a nossa doutrina. (1)

Recife, 1870.

---

(1) E' ainda um bello testemunho do fecundo trabalho espiritual operado em Tobias no grande anno de 1870, tão decisivo na sua vida intellectual. (N. DE S. R.)

IV

Os homens e os principios

I

Em politica, bem como em todas as sciencias moraes, duas correntes oppostas arrojam os espiritos sobre plagas diversas, porque a politica, bem como a philosophia, derivando da experiencia e da razão, conta adeptos que exclusivamente se abandonam a qualquer destas duas fontes e nella continuamente afogam tudo que dalli não provém.

Não é só no dominio das outras sciencias que o empirismo ousa affrontar e combater o ideal; a politica é mais que todas o campo de batalha, onde as duas tendencias tomam attitudes mais sérias, por isso mesmo que a luta se estabelece sobre questões de immediata importancia, que não têm a vantagem de poder adiar para uma outra vida a sua completa e final solução.

Com effeito, seja dito entre parenthesis, para dar razão a Platão, ou a Epicuro, para julgar em ultima instancia as bellas hypotheses dos pensadores em materia philosophica e religiosa, não se sente o peso de

tamanha necessidade; é possivel esperar, esperar muito e indefinidamente.

Mas quando se trata do que traz interesse directo á prosperidade individual e social, a esperança tem um limite, esperar sempre é uma prova de desanimo; não basta resignar-se, a resignação não é virtude politica. Nem tão pouco é licito descobrir a cabeça ao vento fresco da indifferença e cantarolar, por desenfado, as coplas do scepticismo vulgar.

Disse eu que o empirismo politico ousa affrontar e combater o ideal. Estas phrases porém não encerram sómente a noção trivial de dous partidos existentes e militantes no seio do paiz; significam ainda mais que a divergencia, no modo de comprehender e applicar a sciencia do governo, é filha do modo mesmo por que se comprehende a humanidade, a natureza e todas as cousas em geral.

As regras do bom senso e o sedimento da experiencia agglomerado em velhas cabeças bastam, no entender de alguns, para a explicação das difficuldades que accommettem o espirito na carreira da vida. Para estes, para esta categoria de individuos, que não sonham nem crêem nos sonhos alheios, a politica não é um complexo de principios que demandam profunda meditação e rigoroso estudo, não é uma sciencia que enterra as suas raizes até o fundo da natureza humana, d'onde se extrae o precioso conhecimento da liberdade e dignidade do homem; ella é, ao muito, um complexo de aphorismos estereis que não aproveitam á theoria nem enriquecem a pratica; mas são entretanto ensinados e defendidos como unicas verdades directoras do governo na conservação da ordem...

A par e em luta com estes logicos da experiencia e dos factos consummados, ergue-se a categoria dos que pugnam pela vinda dos acontecimentos que podem encaminhar a sociedade a melhores e mais seguros destinos, dos que avançam para o terreno virgem das idéas virgens, sem que as nuvens muitas vezes amontoadas sobre suas cabeças tenham o poder de toldar a pureza de suas intenções, a limpidez de seu pensamento. A quem deve pertencer a victoria, a quem deve pertencer o futuro?...

Não ha mister de espirito prophetico; basta analysar e estudar.

Parece que assim me antecipo em fazer conhecidas as minhas adhesões; e, entretanto, eu não sei ainda o que sou, quando venho perguntar o que devo ser á sociedade em que vivo, aos factos que observo, e á razão que consulto.

Fazendo *tabula rasa* de meu passado que é simples, de todas as recordações de outros tempos, claras ou sombrias, tristes ou lisongeiras, firmei-me no proposito de estudar os homens e as cousas e só caminhar á discreção de minhas proprias convicções.

Ser-me-hia facil atirar-me em busca da ventura, empunhando, eu tambem, um dos mil thuribulos que se balançam em torno do poder; ser-me-hia facil dizer á minha razão: não sejas curiosa, não indagues os principios, vamos aos *meios*... Mas tudo isso era indigno, e tanto bastava para assim não praticar.

Por outro lado, não me sinto com disposição de ser simplesmente uma cifra de mais no numero deste ou daquelle rebanho, limitando-me a expandir os ternos balidos da humilhação e da baixeza.

Bem conheço quanta audacia ha neste proposito, quanto perigo ha nesta audacia; mas obedeço á logica e aceito as consequencias.

Se não tenho forças para vir, da parte da liberdade em face do espirito publico, desfolhar o livro de suas fraquezas, de seu criminoso desanimo; se não tenho forças para lançar ao ar esse punhado de terra, de que falava Mirabeau, d'onde nascem os homens de que precisamos, os Marios conculcadores da prepotencia indebita; quero ao menos ter o trabalho de preparar eu mesmo o alimento de minhas crenças, quero inebriar-me de meu proprio vinho.

Não me é estranho que nas questões moraes e politicas o desaccordo que serve de pretexto a todas as lutas pequeninas e ignobeis, seria muito menor, ou mesmo nullo, se os seus agitadores fossem inspirados sómente pelo interesse da verdade.

Mas não sei porque destino em taes assumptos, os homens tomam sempre a estatura e a physionomia de sua paixão, sophisticando com a propria consciencia, não ousando encaral-a face á face, quando ella contraría e repelle as doutrinas que professam.

Tenho para mim que esta anarchia intellectual, em materia de governo, não póde ser perpetua. As idéas politicas e sociologicas, sobre que ainda se discute e quer-se sempre discutir, são susceptiveis de uma analyse decisiva e de uma completa organisação scientifica.

De modo que ter-se-hia chegado a um feliz resultado final, quando os epithetos de *retrogradas, absolutistas, imperialistas*, e mil outros com que se soem qualificar

os inimigos das liberdades publicas, pudessem equivalentemente ser substituidos pelo simples termo de *ignorantes*.

Qualificação durissima, que, porém, sendo dada só em nome da verdade, só em nome da sciencia, seria custoso achar quem nella de bom grado quizesse incorrer, salvo um ou outro espirito tenebroso, rebelde á evidencia, que poderia vacillar, como, por exemplo, ainda ha muita gente que, para não offender a Deus, duvida dos ensinos e descobertas da astronomia!

O celebre estylista francez, Eugene Pelletan, em uma bella e concisa definição, diz que o Estado é a intelligencia no Poder. Não obstante a belleza e a concisão, noto alguma cousa de vago e indefinido. Eu pederia permissão para modificar e restringir, dizendo que o Estado é a sabedoria no Poder.

Tambem Guizot escreveu que em todo paiz haverá sempre um certo numero de superioridades individuaes que procurarão no governo um lugar analogo ao que elles occupam na sociedade. Suprema verdade, ou supremo erro, se não se faz uma distincção.

E' certo que haverá sempre individuos superiores; mas releva notar que só duas cousas constituem de direito a superioridade individual, que são a sciencia e a virtude.

Se pois os homens procuram ter no Estado uma posição similhante á que elles têm na sociedade, pela força dessas duas qualidades, não ha hesitar, por que isto é justo. Mas querer ser politicamente o que se é socialmente, pela indebita influencia de qualquer outro motivo, ainda que se seja estupido ou immoral, é o que arrasta

o Estado para o abysmo, é o que amesquinha o espirito nacional, é o que embota e esvaece todas as nobres aspirações.

O Brasil é um vivo exemplo.

Entregue-se quem quizer ao longo trabalho de apontar e nomear o sem numero de figuras esdruxulas que dão testemunho da corrupção que nos anniquila. Meu proposito é diverso.

II

Não tenciono por certo, na enunciação de minhas idéas, postergar a realidade, abstrahir inteiramente das pessoas, tanto mais quanto é verdade que a philosophia politica não vai bem, sem a critica dos actores do drama governamental. Além disto não tenho geito para ser lapidario de chimeras: nem sei traçar latitudes nas utopias alheias.

Mas é indubitavel que importa sobre tudo deixar a safara e esteril eiva da discussão indefinida e trabalhar sómente por accender todas as tochas da evidencia em torno da theoria politica mais profunda e mais conforme ao espirito nacional, pela sua maior conformidade aos proprios destinos do espirito humano.

Por mais que digam os partidarios do direito absoluto de livre exame, eu não vejo o que ha de proveitoso em discutir perpetuamente os principios reguladores da ordem social e politica.

Nenhum partido realmente existe sem ser com o fim de applicar no governo a sua sciencia organica de positivar na pratica as suas verdades theoricas; não se

quer só que elle tenha simplesmente um programma ; é mister que tenha um conjunto de doutrina, vasta, forte, inattingivel aos colleamentos do sophisma.

Lembro-me de já ter lido estas palavras de Ozanam: — o homem não tem duas almas unidas, uma para discutir, outra para crêr. Emquanto elle se consome em invocar o que deve rejeitar ou crer, não faz mais do que preparar o seu destino; ainda mais lhe poz a mão para realisal-o.

E o illustre chefe da escola liberal tambem disse: Nem o individuo nem a especie podem ser condemnados a gastar a vida em uma actividade esterilmente loquaz, dissertando de continuo sobre o modo de proceder que deveram empregar. A massa dos homens é essencialmente chamada para a acção, salvo uma parte imperceptivel que é por sua natureza votada á contemplação.

Estas observações me são infelizmente suggeridas por uma intelligente porção do partido liberal, que se entrega demasiado á polemica dos programmas, lançando ainda aos embates da controversia, como incertos e pouco esclarecidos, muitos pontos do systema.

Em rigor o partido liberal não tem, não deve ter um programma : tem um ideal, e o ideal não se discute, impõe-se aos espiritos clarividentes, com a omnipotencia da verdade e o deslumbramento da belleza.

Não são apenas, como vulgarmente se suppõe e se trabalha por fazer crer, puras modalidades accidentaes as differenças que separam liberaes e conservadores ; ellas tocam tanto e tanto na intimidade das cousas que uns e outros não podem firmar-se sobre o terreno da mesma organisação politica, sem darem por seus actos um desmentido ás suas doutrinas.

O verdadeiro solar do liberalismo é a democracia. Ou seja o governo de todos por todos, como se exprime em formula absoluta, ou seja, como melhor se comprehende, o governo de todos pelos eleitos de todos, o certo é que, racionalmente concebida, a democracia não tolera esta reunião de verdades de principio e verdades de circumstancia, que formam a constituição dos governos mixtos.

Uma sociedade com effeito que se diz organisada sobre a base da liberdade e deixa entretanto passar o privilegio concedido a uns poucos que abarcam a governança, é uma sociedade fraca e mentirosa que não tem animo de elevar-se á altura de seu destino.

Se o principio democratico, em sua pureza nativa, é a abolição completa da menor apparencia de privilegio, ainda mesmo o que se mostre mais simples e inoffensivo; se elle pretende accelerar o progresso para o ponto em que estão duas abstracções, — o individuo e o Estado, — a liberdade e o poder, sobre o que tanto e tão inutilmente se disserta, e que devem concretar-se numa só realidade, — o povo engrandecido, — claro está que os democratas, dos quaes não distingo os liberaes consequentes, não podem jurar sobre a mesma pagina sagrada nem falar a mesma lingua que os conservadores, ainda os mais moderados.

Eu bem sei que aqui levantam-se os publicistas que querem fazer da verdade objecto de transacções para estabelecer a distincção capciosa e futil do privilegio social e do privilegio politico, segundo se refere á organisação da sociedade, ou á organisação dos poderes; — aquelle realmente inadmissivel, este porém toleravel

e até necessario, conforme a indole popular, o gráo de sua instrucção e educação...

Verdadeira sorrelfa, perigosa subtileza, que se vai pouco a pouco insinuando como doutrina e ganhando terreno na crença geral.

E' preciso fazer justiça, punindo com o desprezo, a estas theorias cambiantes que deixam sempre na incerteza a melhor face da verdade, para assim abrir caminho a logomachias estolidas em que aliás tanto se comprazem.

O cidadão sem o homem, o homem sem o cidadão, a sociedade abstrahida do Estado, o Estado abstrahido da sociedade não passam de categorias logicas do pensamento especulativo.

Os publicistas mal avisados travam de qualquer destas concepções abstractas e raciocinam sobre ella, como se falassem de uma cousa real, sem saber que dest'arte resuscitam as entidades escolasticas da edade media.

O cidadão é a fórma social do homem, como o Estado é a fórma social do povo; e pois que em toda a natureza as fórmas são expressões das forças, e as forças não existem sem produzir as fórmas, é mister que o cidadão exprima o homem, como o Estado deve exprimir o povo; é mister que o homem faça o cidadão, como o povo deve fazer o Estado.

Não sei como se possa sustentar a indifferença das fórmas a respeito de governo, quando a respeito de tudo mais, não ha tal indifferença.

E' incontroverso que se todas as cousas fossem entregues á acção de forças identicas, todas as cousas

teriam a mesma fórma. Entregae pois todos os povos á acção de sua propria liberdade e vêl-os-heis todos em marcha pelo caminho da democracia.

Os Estados monarchicos em geral são fórmas irregulares da vontade popular, como as pedras brutas e os troncos tortuosos representam as forças atomicas em sua primitiva rudeza. Ha nesta comparação mais que o simples proposito de embellecer a phrase; ha duas verdades que se aproximam e se reconhecem irmãs. Desde a tenebrosa hediondez do governo despotico até a sublime claridade do governo livre, o povo é sempre a materia que se lança na forja das revoluções em que se moldam os Estados; o proprio despotismo não existe se não pela fraqueza, pela inercia e humilhação popular.

Mas notemos que a acção de governar-se a si mesmo, exercida pelos povos, não é para elles menos do que para os individuos uma cousa indivisivel; não se concede aos poucos. Onde o povo não é tudo, elle torna-se nada.

Ha escriptores que mostram summa habilidade em exagerar os males que podem provir da democracia exaltada, e tratam de desenhar o governo popular como o mais accessivel ás paixões, ao desmando e á loucura; pelo que, dizem elles, em todo o caso é preferivel o despotismo de um só, ao despotismo de todos!...

Confesso não achar em taes considerações valor algum; antes admiro que tão facilmente se formem juizos e se lavrem sentenças condemnatorias d'aquillo que não foi ainda applicado, nem ha, para justas apreciações, uma dóse sufficiente de experiencia e de estudo.

Não basta ter lido a historia da democracia grega ou romana e de tão poucos dados elevar-se logo a noção geral do governo democratico, para estygmatisal-o e combatel-o. Não é na observação particular deste ou d'aquelle povo que se póde haurir a idéa do governo em sua universalidade; é no fundo eterno e invariavel da natureza humana que se descobrem as leis eternas da existencia e desenvolvimento das nações.

Nem se nos venha mais falar de uma democracia antiga e outra moderna, estabelecer confrontações e tirar consequencias favoraveis ao descredito de ambas. Não se diga, com Guizot, que a democracia moderna não aspira ao poder, não quer governar, quer apenas intervir no governo, para que seja bem governada, e possa entregar-se á vida domestica, aos seus negocios privados.

Taes idéas, apparentemente admissiveis, involvem um subterfugio, e constituem menos a exacta narração de um facto, do que a aspiração de um partido; ellas parecem menos uma realidade, do que uma suggestão, um conselho maligno dado ao povo pelo genio da politica retrograda.

O principio democratico, em sua idéia, não é de certo que todo o cidadão, como tal, exerça funcções de governo directas e immediatas, mas é que todos por sua acção, menos periodica e mais tenaz, possam, como lhes aprouver, mudar e melhorar as peças governativas; é que o espirito popular não esteja de um lado, e os poderes constituidos de outro; é que a representação nacional seja uma cousa seria, expressiva e real, que o menor interesse publico tenha sempre um voto que signifique; é em summa a liberdade, operando como

força, e a igualdade operando, como tendencia, em todos os atomos do corpo social, para a sua completa harmonia e felicidade.

Disse a *igualdade operando como tendencia*, e não quero deixar passar a phrase, desacompanhada de explicação. Póde correr o risco de não ser entendida. Disse-o pois e repito. E' neste ponto que separo-me das utopias communs. A igualdade só póde obrar como tendencia, não póde obrar como direito. Se é absurdo que o criado, por exemplo, queira ser igual ao amo, que o operario queira ser igual ao capitalista, não é absurdo, antes natural, que um e outro, como termos de relação, tendam a nivelar-se com o termo correspondente.

Ao passo pois que a liberdade é uma força individual, força activa e consciente, a igualdade é apenas, como vimos, um pendor social ; e ao passo que as leis da liberdade são subjectivas, as que regulam a igualdade são objectivas e estranhas á vontade do individuo.

A democracia sensata que proclama a liberdade como o seu magno principio, não póde prometter a igualdade senão como resultante de todas as forças contrabalançadas no seio da sociedade; não quer bater o cordel na cabeça do povo, não quer passar a regoa na superficie dos mares.

Onde está o perigo de similhante governo?... onde a inconveniencia da realisação de sua idéa?...

E' mister acabar com estes falsos presentimentos, com estes manhosos receios da escola do cezarismo. A verdade não tem seu tempo, ella é de todos os tempos. Não se repita com o Sr. conselheiro Alencar, no

seu superficial ensaio sobre o *systema representativo*, que a distancia entre o politico e o philosopho é immensa... que ha reformas que o espirito prevê em um futuro remoto, ao passo que no presente combate como altamente prejudiciaes.

Tudo isto é inexacto e de uma inexactidão banal.

Primeiramente não se admitte em pensadores do tamanho de S. Ex. esse alto dom de prever futuros remotos, pelas inducções de sua sciencia politica.

Além disto é facil de comprehender o engano dos apostolos da procrastinação indefinida ; elles julgam prever o que realmente estão vendo e sentindo, isto é, a necessidade das reformas capitaes, do estabelecimento do verdadeiro governo, da verdadeira ordem social.

Não nos illudamos com elles ; não appellemos para o futuro que só Deus precisamente sabe a quem pertence. Aproveitemos o presente que é nosso.

III

Presinto e confesso que nos dous artigos antecedentes, se por um lado pude despertar a leviana curiosidade dos espiritos frivolos, por outro lado não cheguei talvez a merecer o assentimento dos homens *severos* que dão pouco apreço a idéas geraes, como se diz, incapazes de levar ao fim a solução dos enigmas com que lutamos. Nem aquelles me contentam, nem estes me incommodam.

Tendo em vista menos convencer os outros do que preparar a terra em que se estenda a raiz de minhas

convicções, o que me interessa não é o apoio alheio, mas o de minha propria consciencia, assegurando-me a posse da verdade.

Repetindo que não são puras modalidades accidentaes as differenças que separam liberaes e conservadores, quero por este ponto que é para mim capital, avivar a linha divisoria, já hoje completamente apagada pelos manejos da chicana politica.

Sem pretender impugnar os que possam sentir de um modo contrario, eu não tenho as noções de ordem e progresso, sobre que se ha quasi creado numa tal ou qual doutrina, como bastante claras e intelligiveis, para servirem de bandeira e attrahirem espontaneamente as adhesões populares.

A concepção destes dous factos ou destas duas idéas, como uma these e uma antithese conciliaveis em uma synthese superior, é demasiado philosophica e abstracta, incapaz de captivar a attenção geral.

E os esforços empregados por aquelles, que tentam produzir tal conciliação, ou explical-a a seu modo, perante o povo descuidoso e pouco reflectido, dão apenas testemunho da fatuidade com que certos homens julgam poder empolgar em suas mãosinhas de pequenos estadistas e pensadores pigmeus, o globo de fogo das sociedades politicas.

A ordem e o progresso não são simples instituições que baste enunciar para se comprehender. Ha nellas uma complexidade, uma combinação de outras idéas que é difficil discernir.

A psychologia e a historia são accordes em attestar que essas noções não se offerecem ao espirito humano,

como principios directores de sua intelligencia ou de sua actividade; nem posso crer que a personalidade collectiva em sua vida tenha outros moveis de acção que não os mesmos do individuo.

Quer em geral, quer em particular, nem o progresso nem a ordem são cousas que se façam ou se deixem de fazer, a sabor de nossas velleidades.

Com effeito o progresso das sociedades, sempre maior que a resistencia de um governo, tambem é sempre maior que a protecção de um partido. Quasi que tanto valera ser partidario do movimento assombroso que arrasta o nosso mundo solar a mergulhar-se nos abysmos sideraes, em busca de destinos desconhecidos!...

Por outro lado, quando se fala de ordem, de ordem social propriamente dita, não é possivel deixar de entender por tal expressão não só um complexo de leis respectivas, como tambem a resultante de sua inteira applicação, que é a harmonia de todas as forças que ellas regularizam na direcção de um termino, talvez inattingivel, mas certamente concebivel.

E' facil de deduzir que assim comprehendida, a ordem social não offerece, não póde offerecer as condições de um principio conservador. Em vez de consistir na permanencia de um estado de cousas, ella é pelo contrario uma especie de ponto ideial das aspirações e tendencias sociaes.

Imaginai de feito uma nação em que todas as leis do mundo moral, ethicas, estheticas, industriaes e economicas, sejam exactamente cumpridas, e vós tereis o typo, a verdadeira idéa do que seja a ordem social.

Não ha, pois, mais ridicula pretenção do que a desses homens obcecados pela poeira de velhos prejuizos, que em nome da ordem, isto é, da cohesão, da unidade, da harmonia total, comprimem, reprimem, suffocam o espirito popular em seus vôos impetuosos para uma melhor esphera, de que tem o presentimento vivo e inextinguivel.

Por uma estranha inversão de idéas, a ordem não é para elles o centro em torno do qual gravitam e para o qual se encaminham todos os esforços individuaes, ainda hoje perdidos, dispersos, desaggregados na atmosphera da historia pelo calor das lutas estereis, das dissidencias inuteis.

A ordem, como elles entendem, é o silencio e o deserto, é a paz das trevas e a tranquillidade dos tumulos, é a doçura do somno dormido sob as azas de uma providencia facticia que se diz velar pela sociedade!

Não sei como ha ainda quem se illuda com estas apparencias de reflexão e sensatez que sóe arrogar-se o conservatismo de todos os tempos, com estas grosseiras contrafacções da ordem publica, expressas nas leis, nas opiniões e até nos costumes em que chegue a preponderar o espirito conservador.

Porém não nos contentemos com este punhado de observações; indaguemos com mais affinco e attenção.

Quando se lança a vista sobre o mundo politico, o primeiro phenomeno que se offerece ao observador é a existencia dos partidos que se disputam a posse do poder, com mais ou menos vantagem, com mais ou menos ardor na luta continua.

Se isto é geralmente observavel como facto permanente, como phenomeno identico e multiplo, não assiste ao pensamento especulativo o direito de induzir que é esta uma lei necessaria á propria vida e desenvolvimento das sociedades?

Hesito em pronunciar-me. O que porém me parece facil de verificar é que as divergencias, donde sahem os partidos, são de duas naturezas, umas que versam sobre a escolha dos principios; outras que se referem á escolha dos homens; e, ao envez do que parece, não são estas, são aquellas que derramam no seio das nações o fermento das pugnas interminaveis.

A dissidencia nos principios é complexa e divisivel, dando lugar a grupos diversos de sectarios, cuja differença de nomes marca uma differença de doutrina.

As contrario a divergencia dos homens pelos homens é simples, mais simples do que se suppõe. Alli são questões de sciencia; aqui são questões de opinião.

Se a convergencia intellectual para a unidade de idéas politicas, é uma cousa necessaria ao estabelecimento da ordem, como devemos concebel-a, e uma cousa possivel pelos esforços da meditação, outro tanto não se diz da convergencia e completo accordo de opiniões puramente pessoaes, cuja necessidade é contestavel, cuja possibilidade é chimerica.

Acontece que muitas vezes individuos superiores por suas qualidades identificam-se com os principios e fazem do seu nome e da sua pessoa a magna questão de longo tempo, como o idolo de uns e a execração de outros.

E' que o povo não se accommoda com as verdades abstractas; o que lhe agrada, o que lhe toca de mais perto, é o concreto, e nada ha de mais concreto do que os nomes proprios. Mas nisto mesmo reside o maior perigo para elle que póde facilmente deixar-se illudir por apparencias de grandeza e dar ao nome proprio de um chefe a significação que não tem.

Permanece, porém, como certo que ainda neste caso o que faz perdurar a luta é o desaccordo das idéas bem ou mal representadas.

Logo que, por conseguinte, nos assumptos politicos, o absurdo das affirmações e negações extremas, o alarido das contradicções caprichosas desapparecerem diante do rigor scientifico applicado ao problema da vida social, sob a verificação da experiencia, não ha duvida que os homens, sem a mascara da obscuridade, em que ainda se envolvem as polemicas partidarias, deixar-se-hão melhor apreciar, e melhor as cousas deixar-se-hão prever.

Ora bem; o que precisamente nos acabrunha, é que os partidos entre nós são dissidencias de principios, mal representados e fracamente defendidos; dissidencias em que uns se limitam muitas vezes a negar simplesmente o que outros affirmam, sem offerecer um dogma proprio, novo e salutar.

Eis o terreno em que pizam as nossas seitas politicas. Não é só a grossura de uma palavra diversa, que as separa; é a espessura de uma idéa. E' esta idéa que se faz preciso desvestir dos calculos pessoaes, das pretenções egoisticas, e mostral-a em toda sua nudez, em toda sua claridade.

Esta idéa não é nada menos que a democracia santa e pura de todas as féculas aristocraticas que ainda permanecem no proprio fundo do liberalismo; nada menos que a união, a synergia completa dos homens seriamente liberaes, *verbo et opere*, se é licito dizel-o, desde a mesa em que comem, até a mesa em que votam.

Esta idéa, cujos tres grandes *momentos*, como se diz em allemão, são expressos pela celebre trilogia revolucionaria, é o espirito nacional organizado, vivendo e funccionando em sua plenitude, por seu proprio e colossal impulso.

Não pareça estranha a seguinte proposição. O Brasil, encarado pela face de seu governo, é um corpo que se move entre dous abysmos, sempre mais inclinado para o lado do absolutismo. Encarado como povo, como nação, como sociedade, o Brasil é um paiz *amorpho*, se assim me posso exprimir, pela mistura variavel de elementos radicalmente antagonicos, tolerados e aquecidos no seio da opinião publica.

A idéa liberal, como eu a comprehendo, estreme de qualquer macula de interesse particular, deve ser o trabalho de assimilação de todos estes elementos a um principio unico — a democracia; fazendo-os obedecer á lei do desenvolvimento universal, arredando os preconceitos, as distincções mal fundadas, as infatuações estolidas, esse cumulo de immundicies que obstruem a corrente.

A idéa liberal, infelizmente, como é facil de attestar, tem sido até aqui, — permittam-me a analogia, — uma especie de judaismo politico, esperando e promettendo ardentemente o reinado messianico da liberdade,

só nos criticos momentos de perseguição e de penuria; mas desde que o ceu se azula e a tempestade serena, adeus, Messias, adeus esperanças!

Isto é feio; acabemos com isto.

Deixem-me abrir um breve parenthesis. Não estou sozinho neste modo de pensar, por mais exquisito que elle possa parecer. Ha poucos dias, a leitura da carta dirigida pelo Sr. Saldanha Marinho ao directorio liberal desta provincia, convenceu-me de que os homens conscientes e leaes começam com razão a impacientar-se de tantas incertezas, de tantas dubiedades, lançadas como obstaculos á marcha e victoria do partido.

Convém, pois, que se varram por uma vez de sobre o plano, em que se quer assentar o edificio da liberdade, os velhos embaraços de considerações e cautelas tomadas só em beneficio de poucos.

Se é hoje entre nós difficil que o liberalismo tenha os seus martyres, é porque elle já vai tendo os seus feiticeiros.

Ora, pois, fiquemos certos que a indignação popular, este fogo do ceu que sabe acudir á voz dos verdadeiros prophetas, para despedaçar os idolos da terra, não acode ao appello dos prophetas da mentira.

Fevereiro de 1870. (1)

---

(1) Foi este o artigo com que Tobias Barreto, em principios de 1870, elle que se havia bacharelado nos ultimos mezes do anno antecedente, fez sua profissão de fé politica, alistando-se no seio do partido liberal. O artigo, como se vê, é um bello pedaço de philosophia politica. Pobre Tobias! Não era disso que os *Labienos Pereiras* liberaes precisavam: era de subserviencia e safadeza de caracter!... (N. DE S. R.)

V

Politica Brasileira

I

Se ousadamente não cressemos nos instinctos generosos que ainda vicejam no coração popular, faltar-nos-hia sem duvida o animo preciso para affrontar alguma cousa de penoso e arriscado, que sempre se offerece ao escriptor politico.

Mas felizmente no fundo de muita consciencia honesta, como em ninho de ave selvagem, dormem tranquillas as nobres aspirações e vividas tendencias que hão de levar-nos a melhores e mais propicios tempos.

E é sómente destes anhelos irresistiveis, destes presentimentos profundos, que se podem conjecturar as mudanças que se approximam; como de todas essas côres multiplas jogadas atravez da atmosphera social mal se combina o quadro das realidades futuras.

Vêde bem o que dizemos. Não é uma idéa que acabasse agora de ser colhida em horto de sonhador; é uma verdade secca e dura, como o total de uma somma. Eis aqui: os factos da ordem politica entre

nós são rebeldes ao imperio da logica ordinaria que põe os principios e tira as consequencias.

Disparatosos, excentricos, elles não se classificam, não se reduzem a mais simples lei da razão e do progresso; ou fazem rir, como anecdotas, ou pasmar, como prodigios.

Similhante estado de incerteza e confusão, que não permitte mesmo aos homens competentes calcular seguramente os resultados que nos aguardam, não é menos ingrato para as nações do que para os individuos. Quem não tem o direito de emittir uma idéa mais ou menos plausivel sobre o seu futuro, baseado nas leis moraes que regulam os destinos; quem não tem o direito de tratar, élo por élo, a cadeia dos acontecimentos, e conhecer a direcção que seguem no seu prolongamento indefinido; se é uma nação, deve ser bem desditosa.

Nós estamos neste caso. Nem sabemos onde vamos, nem parecemos capazes de resistir á força que nos impelle. Não basta dizer que iremos atufar-nos nas trevas de um abysmo, que cahiremos nos braços da perdição e da morte. Estes e outros iguaes lugares communs da eloquencia tribunicia não são de natureza a fazer-nos tocar a causa dos nossos males e prevenir que se aggravem. Fechemos o grosso volume dos clamores, dos sinistros vaticinios, e só abramos, para ler diante do povo, o grande livro da franqueza e da verdade.

Não exaggeremos as proprias forças; não queiramos tão facilmente penetrar o sentido das cousas que aliás vão escapando á nossa perspicacia. O pensamento intimo destes phenomenos estranhos que se multiplicam

em nossa vida politica mal póde ainda ser comprehen dido e interpretado.

Sendo assim, é natural que só possamos haurir esperanças de novas perspectivas nas graves emoções que parecem reanimar o espirito publico e fazel-o encarar maís seriamente o espectro do direito que vela á sua cabeceira.

A face do paiz legal não tem expressão; é no paiz moral que se deve concentrar todo nosso estudo e todo nosso interesse.

Ha perigo em derramar continuamente sobre as chagas do corpo social o supposto balsamo dos devaneios utopicos. Não se passam impunemente as fronteiras do absoluto, sem topar-se com o impossivel. Não menos que a natureza, a sociedade está contida no circulo do relativo, isto é, do realisavel. As facilidades da palavra nos têm habituado a facilidades de promessas, cujo cumprimento encerra talvez uma contradicção.

O povo, que se invoca sem cessar, póde um dia tomar a serio todas as nossas suggestões, e perguntar, como o apostolo: —*quid vis me facere?* A situação seria neste caso bem difficil. Quem poderia responder-lhe com a consciencia do dever e a certesa do triumpho?

Carecemos de muita cousa, não ha duvida; mas não tentemos adquirir tudo de uma vez.

O que somos e o que vemos não é uma fraqueza que se curva, é uma generosidade que cede. Ha no povo brasileiro mais disposição do que se pensa para atirar-se aos grandes commettimentos. Mas a prudencia o contem; e elle que póde lançar mão do que lhe pertence, quer continuar a pedir o que lhe falta.

II

O facto mais avultado e talvez mais fatal da politica esteril, em que nos debatemos, é a ausencia de um ponto de apoio commum aos nobres agitadores das idéas salutares. Todos não querem a mesma cousa, não visam todos o mesmo alvo.

A liberdade é como o vinho symbolico do sangue redemptor, que, embora sacrosanto, não deixa, todavia, de poder embriagar.

E não é sem proposito que traçamos logo no primeiro plano o nome da grande causa que nos inspira.

Cremos profundamente nas intenções sinceras, com que algumas cabeças generosas deixam-se desgrenhar ao sopro da indignação enthusiastica pelo poder oppressor e pelo direito opprimido.

Comprehendemos ainda que nessas horas de impaciente ardor, os homens se façam videntes e instaurem perante Deus e a posteridade o processo dos algozes. Mas então em que mundo e em que seculo vivemos?... Não é o nosso mundo, nem a nossa época.

A liberdade dos povos, como tudo que é grande e bello, cahio no dominio regular da discussão e da critica. Não ha mister de outra força que a verdade, pouco a pouco demonstrada, para lançar no terreno da politica os fundamentos eternos do edificio do futuro.

Dado um povo livre, como póde sel-o, a realeza não é um principio que se deva combater ou sustentar em nome do direito; é simplesmente um postulado

preciso para dar a explicação provisoria de alguns pontos menos claros.

Não diremos pois, segundo o habito ordinario, que a monarchia constitucional entre nós radicou naturalmente pela aptidão do solo em que a plantaram, pela excellencia e frescura da indole popular.

E' difficil descobrir as razões, mesmo apparentes, em que se funda uma tal opinião. Não queremos pôr em duvida o genio politico de D. Pedro I; damos mesmo que os seus intentos não fossem tão egoisticos e turvos quanto podem parecer; damos mais que a sua obra contenha alguma cousa de bom e aproveitavel; que se deduz d'ahi? O que quizerem.

Mas resta sempre o direito de investigar, se a unica salvação que ha para um povo, é a que lhe traz um grande homem, ou a que elle deve a si mesmo, á sua propria iniciativa, á sua inspiração nacional.

Estas ultimas palavras não são nossas; pedimol-as a Edmond Scherer.

Ora, o povo brasileiro não se constituiu, foi constituido. Vêde bem a differença. Como actividade, como força, como espirito, elle não deu-se a si mesmo os orgãos e funcções de sua vida social. Tudo lhe foi outorgado, como a um automato immenso que devesse bolir só por virtude de quem tivesse aquella magica e suprema *chave de toda a organisação politica.* Metaphora tosca e futil, que se converteu em principio regulador dos destinos do Brasil!

Eis o que é incontestavel.

Nenhum homem sizudo tentará negar que a constituição brasileira seja o effeito de mera inspiração

pessoal, incapaz de se prestar ao desenvolvimento dos germens fecundos contidos no vasto seio de uma nação moça e forte.

E' possivel ao individuo engrandecer-se por qualquer excellente predicado; mas nenhum povo é realmente grande, se não pela liberdade, que tem ou que conquista.

Quando todas as consequencias do facto não podiam manifestar-se, quando ainda o futuro escondia as tristes verdades que hoje saltam aos olhos, é natural que se beijassem respeitosamente as paginas sacrosantas da carta imperial, e se admirassem, como bellezas, até os seus contrasensos.

Os orthodoxos de todas as crenças e de todas as épocas têm sempre destas illusões.

Este deslumbramento produzido pelo brilho do rei constituinte deveu ser com effeito muito intenso, se a propria gente indocil que construiu o *Acto addicional*, não poude ainda nesse tempo conhecer todos os males e cortar-lhes a raiz. Imprevidencia ou desleixo, convicção ou condescendencia, o certo é que o fundo de nossa vida constitucional não encerrava questão. Nas idéas, como nas paixões, havia menos liberalismo do que patriotismo.

Era possivel mesmo um accordo sobre pontos que hoje totalmente nos separam dos emperrados da sombra.

Mas quando a cousa tem perdido o seu encanto primitivo, quando já não se reflecte em qualquer assumpto mais saliente da Lei fundamental, não se lhe põe com alguma força o dedo, sem fazer brotar um vicio, uma anomalia, um disparate; causa pena o espectaculo

dos homens que se empenham na glorificação do systema adulterado.

Já uma vez dissemos que é preciso, mais que tudo, perante o povo, falar franco e verdadeiro.

Façamo-nos porém comprehender. A politica não é possivel, se a propria franqueza e a verdade mesma não admittem suas graduações.

Não nos parece bom abalar com toda força a arvore dos principios ; os fructos correm o risco de ficar ahi esperdiçados. As explosões de sinceridade são sómente necessarias, quando é mister destruir e conflagrar. Ainda não carecemos destes meios. Contidos e unidos para attingir o que é mais facil, passaremos depois ao mais difficil.

Os que cremos no triumpho inevitavel do direito, não nos impacientemos com o seu vagaroso andar. Não aceitemos a resignação, virtude esteril que em politica mal differe da humilhação ; mas tambem não esqueçamos o poder das circumstancias.

O povo brasileiro quer ser livre, mais livre do que permittem-no as suas instituições. Podel-o-á conseguir?...

Eis a questão.

III

Não comprehende o alcance dos problemas que nos assaltam, quem deixa de lado os factos, as necessidades actuaes, para beber inspirações na fonte das conjecturas.

E' um dos nossos defeitos bem sensiveis, este pouco estudo, esta semi-sciencia das cousas, auxiliada e

supprida por uma certa audacia de idéas que nem consolam as magoas, nem desenlaçam as duvidas.

Todos temos o direito de volver um olhar indagador sobre o futuro, de chamar por nossos votos o astro que se demora abaixo do horisonte. Mas entre o futuro induzido e o futuro imaginado ha uma immensa distancia.

Em geral as visões de felicidade, os sonhos de renovação social, nunca faltaram nos tempos de abatimento. Não teriam pois, nem sequer o aroma da novidade, as phrases aventurosas que pudessemos traçar sobre o final remate das lutas em que vivemos.

Parece que tambem a politica tem a força de fazer o homem divinisar seus desejos, a projectal-os além, sob forma de leis eternas e verdades infalliveis.

E' o que de feito nos acontece, quando, altivos e nimiamente credulos, tomamos as commoções de nossa propria indignação por um indicio claro, inequivoco do terremoto geral; e attentos a não sei que longinquo tropel de acontecimentos, gritamos para o povo: ahi vem o que nos falta!

Penosa e triste illusão que resulta do pouco apreço que damos á experiencia, para embalar-nos no fluxo e refluxo de esperanças mal seguras e promessas não cumpridas.

O Brasil é um corpo estranhamente opaco. A atmosphera que o involve, é demasiado densa e quasi impenetravel aos raios do ideal. O semblante das cousas que succedem, é menos contingente e passageiro do que a face politica dos homens que de momento se arvoram em lutadores estrenuos, e de momento eil-os

em marcha para onde os fructos brotam mais doces e as auras sopram mais frescas.

Reina em nosso paiz uma doença perigosa: é a ambição de governar que ataca até os espiritos mesquinhos. Pequenos escriptores de frivolidades litterarias tornam-se facilmente homens de estado. Pouco a pouco erige-se entre nós aquella especie de governo, que Mill qualificou de *pedantocracia* e que justamente consiste na intrusão de ambiciosos mediocres, que sob o vago titulo de capacidades, illudem o publico indifferente e pouco disposto a sondar-lhes o merito e medir-lhes o tamanho.

E não é isto só. O imperador é mais que um funccionario altamente collocado; é mesmo alguma cousa de mais que um poder, bem ou mal instituido; é um principio de vida e morte para os partidos que se elevam e se abatem, ao franzir ou desfranzir da fronte imperial.

Eis ahi o que diz a experiencia vulgar, a experiencia de todos. Que devemos induzir? Quasi nada.

Estas cousas não têm força de suggerir a verdadeira idéa do futuro bom ou mau que nos aguarda. Nada significa o martellar incessante dos carpinteiros politicos. De proposito empregamos o epitheto; pois que neste genero faltam os architectos.

Notamos porém que em tudo isto sobresahe alguma cousa que se parece com emperros de velhice e delirios de vaidade. O mal ainda se complica de um phenomeno grave: a idolatria partidaria que distribue corôas e renomes com um certo numero de vultos, que aliás vistos e apreciados bem de perto nada offerecem de extraordinario.

Acontece que, repassados de orgulho, fazem-se mais necessarios do que realmente são e o menor de seus actos ou a mais banal de suas palavras repercute fortemente, geralmente no seio das almas timidas.

Somos insensiveis a similhantes impressões. A causa da liberdade, como a causa da verdade, quanto a nós é sempre ella mesma; não cresce nem decresce pela adhesão ou renuncia que della se faça. Infelizmente assim não se comprehende; nossa sciencia politica é toda de nomes proprios. Não estranhamol-o no partido adverso, que naturalmente não póde viver, como abstracção, como idéa; mas quizeramos que o partido liberal não se julgasse mais ditoso por apontar, de seu lado, como se diz, maior grupo de notabilidades. Que fazem ellas? que pensam ellas? Quem nos dera poder ser muito claro!...

Diante dos principios todos somos pequenos e bem pequenos. « Só a causa é grande. » — E' a nação. Importa-nos mais saber o que pensa o homem do povo, sensato e magnanimo, sobre os negocios do paiz, do que saber o que dizem os emprezarios de politica, interesseiros e fatuos. Por isso é sobre o povo que devemos convergir o nosso estudo e attenção.

IV

A exacta observação dos factos que dão testemunho do caracter e da indole do povo, isto é, de todos nós, verifica a existencia de duas forças innegaveis, igualmente reaes, igualmente indestructiveis. Com effeito, a par do espirito nacional que constitue e anima

o Estado pelo sentimento e consciencia de sua unidade, revela-se tambem alguma cousa de mais restricto e não menos poderoso, que é o espirito provincial.

Por maiores que tenham sido os effeitos da centralisação, não foram elles ainda bastantes para extinguir este principio de variedade, que é ao mesmo tempo um principio de vigor e de belleza no interior e no exterior da nação.

Se é só pelo nacionalismo que o povo se levanta no sentido das grandes emoções sociaes, não é menos exacto que só essa tendencia, a que podemos dar o nome de *provincialismo* é capaz de operar o seu desenvolvimento.

Não ha duvida que o espirito nacional é a força unica motora dos altos feitos e acções brilhantes que recommendam o Estado diante de outros Estados.

Mas isto não basta para produzir a felicidade interna, pondo em jogo, na direcção da utilidade commum, todos os meios activos de progresso.

E pois que esta é a funcção adaptada ao nosso espirito provincial, releva combater no intuito de dar á provincia o lugar que lhe compete, não pelo arbitrio e capricho dos homens, mas pela propria natureza das cousas.

Notar-se-á com razão que tenhamos posto de parte o que diz respeito ao municipio. Sentimos dizel-o, mas temos como verdade que entre nós não existe o que merece algures o nome de espirito communal.

Ora, assim como no individuo e na familia, tambem na communa a liberdade não é o principio da vida; é uma condição de expandir e prosperar.

Mas a observação mostra que, salvo algumas raras excepções, cujas causas aliás bem indagadas viriam talvez confirmar a regra, as nossas municipalidades são em geral uns verdadeiros cadaveres, meras instituições nominaes, que nada fazem, que nada adiantam.

Falta-lhes uma certa indole peculiar, falta-lhes o espirito vivificador.

E' facil objectar que nós aqui tomando o effeito pela causa, não notamos que essa mesma ausencia de vitalidade é um resultado da centralisação administrativa, que comprime os municipios e tira-lhes a importancia.

Póde ser; mas nós não queremos indagar os motivos, queremos verificar o facto; e como tal, é certo que os municipios são entidades inanes. Não se dá orgãos e funcções áquillo que não tem vida; nem ha meios faceis de os resuscitar armados de todas as condições moraes e economicas, necessarias á mantença de um verdadeiro poder.

E' muito conhecido o bello pensamento de Tocqueville, que as instituições communaes são para a liberdade o que as escolas primarias são para a sciencia. Mas não é menos certo que não basta existir a escola, para haver quem a frequente e aprenda, como não basta existir a communa, para auferir-se o proveito desejado.

Uma e outra cousa presuppõem o gosto e aptitude natural, que não se improvisam, que não são facticios. Muitos dos nossos municipios figurariam escolas no deserto.

Tocqueville mesmo nos adverte que na grande união americana, existem não só instituições communaes, mas ainda um espirito que as sustenta e vivifica. Dahi se

póde tirar a confirmação do que temos opinado, pois que não ha entre nós esse primeiro alento da vida municipal, o apego do amor e do interesse circumscripto a uma pequena ordem de factos.

Os habitos e tendencias do povo levam-no a inscrever as suas relações politicas em um circulo maior. A propria linguagem, que muitas vezes bem examinada equivale a uma psychologia da alma popular, póde aqui dar–nos algum testemunho.

Em Pernambuco, por exemplo, o nome de pernambucano é uma emphase de alta significação que em geral se assume, relativa e absolutamente.

E' mais que um nome patrio; tem alguma cousa de gentilico; não designa simplesmente uma porção de terra, mas tem o ar de distinguir uma *gente*.

Confronte-se agora o homem da provincia com o homem do municipio. Vede, ao passo que sobresáe o pernambucano, não apparece o olindense, o escadense, o goianense, etc., etc... palavras que pelo desuso assimelham-se a barbarismos.

O exemplo é muito simples; mas não deixa por isso de encerrar uma verdade.

Continuaremos na exposição destas idéas.

V

Deixamos dito que entre nós o municipio não tem força nem vida propria em face da provincia, cujo espirito é claramente manifesto. O facto é tão incontestavel, que não dá lugar a questão seriamente suscitada sobre as altas franquezas municipaes.

Conhecemos que o principio liberal deve estender-se a todas as liberdades; sem o que não passaria de um engodo, mais uma mentira. Conhecemos ainda que a vida communal é uma premissa fecunda de felizes consequencias. Não achamos, todavia, que estas verdades bastem para autorizar-nos a pugnar pela autonomisação dos municipios em geral.

Nem ha nisto cousa alguma de estranhavel, que possa ferir de frente as convicções liberaes.

Não repugna ao proprio espirito democratico reconhecer a nullidade actual da communa em quasi todas as sociedades modernas e declarar que as mais bellas theorias da constituição e organisação communal não podem ser applicadas em face dos obstaculos accumulados no intimo da vida publica.

Sirva de prova o testemunho insuspeito de Vacherot democrata, que não duvida confessar a insufficiencia do municipio, a quem faltam certas condições de população e territorio, para preencher as funcções que se lhe destinam.

Não se julgue pois que similhante problema entende essencialmente com as maiores garantias promettidas em nome do liberalismo. E' um engano dos que não querem penetrar além da superficie das cousas.

Combater e dissipar esta illusão é tanto mais necessario, quanto é certo que ella póde marear o brilho do partido que passando a governar, encontrará sem duvida mil difficuldades, e não realizando a idéa proclamada, terá de expiar, pelo descredito, a sua leviandade.

Somos de parecer que nas doutrinas da escola liberal devem-se distinguir as vistas claras e determinadas,

os propositos firmes e seguros, do que é simplesmente aspiração e tendencia indefinida.

Não importa menos marcar a differença que existe entre as opiniões apoiadas em razão e os lances impetuosos do temperamento individual. Este não raras vezes assume o caracter de convicção inabalavel e abre caminho a questiunculas futeis, a divergencias mesquinhas.

Julgamos que com tal criterio seria facil evitar o perigo de promessas pomposas que nunca se executam. Evitar-se-hia tambem a necessidade de recorrer a um triste subterfugio, qual é, por exemplo, dizer-se que o partido liberal nunca esteve no poder, quando é certo que o seu espirito palpita em alguns pontos, bem que poucos, de nossas instituições, e avivece algumas paginas de nossa legislação.

Não entraremos em minucias que são escusados para sustentar um facto e refutar um desproposito.

Ha quem increpe os autores do *Acto addicional*, por não terem levado a idéa de descentralisação, que os inspirava, ás suas ultimas consequencias.

A critica é justa, no sentido de que o intuito exclusivo de dar ás provincias uma certa importancia que não tinham, fez deixar no esquecimento os pobres municipios.

Dest'arte, quando o art. 1° do *Acto addicional* diz que o direito reconhecido e garantido pelo art. 71 da Constituição, será exercitado pelas camaras dos districtos e pelas assembléas provinciaes, era de esperar que se traçassem tambem, como a respeito da provincia, os principios reguladores da municipalidade, no circulo de suas mais simples e naturaes attribuições. Esta lacuna é palpavel.

Nem vale considerar que esses principios já estavam firmados pela Lei de 1º de outubro de 1828. Esta Lei que não é má, tem, todavia, o defeito de subordinar as camaras de eleição popular aos presidentes das provincias, isto é, a sub-ministros ou appendices do poder executivo ; o que é absurdo em um direito constitucional.

Foi o que não quizeram ver os legisladores das *Reformas*, que entretanto podiam ainda naquelle tempo ter tentado a experiencia, livrando os municipios do jugo indebito que acabou por desmoralisal-os e tornal-os inuteis para as cousas mais insignificantes.

Se assim fôra, pouco importava, nessas condições, prendel-os docemente á vigilancia unica das assembléas provinciaes, sahidas da mesma fonte e devotadas a igual ordem de interesses.

Não é pois censuravel o *Acto addicional* como a alguns parece, pelo que encerra de positivo a respeito dos municipios, mas pelo que tem de negativo, deixando de dar novas bases para sua direcção, e consentindo que, além das assembléas, ainda os presidentes tivessem as camaras debaixo de suas vistas.

Se não é que se pretenda retrogradar uns oito seculos, e cahir em plena idade média, nos tempos do direito *estatutario*, não descobrimos motivo sério, pelo qual se reclamem as franquias communaes em toda a extensão da idéa.

Ha em nós outros, que pugnamos pela causa liberal, um receio mal disfarçado que dá lugar a muita exaggeração. E' o receio de que pedindo ou querendo pouco, venhamos talvez a ser ultrapassados pelos

adversos que podem realizar nossos intentos e apagar por este modo a linha que nos separa. Então é preciso querer muito e muito, afim de que nunca nos emparelhemos.

Completo engano nosso. O partido conservador não adiantará jamais um passo no caminho das grandes reformas politicas e sociaes. O elemento em que elle vive, é grosso e pesado; o ambiente subtil da liberdade o asphyxiaria. O progresso tem a seus olhos alguma cousa de abysmoso, em que elle póde atufar-se e sumir-se. O presentimento da morte fal-o recuar. Nosso receio é infundado.

E quando porventura acontecesse que elle puzesse a mão em algum dos fructos de ouro que pendem da arvore do futuro, cumprir-nos-hia então avançar na fé do ideal, que não é o inattingivel; certos de que, como já disse no Senado o Sr. Souza Franco, senão ha erro de memoria, todas as vezes que os conservadores nos imitam em qualquer pratica de liberdade, é signal que devemos procurar muitas outras que nos faltam.

O que ha de immediatamente necessario e possivel é a franqueza provincial. Lutemos por ella.

VI

O que ha no Brasil de aspirações elevadas, de idéas generosas, de vitalidade occulta e aproveitavel, estúa fervidamente no seio das provincias. Assim o cremos e não tememos dizer.

Costumes, caracteres, tradições, é rara a que não tem tudo isto propriamente seu. Estes germens, ou melhor, estes principios de actividade moral, devidos a circumstancias naturaes ou historicas, são outras tantas forças que entregues a si mesmas, ao seu impulso, podiam fazer em geral de cada provincia nossa uma entidade brilhante, capaz de ser vista e admirada de longe.

E' possivel, e nós não duvidamos, que a centralisação tenha algures effeitos grandiosos. E' possivel que, como diz Dupont White, ella signifique, além de uma capital do governo, uma capital do pensamento; e por isso não admira que escriptores francezes defendam esta causa, quando elles têm um argumento vivo, um argumento de fogo, a grandeza intellectual de Pariz.

Mas entre nós o aspecto é outro. A capital, donde partem as leis e os regulamentos e os avisos e as ordens secretas e todo esse tecido administrativo que nos embrulha, não é uma fonte de idéas, não é uma capital do pensamento.

Em materia de lettras e sciencias, as provincias que obedecem á côrte do imperio, assimelham planetas que gravitassem em torno do centro, por uma especie de habito mecanico, mas que recebessem de outra esphera o calor, a vida e a luz.

O Rio de Janeiro é simplesmente uma cidade *official*, onde, por conseguinte, o charlatanismo de todos os generos, a rabulice de todas as fórmas, podem conquistar posições e nomeadas. Conquistar!... dissemos nós; mas é um mau dizer. Alli não se conquista, — consegue-se. E os meios são facillimos.

Muito ha que entre nós se clama contra a centralisação, que se apontam as suas desvantagens, que se amaldiçoam os seus effeitos. Não tomaremos a palavra para repetir o que outros têm dito e dito bem.

Mas é certo que os nobres combatentes, encarando exclusivamente o mundo politico, só tem visto as consequencias immediatas do facto; escapa-lhes alguma cousa de mais longinquo e não menos importante.

Entretanto, a ordem politica é solidaria da ordem moral e intellectual. Quando as questões daquella só se resolvem no circulo dos cortezãos, pouco falta e pouco admira que todas as outras comecem a ir tambem lá ter a sua ultima palavra.

O que na côrte é de uma facilidade vulgar, nas provincias é de uma difficuldade medonha. Queremos falar do engrandecimento e notabilidade, que alli assume, sem trabalho sério, qualquer filho do successo e da ventura.

A provincia póde ter seus grandes homens, seus talentos aproveitaveis. Nada importa; não são conhecidos nem falados, emquanto não fazem uma romaria *politica*, ou mesmo *litteraria*, a capital do imperio, de que se póde dizer o que disse Tacito da prostituta dos Cesares: — *Urbem, quo cuncta undique atrocia aut pudenda confluunt celebranturque.*

E quando acontece que algum espirito elevado tenha o atrevimento de se fazer notavel na provincia, de falar alto e bonito, por muito tempo, sem receber da côrte o decreto que o promova ao grau de capacidade e illustração do paiz, ai! delle, que ha de expiar, um dia, pelo ridiculo, a sua propria grandeza.

Não é preciso dizer que tivemos um exemplo em Nascimento Feitosa.

Na côrte onde se engendram os ministros e os presidentes de provincia, onde se decretam os deputados e senadores, é tambem que se nomeam os publicistas, os escriptores de todos os generos. E como sempre succede, não é sobre o merito real que se depõem essas corôas.

Desafiamos nas provincias a qualquer espirito mais culto, que revolvendo o cofre de suas idéas, encontre uma só joia de preço que lhe tenha vindo da terra dos estadistas, por intermedio de seus jornaes ou de seus livros. Nenhuma, absolutamente nenhuma.

E no emtanto não conhecemos outro modo de influencia e preponderancia moral, que não seja a força das idéas. E' por isso, digamol-o entre parenthesis, que quando ouvimos falar de um viver propriamente americano, de uma completa independencia do velho mundo, mal podemos comprehender tamanho desprezo ou tamanha olvidação das leis que regulam o progresso do espirito humano.

Longo tempo depois, e não será tão cedo, que a seiva da civilisação européa estiver exhausta; longo tempo depois, e não será tão cedo, que as illustres nações hodiernas forem apenas reminiscencias brilhantes na consciencia dos povos, ainda a luz de suas idéas servirá de facho precursor ás gerações que hão de vir.

Mas é com este mesmo criterio que nós indagamos a razão porque se despende tanto trabalho e tanta vida com um centro de governo, com uma capital, inutil para

tudo mais, que não seja uma apparencia de garantia, sob o refle do soldado e a penna do collector.

Então achamos que é ridiculo o papel das provincias, em face da cidade *official*, onde muitas vezes as lagrimas do povo esquecido vão cahir transformadas em pingos de ouro, para dita de aventureiros.

Desprezamos os idyllios do cesarismo; não gostamos tambem das elegias demagogicas; mas é de lastimar tanta ruindade e tanta humilhação.

Se um dia algum homem de Deus, como não podem mais existir, se levantasse sob a fórma de algum homem do povo, como é difficil que entre nós ainda exista, e cheio de consciencia, animado do espirito da justiça, rasgasse a sua capa em *vinte pedaços*, para dal-os a quem bem lhe parecesse, não sabemos qual das *tribus* permaneceria fiel...

Isto é biblico, symbolico, e digno de ser meditado... (1)

VII

Nós somos do numero dos que reconhecem o que ha de inconveniente e fatal em dizer, de uma só vez, todas as verdades medonhas que estão escriptas nos fastos de nossa vida politica.

E não é o receio de cahir no desagrado do poder que nos impõe esta especie de cautela; é o respeito devido ao estado moral da consciencia popular, em cujas

(1) O publicista, a vinte annos de distancia, teve nestas palavras estro prophetico. (N. de S. R.)

paredes alvas e limpas não se projectam as sombras phantasticas e hediondas da legião dos vicios que róem, como abutres, as entranhas do paiz.

A indole do povo com effeito tem ainda alguma cousa de virginal e puro que obriga o pensamento e a linguagem a um certo encolhimento de orbita, e faz deixar em meio esclarecimento as tristes miserias, cuja total desvendação seria talvez ruinosa.

Em similhantes condições, a reserva não é menos louvavel, quando se deixa de dizer ao povo a genuina significação dos homens e das cousas, do que quando se infringe a lei da veracidade, para com a virgem que, docemente ignorante, nos pergunta o valor e o sentido de uma palavra immoral.

O parallelo é exacto. Em ambos os casos a completa franqueza importaria um desrespeito e uma negra suggestão para o mal. Ha verdades, cuja inteira nudez é como a nudez feminina; póde ser bella, mas é sempre perigosa.

Desta ordem são aquellas, que tocam de perto a essencia intima da desordem que tem raizes enterradas no fundo de nossas instituições.

Incumbimos ao tempo, este moroso, mas exacto e inexoravel dialectico, descobrir e demonstrar o que hoje é mesmo de pouco interesse dar a conhecer.

Existe porém uma grossa camada de factos importantes, geralmente observaveis que convém, aos olhos da opinião, tornar claros e patentes. A confiança desmedida em homens que não n'a merecem nem pela cabeça nem pelo coração; o enthusiasmo fatuo que rompe em applausos e louvores diante de qualquer

espirito futil que facilmente assume em nossa terra apparencias de grandeza; tudo isto e mais ainda constitue uma corrente de males, a que se não tem prestado a devida attenção.

Na falta absoluta de homens-forças, nós somos a nação mais rica de homens-habilidades. E' esta classe de gente pretenciosa e fôfa que lança diante de nós toda a casta de embaraços e tropeços. E' esta classe de caracteres que convém tirar a limpo, e mostral-os ao povo em toda sua tacanhice e mesquinha vulgaridade.

Muita sciencia politica do nosso paiz deixaria cahir a mascara, para dizer: eu sou a ignorancia. Muito estadista enfatuado ficaria reduzido ao seu tamanho natural de simples gestor de pequenos negocios, a bem do proprio interesse.

E' nosso entender que o distinctivo do seculo XIX sendo a critica leal e sincera de todas as cousas e por todas as formas, os homens e as idéas politicas não devem ficar fóra do seu alcance. Este methodo ou este modo de os encarar seria mais que muito efficaz e proveitoso.

VIII

Parece que em nossa terra o sopro da corrupção apagou no caracter dos *notaveis* o relevo da dignidade. E' um assumpto digno da meditação dos philosophos este fatal divorcio entre a politica e a moral que dá sempre em resultado a preponderancia dos calculos egoisticos sob a voz da consciencia.

Não conhecemos, de feito, maior desmentido lançado á face das doutrinas que proclamam a efficacia das leis moraes, do que o triste espectaculo de um paiz amesquinhado por todo genero de vicios, prestes a perder a confiança de si mesmo, depois de ter exgotado até os excessos de mansidão e paciencia.

E todavia, este paiz ainda existe! O povo súa, trabalha e obedece. Os homens *illustrados*, que se contam *ás duzias* nas alturas do poder, não ignoram menos que nós outros a solução do enigma. Ao tinir das taças dos cortezãos que se divertem, vai juntar-se o ruido das cadeias do escravo que continúa a soffrer. A imprensa é um passatempo da *ordem dos gritadores* que estão bem convencidos de não serem escutados. O imperador... Passemos adiante.

Respeitamos a nobreza popular que ainda nos momentos de santo furor contra os crimes do governo, tem coração bastante para dar vivas ao monarcha e arredar de sua cabeça qualquer sombra de suspeita.

Se elle não está sujeito, diz a lenda, a responsabilidade *alguma!*

Não ha duvida; o povo brasileiro quer muito bem ao seu imperador. E achamos-lhe razão. Ninguem é competente para aventurar, neste sentido, qualquer idéa nova, desde que no seio do espirito popular balança-se radiante a figura imperial, como a imagem do sol no reboliço das ondas. E' signal de que o tempo vai sereno.

Quando de todas as partes se clama que o *governo pessoal* é que nos acabrunha, do proprio bojo da nuvem que denigre o ceu da realeza, rompem hymnos

ao monarcha venturoso. Não ha objectar. A historia tome nota desta logica de nossa politica e de nosso caracter.

Nem se pense que escondemos, sob taes palavras suggestões republicanas. Não aspiramos ainda tão alto. Mas quizeramos que o povo, em todo ou em parte, não fizesse o papel de velho cão estupido que morde a pedra que n'elle bate, em vez de procurar a mão que a arremessou.

Se o que ahi deixamos dito em fórma allusiva, não é bastante comprehensivel, pouco nos importa; não estamos dispostos a esclarecel-o.

Temos como inconcusso que os meios até hoje empregados para atalhar o mal, são por demais inefficazes. Um só existe que saibamos capaz de produzir algum effeito. E' a força da verdade exposta ao povo por quem nunca precisasse do povo; é a força da verdade exposta ao rei por quem delle tambem nunca precisasse.

O verdadeiro escriptor politico é pois, quanto a nós, um ideial que só realisar-se-hia nestas condições. Póde ser que ainda appareça; por ora não existe.

Os que lançamo-nos neste vortice, somos obrigados a occultar, em nome da propria causa que defendemos, muita miseria que nos toca de perto. Em uma palavra, na politica estreita e rotineira, como a nossa, não póde ter cabimento o velho e sabio adagio de que *a justiça começa por casa.*

Entretanto, mal se considera a que grau de aviltamento faz descer este ponto de honra dos partidos, que manda lançar um veu, mais ainda, cobrir de flores as proprias fraquezas, e as tolices ou desatinos de seus membros.

Não admiramos. Os bandidos entre si tambem têm seu ponto de honra, que consiste na guarda do segredo reciproco e na justa distribuição da presa.

Esta linguagem não serve ; será mister que nol-o digam? Mas, ao menos, ninguem contestará que a pesquiza da verdade encaminhada por este lado, com calma e firmeza, iria dar em um paiz desconhecido de solidas e fructuosas convicções sobre muita causa occulta do nosso abatimento.

E não fazemos mais do que traçar um thema que se presta a variações de nunca ouvidas harmonias. Desenvolva-o quem quizer.

Não podemos, todavia, esquivar-nos de fazer ainda uma consideração.

Na vida e na luta dos homens que se disputam a posse do poder publico, os ataques mutuamente dirigidos têm por fim ordinario despertar nos espiritos cegos a vista do dever que elles descumprem, mostrar-lhes que se desviam da recta senda, que a sua moral, como a sua politica, é toda de interesse e egoismo.

Eis, mais ou menos, o resumo de tudo que se diz contra os máos governos e os máos estadistas. Mas é isto sufficiente? Tem mesmo alguma efficacia? Cremos que não; e até um certo ponto leva de envolta muita falsidade.

Quando o homem politico tem gasto completamente o senso moral, que lhe importam as arguições de iniquidade, as accusações de corrupção?!.. Não acham echo na gruta entupida da consciencia asphyxiada. Mas á falta de sentimento da dignidade moral, levanta-se impetuosa uma paixão de outra ordem, que é a

vaidade, o orgulho de intelligencia; paixão perigosa que atormenta a muita gente, e em politica tem resultados tanto mais perniciosos, quanto menos observados.

E' assim que na face de qualquer ministro ou estadista *notavel* pode-se fazer jogo dos epithetos mais fortes, de mistura com as provas de seus actos criminosos. Elle não se abala. Uma vez que se lhe poupe o *cabeça*, que se lhe reconheça o talento, não lhe importa que lhe varem o *coração*, que lhe desvendem os vicios.

E não é raro entre nós ouvir-se dizer que este ou aquelle individuo é um espirito mal intencionado, merecedor de pouca confiança, politico voluvel, saltimbanco... etc; mas emfim é *uma cabeça luminosa*, *um prodigio de illustração*, *uma gloria do paiz*, e mil outras cousas deste genero. O homem não aspira mais nem menos do que isso, é isso mesmo que elle quer.

Entendemos porém que estas illustrações inventadas não são menos fatuas do que certas fidalguias burlescas. E assim como o melhor meio de combater aristocratas é provar-lhes que não o são, da mesma forma o melhor meio de fustigar as pretenções da classe *illustrada* é fazer-lhes ver que, além de peccarem por defeitos de caracter, tambem peccam, e ás mais das vezes, por muitissima ignorancia. Não é sómente a falta de consciencia que os deturpa; é sobretudo a falta de idéas claras e elevadas.

Lastimavel Brasil! Parece que este pobre paiz está condemnado a representar sempre um papel secundario, terciario em face das outras nações. Poder-se-hia

dizer que o Amazonas e o Prata são as duas pernas de um parenthesis immenso em que Deus escreveu uma idéa excepcional e retrograda na lauda continental da grandeza americana!

E' triste, mas é verdade.

IX

Cada hora que se escôa no clepsydro da actualidade é uma esperança de menos e uma decepção de mais nos espiritos attentos aos progressos do mal que affige este pobre imperio.

Ao passo que o tempo corre, e os factos se multiplicam vergonhosos, hediondos, horriveis, a indignação tambem cresce e as convicções augmentam de força no sentido de acabar, por uma vez, com o ridiculo papel que estamos representando.

O partido conservador que trabalha por misturar as suas com as raizes da monarchia, assenhorea-se do paiz e repelle audacioso os principios salutares de melhoramentos possiveis. A obstinação e o capricho tomam assento nos conselhos da corôa. As idéas que a opinião publica tem como dignas da mais breve realisação, vão ficando de lado e para sempre esquecidas.

As eminencias do partido governante parecem aceitar a doutrina de um escriptor perigoso, para quem o unico meio de fugir ás grandes questões é não resolvel-as, lançar mão dos meios termos que a ninguem contentam, e deixar que os problemas se gastem e morram á falta de razão de ser.

E' o que vemos actualmente praticado. Nenhuma tentativa, nenhum projecto serio da parte do governo para satisfazer aos mais fundos anhelos da sociedade e ás mais altas aspirações do espirito nacional.

Não achamos, todavia, que tudo isto se lhe deva lançar na conta do proprio interesse e da pertinacia em affrontar a civilisação e o progresso. Existe motivo mais poderoso.

As questões que nos acercam, são de immenso alcance, e como taes demandam estudo e meditação de que não são capazes os homunculos de estado que se fazem no paiz.

Seria com effeito algum velho pratico, de acanhado traquejo financeiro, sem principios, sem escola, sem doutrina scientifica, de vistas curtas, como o Sr. Itaborahy, que se encarregaria de acclarar com as suas luzes o caminho obscuro das soluções exigidas?

Seria ainda, para não falar de outros, algum moço de habilidade ordinaria, mas a quem falta essa especie de *mens divinior* da politica elevada, baldo de idéas vastas, atrazado em theorias, como o Sr. ministro do imperio, que tomaria a peito suspender o Brasil ao nivel de outros povos, e fazel-o girar em uma orbita mais ampla?... (1)

Ora! não nos deixemos illudir pelo exterior das cousas. Não façamos aos nossos adversarios a injustiça de suppor que todas as suas reservas, todas as suas procrastinações são filhas e unicamente filhas dos interesses partidarios que elles querem pôr a salvo.

---

(1) Referia-se ao Sr. João Alfredo. (N. de S. R.)

Lemos, ha poucos dias, em uma correspondencia da côrte para o *Liberal* desta provincia as seguintes palavras de que tomamos nota :

« A imprevidencia é tão cega, como póde ser a ignorancia ; e é, por desgraça nossa, á imprevidencia que se acham entregues os destinos do Brasil. »

E' verdade, mas não é toda a verdade. Não ha duvida que da imprevidencia é que partem os principios de desordem com que lutamos : mas, como em tudo, maxime em politica, a imprevidencia é uma das formas da ignorancia, ou são dous nomes de uma mesma cousa.

E' a ignorancia e a fatuidade dos nossos pequeninos *grandes homens* que mais concorre para amesquinhar-nos e perder-nos.

Será facil objectar-nos que, não estando na altura desses vultos, é demasiado arrojo nosso tentar tomar as dimensões de cabeças illustres e dar-lhes pouco valor.

A objecção porém não teria o poder de nos impor silencio. Quando altivamente contestamos as dezenas de capacidades politicas que se erigem nesta boa terra, está claro que não é por ter-nos em conta superior. Temos consciencia de occupar tambem nosso lugar no immenso quadro da geral ignorancia.

Não obstante, fica-nos o direito de exprimir a nossa opinião e dizer, alto e bom som, que nunca faremos parte do rebanho estupido e medroso, para quem o zurrar do asno é um rugido de leão.

Não sabemos queimar incenso diante de nenhum dos idolos do dia. Para julgal-os e vel-os em seu tamanho natural, empregamos um meio muito simples : — a comparação.

E' pois com esta medida que nos chegamos a convencer da pobreza de grandes espiritos cultos, que sente a nossa patria. Vamos dar uma prova irrefutavel.

E' sabido que o Sr. D. Pedro II já foi tido por algum tempo como um dos *testas coroadas* de illustração e saber. Esta época passou. Hoje é preciso ser muitissimo adulador para conceder ao monarcha brasileiro um grau acima de mediocre. Mas tambem é preciso viver obcecado por todo genero de prevenções fanaticas e odientas, para não reconhecer que no meio de tantas notabilidades alardeadas, de tantos estadistas apontados como glorias do paiz, o homem de mais tino governativo, de calculos mais seguros e efficazes, em uma palavra, o primeiro politico do Brasil é o Sr. D. Pedro II.

Sempre de posse do governo de *dous andares*, que elle faz os inquilinos occuparem successivamente a seu capricho, o imperador tem tido habilidade bastante para empanar todas as vistas dos politicões e fazer sahir o espanto e a desesperação do crysol de seus altos designios !

Dahi vem que o que mais caracterisa a nossa politica é o — *imprevisto* — ; que se pode prestar á narração, mas não se presta á reflexão. Já uma vez dissemos e não tememos repetir que entre nós os factos politicos, maxime nestes ultimos tempos, ou são prodigiosos ou anecdoticos ; tão estranhos são elles á logica. . .

Grande Deus ! quando acabaremos com isto ?

X

Se como brasileiro não sentissemos no fundo da alma tudo que fere e corrompe o seio da nação, subiria de ponto nossa curiosidade, no intuito de assistir ao desenlace final do mais interessante enigma politico.

Não é com effeito cousa de pouca importancia testemunhar até onde chega a coherencia dos *soi-disant* notaveis, em face do abysmo de incertezas e contradicções, no qual se despenham com uma coragem que causa espanto.

As reformas, porque se tem mais que muito pronunciado o espirito publico, são indeclinaveis e irremissiveis. E' esta ao menos a crença geral. Mas o partido que se acha no poder, bem como o partido liberal que nelle tem estado, são ambos tidos por incapazes de realisar qualquer melhoramento. Estragados e sem criterio, os homens que os constituem, não devem mais governar. E' este ao menos o murmurio de muitas boccas. Mas tambem se diz, e é exacto, que nenhum outro partido deve aceitar o mando, pelos meios indecentes, de que se tem quasi sempre feito uso.

Para que esta especie de reserva? Falemos claro. Nenhum outro partido, por sua propria dignidade, deve subir ao poder, em virtude da munificencia imperial, essa força unica das attracções e repulsões politicas, que impellem nosso corpo social para não sei que região tenebrosa e desconhecida.

Porém, se assim é ou deve ser, não teremos o direito, nós outros que não gostamos de engolir *pilulas*, nem mesmo *adocicadas*, de perguntar e indagar qual seja o meio normal e decente, que outro partido póde empregar para attingir o alvo de suas aspirações?... Não teremos o direito de menear a cabeça em ar de descrença, diante destas confusões que se accumulam na face do problema?...

O partido conservador, ainda que no poder, está desacreditado por seus principios maus e caducos. O partido liberal está desacreditado por seus calculos mal feitos, por suas cautelas que são sorrelfas. Mas o imperador não quer *radicaes* nem tão pouco *republicanos*; — como é pois que elles virão a ter sua parte no governo?... Vêde bem que a questão não é tão facil quanto se presume.

Dissemos que o imperador não quer *radicaes* nem tão pouco *republicanos*. Está claro que nos refirimos a uns e outros, como taes; pois quanto a *radicaes* que eram, e *republicanos* que foram, isso é gente do imo peito do Sr. D. Pedro II. (1)

Amanhã, por exemplo, o grande politico de São Christovão entende que deve fazer o seu governo mudar a roupa e vestir outra; elle vai tirar o vulto mais saliente do seio do radicalismo que aceitará o poder, como é costume dizer-se, ao alcance de realisar as idéas de seu partido, e depois... não falemos mais nisso.

---

(1) Serve de eterno exemplo o famoso politiqueiro *republicano*, transformado em Conselheiro *Labieno Pereira*. (N. de S. R.)

Quereis saber qual é o partido que seria capaz de fazer frente e pôr termo aos males que nos devastam?... E' um partido, uma classe que não existe: a classe dos *incorruptiveis*. Infelizmente não a temos.

Ergue-se ahi as vezes uma ordem de *clamadores*, que se dizem inspirados no puro sentimento do direito, para protestar contra os abusos do governo, e em nome da justiça, annunciarem a tormenta que elles ouvem ruir ao longe, com a mesma finura de orelha do guarda-portão do palacio de Odin que ouvia o crescimento da lan dos rebanhos e das hervas dos prados.

Mas quem será ainda tão simples para não distinguir as palavras que trazem o sello da inspiração divina, isto é, da consciencia, daquellas que ainda vêm quentes do cadinho do interesse?... O' fatal credulidade!

Em uma bella pagina de seu importante livro sobre o *governo representativo*, Stuart Mill fala dos serviços inestimaveis que, ao envez de outros povos orientaes, recebeu a nação judia da ordem dos prophetas. E' uma verdade que já vai se tornando vulgar.

Mas o que nem Mill, nem algum outro publicista, ou critico mesmo, quiz ainda observar é a incorruptibilidade que sempre caracterisou os homens de Deus. Phenomeno extraordinario! Aquelles grandes orgãos da consciencia moral e religiosa do seu paiz não sómente jámais cederam a qualquer transacção com os seus principios, como tambem, o que é mais admiravel, nunca acharam, no mesmo seio da realeza, que elles espantavam com as suas ameaças, quem tentasse, uma

só vez, demovel-os e abalal-os pelas seducções do ouro e da grandeza regia!

A que vem isto?... perguntar-nos-hão. Muito a proposito: responder-lhes-hemos.

Todos aquelles que erguem a voz, para condemnar, em nome da consciencia nacional, os erros e desatinos de que somos victimas humildes e submissas, devem apresentar-se lavados nas aguas lustraes de honrosos precedentes, devem trajar a toga romana da abnegação e do patriotismo. Eis tudo.

Muitas vezes de um pegureiro rude e ignorante Deus poude fazer um propheta energico e sublime. Mas aqui, neste mundo em que vivemos, de um aulico, de homem de côrte, nunca se fará um reformador sincero.

E' a nossa convicção.

XI

Convidamos hoje o leitor para acompanhar-nos em uma excursão que vamos fazer pelos desertos da theoria.

Não é sem proposito que empregamos a palavra — *desertos*; pois que, se é verdade que existe uma sciencia que trata de investigar as leis reguladoras dos governos e dos povos, em sua marcha simultanea, em suas relações synergicas ou antagonicas, tambem é certo que os homens em geral, sobretudo os estadistas, não se dão ao trabalho de pedir a norma de sua vida publica aos ensinos de tal sciencia.

Póde ser que não tenha para outros a importancia que tem para nós, a questão de principios verdadeiros ou falsos, em que assenta, não diremos a organisação

politica desta ou daquella sociedade, que é questão de todos os dias; mas a propria doutrina recebida das mãos dos publicistas, sem distincção de escola, sobre o alcance que devem ter e a apreciação que merecem as perturbações da ordem social.

Póde ser que outros olhem para este ponto com soberana indifferença. Nós, porém, confessamos que, debaixo de todos os problemas agitados, no mesmo terreno em que as lutas se multiplicam, presentimos, illusão talvez, alguma cousa de mobil e mal seguro que sempre acaba por inutilisar os esforços dos melhores combatentes.

Esta — alguma cousa — que perante a logica é simplesmente uma falta de methodo, muitas vezes, perante a consciencia, deve tomar as proporções de um crime, porque dá em resultado a peleja indefinida dos partidos que não só lutam porque não se entendem, como tambem, e sobretudo, para nunca se entenderem.

« Quanto mais escuto, escrevia Guizot na vespera de sua fuga em 48, quanto mais escuto o Sr. De Lamartine, menos o comprehendo; e mais me convenço de que nunca chegaremos a um accordo. »

Estas palavras que uma aura de reminiscencia historica lançou-nos em frente, não são sómente o modo de pensar de um homem; podem ser invocadas como a expressão geral do pensamento politico de todos os homens diante de seus adversarios.

Qual é pois a causa deste desaccordo capital, desta especie de confusão babelica entre os espiritos, que depõe no seio das nações o fermento eterno das agonias intimas?

E notemos que nós aqui não buscamos a explicação de um phenomeno regular como é a existencia dos partidos; mas a de um facto mais complexo e hediondo, como é a existencia delles, mordendo-se e devorando-se mutuamente, com todas as desvantagens do paiz, cujos destinos pretendem dirigir.

Não damos muito apreço á velha doutrina que faz, por exemplo, de *liberaes* e *conservadores,* duas noções subordinadas á dupla noção de progresso e ordem, como tendencias naturaes e energicas do homem. Mas importa observar que se, em boa philosophia, os partidos devem representar as tendencias do *animal potitico*, a divisão é incompleta, pois que ellas não são sómente duas. O homem tende naturalmente a destruir com a mesma força de motivos internos com que tende a conservar e progredir. Porque não haverá tambem um partido da *destruição?*...

Aqui ou a consequencia mata o principio, e neste caso somos obrigados a repellil-a e qualificar de futil o famoso discrime das tendencias; ou é aceita, não obstante a sua exquisitice, e então devemos fazer entrar no proprio quadro dos estudos sociologicos o modo de ser desse partido que igualmente exprime uma aptitude real da natureza humana.

E não pareça estranha esta nossa opinião. No mundo moral, como no mundo physico, as forças destruidoras são tão necessarias á ordem quanto as forças organicas. Não é preciso raciocinar; basta observar para convencer-se de tal verdade.

Muito ha que se diz e se repete a todo proposito que as nações são como os individuos; nascem, crescem,

vivem e morrem. Mas não se tem sabido deduzir todos os corollarios deste parallelo. Ninguem ignora que o individuo, qualquer que ella seja, tem sempre as suas horas, os seus dias de aborrimento e desgosto mesmo sem motivo conhecido. E ao envez do que parece aos olhos de observadores frivolos, cada um destes dias aborridos tem mais influencia para accelerar as evoluções do destino individual do que um anno inteiro de prazeres e deleites.

Porque não dar-se-á o mesmo com as nações?.. Ellas tambem têm suas horas, que são epocas, e epocas fataes, de penoso langor, a que deve succeder, por via de regra, uma explosão de fortes impetos para melhorar de sorte e substituir as velhas por novas instituições. O maior dos revolucionarios não é, como suppõem os governos ineptos, o sopro da liberdade que fecunda e crêa; o maior e o mais efficaz é o *fastio*, é o *tedio*, que se apodera do espirito nacional, fal-o excogitar os meios de mudar o aspecto de sua vida que lhe parece de uma tristeza insupportavel.

Ora pois; é mediante a intervenção destas idéas que não podemos deixar de fazer uma censura fundada aos nossos partidos de opposição. Elles têm de ordinario o defeito de formular um systema de politica negativa baseada em principios criticos, acommodados ás quadras excepcionaes e por isso mesmo incapazes de constituir uma doutrina organica e perenne.

E o que mais admira é que assim armados e assim dispostos, desconhecendo a propria natureza, apresentam-se como orgãos do progresso e do puro liberalismo quando a sua missão é outra, não menos honrosa e

necessaria, a missão de demolir o edificio arruinado desta ordem de cousas, e cortar o germen dos vicios que penetraram até a medulla da sociedade.

Não queremos fazer do *Americano* uma especie de *Revista scientifica* das theorias sociaes, por conseguinte fugimos de dar a esta succinta exposição a largura que merece. Diremos, todavia, que no fundo das ideias mais acceitas sobre o verdadeiro systema constitucional existem contradicções que seria util tornar patentes, afim de salvaguardar os espiritos de illusões perigosas; e dest'arte o problema da construcção de uma doutrina politica, racionalmente concebida, que em todos os seus desenvolvimentos e applicações, seja sempre consequente a seus proprios principios, persiste ainda sem solução real. Voltaremos ao assumpto.

XII

O systema constitucional representativo, esse governo ideal das sociedades modernas que traduzido na pratica não tem offerecido a todas ellas a mesma somma de vantagens, é ainda por longo tempo, não obstante o muito que se tem dito a respeito, um digno assumpto de pesquizas, um sorvedouro de meditações.

Quando bem se attende aos movimentos da vida, observa-se um facto notavel que dá lugar a serias duvidas sobre o valor que possam ter as theorias scientificas na organisação e na marcha regular dos governos.

Conhece-se de feito que os partidos não exprimem sempre, como parece que deviam, a divergencia das idéas, mas sómente uma luta de interesses que nem mesmo pertencem aos proprios partidos, porque limitam-se a um pequeno grupo de bemaventurados.

Estas ultimas palavras, por excesso de verdade, importariam quasi uma tolice de baixa extracção, se ellas visassem sómente repetir, por nossa vez, o que já é por demais sabido; e viessem formar a millesima edição de um pensamento vulgar. Mas não é assim; o que queremos dizer é que os partidos fazem mais sentir a força de suas ambições do que a força de suas idéas: falam muito em principios e buscam viver longe delles; fortes em combater o adversario, mostram-se bem fracos em sustentar-se a si mesmos.

E' claro que, nesta conjunctura, os ensinos da sciencia politica têm sido ineficazes para oppor uma barreira invencivel ao assalto dos sophismas que as pessimas paixões naturalmente sabem inspirar.

E accresce que na falta de cohesão entre os espiritos sobre pontos evidentes e indubitaveis, e afim de fazer frente á anarchia intellectual que em materia de governo ainda agita a sociedade, lança-se mão do mais triste recurso; que é um systema de medidas ageitadas para ganhar e manter proselytos, a quem por outro modo não se póde convencer.

Vede bem, se falamos certo, ao menos em relação a nós. O partido conservador que não tem uma doutrina propria e capaz de apaixonar as intelligencias pelo brilho das verdades; que nem na voz dos seus parlamentares, nem nos jornaes e nos livros, se é que

existem, dos seus publicistas, (1) deixou ainda borbulhar um só conceito elevado, uma só dessas idéas-mãis que tem força de abalar e attrahir a opinião; o partido conservador, com tal pobreza de luz, carece de empregar um destes meios: ou o terror que achata o povo sob o pé da autoridade, ou a corrupção que esbofetea a face dos caracteres de cêra, até tornal-os cegos dos olhos, que não vejam a miseria publica, e cegos da consciencia que não vejam o direito.

Não dissimulamos que aqui poderiam de manso dizer-nos ao ouvido: *Mutato nomine, de te fabula narratur*. Mas vamos adiante.

O que mais nos espanta não é o rigor das censuras que merecem os governantes; é o rigor das que igualmente merecem os governados, não só porque, como já disse um grande pensador, se aquelles recorrem aos meios de que falamos, estes os aceitam sem repugnancia, mas sobre tudo porque o estado intellectual de ambos os lados torna quasi inevitavel o emprego destes meios.

Assim, quando o individuo que deve prezar o nome de cidadão, muitas vezes não pega em uma cedula para dar o seu voto, se não porque representa algum valor promettido, é natural e nada admira que o ministro não

---

(1) Permittam-nos esta nota. A velha orthodoxia tem de ficar pasmada, em presença de tanta impiedade. Mas é facil de provar que exceptuando, por algum merito de reflexão, os trabalhos do Visconde de Uruguay, o mais que resta de publicistas conservadores é de tal natureza, que o indigesto das idéas só acha de superior o grotesco e mal amassado da fórma.

tolere os cuidados de uma pasta, se não porque de ordinario ella exprime uma fortuna.

Os homens em geral estão habituados a tomar sómente em alta consideração aquillo que diz respeito a seus interesses privados. O que se costuma designar pela expressão de *interesse publico*, não existe ainda nem mesmo no animo dos mais cultos, sob a fórma de uma idéa definida e muito menos sob a fórma de um grande sentimento que inspira a dedicação de cada um a causa de todos.

De tudo isto resulta uma primeira e immediata consequencia. E' a inefficacia das queixas populares, que o governo sabe serem facilmente acalmaveis pela caricia das conveniencias, ou pelo sopro do poder; e a permanencia desta surda hostilidade, reconhecida até nos seus chamados principios constitucionaes, entre o geverno corrupto e a sociedade corrupta, que mutuamente se aborrecem, mutuamente se espreitam e se attribuem as peiores intenções.

Não fica ahi. Como a suspeita reciproca é inseparavel de quaesquer relações travadas entre pessoas corrompidas, acontece que, já conforme as theorias do direito publico moderno, esse liquido fervido ao fogo da revolução, que se entornou pela bocca de nações moribundas, já conforme a exegese applicada aos dogmas aceitos por varias Constituições, o governo representativo é um complexo de altas medidas *policiaes*, um systema de *prevenções*.

Designamol-o por uma só phrase: é *a organisação das desconfianças*.

Proval-o-hemos, buscando o exemplo aqui mesmo.

Para que foi que entre nós instituiu-se o poder moderador? Para manter, diz o texto e a exegese, para manter a divisão e harmonia dos mais poderes, *prevenindo* por este modo, qualquer mau resultado da luta que se possa dar entre elles e da prepotencia de um sobre os outros.

Para que existem duas camaras? Além de outras razões, cada qual mais estolida e banal, foi tambem para *prevenir* os desatinos e arrogancias inherentes á existencia de uma só.

E neste genero encontra-se a restricção do suffragio, afim de *prevenir* os abusos da populaça; a eleição de dous graus, como meio *preventivo* da leveza e incapacidade do grande numero; o privilegio de fôro criminal dos legisladores, para *prevenir* compressões e vinganças dos outros poderes. O deputado que aceita o cargo de ministro, deve perder o lugar que occupava, como uma *prevenção* de sua venalidade possivel aos afagos do governo. Nega-se ainda, entre nós, ao liberto fazer parte do eleitorado, com o fim de *prevenir* os effeitos de sua antiga escravidão.

Fôra longo enumerar todo o complexo de prevenções que são, na linguagem commum, outros tantos lemmas e escholios de direito constitucional. O que ahi fica exposto é sufficiente para fazer comprehender o espirito que tem presidido á formação dos codigos politicos. Salta aos olhos a contradicção e a inconsequencia.

Porquanto, ninguem ignora que a tendencia geral das sociedades modernas é affirmar a liberdade em todos os seus modos, em toda sua extensão; e neste sentido foram mais ou menos affeiçoadas as suas constituições.

Ora, não ha maior inimigo da liberdade, do que a policia preventiva, de qualquer forma e genero que ella seja. São os dous termos de uma antinomia inconciliavel. A nossa lei fundamental que felizmente neste ponto tem a boa companhia de muitas outras estrangeiras, raras vezes consagrou um dogma dito constitucional, isto é, affirmativo da existencia e dos direitos de um povo livre, que bem examinado não seja simplesmente uma *regra policial*, isto é, um encurtamento da liberdade, pela previsão da desordem, pela pouca fé no caracter e na indole dos homens.

Mas se é exacto que nenhuma sociedade, qualquer que seja a sua natureza, póde de facto existir, sem um grau de confiança reciproca entre os seus membros, não parece estranho que as associações politicas proclamem como principios e condições de sua estabilidade, meras regras de precaução suspicaz, façam assim da desconfiança o primeiro elemento da ordem social ?...

Não se pense que nos passa aqui despercebida a distincção entre o que é constitucional e o que é regulamentar. Pelo contrario, é tendo-a muito em vista que notamos a facilidade com que dá-se o nome de theoremas constitucionaes ao que nada tem de similhante caracter. O criterio ensinado por B. Constant, e vasado no art. 178 de nossa Carta, é mais amplo do que parece e dá lugar a muitos erros. Já vimos como um certo numero de disposições, que segundo essa bitola, devem ser tidas por taes, não passam de *meios preservativos* contra os abalos possiveis da saude do Estado, sem base alguma nos direitos e effectivas relações sociaes que se tratam de garantir.

Cremos pois que o que ha de mais sensivel, em materia de governo, é a falta de uma doutrina positiva, livre de presumpções e de hypotheses, que firmada na experiencia directa dos acontecimentos que têm força de modificar os habitos e tendencias do povo, pondo de parte o enganoso methodo de compaparação com outras nações, que está hoje muito em moda, não obstante a sua improcedencia e completa esterilidade, determine, por justas inducções, os verdadeiros principios organicos de uma politica salutar.

Estamos certos que estas idéas hão de parecer estranhas a muitos publicistas de salão; mas em vez de se arrebitarem desdenhosos, porque para elles direito publico é nada mais nem menos que o pesado volumaço do Sr. Pimenta Bueno e outros taes e quejandos, obrariam melhor se sahissem a combater os erros e esclarecer as questões, que mesmo lá nas alturas do poder vivem tão embrulhadas, tão escuras e nevoentas!...

XIII

Deixamos dito e provado que o principio organizador das sociedades modernas em geral, segundo o espirito de suas constituições, é a previa desconfiança, é a supposição infundada e anti-social de que todos os orgãos dos poderes publicos devem ser sempre inclinados para os abusos e desvarios.

Vê-se que sendo isto uma questão de facto que só a experiencia póde verificar, é um erro determinarem-se *á priori* os acontecimentos possiveis na marcha

da sociedade, para tambem *á priori* se lhes prepararem os remedios, a que se deu o pomposo nome de garantias constitucionaes.

E' justamente por não ter seguido um tal methodo que na Inglaterra poude formar-se um governo exemplar. Regulando os factos á medida que elles iam apparecendo, foi-lhe possivel conciliar todas as antinomias politicas, e ter emfim uma constituição *sui generis* que nem é a obra compacta de uma revolução popular, nem a dadiva de um principe liberal, como diz, se não nos enganamos, Eduardo Fischel.

Nós, porém, a exemplo de outras nações, tivemos o nosso dia em que aprouve a um filho de el-rei nosso senhor mandar coser uns retalhos de theorias, ou falsas, ou contestaveis, tiradas dos publicistas da epoca, ou de Cartas já existentes ; dar a isto uma apparencia de grandeza, e atirando aos hombros do Brasil, dizer-lhe por escarneo: já és homem, eis ahi a tua toga pretexta.

Era pois natural que a associação politica de todos os brasileiros fosse tambem eivada dos preconceitos e más idéas que viciam as instituições modernas, baseadas pela mór parte na capciosa distincção de uma cousa que é o estado e outra cousa que é a sociedade.

Donde resulta que se uma tem necessidades proprias, a outra igualmente as tem ; e para satisfazel-as, ambas se julgam autorisadas a empregar os meios mais convenientes a si, embora abusivos e subversivos das conveniencias alheias. Donde resulta ainda que o estado trata de corromper a sociedade, e esta, por sua vez, de abalar o estado. A exactidão destes factos é muitissimo saliente.

Está escripto, e nós não duvidamos, que o governo do Brasil é representativo. Ora, quem diz governo representativo diz governo de representantes. Mas, estes entre nós, diz o rifão, são o imperador e a assembléa geral. Logo, ahi temos o germen do governo pessoal e do governo parlamentar, que na pratica desapparece para ser absorvido na pessoa do imperador, a quem sómente a constituição deu armas, afim de chegar a esse ponto.

Na conjunctura em que nos achamos, parece-nos que a garantia unica das liberdades publicas é riscar da constituição tudo que nella foi escripto, não a titulo de direitos, mas a titulo de garantias.

Ella reconhece que a divisão e a harmonia dos poderes é o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias offerecidas. Consagra por outro lado que o moderador é instituido para manter esse equilibrio e a independencia entre os mais poderes. Logo, na mente do constituinte, o poder moderador é a garantia das garantias; e por isso mesmo é o que, primeiro que tudo, deve ser obliterado. Neste ponto os radicaes têm toda razão.

Continuaremos nestas idéas.

XIV

Quando se lê na constituição (art. 9) que a divisão e harmonia dos poderes politicos é o principio conservador dos direitos do cidadão... não basta observar a superfluidade de similhante artigo, como não encerrando mais que a simples consagração de uma doutrina

geralmente aceita. A critica assim feita não desce ao fundo em que reside o erro, para melhor o combater.

Quem não ignora que a theoria da divisão dos poderes é o principio economico da divisão do trabalho, applicado ao governo, facilmente reconhece que o autor da constituição foi sagaz em disfarçar com palavras e formulas inuteis o verdadeiro alvo de suas intenções.

E de feito a nossa organisação politica tem todos os caracteres de uma immensa officina, onde ha muitos e diversos trabalhos, todos sob a direcção e suprema vigilancia do emprezario que é o imperador. Mas sendo assim, onde está a vantagem da famosa divisão como garantia das liberdades publicas? Que quer dizer mesmo essa independencia, de que fala o art. 98, quando todos os poderes estão subordinados ao moderador? Quem não sente o contrasenso dos proprios termos em que se estabelecem taes principios?

Alli fala-se em divisão e harmonia dos poderes politicos; aqui confere-se a um só dentre elles a faculdade de mantel-os em equilibrio, o que importa inutilizar os effeitos da divisão, reduzindo-os á unidade de um orgão superior.

Não é preciso ser Proudhon para descobrir as *contradicções* do systema. Tão claras e visiveis são ellas aos olhos de quem quer que saiba ver e observar.

E' notavel que na letra e no espirito da constituição, que reconheceu quatro poderes, delegações da nação, o *imperador* não seja identico a qualquer delles, nem mesmo á somma de todos elles, pois que tem mais extensão e amplitude.

Parece que é uma entidade preexistente á instituição, que lhe confere attributos, mas não lhe dá o ser. E' um orgão anterior ás funcções que se lhe destinam, e por isso mais necessario a ellas, do que ellas a elle !

Que sabio que foi o legislador constituinte ! Sua obra é um modelo de sciencia politica. Não foi perdido o tempo que se levou a contemplar esse monumento, como a mais liberal das constituições.

Tirai do dynasta imperante o que elle tem, a titulo de delegação, não lhe fica por isso menos direito de ser o *defensor perpetuo* do Brasil, e por conseguinte o perpetuo representante da nação, visto como este caracter não foi attribuido nem ao poder moderador, nem ao chefe do poder executivo, que ambos são delegações, mas ao *imperador* que deriva da vontade de Deus, claramente manifesta na *unanime acclamação popular*. *Vox populi, vox Dei.*

XV

Se a idéa de representação, em materia de governo, não é exactamente a mesma que se concebe, em materia de comedia, a razão exige que o caracter de primeiro representante da nação, pomposamente attribuido ao imperador, tenha algum fundamento na propria natureza das cousas.

Esta ultima expressão, que quasi irreflectidamente deixamos escorregar, nos adverte que é tempo de acabar com similhantes phrases vagas e oucas que só têm

o merito de embair os espiritos desprevenidos, dando ás idéas mais triviaes um certo ar de profundeza e novidade. E' assim que entre nós tem-se escripto grossos volumes sobre o poder moderador, considerado em abstracto, segundo sua natureza e seus attributos; — o que dá resultados tão estereis, que só parecem velhas discussões theologicas sobre as hypostases divinas.

Livre-nos Deus de querer tratar de um assumpto que tem occupado as melhores cabeças, e pode-se dizer que constitue o nó vital de nosso direito publico. Limitamo-nos a saber o que todos sabem, isto é, que o poder moderador pertence exclusivamente ao imperador; que o imperador é o Sr. D. Pedro II; e conforme fôr a natureza do homem, tal será a natureza do poder que elle exerce. Tanto basta pôr de parte, como ociosas e sem sahida, as questões de principios logicos e racionaes applicados ao que ha de mais contrario á logica e á razão, isto é, um poder effectivo irresponsavel.

Quanto a nós, é difficil comprehender de que modo se póde *a priori* determinar a natureza de uma cousa particular e concreta como é o poder moderador no Brasil. Ha nisto uma illusão metaphysica, pouco digna de pensadores abalisados. Trata-se de uma instituição; uma instituição é um facto que, como tal, *necessita* uma cousa que o explique e uma razão de ser que o legitime.

Não sabemos que fóra deste terreno todo relativo se possam descobrir argumentos serios para combater ou sustentar o poder moderador com ministros responsaveis ou irresponsaveis. Sob um ponto de vista racional e scientifico, tudo isto não tem sentido. Perguntar

á razão e ao raciocinio o que é o poder moderador, tão claramente conhecido em face da constituição, é o mesmo que recorrer a essas faculdades para, no pino do meio-dia, provar a luz e o calor do sol, *pela força da logica*. Trabalho este de pouco proveito e muito dispensavel.

Não vemos que o poder moderador se preste a ser um motivo de controversia e uma bandeira bicolor correspondente a duas escolas. Qualquer que seja a doutrina admittida, as consequencias praticas são as mesmas; o que prova que o vicio reside no proprio fundo da instituição. A responsabilidade ministerial, a que o Sr. Zacarias dá tanta importancia, não tem valor nem efficacia; todos o dizem e nós subscrevemos.

A responsabilidade moral que se diz estar no juizo da opinião publica, não é menos futil nem menos inefficaz. Admira que homens notaveis, afim de justificar o seu modo de entender, em relação ao poder moderador, tenham declarado essa especie de responsabilidade mais poderosa até que a legal. Proposição impensada, que, a ser verdadeira, daria em resultado abolir o systema de penalidade juridica e deixar que os individuos se abstivessem do crime, sómente pelo receio da opinião publica!

Nem se nos opponha que o legislador quiz punir as imputações falsas e não as verdadeiras. E' facil provar que o methodo empregado para discriminal-as seria um sacrilegio uma vez que se tratasse da pessoa do monarcha inviolavel e sagrada. Achar-se-hiam sempre calumniosas quaesquer arguições relativas a elle.

O que porém releva notar é que o imperador e seus agentes, grandes e pequenos, altos e baixos, não têm querido manejar todas as armas que a lei lhes faculta. Se o quizessem, não ha duvida que muito jornalista audacioso que não tem poupado a cabeça coroada iria legalmente expiar o seu delicto.

Cremos pois que em face da constituição, não por si só, mas estribada no systema de garantias penaes, o imperador é absolutamente irresponsavel. O appello ao que se chama opinião publica é ainda uma prova do gosto que se tem pelas palavras vagas e indefinidas, de que falamos ao principio. O erro commum, em tal materia, está em fazer-se da *irresponsabilidade* alguma cousa de positivo inherente á sagrada pessoa do imperador, quando aliás ella só involve uma negação.

A cousa é simples; busquemos o exemplo. A constituição ingleza, tão justamente admirada, só existe em seus elementos essenciaes, depois dos Jorges. Guilherme III *reinou e governou.* Suas vistas sobre a iniciativa real teriam por certo perturbado a Inglaterra, se não fosse um lance da fortuna. Succedeu com effeito que os primeiros soberanos da casa de Brunswick não sabiam o inglez e pouco cuidado tomavam dos negocios interiores do paiz. Jorge I não falava com Walpole senão em latim. Dahi resultou que os ministros se habituassem a reunir-se e deliberar na ausencia do rei e sob a presidencia de um delles. Pouco a pouco este uso foi erigido em principio e tornou-se o fundamento mesmo da constituição. E' elle de feito que unicamente póde dar um sentido á responsabilidade dos

ministros, porque só elle põe effectivamente o rei fóra do governo.

Não ousamos, entre as duas theorias, proferir palavra alguma. O que porém nos parece incontestavel é que o zacarianismo (licença para o novo termo) tem a boa companhia do legislador criminal. E se não, digam-nos que significa o art. 242 do nosso codigo? Como póde a opinião publica punir o imperador, por qualquer desatino, se não exprimindo juizos desfavoraveis á reputação do monarcha, em razão do cargo que elle occupa? Mas isto será uma injuria; e como tal tem de encontrar a merecida repressão. Nem se diga que só se trata de calumnias e injurias simplesmente pessoaes. A mesma lettra da lei se oppõe a essa interpretação: "As calumnias e injurias contra o imperador ou contra a assembléa geral legislativa serão punidas, etc., etc."

Ora, ninguem admittirá seriamente a hypothese de que se possa attribuir á assembléa geral um facto criminoso que dê lugar á acção popular ou procedimento official da justiça. E' um absurdo. Vê-se pois que o legislador teve em mira calumnias de uma ordem especial, não comprehendidas na definição do art. 229. O que é mais ainda confirmado pela lettra do art. 245, onde se declaram puniveis esses mesmos factos praticados contra algum dos membros das camaras legislativas, *em razão do exercicio de suas attribuições*; quando é sabido que, com esse caracter, elles não têm responsabilidade legal e por conseguinte nada se lhes póde dizer que importe a imputação de um crime propriamente dito.

Mas será possivel que isto jámais vigore entre nós, de um modo regular e vantajoso? No Brasil, onde o rei tolera que se diga que elle *reina, governa e administra?!*... No Brasil onde o Sr. D. Pedro II, mesmo como chefe do executivo, faz promessas aos pretendentes, ainda que muitas vezes não as cumpra?! —Ora! acabemos com tanta cegueira.

O leitor desculpará que tenhamos abandonado o ponto principal deste artigo, que era mostrar em que consiste a *representatividade* do imperador.

Satisfaremos adiante.

XVI

Com licença de Platão e de Hegel, para quem todas as cousas tinham a sua idéa, não podemos admittir que a intelligencia humana se eleve á concepção de um verdadeiro typo de rei constitucional. A razão é que os raros exemplos apontados são filhos de circumstancias particulares, mas, para attingir o que é universal, a dialectica impõe a condição de eliminar-se o que é particular. Neste intuito, pois, lançai mão de qualquer dos poucos reis, modelos do pretendido genero, tirai-lhe os accidentes que o circulam, as particularidades que o determinam, em uma palavra, e de um modo talvez mais obscuro, porém mais exacto, transportai-o do *relativo ao absoluto*, e vós tereis como resultado uma entidade logica, uma cousa imaginaria, phantastica, impossivel.

Tal é o meio ordinario empregado pela metaphysica politica para fazer da realeza uma questão de sciencia,

quando não chega a consideral-a um principio necessario e fundamental!... Felizmente parece que bateu a hora decisiva de embeber-se no seio de velhos erros a lamina mortifera de uma critica imparcial e severa.

Já houve quem dissesse que B. Constant fôra o inspirador de nossa constituição, de tal modo que até litteralmente copiaram-lhe as proprias phrases metaphoricas. E' exacto. Mas releva não esquecer que se prevalecerem as idéas de refórma actualmente apregoadas, não é de certo B. Constant que tem de presidir-nos em espirito; mas tambem não resta duvida que o nosso grande reformador será Thiers, com a sua famosa divisa — *o rei reina e não governa*. Cremos desnecessario observar que não somos contrario ao principio de ordem social que se pretende, bem ou mal, encontrar nessas palavras. O que porém nos occorre a tal respeito, como digno de nota, se não de censura, é o tempo que ainda se gasta inutilmente em rodear-se de mil considerações e discussões indefinidas uma completa subtileza. Devemos confessar que seguimos em politica uma especie de nominalismo, pois que não damos ás idéas e proposições geraes, vulgarmente acreditadas, a realidade e o valor que querem ter.

O rei reina e não governa. Seja. Mas de que rei falais vós de quem partiu primeiro esta formula doce e arrendondada que se mastiga ha tantos annos, e não se tem podido inteiramente engulir?... E' claro que se trata de um rei *generico*, exprimindo a totalidade dos reis, ou então de um rei *typico*, exprimindo o ideal respectivo. Neste ultimo caso, basta observar que seria um ideal chimerico, á maneira, por exemplo, do ideal

do leão, *absolutamente* considerado, e só realisavel na téla, no marmore ou no poema. No primeiro caso porém é preciso ainda distinguir o facto do direito; o que é do que deve ser. Como expressão de um facto, a formula torna-se brilhante de inexactidão e falsidade; como direito, ella encerra sómente os termos de uma questão, por que implica um preceito susceptivel ou não de ser realisado, que é: *o rei deve reinar e não governar.*

Ora, enunciar o problema não é resolvel-o, e pretender cortar as duvidas, repetindo a phrase mystica do parlamentarismo, não se compadece com a boa logica. E' por isso que muitos discursos proferidos entre nós sobre este mesmo assumpto não passam de burlescas petições de principio, visto que são mais ou menos reductiveis ao seguinte: *o rei reina e não governa,* por que Thiers disse que *o rei reina e não governa.* Que novidade! Santo Deus!...

O certo é que o facundo tribuno liberal da monarchia de Julho fez um bom jogo de metaphysica. Bastaria investigar de que modo poude construir a sua proposição geral. Não foi, por certo, observando o proceder da realeza contemporanea que não offerecia dados para isso. Um só phenomeno, um só exemplo notavel fornecido pela observação, isto é, a realeza britannica! D'onde se vê que o elemento experimental contem-se todo neste juizo: na Inglaterra é um facto que *o rei reina e não governa.* Logo... que? Nada; nada se conclue; a inducção é illegitima. Ao muito seria cabivel, por meio de analogia, admittir a possibilidade em outros casos, uma vez que se dessem condições e

circumstancias identicas. Mas não é ahi mesmo que reside a questão que aliás a experiencia vai resolvendo no sentido negativo ?....

Não nos illudamos. E' mister sujeitar estes e outros idolos da razão publica a um certo processo de revisão. Apertada de todos os lados a banalidade é obrigada a tirar a mascara e apparecer com toda sua pobreza de idéas.

Importa ainda observar que bem examinado em seus modos de applicação, o celebre apophthegma, para falar seriamente, involve alguma cousa de similhante a *interdicção de agua e fogo* entre os romanos, isto é, um meio de fazer o proximo *brilhar por sua ausencia.* Nem cremos que o Sr. D. Pedro II seja tão innocente, para não comprehender todo o alcance do negocio. Mas sendo assim, não lhe pesa, não lhe doe profundamente ver-se malquisto e aborrecido por uma boa parte da nação ? Não lhe parece que a razão de ser de seus titulos está de todo nullificada desde que as lutas interminaveis alimentadas por sua magestade fizeram-n'o perder o equilibrio e atufar-se até o pescoço no tremedal dos odios e maldições dos partidos ?...

O Sr. D. Pedro II tem contra si o grande defeito de tomar ao serio o seu manto, o seu sceptro, a sua corôa. D'ahi todos os males ; porque a soberania sendo indivisivel, desde que a do povo se torna um facto, penetrando na consciencia publica, a realeza não é mais soberana. Conserva o nome, mas em rigor existe subordinada. Se porém desconhece estas verdades, a luta é infallivel e o resultado fatal. Terá o monarcha

brasileiro docilidade bastante para curvar-se á razão e ao direito?.. Duvidamos.

Os factos enormes, que motivam actualmente o pasmo e admiração geral, excederam por certo as mais altas previsões e os mais vivos presentimentos.

XVII

Esperava-se tudo; mas não se esperava tanto; porque tudo era o triumpho necessario da justiça e do direito, acclamados bravamente com o sangue de nobres victimas; porque tudo era o hymno da victoria que desabafa as iras do offendido, era a paz do vencido, a gloria do vencedor, e o aperto de mão final de duas nações cavalheiras.

Não se esperava tanto; porque tanto é a immolação de uma dynastia que tomba, bemquista de poucos e amaldiçoada de muitos; porque tanto é o assombro produzido pelo espectaculo de um povo loucamente sublime e magnanimo, que desveste os trapos monarchicos, queima-os no fogo de seu indignado enthusiasmo, e se prepara a tomar de novo o trajo azul da liberdade.

De novo—dissemos; e esta phrase é uma historia, e esta phrase é o problema que pede a solução decisiva, é o ultimo momento da *idéa* que quiz ser em 1793, não poude ser em 1848, e vem a ser em 1870; é o supremo appello aos brios heroicos e á intelligencia da França!... Mas serias apprehensões nos invadem, como a todos os espiritos, sobre a efficacia

desta rapida mudança. O vencedor pretende talvez extrahir do seio da victoria direitos anachronicos e impossiveis, sem notar que perde com isso as sympathias da civilisação, e quem sabe?.. talvez tambem as sympathias da providencia. Paris, a esta hora, deve se achar em estado de medonha ebullição... Que quer mais a Prussia?... Que idéa perigosa e antipathica leva no fundo de seu pensamento?... Ha uma cousa muito mais respeitavel que a dynastia napoleonica: é a nação franceza. Ha um soberano e um politico, ao mesmo tempo, mais exigente que Guilherme e Bismarck: é a humanidade. Que pretende a Prussia?...

Entretanto, não é sómente deste lado que surgem-nos as duvidas e receios. A França é demasiado credula na palavra de seus *parleurs*; demasiado generosa e expansiva, para recolher-se em si mesma, contar as magoas que as decepções lhe têm deixado na alma, e ser um pouco mais desconfiada. Não ha muito que um de seus grandes pensadores escrevia: «Quand je pense à la republique, je me sens pris du dégout de mon pays.... : j'aime mieux me taire.» Os homens de 1830, os incensadores que ainda restam da monarchia de Julho, não deixarão de conceber esperanças. Um dos mais illustres que lá já vemos tomando a parte devida ao seu talento e ao seu renome, por força da vaidade com que se adoram os idolos da propria razão, não quererá perder o ensejo de pôr ainda uma vez em prova a importancia de sua formula *monarchico-constitucional*!... Deus illumine e proteja a França, para não abandonar o caminho que

se lhe abriu. Possa vir ao seu espirito ferido pela derrota, a prudencia que sempre faltou ao seu espirito, exaltado pelos triumphos. O presente apaga o passado. Wilhelmshohe oppõe-se a Santa Helena. Nova vida e novos homens: eis tudo. O edificio da liberdade não deve tolerar nem uma só pedra das ruinas do despotismo.

Isto será grande, porque será salutar. E o que mais importa, permitta o ceu que seja contagioso.

XVIII

Lê-se no livro de nossas miserias que o imperador é o primeiro representante da nação; e por maior que seja o esforço empregado para dar a essa disposição um certo fundo de verdade, não é possivel descobril-o. Ou a phrase não tem propriedade, é uma cousa sem sentido que se escreveu para empanar as vistas do povo inexperiente; ou, se de facto o nome de representante da nação traduz alguma idéa que se possa entender, não é o direito publico, é o direito civil que dá luzes para isso.

Assim é facil comprehender que o monarcha represente a nação, porque a nação é morta, moralmente morta. Nem outro sentido póde ter a expressão constitucional, quando é certo que a nação brasileira, como em regra todas as que se cercam de atavios dynasticos, não tem uma vontade propria que a sustente na altura de sua dignidade; é uma hypothese nulla que mal se presta a legitimar o absolutismo escancarado de nossos dias. O nome da nação não vale a sombra do imperador.

Os estadistas brasileiros, dissemos mal; os estadistas do Brasil (isto é mais expressivo) que por nossa felicidade não são escutados nos paizes estrangeiros, ainda se acham pela mór parte no periodo da fé cega e pueril, que muito bem Proudhon designou por *fetichismo constitucional*. Não ha de certo cousa mais interessante do que vel-os na opposição ou no governo, glosando todos os annos os velhos e toscos motes da luta parlamentar, procurando inspirações nos textos do *evangelho politico*, feito *em nome da Santissima Trindade;* epigraphe esta, sobre que um certo *doutor* já fez uma *prelecção* de oito dias! Sim, é cousa mais que interessante acompanhar de perto a marcha dos negocios publicos e assistir aos combates dos nossos homens de estado que não adiantam uma idéa, que não saem do terreno deste versinho antigo e popular:

Sustentar a independencia,
Manter a constituição,
Defender a liberdade
E' dever do cidadão.

E o bom do povo innocente responde: bravo!... E o imperador não se abala, porque é sagrado; e a nação não se move, porque está morta. E... para que dizer a verdade?...

XIX

Não vai longe o tempo, em que as idéas altamente democraticas sujeitavam entre nós á falta de outro, ao martyrio do ridiculo, e só a isso, porque seria cruel

impôr castigos serios a homens alienados... taes eram aquelles que ousavam falar de governo livre neste paiz corroido por toda a familia dos vicios inherentes ás instituições dynasticas.

Mas parece que os loucos começam a ter razão. A farça republicana vai tomando ares de tragedia monarchica. Levanta-se pouco a pouco um certo numero de espiritos, que chamaremos a ordem dos *desabusados*, aos quaes já se deve a manifestação de muita verdade fecunda que ha de produzir felizes resultados. A fonte de nossos males está patente; o principio de todos os nossos atrazos politicos está descoberto e apontado pelo index de fogo da nação indignada que o denuncia aos estygmas da historia; as linhas geraes do grande quadro, que ainda mal se imagina, estão traçadas na direcção do futuro. Não seremos porém nós mesmos que havemos de assistir á desapparição total desta epoca de torpor e miseria. Os obstaculos são maiores do que se pensa, e provenientes de lugar diverso do que se suppõe. Dado que o partido mais cheio de vida, por que mais cheio de idéas, faça de todo recuar o seu adversario, isto não é bastante; é ainda mister que elle se vença a si mesmo, pondo um freio ás ambições mesquinhas e mesquinhas velleidades de alguns de seus sectarios.

Lembramo-nos, como se disse ultimamente no senado, que o partido liberal, não obstante algumas divergencias internas, chegaria a um só ponto, a uma só idéa, desde que a corôa não attendesse aos justos reclamos dos opprimidos. E' exacto; mas o corajoso parlamentar, que tal affirmou, não quiz

considerar uma outra face da verdade. E' que o partido liberal deve tambem deixar o mau costume de dar á sua doutrina e ás suas idéas uma fórma *exoterica* para o povo, e outra fórma *esoterica* para os ditosos iniciados nos segredos das conveniencias. Esta especie de *pythagorismo* politico é bem perigosa. Sim; é exacto; se a corôa persiste em seus caprichos *moderadores,* todos os liberaes serão radicaes; mas não é menos exacto que se, antes disso, os liberaes de governo continuarem nos seus antigos modos de fazer o mesmo que outros fizeram, dando entrada sómente a uns poucos, já experimentados e reconhecidos na mediocridade e no servilismo, não é menos exacto, dizemos, que sendo assim, pois que falar em republica já não é cousa que faça vergonha nem medo, todos os radicaes serão republicanos. Qual o meio de conciliar estas antinomias?... Explicar-nos-hemos.

XX

E ainda ha quem creia no melhoramento do systema que nos rege? Não sabemos porque estranha aberração mental os homens que mais clamam e declamam contra a actual corrupção politica, são os mesmos que mais confiam no emprego dos paliativos, para estirpar os germens corruptores. Estes homens denunciam á nação o cancro que ha de matal-a; e quando a nação corajosa diz-lhes: *arrancai-m'o de todo*, *cortai-m'o pela raiz*, similhantes

a medicos mofinos ou ineptos, esses homens respondem: não é preciso, esperemos um pouco mais!

O conselho é prudente; mas a prudencia ás vezes é o nome disfarçado da fraqueza que recúa diante dos embaraços, se não é, no caso vertente, a simulação cautelosa dos que, sem adorarem o passado, não deixam todavia de ter medo do futuro. E qual é de feito, quizeramos que nos dissessem, a razão plausivel desta pertinacia na crença de uma regeneração incompativel com a permanencia de elementos deleterios?...

Longe de nós a pretenção de ensinar ao espirito publico idéas que por ventura não lhe quadrem, que por elle sejam repellidas. Mas falemos claro; olhemos um pouco mais de frente a verdade rutila, que já é difficilimo esconder por detraz de qualquer sombra de interesse. Nós censuramos largamente, acerbamente, os desatinos politicos de nossos adversarios; erguemos todos os dias um brado unisono contra os atropellos do governo, contra os caprichos da corôa, contra tudo que faz a discordia e a confusão eterna em que vivemos; mas em ultima analyse, que temos nós para offerecer de melhor e mais duravel, uma vez que continuemos a crer e confiar na efficacia de meios que não são meios, pois nunca chegam ao fim?... Com as nossas promessas, com os nossos programmas ordinarios, só damos a idéa de fazer do poder um leilão, pensando ingenuamente que um obulo de mais sobre o lanço do adversario nos autorisa a suppor-nos incomparavelmente superiores. Assim, *eu dou o que sempre dei*, diz este: *a ordem estabelecida sobre os principios immutaveis da melhor constituição, etc...*; o outro porém diz: *eu dou*

muito mais, porque dou a responsabilidade ministerial pelos actos moderadores, e algumas novas garantias que se forem reclamando... E a nação fica perplexa, indecisa diante da escolha, que não deixa de ser um pouco difficil.

Nem admira que tudo seja para nós confusão e desalinho, quando ainda ha muito liberal, em cuja mente o *idéal do governo é aquelle que faz os mais bellos discursos diante da maioria mais compacta*. Como se a tribuna brasileira tenha força para governar!... Como se possa haver no Brasil, identificado, absorvido no *eu* imperial do Sr. D. Pedro II, lugar algum á disposição de ministros realmente e por si mesmos poderosos, pela influencia simultanea do talento e do caracter! Não consta que no nosso parlamento ainda a opposição falasse com mais franqueza e bravura, do que este anno. Qual foi o resultado? Nenhum. Pois quem não vê que se a tribuna parlamentar brasileira fosse capaz de oppor barreira aos desmandos do poder, outro seria o cyclo annual da *tagarellice* pela formação de um novo ministerio crepuscular, que nada póde prometter de luminoso e notavel? Quem tiver destas ingenuas confianças, quem julgar possiveis entre nós cousas que só pertencem a outros mundos,... que fique com as suas illusões; não merece censura por isso; mas não queira infiltral-as no animo do povo, que já deve estar aborrecido de tantas futilidades e bugiarias. Continuem com os seus sonhos de governo parlamentar; continuem. E' muito boa fé; é ainda outra cousa que não dizemos, porque causaria espanto, e temos nossos receios.

XXI

Por mais francas e fortes que sejam actualmente as nossas opiniões sobre os homens e as cousas politicas, é innegavel que bem pouco se ha conseguido, visto que o espirito publico é o mesmo, no sentido de não confiar no futuro nem se esforçar por acceleral-o. E damos-lhe a razão. No fundo de todas as manifestações que se fazem de dia a dia, por detraz de todos os desvendamentos, reside o maior segredo que deve ser, mas ainda não foi revelado. A indifferença popular ante os gritos e execrações de seus prophetas, é um phenomeno triste e desanimador. O que a reflexão dos pensadores, não tem querido descobrir, o instincto do povo ha muito tempo que presentiu, e, bem que não possa se explicar a si mesmo as causas do phenomeno, não deixa comtudo de obedecer a força occulta que o mantem suspenso e indeciso.

Que de bellas perspectivas não se têm apresentado aos olhos da multidão!... que de sonhos não se contam, que thesouros não se offerecem! E todavia o povo é mudo, não se dignando de prestar a tudo isto nem sequer um signal de curiosidade, ou um sorriso de desdem.

A razão é que o povo sabe tomar o pulso de nossas idéas, e ver que, apezar de francas e livres, nada lhes faltando em apparencia, tudo realmente lhes falta, porque não têm o que só póde constituil-as grandes, a saber, o desinteresse e abnegação sublime, por onde os combatentes da liberdade se devem distinguir dos pobres calculadores da ventura.

E ao envez do que se pensa, o que nos parece mais digno de lastima, não é o paiz prestes, como em geral se murmura, a despenhar-se em não sei que abysmo de confusões e miserias; é o paiz immovel, incapaz de dar um passo, ainda mesmo para o precipicio. Convençamo-nos desta verdade: faz-se tão necessario um grande braço para abater e impellir uma nação á queda, quanto para sostel-a ou eleval-a. Desde que um homem ou um partido não tem força de salvar um povo, fiquemos certos que tambem não tem força de perdel-o. Para concorrer, pelos erros de governo, ao remate de uma ordem de cousas com a queda de uma dynastia, é preciso ser do tamanho de um Guizot. Até neste sentido os grandes homens são uteis, porque podem apressar a vinda dos acontecimentos, pela influencia de seus desmandos e caprichos, igual á influencia de seus talentos... Mas seria gaiato que o Sr. S. Vicente, o Sr. João Alfredo e os que neste gosto forem apparecendo, levassem o Brasil ao abysmo... Qual!... nem para adiante nem para atraz; deixam como acharam. E este é o grande mal.

XXII

Seria um trabalho bem curioso e talvez fecundo para a nossa historia politica o resumo de tudo que nestes ultimos tempos a indignação tem feito brotar dos espiritos feridos pelo espectaculo de um governo corruptor. Ver-se-hia que não é a franqueza, não é a coragem que tem faltado aos orgãos do clamor publico.

Pelo contrario, nunca entre nós a linguagem livre se prestou com mais vigor a fulminar de alto a baixo o despotismo mal disfarçado das instituições que nos regem. Atraz da corrupção que ahi vai precipitada e sem termo, corre a satyra inexoravel que espedaça-lhe os vestidos e expõe a todos os olhos a sua medonha nudez. Na marcha do governo, se bem observamos, havemos de notar uma certa manqueira: é que elle tem o calcanhar mordido por não sei que dente aguçado e venenoso.

O verbo da opinião, quando não póde se fazer homem, faz-se féra; e, na falta de um braço forte que abale até os fundamentos o edificio da desordem, apparecem as garras que dilaceram e deixam apodrecer no desprezo os membros esparsos do poder aborrecido e malquisto.

Se tudo isto é verdade, não é menos exacto que a sociedade brasileira, de dia a dia, parece atufar-se em um profundo desanimo, em um tal abandono de si mesma, que pouca móssa lhe fazem, nenhuma attenção lhe merecem esses appellos e continuos reclamos. Dir-se-hia que o povo segue esta phrase do evangelho: *Meu reino não é deste mundo*; e confiando mais na morte que na vida, espera vingar-se no ceu de todo o mal que padeceu na terra!....

E' uma boa politica. E por isso a voz dos espiritos livres não tem echo no seio popular. O que ainda ha pouco chamamos *verbo da opinião* é uma cousa apenas apparente; ou melhor, quando usamos de tal expressão, não fazemos mais do que pagar tributo ao palavreado da época, visto que estamos convencidos do

pouco senso que essa phrase tem. Se alguma opinião existe no paiz para protestar contra os desatinos governamentaes, não é a da nação inteira, nem mesmo a de um partido feito; é a de poucos homens que não regulam seus actos pela norma das conveniencias, e, com toda a franqueza de sua linguagem e firmeza de seu caracter, correm o risco de desagradar a todos os que só vivem de calculos e querem menos coragem e mais subserviencia. Não é pois, em presença deste quadro, que se póde alimentar a mais simples esperança de serio melhoramento. Vamos assim, escrevendo por escrever, sem outro fim que o de encher o tempo, sem outro resultado que importunar a uns, causar receios a outros....

Abençoado Brasil!

XXIII

A dialectica secreta que dirige os factos da vida social, tem momentos grandiosos em que se deixa ver no intimo de seu trabalho, e acaba por varrer dos espiritos as ultimas neblinas da duvida. Hegel, aquelle bom Hegel, que disse as mais estranhas cousas, não era totalmente sem razão, quando ensinava o itinerario da idéa. Sim, é preciso concordar que uma força occulta, mas real e concreta, impelle os homens a proseguirem na busca de uma verdade, que apenas percebida, cede o lugar a outra que se levanta, mais luminosa e mais ampla. E nesta continua evolução genesiaca de idéas que apparecem e desapparecem, lá chega

o dia em que a ultima forma do pensamento de um povo não se presta mais aos movimentos dialecticos, e vai tornar-se o centro fixo e brilhante de sua vida moral e politica.

Estas considerações nos vieram á mente, com a noticia da installação de um club republicano na côrte. Não é que façamos parte de uma certa especie de levianos que batem palmas a todas as novidades e ousadias, simplesmente como taes; mas é que, se o facto não offerece motivos de prazer e enthusiasmo vulgar, offerece por certo um largo assumpto de reflexão e de estudo. Não ha muito tempo que entre nós a republica era um sonho, e um desses sonhos que fazem rir, pelos despropositos que encerram. Mas acontece que os sonhos do povo, por mais loucos e disparatados que se mostrem, são quasi sempre os atomos do ideial que fluctuam dispersos nos espaços imaginarios, até que se reunam e se harmonizem, sob a fórma de um principio. E' assim que das nebulosas se fazem os mundos. Tal hoje se nos apresenta a idéa republicana. E' nosso dever saudal-a; sem que, todavia, importe isto de nossa parte uma profissão de fé actual. Dizemos *actual*, porque, quanto ao futuro, mais perto ou mais longe, não ha duvida que todos estamos de accôrdo.

Note-se porém que a tal respeito não temos a opinião commum que determina para não sei que tempos mais propicios e mais cultos a vinda da republica. Entendemos que onde quer que ella appareça, e quando apparecer, é sempre em bom tempo e a proposito; modo este de pensar que involve a convicção de que

os homens por si sós são de pouca importancia no desenvolvimento de uma idéa. Ella marcha por si mesma. O merito de seus partidarios está em ouvir-lhe os passos, e abrir-lhe caminho franco, atravez dos erros e prejuizos que escurecem os espiritos.

Muita gente, que não queremos nomear, julga dizer uma grande e consoladora verdade, affirmando que a monarchia no Brasil é um facto transitorio. Foi esta, por exemplo, a linguagem de Q. Bocayuva no Rio da Prata; e aquelles bons republicanos applaudiram a cousa, como muito significativa. Nós porém, homens da provincia, pouco civilisados e indoceis ao jugo das opiniões que *vêm do alto*, entendemos que aquelle modo de falar, se não é uma bella tolice, é uma bella escapatoria. As evoluções geologicas, que aliás se contam por seculos, tambem são factos transitorios. Será assim a monarchia brasileira?.... E se não é, porque não?.... Qual a causa a que dever-se-ha a sua rapida passagem?.... Esta observação incidente vem aqui para dar a conhecer quanto estamos já fartos e aborrecidos de palavreado esteril. Temos muita confiança que o club republicano, fechando a época da garrulice declamatoria, vai abrir a época da acção e do trabalho de seria propaganda.

XXIV

Se é exacto, como ninguem mais hoje póde contestar, que a idéa republicana vai tomando um caracter serio, bem diverso do que tinha outr'ora, não é

menos certo que a esta mudança de aspecto deve corresponder uma mudança de resultado. E nós achamos que ha mesmo uma especie de contradicção em admittir que a republica entre nós já não é um sonho, uma utopia ridicula, e por outro lado, suppôr ainda que os seus partidarios se expõem ao velho perigo da *inutilisação e eterno esquecimento*. Bem sabemos que este modo de julgar é filho da experiencia; mas convem advertir que tal criterio já não póde ser applicado a uma nova quadra que surge agora, cercada de garantias e condições de existencia que faltaram a outras.

Emquanto a irrisão publica se incumbia de reduzir a nada os faladores e escrevedores de liberdade, não restava ao governo outro mistér se não rir-se tambem dos pobres doudos, e castigal-os ás vezes com as offertas de sua generosidade ou compaixão. Não assim, porém, quando nobres e sinceros espiritos preparam a época e tratam de varrer as nuvens do ceu em que o astro vai fulgir. Não assim, porque em presença da idéa que hoje irradia em todos os sentidos, o proprio governo é obrigado a reconhecer a força das cousas e a necessidade dos tempos. E comquanto não se deva esperar de sua parte a minima adhesão, não se póde, todavia, fazer-lhe a injustiça de julgar que elle pretenda receber em seu largo peito a pancada da corrente, com o fim de desvial-a.

Ha um outro ponto, neste assumpto, sobre o qual seria bom que se meditasse um pouco mais, para se poder emittir juizo seguro. Costumamos lançar á conta

do futuro a realisação d'aquillo que hoje nos parece impossivel; será isto porém uma convicção resultante de fundadas inducções?... Não; mal sabemos que nestes e iguaes modos de pensar entra uma grande parte do temperamento e da indole. E' defeito commum a todos a quem falta o genio da iniciativa, appellar sempre e sempre para uma melhor occasião; e porque a natureza humana é fertil de recursos, dá-se que em taes circumstancias, o homem converte em poderosas razões seus desejos ou seus receios; e a impossibilidade que elle descobre nas cousas é simplesmente a impotencia reflectida do caracter que as contempla. D'ahi provem a facilidade com que oppomos a nossa prudencia aos ardimentos alheios, e parecemos ter-nos em conta de mais sabidos que os outros, quando somos apenas mais fracos. E' assim que não duvidamos um só instante de nossa clarividencia, affirmando, por exemplo, que a republica é extemporanea, que a idéa é inexequivel, e seus combatentes um pouco mal avisados. Oh! como somos ingenuos em crer, desta arte, que sómente nós vivemos na luz, para conhecer o erro e a verdade!...

D'ahi provém ainda que para esta classe de homens a vida se reduz a um complexo de aspirações estereis que não se englobam, que não se amassam em realidade alguma.

E' pois mister virar as idéas e dizer que não somos nós que temos tudo a esperar do futuro; é o futuro que tem tudo a esperar de nós.

Por mais amplas e fortes que sejam as esperanças são sempre similhantes a montes de areia que

mudam de lugar a sabôr dos vendavaes. As questões de interesse pratico, de interesse humano, são sempre questões de tempo; e assim como a economia politica é digna de lastima, quando julga consolar as miserias do presente com a perspectiva das épocas vindoiras, ante os progressos da industria, não menos lastimavel é a sciencia do publicista, que suppõe fazer uma grande descoberta, quando nos diz em tom pedantesco: não é tempo ainda; tende paciencia; vossos netos gozarão do que vós não podeis gozar! Que bella consolação!

XXV

Um dos mais tristes espectaculos que se possa dar em face da historia, é a obstinação com que o orgulho e a fatuidade humana querem ás vezes rebellar-se contra a ordem providencial dos acontecimentos.

Na ignorancia inconsciente das leis que dirigem a humanidade, tão reaes e tão firmes como as que dirigem o mundo physico e material; e na apparencia de liberdade, com que se movem os grandes corpos sociaes, assenta a convicção de certos homens que julgam possivel prolongar-se indefinidamente a duração de uma época e obstruir a passagem das idéas *perigosas*.

Não sómos nós que neguemos o que ha de aventuroso e conjectural nas tentativas de um caracter mais elevado e mais novo.

Nem por isso julgamol-as condemnadas a uma queda infallivel, a um aborto inevitavel. Quando uma idéa chega ao ultimo periodo de gestação no espirito, já não é facil o emprego de meios para matal-a, porque o susto, a violencia, os ingredientes de qualquer genero não fazem muitas vezes mais do que accelerar-lhe o nascimento.

E pois que o leitor deve ter comprehendido a que nos referimos, importa não deixar a menor sombra em nosso pensamento. Falamos em — *idéa*; e todavia, é preciso convir que a republica não existe no espirito brasileiro sob similhante fórma. Tanto maior é a sua efficacia. Distinguindo o que nos esclarece, como principio, do que nos impelle, como tendencia, não ha negar que a republica esteja neste caso. Presentida, sem ser conhecida, ella só póde hoje entrar nos espiritos sob a fórma de um instincto que vai desenvolver-se na alma do povo. A sua maior vantagem é que os seus partidarios, uma vez que não podem ainda ter uma idéa, tambem não podem determinar o que querem: — não querem nada. E Deus nos livre que elles queiram *alguma cousa*... Seria uma primeira tentação ao engodo. Muita gente ha que descança na doce crença de que o povo brasileiro só é apto para o systema monarchico... Não discutimos as razões. Mas é facil descobrir que ha nisto uma illusão devida ao poder do habito. Acostumados a vêr sempre um phenomeno ligado a outro, acabamos por convencer-nos que ha entre elles uma relação necessaria. E tanto que chegamos muitas vezes a sacrificar-nos por esse erro, de que aliás ninguem está isento.

Entretanto, reflictamos. O povo brasileiro é essencialmente monarchista, dizem; mas este *essencialmente* não tem senso.

Se quasi cincoenta annos de monarchia bastam para constituir uma *essencialidade*, igual razão deve militar a respeito de outras cousas consagradas pelo tempo. Mas não aceitam a analogia; porque?... E' o que deveram mostrar.

Por maior que seja actualmente a gritaria dos aulicos, nos festins da realeza, por cima de todos os ruidos e algazarras da época, é possivel distinguir alguma cousa de estranho, que vem sobre nós, que se approxima de nós, para salvar-nos ou perder-nos, de um modo irresistivel.

E como quer que seja, não ha duvida que estamos em uma hora solemne e decisiva. O instincto superior do povo atira-se em busca de não sei que nova fórma de vida, pela necessidade de uma regeneração social. Bem como as aves que fogem aos rigores do clima os espiritos se lançam atrás da liberdade: é uma especie de emigração no tempo, que distingue as gerações valentes e avidas do melhor. As nações como os individuos, estão sujeitas a enlarguecimentos de craneo, para dar pouso ás novas idéas. O Brasil está neste caso. Desgostoso do presente, volve-se de todo para o futuro, e aspira, da abundancia da alma, esse *grande aliquid, quod pulmo animœ prœlargus anhelet*.

Não dissimularemos que ha enormes difficuldades a vencer para vazar os designios ferventes de algumas cabeças no vasto molde do pensar de todos! Mas

nem por isso é menos certo que, o pensamento politico do paiz tem a contar uma evolução de mais.

O *Club Republicano* da côrte, a que por ora só falta uma força de numero igual á força de sentimentos, offerece a garantia, unica desejada em taes circumstancias, de ter á sua frente homens competentes, distinctos, capazes de ousar... (1)

1870

---

(1) Os pequenos escriptos, aqui reunidos, sob o titulo de — *Politica Brasileira* —, foram artigos de fundo insertos no semanario liberal—*O Americano,* em 1870, por T. Barreto. (N. de S. R.)

VI

Politica Prussiana

« ... *Man will auch aus Deutschland ein Italien mit seinen Jesuiten, seinen schamlosen öffentlichen Lügnern und seinen Räubern machen. Deutsche Treue und Ehre, Deutsche Pflicht und Deutsches Recht haben keinen Sinn mehr neben Schleinitz — Preussischen, Kölnischen und Berlinischen Zeitungen, Zeitschriften und Zeitschif-tehen...* »

EWALD.

... Querem fazer da Allemanha uma Italia com seus Jesuitas, seus impudentes mentirosos publicos e seus bandidos. Fé e honra alleman, dever e direito allemão, são palavras que não têm mais sentido ante as hyprocrisias prussianas, ante os grandes e pequenos jornaes de Colonia e Berlin...

Eis o que nestas fortes palavras, não ha muito tempo escriptas, mostra pensar dos planos da politica prussiana e do mau caminho que sob taes inspirações vai tomando a sua patria, um dos mais vastos espiritos actuaes. E julgamos cabivel repetil-as, para ainda uma

vez comprehender-se que o sonho estranho do *Pangermanismo*, que está em evolução, não se acolheu em todas e nem mesmo nas melhores cabeças da Allemanha. A mácula indelevel de um barbaro attentado feito aos direitos, ás idéas santas, ás justas aspirações da civilisação moderna, não se faz extensiva a todo aquelle nobre e generoso povo. Ainda em pequeno numero as excepções são protestos lavrados na acta do seculo contra esses malignos intentos que envergonham o caracter germanico.

A Prussia insiste em apunhalar a França ; e a Europa cruza os braços ante o quadro hediondo que offerece a execução de tão negro projecto !... Ah! quem nos dirá que as outras nações, competentes para se interporem na luta, não estejam, ao contrario, desejosas de um precedente, afim de poderem tambem fundar algum direito na força do *exemplo?* Quem nos dirá que a Russia não tenha, á esta hora, diante de si, a idéa do *slavismo* politico, de que ella será o *Pan?*

Como vai a humanidade! Como tudo que se pensa e que se diz em abono da verdade, em prova do progresso, é de repente socado nos canhões, estas boccas que só falam para desmentir o ideal da justiça e do direito!

Estava reservado aos pseudo-patriotas, de alem do Rheno — que triste privilegio! — tentar abater até o aviltamento o nome da França. E não se julgue que occultas predilecções nos levam a usar desta linguagem. Em seu começo, a causa da França pareceu-nos antipathica, porque era a causa de Napoleão. Mas isto passou: e quando cria-se que a Prussia fosse fiel a si mesma, sendo firme em sua palavra, eil-a que saca da cabeça

de Bismarck uma idéa retrograda, que sôa mal aos nossos ouvidos, o *Eroberungrecht*, o direito de conquista que não é mais que o direito de *aproveitar a occasião*. Em similhante estado, com tal attitude, a Prussia que dizia contar com o apoio moral da Europa, mal presente que vai perdendo o apoio moral do mundo. Porque o mundo não é constituido por duas ou tres nações poderosas que por calculo não lhe fazem logo comprehender o absurdo de suas intenções. O mundo, de que falamos, é alguma cousa de occulto e sagrado que se conserva incorrupto no fundo dos corações, para reagir em todos os tempos contra a injustiça e a desordem, lançadas assim por capricho á face da humanidade.

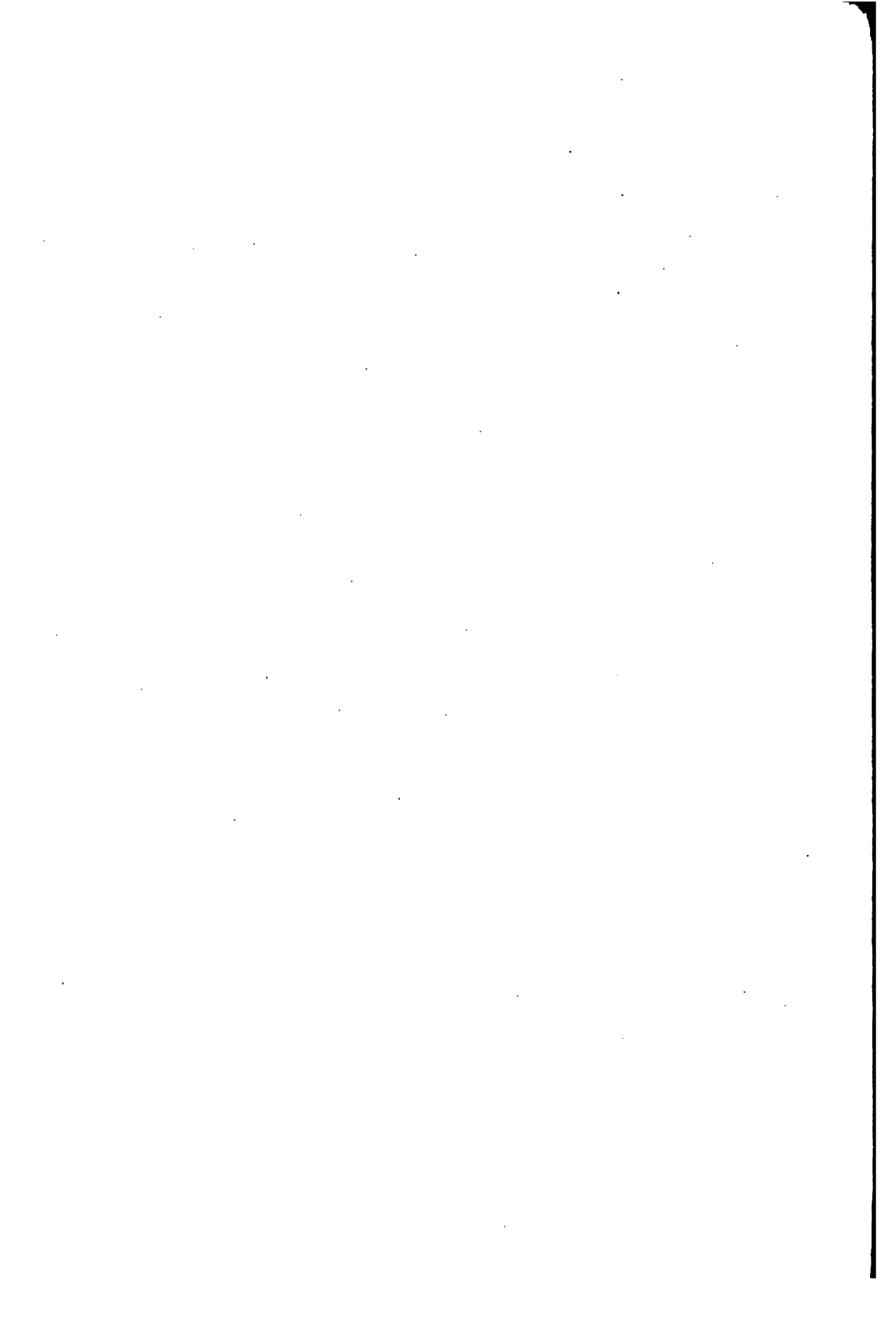
Não é impunemente que os individuos ou os povos procuram tirar dos outros o que julgam que lhes falta; além de que nada falta a uma nação, quando ella tem a honra que consiste em manter illesos os seus direitos e respeitar os alheios.

Não desejamos, como em desabafo, que a Prussia veja abrir-se, de dentro de seus designios, o abysmo de fogo que a devora. Pedimos antes que do bojo da nuvem em que se envolve o seu pensamento, surja uma nova idéa que a illumine.

Hoje só existe um conquistador sympathico: é o espirito humano, a quem pertencem a Allemanha sempre profunda e a França sempre grande. (1)

1870

E' ainda um artigo de 1870, publicado n'*O Americano*.

Ainda nesse tempo Tobias andava bastante preso aos francezes, posto que já começasse a estudar a Allemanha. (N. de S. R.)

VII

Novo direito que é preciso reconhecer

E' sabido que até hoje, por habito ou por instincto, o homem, sempre zeloso de sua reputação moral, que não entrega á discreção das auras e boatos da opinião publica, tem deixado tudo que diz respeito ao merito intellectual, á reputação litteraria ou scientifica, no triste captiveiro do juizo de alguns, ou do capricho de todos.

Não ha duvida que o sentimento da propria fraqueza é inseparavel da natureza humana, qualquer que seja a somma de qualidades que modifique; sem o que a modestia não seria uma virtude, porém uma fórma natural da hypocrisia. Mas tambem é certo que esse sentimento, limpido e puro em sua essencia, póde turvar-se com impressões desfavoraveis do mundo exterior e não offerecer aos olhos do individuo a imagem verdadeira do que elle realmente é, lançando-lhe no espirito o germen perigoso de um desanimo fatal.

10

Não é menos certo que assim como todo homem está sujeito a pequeninas miserias, que só elle sabe e occulta no fundo de si mesmo, assim tambem todo homem tem momentos de intima elevação e grandeza, que só elle comprehende face á face com a sua consciencia.

E não é só no mundo das acções; é mais ainda na esphera do pensamento que esses phenomenos se dão. A consciencia não é infallivel; mas nós cremos que ella erra menos, quando nos diz: *ergue-te e vôa*, do que quando murmura fraca e triste: *não te cances!...*

E' na fé do primeiro oraculo que o homem sente-se livre e combate a natureza; é em nome da consciencia, affirmando o seu poder, que o homem tem coragem de fazer o corcel da victoria escarvar a terra nas fronteiras do impossivel; é em nome da consciencia, affirmando e engrandecendo, que se ganha a mais difficil das batalhas, a pratica da virtude, o cumprimento do dever.

Tambem na fé do segundo oraculo, em nome da consciencia timida e fria, é que o preguiçoso trabalha, contricto e humilhado, aos pés de Deus, isto é, aos pés da fome. Aos murmurios dessa voz intima e aterradora, o mancebo fecha o livro, em que mirava a sombra das idéas, e diz que não as comprehende, nem tem forças para isso. Não duvidamos que algumas vezes a palavra interior seja exacta e verdadeira; mas o certo é que a consciencia mente mais nos seus esmorecimentos e restricções do que nas suas franquezas, nos seus modos de altivez. O homem é maior do que de ordinario elle se julga. E cremos que, por sua propria honra, o creador deve aceitar esta nossa theoria.

Facilmente se deduzem os corollarios e applicações que visamos. Se no consultorio da consciencia é que a psychologia recebe os ensinos relativos ás faculdades do espirito humano; se lá mesmo é que a moral bebe os grandes principios que a constituem, porque razão não é ella invocada, e não se fará respeitar o seu juizo, quando se trata de apreciar attributos e relações de outra ordem, que entretanto não deixam de caber na sua alçada?

O homem sabe, por consciencia, que elle é intelligente. Nenhuma duvida. Mas a intelligencia tem graus que se designam por habilidade, talento, genio... Qual a razão psychologica por que o homem não póde ter a consciencia do seu talento? Um desafio aos philosophos, para que nol-a indiquem. Mas então se tal consciencia é natural e possivel, onde está o fundamento desse artigo de moral ou de polidez, que prohibe ao individuo sustentar a defesa e abrir a demonstração de suas qualidades intellectuaes, que alguem queira diminuir ou negar?

Não ha justiça nem logica. Admitte-se que o homem tenha o sentimento do proprio merito, por actos praticados, onde elle poude fazer entrar uma particula do bem. Mas não se admitte, ao que parece, que prove igual sentimento, por palavras faladas ou escriptas, onde tenha feito arder uma scentelha do bello. Concede-se que se fale ao publico, em nome da consciencia moral, para repellir a attribuição de um vicio; não assim, em nome do senso esthetico ou litterario, para combater a attribuição de um defeito. Qual o motivo?...

Agora vede as consequencias deste velho prejuizo. Em um paiz, como o nosso, onde as cousas mais simples e naturaes tomam sempre um certo aspecto official, e pouco falta que o talento seja uma funcção publica, de nomeação do governo, acontece que um pequeno grupo de pedantes, tendo á frente algumas das notabilidades *faceis* de nossa terra, se constitue juiz irrecursivo do merito litterario.

Neste cargo, não é raro ver que distribuem aos seus sympathicos ou recommendados os encomios e as considerações, sem lhes importar a pouca rectidão do seu proceder em relação a muitos outros. Certos de não serem contraditos, classificam a sabor de suas preferencias tôlas os escriptores de todo genero que lhes cahiram em graça, por qualquer motivo particular, deixando no esquecimento aquelles que não têm talvez os mesmos predicados de rosto.

E como em taes assumptos a opinião publica não desembarga os feitos, o individuo, sem garantias contra as indignidades, assiste silencioso á obliteração de seu nome e suas qualidades respectivas, por força da delicadeza que manda não falar de si mesmo e deixar que os outros reconheçam e proclamem!!...

Delicadeza futil, que abre caminho á toda especie de omissões iniquas e pequeninos caprichos! E' tempo de acabar com isto. O homem tem o direito de defender a sua reputação litteraria, da mesma forma que a sua reputação moral. Em ambos os casos a consciencia do merito póde justificar os meios da repulsa, pela indignação da offensa.

Quando o espirito publico se mostra indifferente ou pouco sensivel aos esforços e productos de uma intelli-

gencia, perante essa attitude negativa, não ha sempre razão para o individuo revoltar-se contra o grande numero. No banquete social, em que se brindam os talentos, os genios de todas as ordens, reparae bem que ha um conviva desconhecido a quem pertence o maior quinhão dos successos: é a sorte, o destino, a felicidade A boa estrella é talvez a luz mais clara do festim.

Mas quando uns poucos de julgadores sem criterio se levantam como orgão do senso esthetico nacional, para conferir as corôas do reconhecimento a estes e não áquelles, mais a uns do que a outros, pede a justiça que uma nova fórma de direito de defesa seja aqui applicada e geralmente admittida.

A mocidade saberá tirar deste germen, que assim plantamos, os proveitos que elle encerra. Saberá reunir aos caracteres de sua intelligencia o caracter da independencia e da liberdade individual com todas as suas consequencias e uteis resultados. (1)

1870

(1) Este bello pedaço de prosa, brado eloquente de uma alma generosa, é ainda um artigo de 1870 — n'*O Americano*.

(N. de S. R.)

VIII

Direito publico brasileiro (1)

Podia dispensar qualquer outra menção. A epigraphe bastava para suscitar a idéa do grosso volume do Sr. marquez de S. Vicente. E apresso-me em dizel-o: sendo quasi a unica fonte, na qual se bebem algumas noções mais largas, bem que pouco proveitosas, das nossas liberdades e garantias constitucionaes, o livro de que falo não deixa de ter direito a certa consideração.

E' possivel pôr em duvida a existencia de uma litteratura no Brasil. E' evidente que elle não faz a menor figura na região dos altos estudos. Mas o que ninguem póde contestar é que o Brasil possue uma politica propria.

Desconhecido em tudo mais, quero dizer, em tudo que pertence ao dominio do pensamento, o vagaroso

---

(1) *Direito Publico Brasileiro e Analyse da Constituição*, pelo Dr. José Antonio Pimenta Bueno, marquez de S. Vicente.

imperio da America toma um caracter, se distingue, se affirma no seu modo de governo e no valor de suas instituições.

Neste momento da historia do seculo XIX, para a qual a nação brasileira pudera offerecer materia mais consideravel, são entre nós bem raras, outros diriam nullas, as conquistas luminosas da sciencia e do talento. Estarei porventura exagerando?

Felizmente aqui não é o ensejo de emittir opiniões e accumular conjecturas. Tratam-se cousas, se assim posso dizer, visiveis a olhos nús, a olhos desarmados de qualquer instrumento de observação e analyse delicada. Por mais largo que se mostre o caminho aberto ás fôfas jactancias e elogios futeis, eu creio que não se chega ao ponto de se pretender ter uma alta cultura scientifica. E' noticia vulgar e propagada na Europa, que somos um povo rico das melhores riquezas naturaes. Não contesto, nem duvido. O que, porém, alli não se sabe é que no Brasil haja um só atomo de sciencia viva, adequada ao tempo, e homens notaveis que a ella se consagrem; é que o Brasil preste o menor combustivel para a grande fornalha do pensamento moderno. E tudo isto se ignora, justamente porque nada existe, no sentido de tornar-nos mais conhecidos, pelo que toca ás cousas do espirito.

Eu sei que vou arrancar um brado de estupor a muitas pessoas. Quero falar daquelles, para quem o vasto imperio é o Eden das novas éras, seu monarcha o mais sabio de todos os monarchas, sua fórma de governo a mais harmoniosa e invejavel, seus estadistas os mais perfeitos do mundo. Vou deixar incommodada a velha

raça dos *chauvinistas*, que estão continuamente a glozar, em prosa chula, na imprensa ou na tribuna, os celebres versinhos:

> *Nosso ceu tem mais estrellas,*
> *Nossas varzeas têm mais flores.*

Quando digo que no Brasil as cousas politicas têm uma preponderancia quasi absoluta, não quero com isto affirmar que as idéas respectivas estejam bem adiantadas. Assim devia ser e tinha-se direito de esperar. Mas dá-se infelizmente o contrario. Os nossos grandes homens vivem de todo alheios ao progresso das sciencias. Em plena madureza de annos, como elles se acham, ainda hoje repetem aquillo que aprenderam nos velhos e pobres tempos de Olinda ou S. Paulo, se não guardam alguma reliquia da estupidez coimbran. O mundo scientifico viaja de dia em dia, com incrivel rapidez, para alturas desconhecidas. Aqui não se sabe disso. O clarão do seculo ainda não penetrou na consciencia brasileira.

Perguntai a um desses personagens que occupam a vanguarda politica do paiz, o que pensa em relação aos graves problemas inquietantes da época actual, e elle dar-vos-á uma resposta de menino. Saberá, quando muito, que o papa está um pouco decahido e Guilherme da Prussia grandemente elevado; o que elle reputa o cumulo da contradicção, por serem, um catholico, e o outro protestante! Mas isto nada importaria, se os brasileiros famosos, que todos são homens de Estado, senadores, deputados, funccionarios publicos, ao menos no mister habitual de sua vida, revelassem talentos

superiores. Quem dil-o-ia? é ahi mesmo que se faz sentir a mais tosca e lastimavel pobreza. Já não falo do papel secundario, terciario, por elles representado, em face do imperador, que os envolve e obumbra na sua sombra de *homem providencial.*

Isto é materia velha; eu me envergonharia de repetir, por minha vez, o que se diz todos os dias, nos jornaes, e todos os annos no chamado parlamento brasileiro.

O que me espanta, é que, destituidos de energia, baldos de força moral e social para se collocarem diante do rei, como obstaculos aos seus caprichos, esses espiritos velhos não tenham por outro lado, em fórma de compensação, uma cultura profunda, digna de respeito e assás aproveitavel. O que me espanta, e creio que tambem a muitos outros, é o quadro, pouco lisongeiro, de tantos e tão falados vultos, de cabeças brancas, enfileirados ao pé do throno, sem darem um signal de vida, de vigor intellectual, como se elle manifesta em regiões mais felizes. Parece duro affirmal-o, mas é verdade: nós não temos, entre nós não fulguram os *Representative Men*, de que fala o americano Emerson, aquelles que representam a força e a riqueza da especie.

E' um facto que não precisa de prova. E se é exacto o que disse Carlyle, o orgão mais decedido das idéas allemans na Inglaterra, em suas prelecções sobre o *Hero-Worship*, que só nos grandes homens a pura humanidade, a humanidade real se phenomenisa, que devemos pensar a nosso respeito? Haveria loucura em concluir que nesta boa terra o elemento

humano, assim comprehendido, ainda não veio a lume? Gœthe considerava como um serio problema de educação, despertar o sentimento de estima e veneração, avival-o e conserval-o, diante das grandezas geniaes. Strauss approximou-se deste modo de entender, recommendando o culto do genio, como o subrogado da religião.

Estariamos mal e muito mal, se tal cousa fosse realisada: não tinhamos a quem adorar!

São innumeras as causas do atrazo em que jazemos; mas, entre ellas, se me antolha de uma influencia enorme a falta de discernimento em apreciar o verdadeiro merito.

D'ahi a leveza, com que se endeosam não raras mediocridades a quem a sorte se mostrou menos sombria. A ascensão ao cimo do poder publico é um facto que se observa todos os dias, e, comtudo, não se sabe a lei que o determina, como phenomeno regular da ordem social. Os nossos estadistas e politicos notaveis achariam immensa difficuldade em explicar, por ligação de causa a effeito, por meios normaes e generalisaveis, a importancia e nomeiada de que se lisongeiam. O senso popular, em momentos de clarividencia, reconhece esta verdade, quando o espanto produzido por triumphos e glorificações de pessoas bem vulgares, elle o resolve pela magia da boa dita. *Que homem feliz!....* é o grito unanime que sôa, ao contemplar-se a elevação miraculosa de espiritos mesquinhos, onde a virtude e o saber só brilham pela ausencia.

I

O Sr. Dr. Pimenta Bueno, actual marquez de S. Vicente, passa por um dos vultos imponentes da nossa terra. E' um jurista brasileiro; e, a crer-se nos conservadores, em cujo gremio elle tem um lugar distincto, é talvez a maior autoridade do senado. Bem que não seja orador, assim o dizem, por não ter a dicção muito correcta, elle faz, com o peso de um saber aprofundado e de uma vasta erudição, a figura magistral de um homem imbuido nas lides do pensamento. E creio ter sido mesmo em recompensa dos serviços prestados ás lettras patrias que se lhe deu um titulo honorifico. Nada de melhor, nem de mais plausivel, se tudo isso ficasse vivo, depois de supportar uma analyse acurada.

Já lá são idos cerca de quinze annos, que o nobre marquez publicou a sua obra de *Direito publico brasileiro.* E' uma exposição arrazoada de todos os artigos da Constituição e Acto Addicional, com a escolta indispensavel de leis organicas e mais regulamentos e decretos, relativos á materia. Total: um volumoso livro de 582 paginas; especie de *armazem* juridico, onde a mocidade estudiosa costuma embeber-se e ficar adormecida. Tal é a maneira côxa, o andar arrastado e vagaroso do autor. E, todavia, seriam desculpaveis esses defeitos externos, essas faltas de attitude e movimentos elegantes, tão necessarios ao escriptor hodierno, se a indigencia da fórma fosse compensada pela riqueza do fundo. Mas assim não acontece. Poderia achar-se injusto

criticar actualmente uma obra, escripta ha quinze annos; e eu não tomaria esse trabalho, se não fossem duas graves e fortes razões. A primeira é que nós não possuimos cousa melhor, nem mesmo igual no genero. Em segundo lugar, a obra de que se trata, existe ainda hoje, como outr'ora, cercada do respeito e obediencia, votados á magna illustração de seu autor. Creio mesmo que o digno marquez está satisfeito com o que escreveu, e não deixa de ter o seu livro como uma producção moderna e duradora.

Muito estimaria eu que o fosse. Porém, dil-o-hei tranquillo?... quanto mais leio e releio o volume referido, menos me conformo com as honras que se lhe dão.

E' uma obra fria, que tem ao mesmo tempo a dureza propria das compilações e a insipidez de uma sciencia escolastica. O Sr. marquez, posto que de certa idade, escreveu, comtudo, em época de mais vida, de mais espirito critico, de mais frescura de idéas do que isso que se nota em seu insulso volume. E demais, nos quiz fazer presente de uma bibliographia, constante de quarenta escriptores que o *auxiliaram* na confecção do livro. Tanto maior se torna a minha admiração de ver o autor, que leu com interesse uma longa serie de publicistas, gyrar não obstante em esphera tão inferior.

Deixo tudo que ainda possa adduzir de considerações tendentes a pintarem, de antemão, o estado mental do nosso publicista e convido o leitor para entrar commigo na apreciação de certos pontos discutidos e resolvidos pelo illustre titular. Eu abro de

preferencia o livro, na parte que se occupa da fórma do governo nacional e dynastia brasileira. S. Ex. começa de longe:

«Nenhuma associação nacional póde subsistir na anarchia, é indispensavel um governo, uma ordem publica, uma organisação apropriada á sua civilisação e necessidades sociaes.» E' exacto, mas tambem é esteril; quero dizer que é uma velha verdade, já bem sediça, e de nenhum alcance! «A maneira porque a nação distribue o seu poder, constitue as diversas fórmas de governo.» Erro ou descuido. A autocracia da Russia não será uma fórma de governar?... E é alli a nação quem distribue o poder?

Porém isto é nada, em frente do que ahi vem. «A razão brasileira, esclarecida pela *experiencia dos povos*, o sentimento de seus habitos, a previsão de sua segurança e bem-ser, aconselharam-lhe (a quem?) que preferisse a fórma monarchico-hereditaria, constitucional e representativa.»

Já tenho combatido esta supina tolice, que pretende justificar a nossa fórma de governo, invocando a *experiencia dos povos*, como apoio de uma instituição, cujas primeiras tentativas foram feitas, no começo do seculo, para uso das nações modernas, com excepção da Inglaterra; e o Brasil entrou no ensaio. Visivelmente, o Sr. de S. Vicente ignora esses factos da historia contemporanea, os quaes pertencem á propria historia do direito publico actual.

Desconhece, como só fal-o-ia um homem sem cultura, as evoluções do *constitucionalismo*. Não sabe que fóra da terra onde nasceu e tambem morreu, foi entre

nós que esse systema estropeado foi primeiro posto em prova! Não sabe ainda que á monarchia de Julho, ao governo de Luiz Philippe, ha hoje quem attribua como uma honra, o ter-se cercado de todos os lados, segundo a expressão do conde de Nesselrode, de uma rampa de estados constitucionaes organisados sobre o systema francez! Qual foi, portanto esse plural *de povos*, cuja experiencia poude esclarecer a *razão brasileira*, para adoptar o governo que tem?... Não sei como se qualifique similhante desproposito. Mais ainda: «.... o sentimento de seus habitos, a previsão de sua segurança e bem-ser, aconselharam-lhe...» E' soberbo!

Que habitos capazes de inspirar acções grandiosas e abrir caminho a novas tendencias, podia ter um povo que sahia do regimen absoluto? Em que factos, em que lei da ordem moral, se baseava a «previsão de sua segurança e bem-ser?»

Havia aqui uma boa occasião de S. Ex. procurar na historia, encarada pelo grande lado scientifico, o fio conductor de seus raciocinios.

A idéa do *desenvolvimento* das cousas que nascem, progridem e acabam por destruir-se a si mesmas, essa vasta e fecunda concepção germanica, é estranha ao nobre marquez. Não o censuro por isso; mas lastimo que o seu livro, deste modo, não dê o menor indicio de cultura litteraria, e assimelhe-se mais a um escripto de theologo. Eis aqui: não satisfeito com a «experiencia dos povos» e o «sentimento dos habitos nacionaes,» como principios determinantes da adopção da monarchia constitucional, o publicista regio se faz padre, toma a estola, e accrescenta:

« Foi uma resolução inspirada pela Providencia. Certamente, a fórma de governo que preferimos, é a mais elevada, philosophica e apropriada ás necessidades e porvir do Brasil. » Não ha duvida, e o leitor não se horripile do que vou dizer: o sabio brasileiro está ainda no periodo atrazado das formulas estereis que se repetiam, como as santas palavras de uma reza milagrosa. E' uma parvoice qualificar de mais elevada e philosophica esta ou aquella fórma de governo, em presença de outras que têm igual direito a se dizerem taes. O americano por certo não ha de admittir instituição mais bella e mais racional que a sua republica. Assim todos os mais. Em nome de que principio, com os dados de que sciencia, o Sr. de S. Vicente exprimiu-se de modo tão categorico?.... Eu insisto:... « é a mais philosophica e apropriada, etc., etc.» Custa a comprehender o que o autor teve em vista.

Precisamente, por ser um fructo de especulação philosophica, e sem base nos factos, é que o pobre *constitucionalismo* não tem succo, e a cada passo parece esvaecer-se. Já daqui se começa a descobrir que não é só a aspereza de linguagem mal construida, e, por assim dizer, a *reptilidade* do estylo do Sr. marquez, o que faz certa agastura em um leitor mais exigente; é tambem a curteza de olhar indagador, é a falta de fundo scientifico. Impressiona comicamente o modo singular, pelo qual elle julgou esclarecer os pontos duvidosos da doutrina constitucional.

E' sobretudo extranhavel que um espirito nutrido de larga e succulenta leitura, que um homem de criterio e profunda reflexão, qual deve ser o honrado

titular, se deixasse seduzir por phrases academicas, só proprias de deslumbrar os noviços na materia. Eu convido o leitor mais prevenido em prol do velho jurisconsulto; convido até aquelles que se espantam diante da minha audacia de critico rigoroso, provoco a todos elles para darem um juizo de homens serios, sobre a pagina que lhes vou abrir. Eis aqui, na verdade, o que parece indesculpavel e pouco digno de uma cabeça pensante.

Bem como já por vezes tenho dito em publico, o poder moderador não é sómente, o que em geral se repete, uma força que absorve, quando não dissipa e nullifica todas as forças politicas do paiz; é ainda uma idéa que se vê sempre engastada no alto do pensamento de nossos publicistas; é um problema inquietante, uma questão suprema, que sabe assimilar-se a todas as questões. Se pois alguma cousa estava determinada pela indole do livro e o caracter do autor, era que o marquez de S. Vicente, ao menos nesta parte, se mostrasse indagador cuidadoso e publicista philosopho, a quem não basta contemplar a superficie do assumpto; é mister entrar no fundo e procurar solver as grandes difficuldades. Terá elle assim praticado ? E' facil provar que não. O que de mais profundo, em relação a tal objecto, se encontra na sua obra, está no trecho seguinte: « O poder moderador, cuja natureza a constituição esclarece bem em seu art. 98, é a suprema inspecção da nação, é o alto direito que ella tem, e que não póde exercer por si mesma, de examinar o como os diversos poderes politicos que ella creou e confiou aos seus mandatarios, são exercidos. E' a faculdade que ella possue de fazer

com que cada um delles se conserve em sua orbita, e concorra harmoniosamente com outros para o fim social, o bem ser nacional ; é quem mantem o seu equilibrio, impede seus abusos, conserva-os na direcção de sua alta missão; é emfim a mais elevada força social, o orgão politico o mais activo, o mais influente de todas as instituições fundamentaes da nação. »

Eu creio que, ao tempo mesmo em que foi elaborado este pedaço de velhas banalidades, qualquer moço academico, de alguma intelligencia, não se arriscaria a encher uma dissertação de periodos tão ôcos, tautologicos e insulsos. Deve ser um espirito mui pêco e acanhado o que se dá por contente com razões deste quilate. « O poder moderador, cuja natureza a constituição esclarece bem em seu art. 98...» O autor é mais feliz que os seus collegas de funcção e de sciencia. Entre elles ainda hoje se discutem a *natureza e os limites* do poder moderador. Verdade é que a monographia polemica e esteril do Sr. Zacarias veio depois do informe volumaço do Sr. de S. Vicente. Não é tambem menos exacto que no opusculo vulgar do orgulhoso liberal nenhuma idéa nova se accrescenta ao que se lê na constituição, para definir a chamada natureza do referido poder. Mas a questão já existia suscitada, ou ao menos presentida, na região das lutas parlamentares. Não era licito a um autor illustrado, e muito menos a um conservador sincero, passar ligeiramente por um ponto capital, que toca assás de perto as doutrinas do seu partido. A constituição diz de um modo theoretico e figurado que o poder moderador é a chave de toda a organisação politica... Até ahi o que se deixa ver, é

sómente que ante os olhos do bom constituinte, o organismo politico do imperio era representado pela imagem, meio burlesca, de uma caixa, um sacrario, um calabouço, ou cousa similhante, que tenha uma só chave; e esta é a sagrada pessoa do monarcha. Não lampeja o menor raio de clareza e precisão, a respeito do objecto definido, se é que definição se póde chamar aquella phrase metaphorica e sem valor racional. Adiante:—... «e é delegado privativamente ao imperador, como chefe supremo da nação e seu primeiro representante...» Longe de mim o intento de levantar aqui tambem a celebre questão que tem preoccupado altas cabeças, encanecidas, quanto á força do adverbio *privativamente!*

As discussões dos grammaticos e theologos, que todas sempre se mostram as mais futeis e insipidas do mundo, não são capazes de correr parelha com a toleima dos nossos publicistas, na controversia adverbial. Seja como fôr, o certo é que o monarcha é o unico investido daquelle excelso poder; e isto, como chefe supremo da nação, e seu primeiro representante.

Para quem toma ao serio as tiradas de abstractas theorias, que entumecem os artigos de uma constituição; para quem julga ser cousa de merito andar na pista do legislador constituinte, afim de descobrir o que elle teve em mente; para quem se embevece e baba-se de gosto na exegése harmonistica dessa especie de *biblicismo constitucional*, que faz a honra e o renome de certos vultos parlamentares; parece que o art. 98 se prestava a uma pesquiza mais fecunda, do que se tem até hoje praticado. De facto, o seu conteúdo deixa vêr tres idéas capitaes — *poder moderador*, *chefe supremo da nação*, e

primeiro representante, exprimindo predicados inherentes a um unico sujeito — o imperador. Ora, é facil mostrar que esses predicados não se juntam á pessoa do monarcha para constituil-o, mas sómente para mais glorifical-o, e por ser elle o ente privilegiado, o archicidadão. Em outros termos, o imperador preexiste ás attribuições que a carta lhe confere; elle tem uma *essencia* propria; elle não é tal, por ser o orgão privativo do poder moderador... (1)

1871

---

(1) Este artigo é de 1871. Sahiu completo em jornaes de Pernambuco daquelle anno. Não posso deixar de lastimar o descuido havido em obter-se alli a continuação deste bellissimo estudo de direito publico brasileiro. Resigno-me a publical-o assim desfigurado, por faltar-lhe mais da metade... (Nota de S. R.)

IX

A provincia e o provincialismo (1)

I

O livro, que vou abrir aos olhos do leitor, é o producto mais significativo de um notavel talento brasileiro. Como outros escriptos do mesmo autor e, porque não dizel-o ? como tudo que se publica entre nós, esse livro não deixou de cahir sob a acção de uma lei geral, ha muito estabelecida, no que toca ao justo apreço dos factos da intelligencia. Quero falar de dous extremos em que se acha collocada a opinião do paiz : de um lado a indifferença tôla, o silencio absoluto, indicio evidente de um desdem pouco serio ; e de outro lado, o rebater de palmas do *chauvinismo* estolido, a mania do applauso, do elogio banal de espiritos sem critica e sem criterio.

---

(1) A « Provincia... por Tavares Bastos.

Não aventuro juizos contestaveis ; eis aqui, entre muitas, uma prova do que affirmo.

O Sr. Tavares Bastos publicou, ha mais de dous annos, a obra mencionada.

Os jornaes do tempo, como soe acontecer em casos taes, deram logo noticia da riqueza do livro e da admiravel sciencia do autor. Ora, ninguem desconhece que apezar da fatua pretenção de sermos um povo culto, nós não temos, já não digo nas provincias, na propria côrte do imperio, uma pequena *revista*, uma só folha, se quer, especialmente animada do espirito scientifico e votada á causa do progresso e diffusão das idéas. (1) O jornalismo é quasi todo politico e em regra manejado por um partido, expulso do poder.

(1) A *Semana Illustrada* e o *Jornal das Familias*... eis ahi o resumo do grande labor intellectual da côrte, isto é, a «pilheria» de pouco alcance, e a «moda» que sempre chega «um pouco tarde», quando as moças, pelos jornaes francezes, já têm perfeito conhecimento da «ordem do dia.» E que luz póde vir de uma capital, onde os dous pólos do mundo litterario, são o Sr. José de Alencar, espirito superficial, destituido de idéas, e o Sr. José Noronha Castilho, especie de plenipotenciario da obscura republica das lettras portuguezas, o qual andou pela Allemanha, como nol-o refere o seu irmão Antonio, fazendo traducções de Klopstok, de Wieland, etc.; e trouxe de lá tantas impressões de cultura, quantas poderá trazer da China ? ! E não digo do Japão, porque seria formar dessa longinqua terra um juizo inexacto. Se não nos factos, ao menos nas tendencias intellectuaes, está mais adiantada que o Brasil. Eis uma prova. No primeiro de janeiro de 1870 foi aberta, na capital daquelle Estado, a qual conta um milhão e meio de habitantes, uma escola para ensino da lingua allemã, apenas com 4 alumnos, e no fim do mesmo anno havia já 400 a 500. No correr de 1871, e como consequencia dos grandes feitos da guerra, e do ascendente da Allemanha, espalharam-se

Não se avaliam as obras pelo que ellas encerram de novo e fecundo; mas sómente pelo que trazem de polemica assimilavel ás questões do momento. Não se analysa, não se desce, digo mal, não se sobe a uma apreciação motivada do que um livro possa ter de vistas largas e elevados pensamentos. Os escriptores do dia não se dão ao trabalho de ler e meditar sobre o fundo real de qualquer obra. Estereometras da ideia, se assim posso dizer, dispensam os mais simples meios de ponderação. Basta que vejam o tamanho do livro

---

pelas provincias muitas outras escolas, e o proprio imperador se mostrou desde então interessado a tal ponto, que por elle e seu governo foram não só instituidas escolas ao modelo allemão e para esta lingua, com maior profusão, como tambem foram logo enviados para se educarem no seio da cultura germanica diversos moços japonezes de familias importantes. E ultimamente o governo fundou mais altos institutos scientificos e uma academia de medicina, onde exclusivamente se acham sabios e professores desse paiz, que foram chamados para dirigir o ensino. Dahi tem resultado uma viva procura de livros allemães, de modo que uma celebre firma commercial em Jedo, M. Ahrens & C., foi levada a entrar em relações activas com o commercio livreiro, principalmente de Leipzig, e dirigir-lhe uma circular, neste sentido. E então? Podemos rir-nos dos dignos japonezes? Que vos diria a este respeito, o Sr. do *Novo Mundo*, que tão dignamente está representando na America a nossa barbaria litteraria e a brutal inconsciencia do nosso atrazo? Houvesse quem aconselhasse ao governo para crear uma academia, sómente dirigida por sabios dessa ordem, e ver-se-hia que barulho; se era possivel admittir-se um juris'a mais profundo do que o Ribas de S. Paulo, ou um medico mais sabido do que o « Sodrésinho da Bahia »! A paz do Senhor seja comvosco, espiritos idiotas! E quem tivesse, como eu já tive a loucura de concebel-a, a idéa de uma sociedade de « propaganda germanica », havia de regalar-se quando tentasse realizal-a!

e o nome de quem o fez, para ousados affirmarem: pesa um astro! Nestas condições, era muito natural que a ultima producção do Sr. Tavares Bastos fosse bem acolhida por toda a imprensa militante, isto é, por todos os orgãos do partido derribado, ao qual pertence o honrado publicista. Era muito natural aquelle frenesi de céga adoração, aquelle desperdicio de encomios que appareceu com a obra e que ainda não cessou! E' verdade que o Sr. Tavares não vinha encher de luz o grande vácuo da ambição intellectual de uma classe de estudiosos. Mas elle satisfazia a uma necessidade, vivamente sentida por muitos homens da nossa terra: a sêde insaciavel de pretextos e motes politicos para entreter a curiosidade publica. O escriptor liberal, pondo de parte o que a materia do seu *estudo* tinha de liquido, e já depurado, por mãos competentes, não podia se propor, nem mais nem menos, do que remexer as fézes de um velho assumpto, e applical-o ao seu paiz. Eu falo da *centralisação*. E' preciso ser de todo estranho á litteratura politica do seculo, para não saber o que se deve dar como assentado, em relação a este ponto. O Sr. Tavares Bastos, escrevendo a sua obra, não se mostra muito interessado de por-se ás claras com a questão, e ter presente aquillo que se ha dito contra o systema que elle adopta. Basta-lhe citar e repetir uma ou outra autoridade favoravel á sua causa; e fica tudo resolvido. Para isso dá o braço á Odilon Barrôt, e com este companheiro, de pouca segurança, eil-o que sae a divertir-se pelo campo esteril da polemica estragada. Quem se limitasse a conhecer o ponto de vista geral da materia, pelo que escreveu o

Sr. Tavares, creria que nunca houve e não ha objecções a combater, nem argumentos a reforçar. Entretanto, eu desafio aos seus panegyristas, para me citarem um só raciocinio, uma simples consideração do autor, que não exista já batida por adversarios, e com a raiz exposta ao sol. Bem sei que haveria um excessivo e condemnavel rigor na exigencia de originalidade para as questões desta ordem. Todavia, não posso comprehender esse modo de *repensar* idéas velhas, não lhes communicando alguma cousa que as torne mais felizes e menos improficuas.

Ha quem diga que o livro do Sr. Tavares ha de ser, por muito tempo, o alimento das aspirações de um partido. Isto se diz com intenção de tecer o maior dos elogios. Creio, porém, que o autor, se tem consciencia do mister, não verá nisso um motivo de lisongear-se.

Pelo contrario. Quem produz um volumoso escripto, para o qual abriu sem duvida os thesouros de accumulado pensar, e recebe aquella especie de louvor, me parece que não deve ficar muito satisfeito. Na verdade, um livro reflectido, de mais de 400 paginas, cujo merito mais alto, qualquer que seja o seu objecto, é alimentar, longo tempo, as aspirações de um partido, um livro tal, com licença dos encomiastas, é um livro mau. Elle não póde ter o caracter essencial a toda producção scientifica: o desinteresse. O escriptor que se aventura por entre duas alas de asserções oppostas, vai contando e engrandecendo o que lhe fica á direita, sem lhe importarem, dando mesmo como inexistentes, as forças da esquerda. Seu fito não é achar e proclamar verdades, mas sómente accommodar algumas

ao geito de uma crença, por cujo unico triumpho elle tomou a penna. Os homens de pouco senso critico, os jornalistas da hora pódem julgar a cousa muito boa, porque vem dar pasto á fome que os devora de lutas e controversias futeis. Perante a historia litteraria do paiz, escripta, quando o fôr, e dado que o seja, por quem saiba penetrar no intimo dos factos, a obra do nosso autor é um producto de occasião, é um livro que não fica. Mesmo assim tão carregado de preitos e louvores desmedidos, elle ha de obedecer á lei commum. Os seus enthusiastas perfumam-no de flôres, adoçam-no de mel, para melhor attrahir a voracidade do tempo. (1)

---

(1) Presinto uma objecção, de caracter pessoal, e que trato logo de responder. Em 1870, quando eu estava na redacção do *Americano*, tive a honra de receber, por uma carta, os agradecimentos do Sr. Tavares Bastos, pelo bem que do seu livro tinha dito aquella folha. Dirigida a mim e ao meu então companheiro, o digno Sr. Minervino de Souza Leão, essa carta foi publicada, assumindo eu uma parte da honra, que por certo me não cabia, visto como não dera nem uma só palavra para o encomio tecido. Não publicar a carta seria roubar ao meu amigo e companheiro o quinhão que lhe pertencia. Pôr as cousas patentes, n'aquella occasião, seria um rompimento de solidariedade, pouco conveniente. Mas tambem julgar-me, por toda a vida, adstricto áquella circumstancia, para não mais dizer a minha propria opinião sobre o livro, creio eu que seria uma tolice. Não me podem portanto censurar. O que porém me parece bem estranhavel é o seguinte. Ao passo que se julga muito apropriada uma critica feita, por exemplo, ao Sr. de S. Vicente, não se comprehende que se possa criticar do Sr. Tavares Bastos. E esta? Vê-se que entre nós não existe opinião sensata, para julgar das obras da intelligencia. Tudo é estreito, parcial e mesquinho. Entretanto, não é por falta de grande concurrencia no « mercado » litterario,

E por ventura quero eu negar a intelligencia viçosa do moço brasileiro? Não duvido que tal se me attribua, para assim, e só assim, me poderem salpicar de algum epitheto dissonante. E' o contrario que se deprehende da leitura deste artigo. Não pertenço, é verdade, ao numero daquelles que têm o digno alagoano como um prodigio de illustração. A obra que emprehendo analysar, e os seus outros escriptos anteriores, não revelam, de modo algum, essa grande somma de conhecimentos. São vivas manifestações de um espirito sofrego em produzir, e cuja precocidade em florescer não é uma das melhores condições da boa fructificação. Acho mesmo inexplicavel, como foi que a escriptos do quilate das *Cartas do Solitario* se poude conferir a honra de obra prima. O Sr. Tavares deve formar actualmente

---

que ha tamanha pobreza, tocando a mendicidade, em materia de gosto e senso critico. Os moços de « lettras » abundam de modo tal, que facilmente se cream sociedades, com um pessoal ingente de « escriptores e litteratos ». Assim se chama, entre nós, a qualquer que, ignorando tudo o mais, sabe dar o seu juizo sobre o « Guarany ou o Moço Louro », e não admitte que se diga mal dos « grandes homens » do paiz. Esta boa gente faz-me a honra de me aborrecer. Ainda que irmãos na ignorancia, não podemos unir-nos na maneira de julgar as cousas patrias. Sou o primeiro a não querer, a repellir, como uma affronta, o titulo de litterato. E demais, quando vejo attribuir-se esse nome a tantas figuras minimas, quando se me aponta um sem numero de nullidades intellectuaes, como fazendo parte dos «nossos irmãos em lettras», sinto-me um pouco não sei como. Tenho desejos de repetir aquella phrase de um dos personagens da «Escala Social», conde de Ribacôa, se me não engano, respondendo a um visconde de baixa origem que lhe dizia: «nós, os nobres... Perdão, perdão, Sr. visconde, gosto muito do singular».

uma triste idéa do que era, ha doze annos, a côrte do imperio, quando se lembrar que as suas *cartas* sem côr e sem vida, magnificos exemplares de pedantismo academico, traçando no espaço de seus planos idéaes uma serie de programmas politicos e administrativos, passaram então por fructos saborosos do pomar de algum estadista! Felizmente phenomenos de tal ordem não vão muito adiante; a corrente dos tempos atira-os para a margem.

Mas note-se a final: eu creio no talento do Sr. Tavares Bastos. Conservando a minha independencia, no modo de aprecial-o, não deixo de lastimar que os seus incensadores estejam-lhe causando um grande mal. A apologia frenetica, a peior de todas ellas, a apologia de partido, predispõe o espirito para adormecer nos braços de supposta gloria, e não prestar ouvidos a qualquer nova exigencia. Eu quizera pelo menos que o illustre liberal chegasse a convencer-se de uma verdade. E' a seguinte: na historia deste seculo, não ha só, para estudar-se e medir a sua influencia, uma nação franceza, com todos os seus vicios e virtudes elevadas, uma philosophia franceza, uma litteratura franceza; ha tambem, sobre todos estes factos, um liberalismo francez. Singular destino de um povo magnanimo e fecundo!

Elle poude, longo tempo, assimilar ao seu genio o genio de outras nações, e fazel-as engolir o codigo de seus erros, como paginas sagradas de verdades salutares. O Sr. Tavares Bastos que é moço e muitos de seus collegas, que são velhos, ainda têm a ingenuidade de suppor que escrevem livros, ou discursos

animados de principios geralmente aceitos, como dados primitivos da razão universal! E mal sabem os ingenuos, que não passam de orgãos inferiores, de echos enfraquecidos de um certo liberalismo, o qual já não illude, porque está desacreditado.

O autor da *Provincia*, releva declaral-o, tem um merito de mais, em relação a outros nossos escriptores de politica. Seu livro marca um progresso, no modo de escrever estas materias. Quando se passa da leitura do *Poder moderador* do defuncto Dr. Braz, e mais ainda, do folheto, sobre igual assumpto, do Sr. Zacarias, á leitura da *Provincia*, respira-se novo ar. Esta obra tem feições mais agradaveis e anhelos mais prolongados em busca do melhor. Não é capaz de gerar convicções; mas conquista sympathias. Não ensina; mas convida a meditar. A falta capital que se me depara, é a de não se elevar áquella esphera, em que « a politica toma, ao mesmo tempo, a firmeza da historia e a autoridade da moral. » O autor ahi nunca se annuncia como philosopho; rara vez se revela publicista, e não poucas tem geitos de tribuno, declama e prophetisa.

Um illustre abalisado escriptor hungaro, tratando da centralisação, assim se exprime:

« Ha um mal que, sobretudo nos tempos modernos, difficulta a indagação das questões politicas, é que aquelles que se occupam scientificamente com o estado, costumam esquecer a distincção que existe entre uma discussão scientifica e uma discussão parlamentar e por isso aquella parcialidade que póde ser inoffensiva, e mesmo util nos negocios parlamentares, onde as opiniões contrarias têm os seus representantes, é transportada

ao dominio da sciencia.» — *Es ist überhaupt ein Uebelstand, der besonders in neuerer Zeit die Untersuchung politischer Fragen erschwert, dass Diejenigen, die sich mit dem Staat wissenschaftlich beschäftigen, den Unterschied, welcher zwischen einer wissenschaftlichen und parlamentarischen Discussion besteht, zu vergessen pflegen, und daher jene Einseitigkeit, welche bei parlamentarischen Verhandlungen, woauch die entgegengesetzte Ansicht vertreten ist, unschädlich, ja nützlich sein kann, auf das Gebiet der Wissenschaft übertragen.*

E' o defeito indesculpavel do Sr. Tavares Bastos. O moço liberal compendiou as notas, os dados estatisticos, as phrases preparadas, de que pudera servir-se em discursos parlamentares, se o seu partido estivesse governando; e para não perder o trabalho, fez um livro. Devo contar com a maldição de apologistas irritados, que hão de se espantar diante desta franqueza. E não obstante, julgo-me com mais direito á gratidão do Sr. Tavares do que todos os seus adoradores. Sou o primeiro, que emprehende um estudo serio de sua obra.

Antes de tudo, quero dizer, antes de pôr a mão no coração do livro, eu peço venia ao digno escriptor para observar-lhe alguns descuidos de asserções atiradas a esmo, e só proprias de convir ao paladar dos parvos.

« Longe vão as eras em que os povos sonhavam a fundação de poderosas monarchias.»

Este periodo introductorio não foi escripto para agradar a um leitor sensato. O autor quiz logo entrar deslumbrando pela magia da phrase. Onde foi que os povos já sonharam a fundação de poderosas monarchias?

Pois que vão longe as eras, em que tal se deu, foi isto nos antigos tempos? E' muitissimo inexacto.

Não se ponha á conta dos povos aquillo que só era obra dos reis; e creio que uma cousa não é a outra. Eu sei porque o Sr. Tavares não disse a palavra certa: é porque assim commetteria um erro de facto, uma grave negação da experiencia contemporanea. «Longe vão as eras em que os *reis* sonhavam a fundação de poderosas monarchias.» Seria exacto?

E Guilherme com o pangermanismo? E Alexandre com o panslavismo? E mesmo o nosso Pedro, em busca de uma cousa, um systema, um disparate que ainda não tem nome em—*ismo*, porém de que sem duvida elle é o grande *Pan*?

Mas o moço escriptor é liberal, conhecedor dos principios de 89, e como tal, substituindo a soberania popular á soberania regia, quiz emendar a historia, e onde ella disse — *reis*, elle riscou e escreveu —*povos*. Não attesto que assim fosse; é só o que parece.

No prefacio, e depois de nos falar da *historicidade* do seu partido bem como dos maus feitos do partido opposto, o Sr. Tavares affirma que a grande questão agitada no Brasil resume-se na eterna luta da liberdade contra a força, do individuo contra o estado. Não contesto; apenas observo que a *liberdade* e o *individuo* não tem por si um partido. O liberalismo é um nome; não é um facto; e ao do Brasil bem posso applicar o que dizia, este anno no parlamento da Prussia, o deputado Mallinckrodt, isto é, que esse nome tem uma derivação da mesma natureza que *lucus a non lucendo*.

Eu notei ainda, de relance, em uma das primeiras paginas da obra, a seguinte proposição : « Não tem o governo inglez *essencialmente* o caracter de um governo *federal*, laço de união dos condados dos tres reinos e das colonias espalhadas por todo o globo? » Aqui não ha sómente descuido; ha tambem alguma dóse de insciencia, no ponto que se allega. Não é difficil mostral-o.

II

A Inglaterra politica é um esphynge, para o qual não sei se existe grande numero de Edipos. Os nossos poucos escriptores de direito publico, em geral mal avisados sobre o que seja realmente, em sua vasta e complicada dynamica, a physiologia desse paiz, entregam-se á toda a casta de erros e inexactidões. Nem é esta a vez primeira que me forçam a tomar nota de similhante aberração; como não é o Sr. Tavares Bastos quem dá o primeiro exemplo de uma sciencia fraccionaria, quasi equivalente á ignorancia inteira, no manejo desse grave assumpto.

Já o visconde do Uruguay e o Sr. Zacarias de Góes se mostraram muito abaixo do que fôra para esperar de politicos versados na historia e philosophia do governo britannico. Esses dous nobres espiritos, na luta que tiveram sobre um ponto de doutrina constitucional, não deixaram de invocar frequentemente a attestação da Inglaterra. E comtudo nenhuma luz se fez em torno do pretenso enigma. Ahi ficaram unhas e dentes impressos no cortice da questão; mas não foi-lhes possivel arrancar o enfezado arbusto. Cada um por sua vez

e a seu modo, citou as mesmas autoridades inglezas, extrahiu a substancia das opiniões relativas á these debatida, e tirou consequencias oppostas ás do seu adversario. Que prova isto? Duas cousas sobre tudo: escriptores menos déstros e aprofundados na materia que discutem, bem como, por outra parte, algum defeito, ou alguma qualidade privativa dos autores a que recorrem. Comprehendo a exactidão de uma advertencia de Bucher: o inglez, em regra, só escreve para inglezes. Quando elle pega da penna, é raro que se afigure um publico estrangeiro; e ainda muito mais raro, que possa despir-se de suas condições habituaes, para aprecial-as, e por assim dizer, vel-as de fóra. O leitor estranho tem dest'arte bons ensejos de estudar o modo de intuição caracteristica de uma nacionalidade; mas tambem perde a noticia do numero de factos que o escriptor põe de lado, e de presupposições, tacitamente estabelecidas, porque são triviaes aos seus compatriotas.

Fazendo applicação destas verdades aos publicistas da terra, eu creio que ellas transbordam a medida da evidencia. Além de pouco preparados para resolverem qualquer ordem de problemás, os espiritos affeitos ao estudo da politica, mal sabem repetir o que ha de mais commum e menos verdadeiro, no ponto questionado. Se Bucher poude notar, ainda não ha quatro lustros, que os allemães de instrucção sufficiente para o serviço do Estado, para os negocios da vida publica, formavam, entretanto, do governo inglez, uma idéa muito lacunosa, como não reconhecer a ignorancia total que nos obumbra, a similhante respeito? Qual o grau de illustração dos homens que entre nós se votam a estas cousas, capaz

de assegurar fecundos resultados? Os brasileiros, não somos pensadores, nem no amplo, nem no estreito sentido da palavra. Não sabemos, se quer, aproveitar-nos largamente dos productos alheios. Falta-nos sobre modo aquelle talento, aquella força de assimilação que muitas vezes substitue com vantagem o proprio genio creador. Verdade é que acertamos, a cada hora, o nosso relogio pela pendula franceza; mas seja como fôr, ou dureza ou desarranjo no mecanismo intellectual, não ha duvida que temos um andar bem vagaroso. E póde-se dizer que sempre nos achamos, longos annos, atrazados em relação ao mesmo paiz, de onde recebemos os mais vivos elementos da nossa cultura exigua.

E' sabido que a luz de algumas estrellas gasta seculos e seculos em percorrer o espaço, até chegar á vista do planeta. Quem nos dirá o tempo preciso, para as idéas vararem a distancia que medeia entre este baixo imperio, especie de Neptuno do systema solar da civilisação, e as fulgidas cabeças, os globos incandescentes da grande sciencia humana? Eis aqui o que me enche de serias duvidas e apprehensões. Na posição assás inferior do nosso mundo moral, se a França ainda nos apparece, como um astro immensamente remoto, objecto apenas de transporte e admiração poetica, é muito natural que a Allemanha não deixe de apparecer-nos, sempre ao longe, a myriadas de leguas, perdida no infinito, como uma nebulosa. (1)

(1) Não exagero; e posso referir factos bem significativos. Na sessão parlamentar de 1870, o Sr. Zacarias, atacando no senado o projecto de Universidade do ministro Paulino, chegou a dizer, em tom de mófa, que era uma cousa transplantada da «nevoenta» Allemanha; e creio que teve applausos. Eu que

Os nossos chauvinistas devem capacitar-se de que não me abalançaria a emittir proposições tão dissonantes, tão fóra do tom ordinario em que se cantam e celebram as maravilhas da patria, sem a força de determinar e definir os motivos. Não sei se a razão capaz de produzir em mim profunda persuasão de nossa fraqueza mental, aos outros parecerá de igual valor. Como quer que seja, não descanço em revistar todos os dias as minhas razões probantes, disposto a castigal-as, a asphyxial-as de prompto, quando não satisfizerem á

---

formava até então uma alta idéa da capacidade do Sr. Paulino, perdi de todo a esperança, quando vi que o moço, dito illustrado, e mais affeito ás tendencias da cultura moderna, tendo mesmo recebido luzes desse paiz que o Sr. Zacarias qualificava pelo banal e vulgarissimo epitheto de nevoento..., quando vi, digo, que o moço ministro, nestas condições, não lançou por terra, e não fez sensivel a presumpçosa fatuidade do velho, incompetente, por seu mau estado scientifico, para dar juizos a respeito, comprehendi, desde logo, que o Sr. Paulino era « unus multorum », pertencia dignamente á classe dos talentos fôfos que amesquinham o paiz.

Na mesma sessão de 1870, quando a guerra franco-prussiana estava ainda em movimento, disse tambem no senado o Sr. Souza Franco que só sentia já se achar velho, e não poder talvez presenciar o desenlace final daquella luta monstruosa do « despotismo com a liberdade!! » Como se, dada a hypothese de serem os combatentes de indole politica tão diversa, o que aliás não passa de um palavreado da rua, como se, repito, a liberdade franceza fosse a liberdade de todo o mundo, e o despotismo da Prussia equivalesse ao despotismo em geral! Já se vê, mais ou menos, qual é a idéa, ordinariamente formada pelos nossos «grandes» homens da Allemanha e seu estado moral e sua admiravel sciencia. E' debalde que um escriptor, como Taine, affirma ser hoje o sério trabalho das cabeças pensantes introduzir em seu paiz o espirito allemão. No Brasil não se trata nem se sabe disso; mas a razão é simples: não ha quem pense.

logica e á justiça. Máu grado meu, as primeiras impressões de abhorrimento e desanimo originadas por autores como o Sr. marquez de S. Vicente e os demais estão ainda vívidas e firmes. Podem ser enfraquecidas por uma frequente repetição do facto; mas não têm podido desapparecer pelo contra-golpe de impressões oppostas. Reconheço que não valia a pena abrir tamanho espaço a observações de tal natureza, e por occasião de um leve erro, da parte do escriptor em analyse.

Entretanto, quer-se fazer crer que os brasileiros, em regra, são homens talentosos e predispostos para as cousas da intelligencia. E' uma grande mentira. A mediocridade é o nosso nivel, e não ha quem delle sobresaia. Para que andarmos com fanfarrices? No dominio das idéas, nada significamos; sómente consumimos, e não produzimos; é o que fazem os mendigos. Somos uns mendigos do mundo scientifico. Na Europa, eu digo, na parte culta, e não em Portugal, o personagem nosso, mais conhecido do que todos os estadistas e sabios brasileiros, é o *café* do Rio de Janeiro. E' tempo de acabar com as illusões; tenhamos ao menos consciencia da nossa obscuridade, e não nos exponhamos ao ridiculo, com burlescas pretenções daquillo que não somos. Creio ser este, e só este, o caminho que nos dirije a melhorar de sorte: reconhecer que não temos homens notaveis e capazes de dar impulso ao nosso corpo social. Fala-se muito mal do imperador; e elle merece; mas releva não esquecer que tudo não provém dessa fonte.

No dia em que o monarcha encontrar ministros taes, que diante delles só possa fazer uma triste figura, que não possa «tugir nem mugir», com medo de dizer alguma asneira; adeus, governo pessoal, adeus, governo de um só! E isto sem barulho. Mas assim como temos andado com ministros de cultura inferior á do rei, que sabem menos do que elle, desde a «estupenda cabeça» do Sr. Zacarias até a farda do Sr. João Alfredo, passando pelos Paranhos, Pimentas Buenos, Alencares, e todos os outros... a cousa é impossivel. Pensem nisto os velhos desabusados e os moços que ainda não transigiram.

Ha porém um motivo especial que legitima todo este prolongamento de linhas na direcção de um alvo superior. Eu que fui o primeiro a applicar á litteratura politica do paiz os principios e o methodo da critica moderna, segundo actualmente ella se exerce no districto da philosophia, devo perlustrar o horisonte que me cerca. Tenho necessidade de manter-me em attitude vigilante, a não deixar o leitor ceder ao choque de alguma estranha sorpreza. A amputação dos prejuizos, de qualquer ordem que sejam, é sempre dolorosa, e todos não têm coragem para a supportar. As digressões e os detalhes previos, como que de um certo modo chloroformisam o publico rebelde, e permittem arrancar-lhe, sem que o sinta, a enfermidade chronica do erro.

Ha uma crença popular, bastante curiosa, e cuja menção parece-me vir aqui muito a proposito. O diabo, diz a lenda, com aquella habilidade que o distingue, para tomar todas as formas, faz trejeitos e momos de quadrumano, aos olhos da pessoa que sonhou, e vai desenterrar qualquer thesouro occulto. A ventura de quem sonha taes riquezas, está na dependencia de seu valor e animo de resistir ás grimacias do infernal macaco. Ora pois, o mundo das lettras, maxime este nosso, pequenino e obscuro, tem quadros similhantes. Não é raro trepidar ante os esgares de bugios litterarios. Parece-lhes horroroso que se fale certa linguagem não sediça e corriqueira, tendo-se a petulancia de julgar estreitos, acanhados, incapazes de fundir uma particula de oiro, os velhos moldes do pensamento nacional. Vem-me á lembrança um dicto de Renan:—a primeira

regra do homem votado ás grandes cousas é recusar aos mediocres o poder de desvial-o do seu caminho.

Um russo, Alexandre Herzen, disse uma vez de seus compatriotas, que elles ainda se achavam no estado *geologico*, á maneira dos atomos amontoados de uma camada de greda... Haveria iniquidade em affirmar que o nosso estado não se mostra muito differente?... Respondam os defensores titulados das excellencias patrias. Entretanto, a Russia autocratica, carrancuda, tem homens do quilate de um Virouboff; e o Brasil, que é que tem? Uma alluvião de espiritos sem azas, pouco habituados aos grandes tentames intellectuaes. Dir-se-hiam similhantes áquelles coleopteros da ilha da Madeira, de que fala Darwin, os quaes sendo impotentes para vencer a violencia dos ventos, deixaram-se ficar em medrosa quietação, e a falta de exercicio acabou por atrophiar-lhes os orgãos do vôo. Nesse numero indistincto de moços e velhos, tão atrasados, quão tolamente presumpçosos, o autor da *Provincia* é, mesmo assim, um dos mais promettedores. Volto ao que estava em começo de apreciação.

O Sr. Tavares Bastos, creio eu, não teve por certo o trivial designio de escrever para o povo. Este *povo*, a cuja protecção, e afim de obter desculpa costuma-se entregar sandices de todo genero, é um publico ideal. Delle não se recebem applausos nem censuras, pela simples razão de sua inexistencia. Como todos os ideiaes, elle reune em si os predicados mais oppostos. Nelle se harmonizam em synthese hegeliana todas as tristes contradicções da vida. Emfim, só tem um defeito unico: é tombar e esvaecer-se ao menor toque da realidade. Não é pois a este publico inventado, que um escriptor

de senso vem apresentar-se. O publicista liberal não podia ter em mira, para aprecial-o e entendel-o se não homens de sua classe, e da mesma opinião politica. Elle disse em alta voz que «os indulgentes, moderados, conciliadores, excusavam folhear a sua obra.» Mas então para que se produzir um livro de folego accommodado apenas aos votos e ambições daquelles que menos necessitam do seu conteúdo? E' por isso que o Sr. Bastos acha tantos que sabem elogial–o, porém poucos que saibam lel-o, imparcial e judiciosamente. Só assim, só a leitores desta guiza, é que no meio de outros desacertos e pequenas ignorancias, poderia affirmar que a Inglaterra possue no fundo o caracter de um governo federal.

Peço licença ao digno escriptor, para fazer subir á tona o seu engano, a sua pouca ou mal digesta leitura de obras pertinentes ao regimen inglez. O assumpto é de proveito e vale a pena dedicar-lhe algumas linhas.

Sabe-se geralmente que um grande numero de possessões, distribuidas por todo o globo, maiores e menores, tem a Grã-Bretanha. Não é preciso accrescentar que os governos anteriores sempre reputaram-nas objectos de dominio. Mas os tempos se tornam exigentes. A politica colonial do seculo XIX outorga áquelles paizes, que se acham para isso habilitados, constituições proprias. Modeladas pelo typo da metropole, ellas mantêm a necessaria unidade, no que diz respeito ás relações estrangeiras, á administração da guerra, aos negocios commerciaes e duaneiros do reino. Foi particularmente sob a influencia do *Reform bill*, que uma exacta ponderação dos interesses da Inglaterra abrio

caminho á politica liberal das colonias. Pois que ellas não podiam seriar-se no systema representativo do parlamento, sem prejuizo de ambos os lados, permittio-se que tivessem suas constituições, onde a população e o territorio tornassem isto possivel. Sobresae, pelo seu merito, a do Canadá, 3 e 4 Vict. cap. 35. Possue camara alta, ou conselho legislativo, e *House of assembly* ; tendo mesmo o direito de fazer mudanças nas bases desse regimen, 17 e 18 Vict. cap. 118. Observe-se logo que ali o governador, em lugar de um *veto*, só tem a faculdade de reservar e submetter qualquer *bill* ao apoio da rainha. Nas colonias da Australia, fizeram-se novas creações do genero, 13 e 14 Vict. cap. 52, 18 e 19 Vict, cap. 45, 54. Mas seguio-se o systema de uma só camara para a qual o chefe do governo nomea a terça parte dos membros. E o que tambem se dá em New Sealand. Outras em fim guardam o meio termo entre estas normas. Naquellas que não têm representação, o governador e o conselho expedem ordenanças, com força de lei. Nas menores, e sobretudo nas estações militares, os seus direitos são ainda mais latos. Entretanto, por maior que tenha sido esta porção de dadivas, não se póde dizer, sem erro, que « cada colonia é um estado completo, quanto ao seu poder legislativo, sua judicatura e sua administração. »

A despeito de todos os privilegios, e mesmo por causa delles, a metropole soube precaver-se. Ainda existe uma legislação superior, 7 e 8 Wilh. III, cap. 22 ; 6 Geo. III, cap. 12, limitada pelo Stat. 18 Geo III, cap. 12 ; e um poder de cassação contra actos legislativos

coloniaes. Dahi vem que a instancia constitucional, para cassar taes actos, é o *Privy Council*, ou segundo a sua fórma e valor hodierno, todo o ministerio. Só isto prova bastante não ter o governo das possessões inglezas esse caracter que lhe quiz prestar o Sr. Tavares. Note-se ainda. Pelo que toca á administração da justiça, ha tambem uma reserva para a secção respectiva do conselho de Estado. Os juizes são nomeados por meio de *warrants* regios. Além disto, o governador é o representante da corôa e chefe do poder executivo. Convoca, prolonga e despede o parlamento colonial, segundo o seu modo de entender.

Este chefe, o conselho legislativo que é em regra nomeado pela rainha, sob proposta do mesmo governador, e a assembléa representativa, formam os tres *factores* da lei, na expressão favorita dos autores allemães. O principal orgão administrativo é o ministerio das colonias, primeiramente unido ao *comité* do commercio, depois ao ministerio do interior, e ainda depois ao da guerra. Desde 1814 cessou esta juncção, e ficou subsistindo um secretario particular, a par de todos os outros que pertencem á habitual formação dos gabinetes inglezes, acompanhado de um sub-secretario de Estado, politicamente variavel, um permanente *Under-Secretary* e um *Assistant-Secretary*. O ministro é quem dirige a communicação entre todo o ministerio e as possessões, nomea os governadores, promove a ratificação, ou cassação das leis, expede regulamentos, sancciona certos actos... E a esta serie de subordinações é que se dá o nome de governo federal?

Indubitavelmente, o Sr. Tavares quiz apenas tornear um periodo palavroso, e fazer sensiveis aos ouvidos

do leitor as vestes roçagantes da nympha que o inspira Ou antes, como diria algum desabusado, quiz arribicar as faces de dona *Phraseologia*, essa velha que só póde hoje illudir e fascinar a espiritos frivolos. Ha indicios de que o escriptor, a despeito de ser todo inclinado á monarchia parlamentar, não tem lá na sua mente bem caracterisada a imagem do governo imperial. Não o censuro por isso. Quantos se gabam de numerar todos os fios de têa? O que julgo admiravelmente chulo e pueril, é pretender mostrar idéas adiantadas em materia assás obscura, para a qual não se possuem os dados mais precisos. O illustre liberal não deve ignorar que o direito publico e administrativo da Inglaterra ainda se distingue, entre outras, por esta grave circumstancia: elle tem produzido uma vasta litteratura. Sem tal ou qual noticia desse cumulo de productos, quero dizer, sem uma instrucção bebida em o que existe de melhor, neste alto departamento das lettras modernas, não se fala impunemente do regimen britannico. O erro é certo, quando não é o disparate. Assim parece ter acontecido ao nosso publicista no seu ligeiro apanhado de informações meio embrulhadas e pouco esclarecedoras. Uma leitura sem critica das obras de May, ou qualquer outro, e algumas phrases avulsas de artigos do *Times* não são sufficientes para se formar a exacta idéa da cousa. Accresce que o Sr. Bastos não podia sahir das condições geraes, em que se acham todos os *touristes e dilettantes* achacados de anglomania politica. Não sabem discernir, nos autores nacionaes, o verdadeiro do verosimil, o que é puro desejo ou tendencia de partido do que já é facto ou lei estabelecida.

Tal se explica a falta de profundeza e penetração, que aliás não assenta em uma obra de estudo, e que logo ahi se nos depara no capitulo votado á autonomia das colonias. Ainda reputo mais digna de nota a especie de simpleza, com que o Sr. Bastos quer apresentar á nossa admiração o exemplo da Inglaterra. E' uma graça vel-o atarefado em similhante mister, entregue mesmo a um certo vago de exaltação enthusiastica, sem presentir, o moço descuidoso, que alguns dos seus leitores poderiam zombar de sua ingenuidade.

Era bastante se lhe propôr esta minima questão: —d'onde vem que o liberalismo da politica colonial ingleza não teve igual flamma, quanto á Irlanda e á India?... Uma resposta séria e reflectida não deixaria de esfriar o doce enlevo do autor. Elle mostrou-se muito interessado em persuadir-nos da urgencia de se imitar aquelle systema, no que respeita a um melhor regimen das nossas provincias. Mas em vão buscar-se-hia em suas palavras a pesquiza das causas, a indagação dos factos geraes que determinam os factos particulares. E' dizer que não se enxerga no seu livro o menor vislumbre de philosophia. Não falo dessa philosophia esdruxula e vulgar por cuja conta se affirma que «o que caracterisa o homem é o livre arbitrio, e o sentimento da responsabilidade que lhe corresponde.» Não me refiro a essa que se nutre de futilidades e antigualhas deste jaêz. Quero falar daquella que se entranha no intimo das cousas, e deixa impregnado o seu halito vivifico em as paginas cheirosas de um livro de pensador. Assim, o Sr. Bastos se occupa em referir que a Inglaterra deu a mão ás suas colonias, mostrando-se

generosa, magnanima, amavel. Porém não era isto o qne havia de mais proprio para predispor a massa do publico legente. A exposição de factos nús, esbrugados, desprendidos de suas grandes relações e fóra da lei, real ou hypothetica do seu apparecimento, é o modo mais esteril que imaginar se possa, de defender uma idéa. Um publicista philosopho teria perscrutado a influencia do tempo, a influencia do meio social, e sorprendido em seu trabalho subterraneo a logica da historia. Por exemplo, ao mencionar a constituição do Canadá, procuraria explicar-nos o phenomeno visivel da superioridade, que a distingue. Não se demoraria em puro palavriado, á maneira de quem refere uma anecdota, ou faz a narração de um milagre.

Eu não sei se todos estes vicios, já notados e aliás indefensiveis, podem correr parelhas com o que passo a observar. E é que o Sr. Tavares Bastos, não obstante dizer que não pedia para o Brasil a plena autonomia dos Estados Anglo-americanos, julgou-se todavia preso ao dever de exhibir, — tambem elle —, o seu *virtuosismo* em cantarolar as phrases mysticas do *Self-government*. Que fortuna, se o honrado escriptor tivesse-nos dispensado da leitura de uma tirada inutil, cheia de *circuit court*, *district court*, *court of impeachments*, *court of appeals*... e as de mais frioleiras do genero! (1)

1872.

---

(1) Estes dois artigos sahiram n'*O Liberal* (Recife), em novembro de 1872. No mesmo jornal, em dezembro seguinte, sahiu a terceira e ultima parte, que não podemos agora obter. Sae, pois, inacabado este excellente estudo de direito publico!... E é pena. (N. de S. R.)

X

Politica da Escada

I

Pelo descostume em que se acham os partidos politicos do paiz de fazer a critica de si mesmos, confessar os seus defeitos e tratar de os corrigir, não era possivel que deixasse de parecer estranha e incabivel a linguagem de que usamos para com os liberaes da Escada.

Uma folha politica, na qual não se erguem hymnos ao respectivo partido, e muito pelo contrario se o accusa de indolente, omisso e pusillanime; uma folha liberal, em que não se apregôa actualmente a vitalidade geral do liberalismo, como antithese da fraqueza e inanição completa do governo, é cousa que não sôa agradavel aos ouvidos do publico.

Entretanto, estamos convencidos que sem uma especie de *acto de contricção* da parte dos liberaes, quer da Escada sómente, quer da provincia inteira, é

impossivel um melhoramento. As classes, os partidos de qualquer ordem são como os individuos: desde que não fazem elles mesmos o seu *exame de consciencia*, não reconhecem as proprias faltas, e dest'arte se dispõem a mudar de rumo, de norma de conducta, é baldado todo o esforço que por ventura se empregue, para dirigil-os pela recta senda. Emquanto pois o liberalismo não confessar-se tocado de innumeros vicios, e reflectindo sobre elles, não tomar de motu proprio a deliberação de emendar-se, nada será conseguido. A *Comarca da Escada* apresenta a idéa, e dá a sua contribuição para esse genero de *psychologia politica*, se assim podemos chamar, tornando sensiveis aos liberaes d'aqui as causas subjectivas do seu entorpecimento.

Uma vez que nenhum outro predicado notavel constitue a differença precisa entre o partido liberal e o seu feliz contendor, seria já por si só um motivo de distincção a franqueza e sinceridade, com que aquelle reconhece os erros, que de algum modo o deturpam, e podem produzir o seu total aniquilamento.

Os liberaes da Escada, que reunem aos defeitos communs alguma cousa de proprio, como é o seu desanimo sem base, o seu alçar de hombros, menos em signal de scepticismo, do que num como signal de arrependimento de *serem o que são*..., os liberaes da Escada não devem continuar em similhante estado compromettedor da dignidade do partido, e quiçá da mesma dignidade das pessoas. Se ao menos uma razão se deixasse entrever, pela qual elles podessem justificar a sua frieza...; mas onde existe ella?

Que foi que se lhes fez? Que culpa tem o partido, considerado em seus principios, ou como diz a publicistica franceza, considerado na *idéa* porque elle luta, que culpa tem de quaesquer inconveniencias, motivadoras de agastamentos particulares?... Se para romper os laços que nos prendem a uma seita politica, bastasse um simples desgosto que nos causassem os nossos correligionarios, o escriptor destas linhas seria um dos primeiros a dever pôr em pratica a mais solemne apostasia. Mas isto se lhe afigura uma torpeza, que nenhum motivo o fará commetter. E não só a apostasia, o silencio, a indifferença, a posição arredia dos negocios do partido, lhe parecem actos offensivos do caracter de quem uma vez adherio á defesa de uma causa, e não tem razões plausiveis para abandonal-a. Que lhe importa a má vontade, o odio mesmo, de uma *recua de mediocridades* que ahi se arvoram em *directores intellectuaes* do partido liberal de Pernambuco?...

Na occasião opportuna, o espirito do tempo e a força das cousas estarão de seu lado.

Convem pois que os liberaes da Escada saibam tambem elevar-se a uma ordem superior de considerações; e cumpram o seu dever...

Não se molestem, por que se lhes diga a verdade, toda a verdade da sua modorra e do seu desleixo. Urge que tomemos parte nas provações da época, e tenhamos a *coragem de esperar*. A *Comarca da Escada* não pretende, como álguns talvez se afigure, crear scisões e suscitar discordias. Pelo contrario, o seu designio é mais que muito nobre e altamente confessavel: avivar no espirito desta gente o sentimento

do seu direito, bem como a necessidade de pugnar por elle. Não nos passa despercebido que a um certo grupo de ridiculos *candidatos* ao lugar de publicistas liberaes, a nossa attitude não póde ser agradavel. E menos será, se conhecerem que a *Comarca da Escada* tem por presupposto de todos os seus escriptos umas notaveis palavras de Guizot. Pouco depois de sua ascensão ao ministerio em agosto de 1830, escrevia elle a Amed. Thierry:—Cherchez des hommes qui pensent et agissent par eux mêmes. Le premier besoin de ce pays-ci, c'est qu'il se forme, sur tous les points, des opinions et des influences independantes. La centralisation des esprits est pire que celle des affaires. Veja-se bem: *opiniões e influencias independentes... a centralisação dos espiritos é peior que a dos negocios.* Legitimos liberaes devem estar de accôrdo com esta idéa.

II

E' uma verdade acima de qualquer contestação que o partido liberal deste municipio é uma arvore antiga, que tem bastante profundado e estendido as suas raizes. Mas tambem é outra verdade que de algum tempo á esta parte o esmorecimento, a desidia, a gelidez geral tem tomado o lugar da animação, da coragem, do enthusiasmo de outr'ora. São duas evidencias, de cuja confrontação se póde fazer surgir uma terceira, pouco agradavel, talvez, porém não menos seria e digna de se ponderar.

Neste termo o partido conservador, do qual já dissemos que não sobresae pelo valor numerico de seus membros, teria de reduzir-se a meia duzia de nomes, respeitaveis, — não duvidamos, — mas impotentes e sem forças para sustentar-se, se os liberaes soubessem manter-se na altura do seu dever. Entretanto, o phenomeno é visivel : são os conservadores que vão de dia em dia ganhando o que os outros vão perdendo ; são elles que estão de posse, não diremos da administração do municipio, porque isso é explicavel pela actualidade do governo, porém de posse de uma certa influencia moral que se consegue para com o povo quando este vê o trabalho, a infatigabilidade, a ancia de figurar, a todo preço, na scena politica, ainda que tudo isso venha por ventura em prejuizo do mesmo povo. Os liberaes, ao contrario, recolhendo-se ao silencio, muitos delles se mostrando medrosos, pusillanimes no espirito, pusillanimes na bolsa, facilmente desbaratam a illusão popular, e tomam as feições da trivialidade. Não é por seus bellos olhos, ou por seus bellos narizes, que os conservadores têm aqui adquirido a importancia, que já hoje é preciso disputar-lhes. Elles trabalham, elles se esforçam, elles despendem ; como seria possivel que não tomassem a frente ? Nem se diga que, sob tal relação, a luta é desigual, porque ha daquelle lado mais riqueza... Razão simploria e digna de riso. Bem sabemos que quasi todas as cousas deste mundo, por mais distantes e heterogeneas que pareçam entre si, são como fracções diversas que se devem reduzir a um mesmo denominador, — « o dinheiro », — afim de se conhecer qual é maior. Mas os

homens não se deixam assim avaliar. Ha um unico denominador commum a que elles são reductiveis, e por onde podem ser comparados: é o caracter, o culto do dever, a grandeza de animo.

Se pois os liberaes da Escada se acham hoje desapossados da justa preponderancia que lhes competia, a razão está na sua covardia, legitima filha do seu egoismo, do seu « viver para si só ». Um pouco mais de dedicação á causa publica, um pouco mais de respeito aos brios do partido; e ver-se-á como as cousas mudam. (1)

---

(1) Artigos de fundo da *Comarca da Escada*, em 1875.
(N. de S. R.)

XI

Ainda politica da Escada

I

Com razão disse um philosopho moderno que o *tedio* constitue um dos primeiros *factores* da evolução e do progresso social. (1) Sem o enojo, com effeito, que nos causam certos homens e certas cousas, a cujo contacto estamos habituados, provavelmente nunca sentiriamos a necessidade de lançarmo-nos em busca do melhor.

Dest'arte foi sobretudo o tedio occasionado pelo proceder monotono e esteril, ridiculo e insensato, do partido liberal desta provincia, no decurso do ultimo decennio, que inspirou, já não digo a mim que nada valho, mas a dignos cavalheiros deste municipio, a idéa felicissima de abandonarem o sequito do Sr. barão de Villa-Bella e não tomar mais pela politica da terra o

---

(1) Augusto Comte. (N. de S. R.)

interesse de outr'ora. Para proprietarios independentes como são-no em grande parte os liberaes da Escada, para homens que, como elles, não ambicionam o poder, a actividade politica só exprime a sincera dedicação a bem de uma idéa e o desejo de vel-a triumphar. Mas desde que, por um lado, esses mesmos que tão dedicados se têm mostrado, não representam entre os seus correligionarios o papel que lhes é devido; e por outro lado, a propria idéa, por que elles têm combatido, corre o risco de cahir em total descredito, pela inepcia e fatuidade de inventados *chefes e directores*; ordena a dignidade pessoal de qualquer, que não se sente predisposto para ser sómente uma cifra na *conta do rebanho*, a retirada completa.

Os liberaes da Escada que não podem contestar o que dissemos a seu respeito, em o primeiro numero deste *periodico*, (1) devem convencer-se que outro é o caminho que elles têm a seguir.

Chamando em nosso auxilio o testemunho dos factos, appellando para a consciencia dos mais tolerantes mesmos, nós cremos que é impossivel oppôr a taes considerações a minima apparencia de plausibilidade. Que nos respondam esses dignos senhores: qual o augmento de importancia para suas pessoas, resultante dos serviços prestados ao partido? E não é uma tolice lastimavel despender, ainda que seja, com cousas que nem sequer satisfazem um prazer, ou dão pasto a um capricho? A que ordem de necessidades attende o

---

(1) *O Desabuso*, periodico publicado por Tobias Barreto na Escada, em 1875. (N. de S. R.)

liberal *matuto*, puxando da algibeira uma *cedula-dinheiro*, para a caixa do directorio, ou uma *cedula-voto*, para dar um lugar no parlamento ao genro do Sr. de Villa-Bella e tantos outros? Como no mundo material as forças não se perdem, mas se transformam, tambem isto deve acontecer no mundo social. O direito é uma força; em que é, porém, que elle se converte para o liberal proprietario deste municipio, quando é gasto com a mantença da *chefia*, *chefado*, ou *chefança* do insigne barão?... Se é que toma alguma nova fórma, sob a qual reflue para o lugar donde sahiu, é a fórma do vilipendio e da desconsideração. Igualmente o voto é uma força; mas em que é que elle se transfigura, de um modo vantajoso para quem o deu? Que novo agente moral volta aos liberaes daqui, em troca da opinião que depositam na urna? Oh! é preciso ter em alto grau a mania da sequacidade, o gosto da humilhação, para desconhecer a verdade destes factos... Liberaes da Escada, sêde mais sabidos!

II

E' uma triste verdade que o povo brasileiro tem sido, no dominio de todos os partidos, vergonhosamente machucado, estragado, corrompido. Não é menos exacto que presentemente, o que ha ainda de instinctos nobres e nobres disposições entre nós, é quasi só no povo que se encontra. E a maior prova destas qualidades é que elle vai olhando com desprezo e indifferença para os açulamentos e malignas suggestões, com que todos os

dias a *récua* dos despeitados pretende pol-o de seu lado para subir á custa delle e logo após dar com o pé na escada por onde trepara.

Ha quem julgue que a gente de Pernambuco perdeu muito dos seus *antigos brios*, attento que não tem querido se prestar a uma repetição de pequeninas revoltas, com que se ha inutilmente dissipado a seiva politica desta provincia. Ao contrario, me parece que isto é uma prova de bom senso e reflexão.

Que ganha o povo, geral ou particularmente considerado, em tomar interesse por uma causa, que não é a sua propria, sacrificando-se em defesa e em proveito de quem nada lhe merece?

O chamado partido liberal que tem a pretenção de comprehender melhor e melhor satisfazer as necessidades do povo, não tem sido aliás menos hostil, menos incommodo ao bem estar da população, do que o seu adversario. Quaes são de certo os beneficios pelo povo recebidos do partido liberal? Os mesmos que lhe tem feito o partido conservador: *oppressão, aviltamento e desdem*. Desde que, pois, não ha para elle differença entre o governo de uns e o governo de outros, que vantagem tira o misero povo de bater mais palmas a estes do que áquelles?

E' preciso que nos convençamos: a magna questão dos tempos actuaes não é politica, nem religiosa, é toda social e economica. O problema a resolver não é achar a *melhor fórma de governo* para todos, porém, a *melhor fórma de viver* para cada um; não é *tranquillisar as consciencias*, porém, *tranquillisar as barrigas*. Que importa ao homem do povo que lhe dêm

o direito de *votar em quem quizer*, se elle não tem o direito de *comer o que quizer?* Que lhe aproveita a liberdade de ir ao templo, quando queira, e orar ao Deus, como lhe aprouver, se elle não tem o poder de ir ao mercado, quando lhe praz, e comprar o que precisa.

Nada ha menos politico e religioso, do que a fome. O peito aguenta meia duzia de pancadas em ar de contricção ; os joelhos supportam largas horas de posição devota em cima do tijolo; mas a barriga... oh! é uma libertina ; não soffre com paciencia dez minutos de necessidade. Assim, o que convém mais que tudo, é dar ao povo os meios de *passar melhor* e não enchel-o de continuo incenso, chamando soberano a esse pobre *João sem Terra*, como justamente o qualificou Proudhon.

III

Tem sido um fertil assumpto para uma opposição sem rumo, como ella sobre tudo se faz notar em Pernambuco, a nova lei do recrutamento. Em grande parte por ignorancia do que essa lei significa, os campeões opposicionistas procuram todos os dias infiltrar no espirito do povo a perigosa idéa de que tudo está perdido pelo systema de *militarisação*, que ora nos invade... E eu mesmo já ouvi da bocca de um liberal *purissimo*, um futuro *deputado e ministro*, como elle se apregôa, o Sr. Dr. Soares Brandão, que o actual governo mimoseara o paiz com um *militarismo á prussiana !...*

Não é mister possuir e despender grande somma de conhecimentos, para demonstrar que o Sr. Brandão, não obstante as suas altas pretenções e a futura *farda bordada*, não sabe o que é militarismo, e muito menos revela estar no caso de falar de um militarismo á prussiana. A idéa que a *illustre mediocridade* forma da Prussia e sua organisação militar, é certamente bebida em fonte muito toldada...

E justamente porque S. Ex. o Sr. deputado *in fieri*, não se acha bem informado sobre o militarismo prussiano, aventura-se a fazer deste uma bitola para medir a ruindade da nova lei do recrutamento. Mal sabe, porém, o grave tribuno do directorio liberal que, se essa lei encerra, como de facto, alguns defeitos são elles provenientes de não ter talvez o legislador querido tomar por seu unico modelo aquella sabia e fecunda organisação. Feliz o Brasil, se possuisse uma tal. E' preciso não ter a minima idéa do assumpto, ou ser um liberal, como o Sr. Brandão, para desconhecer a grandiosidade historica do militarismo dos Hohenzollern, e vir ainda, a proposito da lei do recrutamento, cital-o, como exemplo de despotismo e oppressão. Coitado do *futuro ministro* liberal !...

Importa falar franco : a lei de 26 de setembro tem realmente suas lacunas ; ha nella muita cousa a melhorar, muita cousa a accrescentar, e não pouco tambem a rejeitar. Mas nem por isso deixa de ser um progresso notavel, comparada com a que estava em vigor. E nada me parece mais extravagante, do que a attitude tomada pela opposição no modo de apreciar e criticar essa lei. Quer em hypothese, quer em these, a critica

é insensata. Em hypothese: não se comprehende como liberaes se possam pronunciar contra uma lei que, se não é perfeita, é todavia superior ao que existia, neste sentido; salvo se preferiam que ainda tivessemos as velhas *caçadas de homens*, e o nosso exercito e armada continuassem a receber o contingente dos ladrões e malfeitores. Em these: a queixa commum de certos liberaes contra o militarismo, que se lhes afigura detestavel, é infundada e pueril. Com effeito, o partido liberal, não menos que o seu adverso, mostra-se incoherente, e em desharmonia com um dos seus mais santos principios, qual é o respeito e a mantença das *instituições juradas*, quando insurge-se contra a idéa de militarisação no Brasil. Porquanto, encarando a cousa do ponto de vista de qualquer doutrina monarchica, é indubitavel que nenhum paiz do mundo se acha tanto em condições politicas e geographicas de ser *militarisado*, como este imperio, que é a unica monarchia da America; e por isso no systema de nacionalidades sudamericanas, differentes pela origem, pelas instituições, pela lingua, ha de formar sempre um singular contraste. Tarde ou cedo, a luta romperá, e quem tiver mais força, é quem ha de fazer o outro á sua *imagem e similhança.*

IV

A brusca franqueza de que entendi dever usar para com o directorio e chefe do partido liberal, nesta provincia, tem feito vibrar a fibra elegiaca de certos *Jeremias*, que, me consta, lastimam a minha perdição.

Assim parece-lhes quasi certo que, no fim das contas, achar-me-hei isolado, abandonado de todos; e isto posto, julgam imprudente o meu procedimento. Pobres espiritos!... Tambem quero a minha vez de lastimal-os. Não comprehendem esses senhores que o isolamento de que falam, nada traria de novo á minha vida, visto como é pelo *isolamento* que ella se tem sempre caracterisado. Depois um *abandono* de todos, no sentido em que isto se diz, não far-me-ia subir o sangue ao rosto, nem bater mais forte o coração. A vergonha do successo seria ao certo para outrem, que não eu. Desde que o meu fim não é constituir-me chefe de partido, mas antes, e sómente, revocar os liberaes sinceros, os liberaes independentes deste municipio, ao sentimento da sua dignidade, da sua posição de homens de bem, que não precisam dos *precalços* da politica, que tenho pois que ver com o *isolamento* que se me agoura? Mas é preciso ser justo: os *espiritos independentes*, de quem o *Desabuso* é orgão, realmente aqui existem; e sem duvida são incapazes de condemnar amanhan o que hoje applaudem.

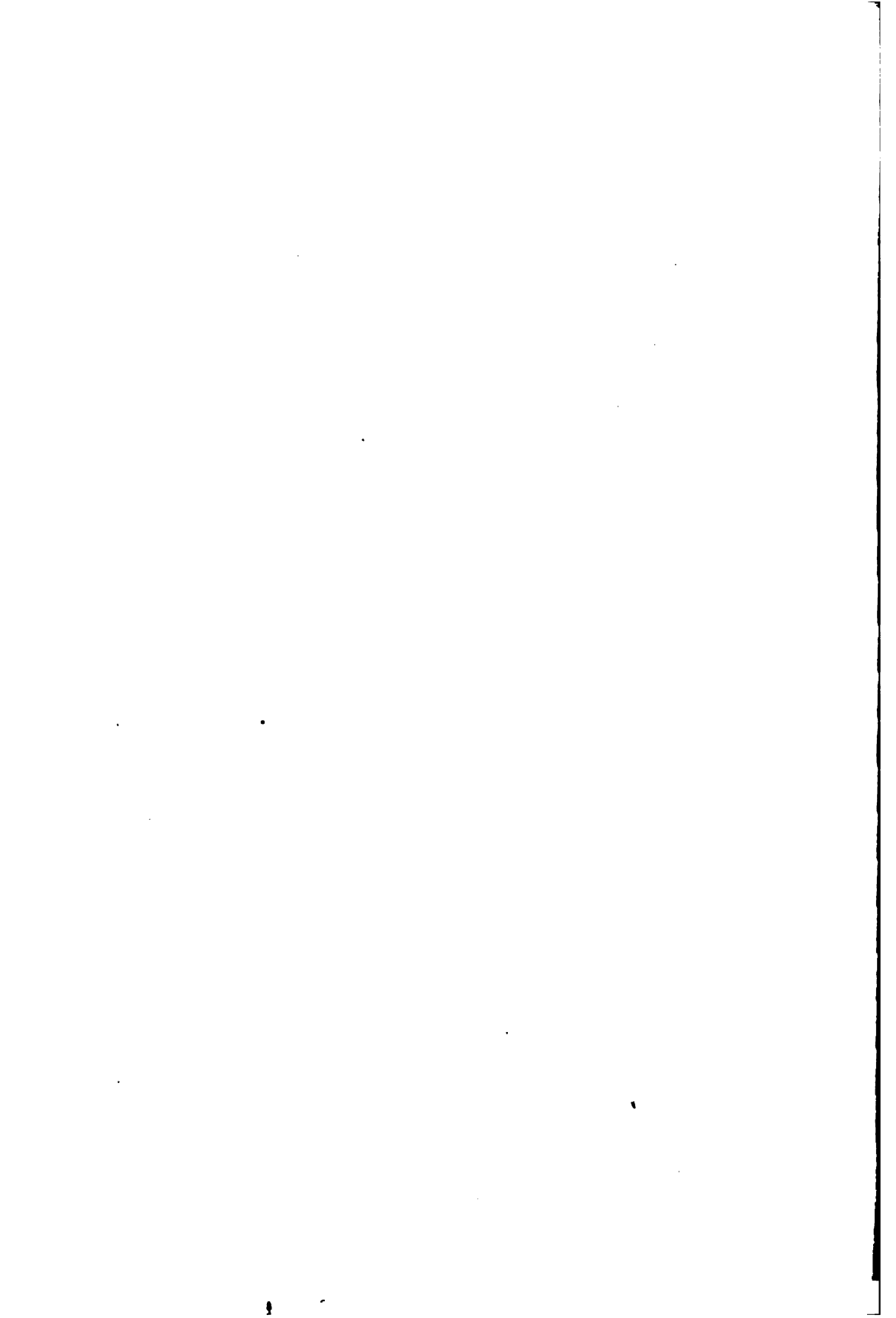
Não se admirem os taes compadecidos da sorte que me espera, do meu desatinado arrojo. Qualquer que seja o prejuizo que me tenha de advir, e este será nenhum, podem ter por certo que não farei penitencia do meu peccado. Bons ou maus, costumo reflectir nas consequencias dos meus actos. E não exaggero, se disser que só uma vez na vida senti o aguilhão de um arrependimento: foi o de ter acreditado em *parolas* de certos liberaes *vistosos* de Pernambuco.

Outrosim: não se supponha que, para me pronunciar deste modo, renunciando *á priori* os futuros proventos

de ser um pacato e submisso liberal, eu me segure em algum motivo occulto, em alguma gorda *mesada*, e por isso esteja no caso de affrontar um pouco as circumstancias... Se ha quem julgue assim, por proprias reflexões, ou por *alheio ensino*, convença-se que labora em total engano. Não conheço por aqui quem esteja no caso de repetir, como o ex-ministro João Alfredo, que *graças a seu sogro* tem podido viver com independencia; porém se alguem existe, por certo não serei eu. Vivo só do meu trabalho ; e honro-me disso. Não sei se o que *produzo* corresponde ao que *consumo* ; em todo caso, porém, não sou economicamente o que politicamente me posso considerar, isto é, um *mendigo*. Taes julgo todos aquelles que, como eu, são sómente governados, e não exercem pelo *voto* o seu quinhão de governo. Nem se pense que me arrogo um estado que não tenho. A minha independencia é muitissimo relativa: relativa ao sol e á chuva, ao calor e ao frio, em uma palavra, ás mil circumstancias do tempo; mas é sempre independencia Só conheço bem o governo do meu paiz sob a forma do *collector*, que me exige o imposto, e sob a forma do *soldado*, que me faz mêdo. Estou satisfeito.

Peço pois aos piedosos espiritos que lastimam a minha perdição, o caridoso obsequio de dividirem com outros, que não eu, a sua compaixão, e se esquecerem de mim, que nunca me deixarei levar pelas suas regras de *prudencia e sensatez*. (1)

---

(1) Artigos de fundo do pequeno periodico *O Desabuso*, em setembro e outubro de 1875. (N. de S. R.)

XII

Os bispos amnistiados

Agora é que eu me regosijo de nunca ter tomado o minimo interesse pela *soi disant* questão religiosa!... O resultado da luta veio dar razão á indifferença e desprezo, com que sempre tratei a essa estupida contenda. Se não fosse fazer uma injustiça ao Sr. Rio-Branco, julgando-o de muito alcance, eu diria que o chefe do gabinete de 7 de março, comprehendendo a indole do paiz, quiz dar-lhe com a *palha* da questão religiosa novos motivos de preoccupação, para extinguir os azedumes da lei de 28 de setembro. O leitor ha de lembrar-se que logo depois da promulgação dessa lei, só se falava nella, só se pensava nos maus effeitos que ella vinha produzir. Abram-se os jornaes d'aquelle tempo; e ver-se-á que era o thema quotidiano de todas as variações. A cada instante esperavam-se revoltas e insurreições. Os politicos de uma mesma crença não se conheciam no meio da nuvem de poeira, que se

erguia do combate. Uns admiravam, outros fustigavam, por exemplo, a attitude do Sr. Zacharias, que votara contra a lei. Era geral o clamor dos humanitarios, por esse procedimento de um *chefe liberal*, que não tivera pejo de oppor-se á *libertação do ventre*. Devo dizer, de passagem, que naquelle tempo, como ainda hoje, o acto do Sr. Zacharias não me pareceu censuravel. Ao contrario, sempre o achei muitissimo defensivel. A pretendida contradicção entre *liberalismo* de S. Ex. e o seu voto *anti-abolicionista*, para mim nunca existiu. Porquanto, se é em nome da humanidade, que se considera ultrajada pela escravidão, se é em nome de uns chamados *principios eternos do direito, da igualdade, da fraternidade humana*, que não póde um *liberal* mostrar-se escravocrata, sem gravissima incoherencia, eu não descubro razões porque diante dos mesmos *principios* um liberal possa ser *monarchista*, sem cahir tambem em contradicção. A monarchia, dizem, é uma instituição que nos legaram nossos paes. E a escravidão não seria outra? Repugna aos sentimentos da dignidade humana ver-se um homem, *nosso igual*, escravisado a um *senhor*, como seu instrumento de trabalho: é o que se allega. Mas tambem será bastante digno, bastante humano, ver-se outro homem, *nosso igual*, com ares de semi-deus, por cima de todos nós, vivendo á nossa custa, e á nossa custa dando passeios pelo mundo? Eis porque nunca achei motivo de censura na opposição do Sr. Zacharias, que aliás foi muito logica e natural.

Voltando da digressão: ia eu dizendo que a lei do elemento servil puzera em agitação de espirito o paiz inteiro; e promettia, pela effervescencia, dos

animos, não sei que reboliço, no seio da nação. De repente os bispos deram o signal de um novo *espectaculo* que se ia representar, e a phrase *elemento servil* foi trocada por esta outra: *Jesuitas e maçons*. O povo affluiu em massa para assistir a nova questão, verdadeiro mysterio da idade média, em que Deus e o diabo fizeram o seu papel. E muito republicano desconcertado deveu bater na testa e dizer, como Gringorio de *Notre Dame*: são uma sucia de patetas estes brasileiros! Estavam na melhor occasião de derrubar o Pedro, e deixam-na de todo, para se occuparem de bispos e maçons!...

O certo é que a lei de 28 de setembro não correu mais risco de ser *commentada* a ferro e fogo pelos millionarios, possuidores de escravos; passou-se a outro assumpto; começou-se a jogar por outro *naipe*.

Entretanto, depois de immenso apparato de guerra, depois de chegar-se ao ponto de haver quem acreditasse (não eu) que o romanismo jesuitico seria vencido entre nós; depois de prender, processar e condemnar bispos e governadores, é emfim com uma amnistia que se julga pôr termo a contenda!...

Longe de mim a pretenção de dizer ao sabio governo do meu paiz, qual era a solução qne elle podia ter dado. E tão pouco estou de accordo com os que pensam que não se devia amnistiar, porém perdoar!... Quanto a mim, este modo de entender tem tanto senso, como se se dissesse que o imperador não devia dar um beijo nos bispos, porém um osculo. Ainda que in abstracto, na esphera da theoria, os dous conceitos de perdão e amnistia sejam distinctos, todavia na

pratica do governo, em relação aos effeitos produzidos, e sobre tudo no assumpto de que se trata, o perdão nada traria de mais ou de menos, que a amnistia. Em um, como em outro caso, a victoria clerical seria a mesma. Que D. Vital e D. Macedo não aceitassem o perdão, é muito comprehensivel, porque elles, julgando-se investidos de autoridade divina, não podiam rebaixar-se a se deixarem perdoar por um poder humano, que suppõem reu de lesa-divindade. Quanto ao governo, porém, a cousa é differente; porquanto, ou fosse perdão ou fosse amnistia, como acaba de realisar-se, o resultado era identico: a soltura dos bispos, a nullidade do governo. Foi uma verdadeira prova de multiplicação: traçou-se uma cruz, e no quarto angulo della escreveu-se um zero. A conta sahio certa. E viva D. Pedro II, que é quem ficou talhado pela providencia para governar o Brasil! (1)

---

(1) Artigo de fundo d'*O Desabuso*, 1875. (N. de S. R.)

XIII

Politica da Aldeia

Amanhã terá lugar a segunda reunião da junta parochial para ouvir as queixas e reclamações ácerca do alistamento dos cidadãos votantes desta freguezia, a que ella procedeu em o mez passado. E' uma formalidade esteril, da qual os liberaes não temos a tirar vantagem alguma. Caprichosa e inabalavel, como ella se mostrou na primeira reunião, a junta tem de manter-se em seus principios de completo desprezo e desrespeito aos direitos dos adversarios. Seria loucura suppor o contrario. Não obstante, ainda nós appareceremos; ainda tentaremos uma vez perante ella fazer valer o que a *propria lei dos conservadores* nos outorga, isto é, mostrar á junta que os cidadãos votantes da Escada, em sua maioria, pertencem ao partido liberal; e por isso, precisamente, é que ella os excluiu, taxando de proletarios e indigentes centenares de individuos que se acham nas condições legaes de exercer direitos politicos.

Não nos passa pela mente a minima conjectura de que a illustrissima junta parochial nos attenda, afim de incluir nomes que já foram por ella rejeitados. Se tão esdruxula idéa póde ser concebida por algum liberal optimista, que vive do nectar de suas esperanças messianicas, que ouve a cada momento as pisadas de uma *mudança* que se approxima, que todo o dia aguarda o desembarque de um *melhor futuro* na estação desta cidade, não é de certo alimentada pelo espirito geral que nos deve dirigir, quero dizer, o espirito da descrença, a que nos tem arrastado o governo do paiz. Ainda appareceremos, sim; menos porém como actores do que como espectadores da *interessante comedia*. E o que somos realmente nós outros liberaes, senão espectadores da politica do Brasil? Qual é ahi o nosso papel? Nenhum outro, que não seja o de contribuir com a nossa quota de dinheiro e sangue para as despezas da *mise-en-scéne*. E' mister muita coragem civica, e até um pouco de resignação evangelica, para testemunhar os actos de menospreço e acintoso desdem que praticam os nossos adversarios, sem que aliás ergamos um brado de desesperação. Mas tambem releva ponderar que o partido liberal não está no caso de proceder como um cão, que morde a *pedra* que se lhe atira, e não o braço que a arremessou. Tal seria o dirigir as nossas queixas e os nossos justos resentimentos contra os homens *cá de baixo*, e não contra a *suprema causa* de todos os nossos males. Para empregar uma imagem tirada d'aqui mesmo: — quem passa actualmente pela *Rua do rio*, nesta cidade, e atola-se até o joelho no lamaçal que alli existe, revolta-se por ventura contra a mesma *lama*? Não de certo; mas contra aquelles

que mandaram ultimamente *endireitar a estrada*. De igual maneira, desde que fomos bastante generosos para entrarmos *desarmados* em luta com adversarios que não vacillam em negar-nos todos os direitos, não ha razão de indignarmo-nos contra os agentes mediatos da *vontade imperial*, que se compraz em zombar de nós, e extinguir aos poucos o liberalismo brasileiro. A junta parochial da Escada ha de cumprir o *seu dever*, tanto mais quanto esse dever importa um ponto de honra. E quem não sabe que os *pontos de honra* são relativos? O *ponto de honra* do jogador, por exemplo, não é o mesmo que o do commerciante; o deste não é o mesmo que o do pirata. A junta parochial tambem tem o seu, que é mostrar-se *esperta e perspicaz*, excluindo acintemente porções de liberaes da lista dos votantes. Vamos de novo presenciar as galhardias da junta, mas sómente por desenfado da monotonia do tempo, bem certos que os nossos reclamos não serão ouvidos. E acreditem os dignos membros dessa corporação que, como liberal e testemunha do escarneo com que elles violam a lei e buscam expellir das urnas a maioria incontestavel do meu partido, nesta freguezia, nem por isso lhes quero mal. Não me invade a seu respeito o mais leve sentimento de rancor. Seria galante... galantemente ridiculo, salvo as lagrimas de minha mulher e de meus filhos, que tomando ao serio este espectaculo accusador da nossa miseria, sahisse a combater e derramar o sangue *ad majorem gloriam* do Sr. D. Pedro II, que aliás á esta hora se diverte em Philadelphia!... Ora!... esta!...

O povo da Escada que vá tomando nota do modo como é tratado o seu direito. Se sente-se com força de

fazel-o valer, faça-o; se não se sente, prosiga em seu caminho e zombe de tudo, inclusive a sua propria indignidade; para o que lhe posso emprestar um pouco do meu sorriso a Democrito. O tempo é para rir... *Tempus ridendi*. (1)

1876.

---

(1) Artigo de fundo d'*O Povo da Escada*, aos 6 de maio de 1876. (N. de S. R.)

XIV

Ajuste de contas

Eil-o de novo na liça — o *Povo da Escada*. Já lá vão mais de sete mezes que, recolhido ao silencio, havia razão de crer que tivesse morrido e a herva crescido sobre a sua modesta sepultura. Sete mezes de meditação e de taciturnidade!... Não é graça. O redactor deve ter cedido a bem fundas considerações, para calar-se por tanto tempo, e agora, quando menos o esperam, apparecer de novo á janella e dizer: *eu aqui estou*... Não correrá elle o risco de que lhe respondam: *é tarde, não queremos mais ouvil-o?*... Póde ser. O povo em geral, e nomeadamente o desta terra, tem caprichos singulares. Elle acha util que aqui se publique um jornal; fica meio descontente e prevenido contra o redactor, quando o jornal, por qualquer motivo, interrompe a sua marcha; mas reflectir que o papel, a tinta, o typo, e os de mais componentes de uma folha, tambem estão sujeitos ás leis economicas, em cujo dominio o dinheiro é o grande *regulador*, reflectir nisto não é para o nosso

povo. Elle quer ver o jornal surgir com a mesma espontaneidade, com que brotam as flores do campo, e tel-o gratuito, como o ar que se respira, ou como *cajús* selvagens que se deixam colher sem dinheiro, e sem receio do ladrido dos cães de algum dono.

Mas vamos ao assumpto. Ia eu dizendo no ultimo numero (de 8 de maio do corrente) que não tomaria jamais ao serio a politica do paiz, a ponto de por ella fazer o minimo sacrificio. Os factos posteriores vieram justificar o meu proposito. O partido liberal, em prol de cuja causa sempre estive disposto a concorrer com o meu voto, nunca porém com a quebra dos meus brios, da minha dignidade pessoal, encarregou-se elle mesmo de pôr-me um pouco fóra do combate. Hão de lembrar-se que, quando em março foi deliberado entrar-se no pleito eleitoral, nomeada uma commissão para tomar a frente dos negocios, fez della parte o escriptor destas linhas. Porém depois, comprehendendo que havia perigo em deixar correr quasi só por minha conta o resultado dos trabalhos, visto que eu era o unico bacharel na commissão nomeada, propuz que viesse um outro (eu sabia bem porque), para me auxiliar. Não houve mister grande esforço de minha parte, para convencer os *correligionarios* da importancia da minha idéa. Nada existe mais facil do que levar a convicção ao espirito dos convencidos. Com geral aceitação foi pois addicionado á commissão o Sr. Dr. Amynthas. Até aqui nada de estranho. Mas a cousa toma logo uma outra feição. Pouco a pouco os meus *correligionarios* fizeram do collega, o Dr. Amynthas, o centro de gravidade da magna questão que se ventilava, e eu fui ficando algum tanto na sombra.

Importava por conseguinte que eu procedesse em conformidade, isto é, que não tirasse ao meu collega a gloria completa do resultado de seus trabalhos, entrando com elle na *partilha*. Assim o fiz e deixei-o só. Se, *currente rota*, em vez do *vaso etrusco* que elle esperava e promettia, sahiu do forno apenas um *canudo*, é facto que não vem ao caso aqui apreciar, e que não diminue o merito do collega, cuja paciencia e tenacidade não acham facilmente iguaes.

Dest'arte, arredado da liça, impuz tambem silencio ao *Povo da Escada*, limitando-me a tomar notas para um melhor tempo. Esse tempo chegou. Vamos entrar em liquidação. E o que primeiro importa liquidar, é se eu me acho de facto modificado em minhas idéas liberaes, como consta-me que alguns creem e outros fingem crer ; é se as minhas tendencias politicas deixaram pender algum galho para o lado do visinho, para o terreno conservador. Apreciemos isto.

O povo que mais altamente possuiu o senso juridico, o povo romano, tinha um principio fecundo com que elle abria as portas da indignação relativa a qualquer accusado ; *cui bono fuerit* ? perguntava elle, isto é, com que fim util, com que vantagem pessoal este ou aquelle commetteu o facto, de que o accusam ? Deste principio quero eu fazer applicação a mim mesmo. Dizem que estou meio, senão de todo, conservador. Com que vantagem ? *Cui bono fuerit* ? Se nunca pretendi nem pretendo empregos, se tem sido até hoje meu proposito não viver de funcção publica nesta terra, que tem a infelicidade de chamar seu soberano a um espirito ridiculo e pequenino, como Pedro II, com que

intuito, confessavel ou inconfessavel, passava eu a pertencer ao grupo dos *homens do rei*, quero dizer, daquelles, cujo incenso é mais agradavel ao seu olfacto, posto que os outros não deixem de o incensar? Não sou magistrado, que aspire accesso na magistratura; nunca passou-me pela mente ser deputado, ou presidente de provincia, ou secretario; não tive ainda a mania de suspirar por um *grau* de doutor, pois o mesmo de bacharel que possuo me é um pouco incommodo; nunca visei nem viso ser lente de academia; não aspiro, em uma palavra, neste paiz, nem mais nem menos, do que o direito de escarnecer delle; como pois pudera eu, sem um mobil psychologico de qualquer peso, deixar-me addicionar ao *quantum* conservador? Dir-me-hão talvez: não são estes os unicos motivos determinantes de uma mudança; ha mais alguns. Sem duvida. O dinheiro, por exemplo, é um agente poderoso; e não sómente o dinheiro, tambem a vontade de fazer alguma alliança de *familia, etc*... Mas nada disto me toca. O segundo ponto é intuitivo; sou um velho casado; e quando não o fosse, sou um *mestiço* de Sergipe... Quanto ao primeiro, nem merecia a pena de uma menção; porém importa vencer a repugnancia e aprecial-o tambem. Em assumpto pecuniario, bem como em todos os outros, não me recordo de ter jámais incommodado a conservador desta terra; e eu tenho boa memoria. Entretanto, podendo ser que esta me falhe, desafio a qual delles se julgue mais *notavel*, para dizer-me: já pediste-me *tal e tanto*. Não ha um só, creio eu, que ouse dizer-m'o. De mais, não comprehendo mesmo que os *ricos conservadores* deste municipio

estejam no caso de, *só pela riqueza*, fazer conquistas. O dinheiro é realmente um *poder*, uma força que não raras vezes, e em almas putridas, tem uma fatalidade e irresponsabilidade igual á das forças da natureza: mas isto dá-se com o dinheiro em outra escala, e não com *dinheirinho*. Eu que não possúo um centimo, sei perfeitamente raciocinar sobre os *milhões*; e estes aqui não existem. Não vejo nesta terra mais do que uma *pobreza graduada*, desde o *titular* até o coveiro do cemiterio. Já se vê que diante de um tal modo de pensar, a allegação de uma mudança de minha parte é cousa que não se explica, que não tem mesmo senso. E note-se bem: eu sou um dos raros, por certo, que podem aqui falar com tal altivez. Ha por ahi muita gente que tambem diz não precisar, nem ter jámais precisado de conservador. Mentira e impostura no caso. Todos os que agora lançam baforadas de *fiambre* e *cacáu*, depois de terem engulido uma libra de *ceará* e uma motolía de aguardente, isto é, que falam muito em dignidade, depois de haverem commettido baixezas de todo quilate, são uns pacholas ridiculos, para não dizer miseros e despresiveis. Contam que a cobra *sucuruyúba*, quando devora algum grande animal, que lhe é impossivel promtamente digerir, toma a prudente deliberação de metter a cabeça no lamaçal de algum brejo, deixando o ventre de fóra, onde os *urubús* vêm comer o animal indigesto, apodrecido, furando o corpo da serpe e salvando-a da fatal obesidade. Aconselho aos taes senhores *fanfarons de vertu* que façam o mesmo: enterrem a cabeça na lama, e esperem que os abutres venham comer o *boi* que elles enguliram com chifres e mocotós e couro e

rabo. E' com effeito singularmente burlesca a attitude hoje tomada por certas figuras que dansaram a suar camisas ao som da *viola conservadora*, contribuiram com o seu melhor para o atropello e frustração das pretenções liberaes, e no emtanto já dizem que nunca se metteram em *similhante lôdo*. Ora esta!... Pois essas innocentes crianças não estão pensando que o publico é todo composto de toleirões?! A cousa é outra: os taes senhores viram de repente as suas bellas esperanças, irmãns dos sonhos rosados e dos desejos azues, converterem-se numa chusma de esperançasinhas pertencentes á familia *dos gafanhotos* e no triste desapontamento em que se acham, não têm remedio senão franzir o sobr'olho e tomar ares de homens *serios e imparciaes*. Eis a verdade. Agora peço eu que me digam, qual era a minha esperança: se abstive-me de continuar no pleito eleitoral, tambem levado d'alguma idéa de lisongeiro futuro. Vamos, vamos, — quero ouvil-os a todos, neste sentido. Na distribuição dos *premios*, que de antemão se fazia não era eu quem ficava, por exemplo, com a promotoria do Dr. Gaspar, addicionada da *ajudancia* do procurador fiscal; nem tive jámais pretenção alguma, como está dito, que buscasse ser satisfeita entre os conservadores, ou que estes fossem capazes de satisfazer. Outras razões me determinaram a abandonar os trabalhos; e entre ellas não é a menos importante a consideração de que, devendo o partido liberal da Escada, como foi assentado, pagar os dous advogados da commissão, e não sendo as finanças do mesmo partido das mais lisongeiras, era a mim que importava deixar para o companheiro o maior *quinhão*.

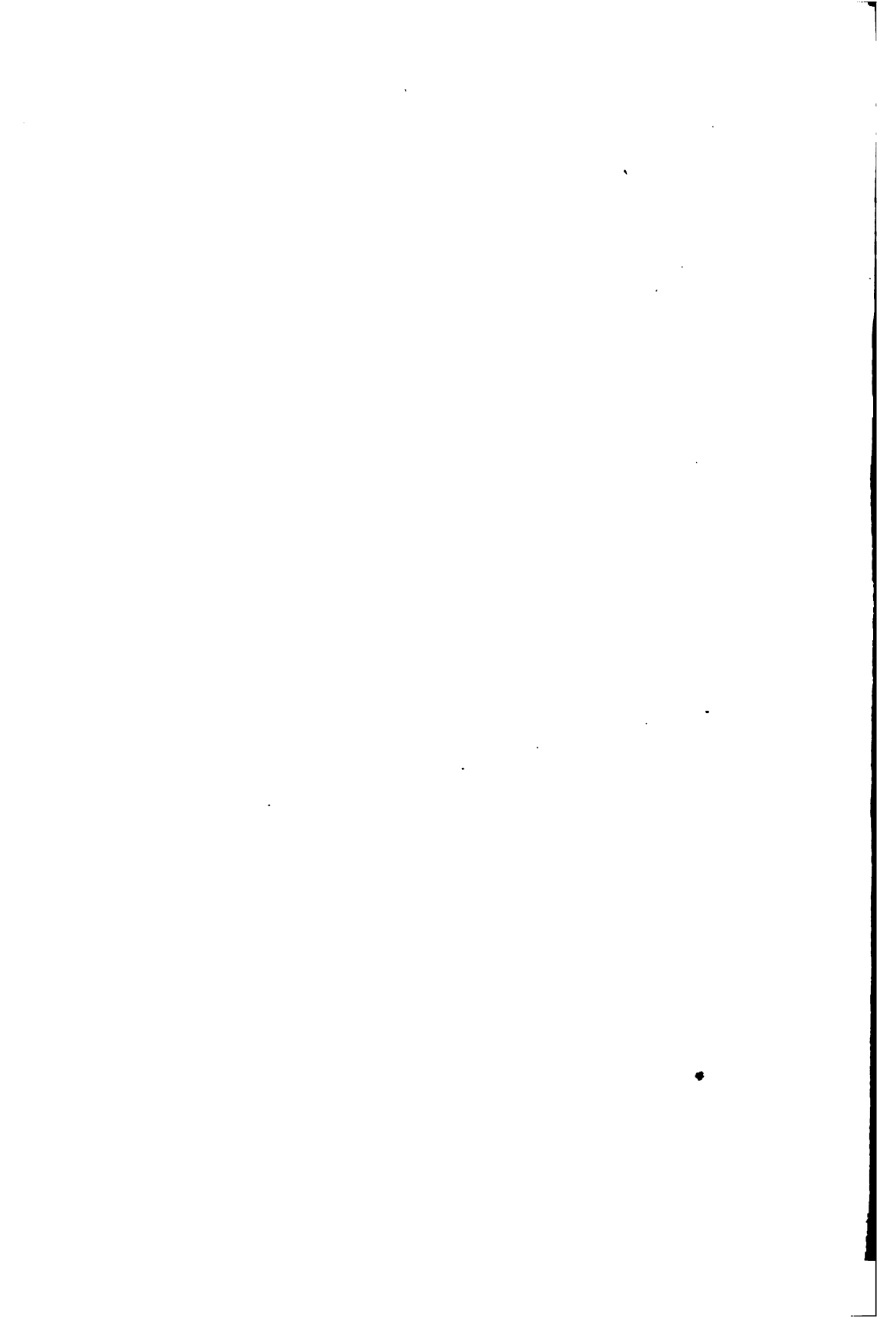
E de facto : não foi a minha retirada vantajosa para elle? Nesta época de refluxo pecuniario, ganhar um conto de réis pelos serviços prestados numa eleição que se perde, é um phenomeno ainda mais exquisito do que receber igual quantia pelo tratamento de um enfermo a quem o medico mata, receitando e applicando elle mesmo um terrivel clystér, cujo effeito immediato é a morte. Longe de mim porém qualquer *arrière pensée* de offensa ao collega, que bem mereceu a paga dos seus serviços: *mercenarius dignus est mercede sua*; o que aliás não obsta que em melhores tempos elle reclame a consideração devida aos seus esforços de politico *desinteressado*...

Uma cousa resta-me ainda a observar, que concorre para a explicação de minha attitude. Os conservadores da Escada, a quem não conheço *politicamente*, pois nunca militei sob suas bandeiras, e de quem portanto, não posso nem poderei jámais dizer que são tão ruins como os liberaes, me tratam pessoalmente com maiores attenções, do que os meus correligionarios daqui. O amor de si mesmo, ninguem negal-o-á, é um factor poderoso do desenvolvimento humano; e por minha parte devo confessar que elle tem sobre mim uma não pequena influencia. Sou d'aquelles que preferem uma suave lisonja a uma bruta sinceridade. Dado de barato que os conservadores d'aqui me lisonjeem, é isso em todo caso para mim preferivel á sincera indifferença, senão sincero menospreço, com que me tratam, bem poucos exceptuados, os senhores liberaes. Ao passo que, *verbi gratia*, aquelles me têm n'uma boa conta intellectual, formando por si mesmo o seu juizo, (certo ou

erroneo, — é outra questão), os liberaes em regra não se julgam obrigados a um tal tributo; e até o meu illustre sogro, liberal de velha tempera, se no directorio provincial do Recife for assentado e decidido em presença delle que eu sou analphabeto, será capaz de voltar á Escada disso convencido, e alguma cousa desgostoso de ter feito um homem que não sabe o *a b c* entrar na *casa de Frexeiras*, grande ventura esta, que aliás minha velha avó nunca sonhou, nos seus mais arrojados prognosticos de felicidade para o neto que ella amava! Aqui, de certo, valia a pena que, depois de accender o meu cachimbo, tomar algumas fumaças e reunir pensamentos que andam dispersos, uns pela Allemanha, outros atrás de Pedro II, outros voando na direcção do futuro, e outros aqui mesmo, embebidos, extasiados numa bonita mãosinha feminina, que apertei ha poucos dias, uma mãosinha de *Helena*, rematando um braço de *Atalanta*, eu fizesse desfilar aos olhos do leitor uma legião de cousas, pertinentes ao assumpto. Porém calo-me: é o preito que o homem de bem rende á pessoa que lhe é por mais de um titulo cara e respeitavel.

Agora concluamos, e para concluir; — *da capo* a primeira parte. O *Povo da Escada* apparece de novo com todos os seus propositos de defender a causa popular neste municipio; bem entendido,— *si et in quantum*, isto é, emquanto fôr possivel fazel-o sahir sem sacrificios pecuniarios de minha parte, visto como a esphera economica em que gyro não é das mais luminosas. Vasta materia para censuras, não falta. Ahi está a policia com as suas arrogancias, ahi está a guarda

local mettendo o refle á vontade nos pobres matutos da feira, ahi estão emfim... mas para que falar de cousas tão velhas e sediças? Não quero escrever variações sobre a *Maria caxuxa*. Viremos a folha do livro e vamos a outro capitulo. (1)

(1) Artigo de fundo d'*O Povo da Escada* de 18 de dezembro de 1876. (N. de S. R.)

XV

Reforma da Constituição

A publicação no *Diario* do parecer do Conselho d'Estado sobre a reforma constitucional, na conferencia de 7 de novembro do anno passado, dá-me hoje assumpto para algumas linhas.

Eu não tenho por habito, é cousa já bem sabida, vêr os rios do Brasil arrastarem ouro em suas correntes, as nossas selvas cheias de passaros côr de rosa ou de veados azues, e os nossos homens politicos cheios de sabedoria. Mas nunca me passou pela mente que o estado intellectual de certos grandes vultos da terra fosse ainda muito peior do que eu suppunha A leitura do que se deu na mencionada conferencia, tirou-me o resto da illusão e uma vez por todas deixou-me convencido que o espirito brasileiro, de quem eu já dissera uma occasião que, em mais de metade, *plonge dans la brute*, não merece este elogio, pois se acha de todo atufado nas trevas palpaveis de absoluta e irremediavel

brutalidade. A prova tenho entre mãos; e rio-me a bom rir da nossa extrema desgraça.

No dia 7 de novembro de 1878... *panditur... domus omnipotentis Olympi* — escancaram-se as portas do palacio de *Bôa-Vista*, e o pai dos tolos chama a conselho a sua grei de velhos aparvalhados. Trata-se de magno assumpto; e o imperador quer ouvir a opinião dos seus conselheiros. Para isso lhes propõe quatro questões, cada qual mais inquestionavel; e dado o signal de responder, vai um após outro respondendo a sua asnidade. Abre a serie o visconde de Abaeté: que diz elle? A opinião do illustre visconde, o Sr. D. Pedro II poderá ouvil-a da bocca do primeiro criado de galão branco do seu imperial serviço. Mas mesmo assim, é justiça confessar que não revelou-se tão mesquinho e insignificante, como os dous outros titulares que se lhe seguiram. O Sr. de Muritiba que repelle a idéa do *saber ler e escrever* como condição eleitoral, não admitte a reforma dos §§ 2 e 3 do art. 95 da constituição; mas isto por motivos, que attrahem a compaixão ou o desdem de tão estolida cabeça. Elle affirma categoricamente que... «a opinião publica do Brasil não reclama a reforma do § 2, e se esta se fizesse, nenhum effeito pratico produziria... » De certo? Então para que se lhe oppor? Concedida a inefficacia pratica da cousa, que mal fazia consagral-a theoricamente? Mas não fica ahi. Ha disparate maior: elle diz ainda que uma tal reforma... « deveria ser acompanhada pela do art. 36, porque não ha motivo para revogar o § 2 do art. 95, e deixar intacto aquelle outro » — O leitor *deve* saber do que se trata: é de *estrangeiros naturalisados*, a quem a constituição prohibe que sejam eleitos deputados.

Pois bem; a idéa do art. 36, que a tal respeito associou o Sr. de Muritiba, suscita-me a lembrança de um interessante dialogo, que uma vez presenciei. Conversavam um sapateiro e um ferreiro; e cada qual que mais encarecesse as difficuldades do respectivo mister. O homem da *bigorna* veio a falar da grande sciencia que era precisa para fazer uma *enxada*; e a isto redarguio o homem da *sóvela*, dizendo convicto: *quanto a mim, eu só comparo a enxada com a bota!...* Eis ahi: é ridiculo, porém não é unico no genero; já encontrou seu igual. A relação que descobriu o nobre conselheiro entre os arts. 95 e 36 da constituição é perfeitamente analoga a que se concebe entre aquelles dous artefactos, quero dizer, entre a *bota e a enxada.* Ninguem atina, excepto o Sr. de Muritiba, cuja cabeça aliás tanto pesa nos calculos conservadores, com o grau de consanguinidade que um artigo tenha com o outro. No tocante porém ao ponto religioso, o atrasado velho é de uma fraqueza, que seria louvavel, se não fosse desconcertada e grosseira. Assim elle diz: « Apesar da crescente indifferença religiosa, *poucas vozes* por ora se levantam no Brasil em favor da reforma do § 3, a qual seria reputada um golpe profundo na religião por elle professada...» Que desproposito! « Apesar da crescente indifferença... » — é *quoique*, ou *parceque*? O que se dá como causa *antagonica*, não é ao contrario uma causa *synergica?* Se fosse certo que *poucas vozes se levantam em favor da reforma,* não seria isto precisamente um effeito dessa crescente indifferença religiosa?... Valha-nos Deus! Estes Srs. conselheiros da corôa!...

Com o visconde de Muritiba concorda o de Jaguary. Tambem este não quer estrangeiros naturalisados nem

acatholicos elegiveis para o lugar de deputado. Qual a razão? E' o segredo; pois elles têm uma, porém não a expendem. Os politicos do Brasil são mais *expertos* que os dos Estados Unidos. Na grande republica não se tem escrupulo de abrir as portas dos altos cargos politicos a um suisso, como Galatim, a um irlandez, como Duane, e ainda ha pouco a um allemão, como Carl Schurz. Aqui porém não é assim. No parlamento, ou nos conselhos do soberano, não querem que se faça ouvir accento estrangeiro. « No cidadão naturalisado, diz o Sr. de Muritiba, não se póde suppor dedicação patriotica igual á dos nacionaes de origem, mormente quando se trata de algum conflicto em que seja interessado o paiz a que o naturalisado pertenceu. » Era isto mesmo o que pensavam ha 40 annos os calouros das nossas Faculdades juridicas; e já então esta maneira de ver não passava de uma supina tolice. Sobre tal assumpto, basta por hoje. (1)

---

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia*, aos 2 de novembro de 1879. (N. de S. R.)

XVI

Reforma Eleitoral

Não se espere, á vista da epigraphe, que eu vá fazer uma excursão pelos dominios da politica. Sou mais modesto do que se suppõe; e como tal confesso não ter uma sufficiente provisão de palavras consagradas para pagar o meu tributo á questão ardente da *stagione* liberal, desta quadra singularissima que, na sensata opinião dos conservadores da terra, está condemnada a desapparecer mais depressa e deixar menos saudades, que a companhia Passini. Opinião aliás não muito inverosimil, que eu mesmo, em um momento de mau humor, já commetti o erro de aceitar com todo o seu acompanhamento de previsões funestas e incommodos receios pelo meu futuro, o qual se acha estreitamente ligado á boa estrella do actual partido governante, como demonstram os muitos proventos, que delle tenho colhido... Mas felizmente desse estado de emoção

afflictiva, em que me puzera aquella idéa erronea, veio salvar-me a recemnascida *Liberdade*, no seu triumphal *article de fond* de 2 do corrente. Ahi com effeito se faz a luz sobre a marcha dos negocios publicos e a duvida dissolve-se ao sopro da boa logica. E' exacto, não ha negar: os liberaes não cahem, não podem cahir tão cedo, porque a ascensão e a queda dos partidos tem as suas leis e estas não conduzem presentemente a suppor-se uma tal mudança. Os exemplos ahi estão, diz a *Liberdade*: a França, a Belgica, a Inglaterra dão vivo testemunho de que o partido liberal no Brasil não deitará já e já o seu ultimo fructo!... Isto é novissimo! Praza ao ceu que assim seja. Mas eu acho que ha sempre a notar o seguinte: o illustre articulista da *Liberdade*, como quem pesasse uma esponja molhada, sem espremel-a primeiro e depois quizesse fazer crer que o peso dado é justamente o peso da esponja, esqueceu-se de tomar em consideração o factor mais importante da vida dos nossos partidos, quero dizer, o capricho do imperador, que é por si mesmo tambem uma lei. Oito dias antes da subida dos liberaes, a meteorologia politica do doutrinario da *Liberdade* já lhe tinha feito prever a *mudança de tempo*, que dar-se-ia a 5 de janeiro? Não de certo; e porque não? Porque a vontade imperial é uma força incalculavel, que deve entretanto servir de base a todos os nossos calculos politicos, *ipso facto* destinados a nunca passar de vagas conjecturas e longinquas probabilidades, sob pena de irem augmentar a lista das *toleimas*.

Deixando a *Liberdade* no seu leito de flores, eu passo a apreciar por alguns instantes o assumpto

proposto. E começo por dizer que não sinto pela *reforma eleitoral*, como ella se acha iniciada, as antipathias provocadas em mais de um democrata dedicado á causa da patria, que não se distingue da causa do povo, o *soberano da desgraça*, conforme a ouca expressão do Sr. José Bonifacio, este curioso metaphrasta parlamentar. Tampouco me interessa elucidar o *punctum saliens* da magna questão: se devemos ter, ou não, uma assembléa constituinte. Porquanto, no que toca particularmente a esta face do assumpto, eu me declaro em igual distancia de ambos os lados contendores, sem me arredar todavia dos chamados *genuinos principios* da theoria constitucional, isto é, das genuinas phrases da velha publicistica liberal franceza, que ainda hoje nos serve de guia. E', pois, principio corrente, ou como diria o finado Zacarias, é *ouro puro* da doutrina constitucional, que nenhuma constituição póde ser alterada, se não pelo mesmo processo, pelo qual ella nasceu. Ora, tendo a *carta* brasileira sido outorgada por D. Pedro I, nada mais justo nem mais natural, do que dar-se agora uma alteração em qualquer de suas disposições fundamentaes, por outorga do Sr. D. Pedro II. Dahi o corollario irrecusavel de que a reforma da constituição *por Decreto* é o caminho mais regular a seguir. Assim o ordena a logica das idéas e com ella está concorde sua irman mais velha, a propria logica dos factos.

Mas a minha questão é outra, não sei se mais profunda, porém, ao certo mais complicada. Na projectada eleição directa, ouço dizer que ha um duplo

censo; o censo economico e o censo intellectual, corrigindo-se, completando-se um ao outro, a renda democratica de algumas centenas de cruzados e a qualidade aristocratica do *saber ler e escrever*. Não deixa de ter seu merito esta engenhosa alliança do *centrifugo* com o *centripeto*, esta combinação binaria da *democracia da pobresa* com a *aristocracia do a b c*. Entretanto quer me parecer que o autor ou autores da idéa não andaram de todo bem avisados, quando a essa limitação, já em si pouco liberal, do direito eleitoral activo não addicionaram a franqueza completa do direito eleitoral passivo. Desde que a lei, restringindo aquelle direito, estabelece e determina: *só votam estes*, é ser demasiado exigente, é fazer acto de retrograda intolerancia accrescentar ainda: *e só se vota nestes*. Se a eleição directa, que se tem em vista, vai ser exercida por um numero relativamente pequeno de cidadãos, em quem se presuppõe um certo grau de sensatez e independencia, para que desconfiar assim do seu bom censo, negando-se-lhes a faculdade de votarem livremente nos que aptos lhes parecerem? Por este lado, é incontestavel que a *ineligibilidade dos acatholicos* não póde justificar-se, nem se quer com uma apparencia de razão plausivel, que no caso só devera ser uma *razão d'Estado*; mas esta não existe. Ao livre arbitrio do eleitorado nato incumbiria decidir se convinha ou não mandar para o parlamento homens que professam religião differente.

Ha doze annos, quando no *Reichstag constituinte* da confederação allemã se discutia materia identica, dizia Birmarck, defendendo a eleição directa, na sessão

de 28 de março de 1867: — «Considerada em grosso, toda e qualquer lei eleitoral, permanecendo as mesmas circumstancias e influencias externas, produz iguaes resultados... Que porém a eleição directa proposta deixe de ser preferivel, é para mim, pelo menos, uma questão aberta, emquanto se me não provar de modo convincente, que uma outra lei eleitoral é melhor e mais livre de defeitos, do que a do projecto, e possuidora de excellencias, que esta não possue. A questão é discutivel; porém eu creio que, se fossemos metter-nos em tal discussão, teriamos de revolver todas as bibliothecas que nos ultimos trinta annos se têm escripto sobre esta materia, e afinal não chegariamos a um accordo.» Aqui o leitor comprenhende: é a linguagem de um politico, é um estadista que fala. Mas infelizmente o Sr. Sinimbú não poderia dizer o mesmo; a sua lei se presta a muitissimos reparos, e com facilidade concebe-se outra melhor que se lhe ponha ao lado.

Terminando, seja-me licito aventurar uma ligeira observação. Segundo o projecto da reforma, o *saber ler e escrever* é condição essencial para o exercicio do direito de voto. *Saber ler e escrever!...* Isto é bem claro? E' ler com *prosodia*, e escrever com *orthographia*? No caso negativo, mal se comprehende o que a reforma adianta: quasi nada; visto como a incultura é a mesma, e não se póde dizer com razão que são excluidos os analphabetos. No caso affirmativo porèm, se se toma em linha de conta as exigencias da *orthoepia* e os preceitos *orthographicos*, se não tem qualificação legal, quem, por exemplo, pronunciar *hypothése*

em vez de *hypóthese* e escrever *senso* em vez de *censo*, então... viva a patria!... Lá se vão por agua abaixo centenares de ricos potentados, e nesse numero todos os grandes titulares da Escada, Sr. Sinimbú!... (1)

(1) Artigo do *Contra a Hypocrisia*, 1879. (N. de S. R.)

XVII

Morte de Osorio

As minhas primeiras palavras de hoje são dirigidas ao ultimo acontecimento que veio affectar dolorosamente o paiz inteiro; a morte do marquez de Herval. Este grande cidadão, a cujo nome se associam as idéas de genuino caracter militar e de inexcedivel bravura bellica; este heroe das nossas armas, a quem se pudera, a exemplo dos romanos com Scipião o *africano*, conferir o titulo imponente de Osorio o *paraguayo*; este vulto venerando, que não era simplesmente um idolo da sua classe, que não era a gloria de um partido, mas a gloria de uma nação, importa para o Brasil com a sua morte, ainda que não prematura nem de todo inesperada, uma perda irrecuperavel. Eu não sou dos que professam a theoria dos *homens necessarios* no sentido absoluto dos ideologos da historia. Admitto com restricções o *Hero-Worship* de Carlyle e os *Representative Men* de Emerson. Reconheço as grandes *individualidades*, que cooperam como factores historicos

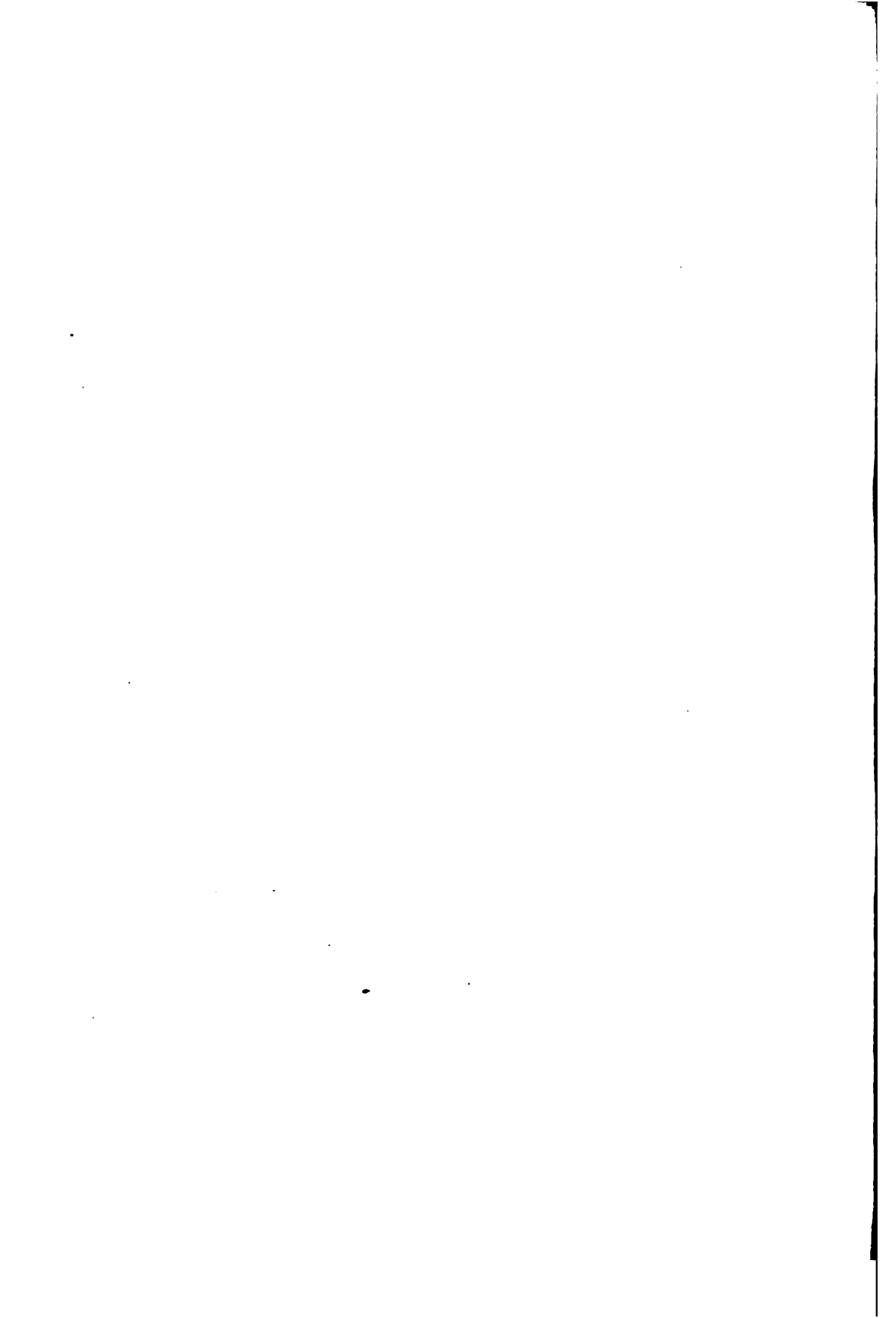
do desenvolvimento de um povo, em uma época dada. Porém a maior parte do valor dessa cooperação eu attribuo, menos ao merito das pessoas mesmas, do que á força e poder das circumstancias. Todavia não hesito em declarar; o marquez de Herval foi entre os poucos que possuimos no genero, aquelle que mais se approximava do typo ideal do *homem necessario*, do homem que por si mesmo constitue a *signatura temporis*, a expressão mais elevada do espirito nacional em qualquer das direcções da sua actividade. O marquez de Herval foi um dos poucos, para cujo renome glorioso não collaborou a boa vontade do imperador, nem a idolatria de um partido, que tenha porventura como um dos pontos mais sagrados da sua disciplina endeosar a todo transe os membros da seita, converter gansos em cysnes, fazer de mediocridades talentos, e de covardes, heróes. Elle foi um *self-made*, no sentido mais lato que a palavra comporta e pode comportar em uma monarchia, principalmente nesta nossa, já tão habituada a moldar nos seus cadinhos estadistas, guerreiros, grandes homens de todos os formatos.

No ministerio, de que fazia parte, o illustre marquez era o unico talvez que representava a seriedade das convicções, e por isso tambem o unico elemento vivo e incorrupto do partido a quem servia. Entretanto... *ei fú!*... O distincto brasileiro já não causa sustos aos seus adversarios politicos, que todos aliás se fazem ouvir no immenso côro de justas condolencias. O marquez de Herval desappareceu, mas...

On parlera de sa gloire
Sous le chaume bien longtemps.

A verdade uma vez presentida por Theodoro Parker, quando disse que... *militar glory is the poorest kind of distinction*..., ainda não chegou a época de sua realização; ainda é e continúa a ser uma verdade prematura. A gloria militar de um Herval não é... *that strutting glory which is dyed in blood*, — *essa gloria inchada que desapparece no sangue;* mas é e será por muito tempo uma das mais brilhantes e mais justamente firmadas, que adornam os fastos da nação brasileira. (1)

1879.

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia*, 1879. (N. de S. R.)

XVIII

Ha entre nós uma verdadeira eloquencia parlamentar?

A idéa deste artigo não é uma cousa estranha e singular, que me tivesse apparecido em sonho. E' uma concepção mui natural, occasionada pelos factos da nossa vida politica. Eu não sei se todos os partidos são accordes em admittir a realidade de um parlamento brasileiro; mas todos dão-se as mãos na crença commum de possuirmos em alta escala uma *eloquencia parlamentar*. Na presente quadra, sobretudo, é possivel que se encontrem na Bolsa dous commerciantes, sem se interpellarem reciprocamente sobre o estado dos seus negocios; mas não o é que se avistem dous liberaes *adiantados*, sem que pergunte um a outro: tem visto a figura brilhante do Saldanha Marinho? Já viu papel mais bonito que o do Joaquim Nabuco? E isto no tom decisivo de quem está convencido da força inexcedivel de duas grandes capacidades parlamentares, que podem

correr parelha com o que ha de melhor e mais famoso no genero.

Este modo de apreciar falsamente os momentaneos successos da tribuna brasileira, é ainda uma das fórmas da *mania*, que não nos deixa, de exaggerar sem criterio as proporções nacionaes, de vestir a todo proposito o uniforme auri-verde do *chauvinismo* pueril, que preside a todos os nossos juizos sobre as excellencias patrias; é ainda uma illusão das muitas em que laboramos, é verdade, porém tanto mais perigosa, quanto mais difficil de dissipar, porque ella encerra em maior dóse o espirito de *coterie*, a palavra de ordem dos partidos.

Eu não contesto que existam no seio das nossas corporações legislativas alguns talentos distinctos, que mereçam o tributo do nosso reconhecimento. Não contesto que este ou aquelle se tenha muitas vezes mostrado possuidor de uma notavel *faculdade de falar*, que não é em tudo uma *faculdade de dizer tolices*, como geralmente se observa. Mas isto é pouco, e não póde satisfazer as exigencias de qualquer genero de eloquencia, e muito menos da eloquencia parlamentar.

«Fóra de uma batalha, diz Emerson, eu não conheço *acontecimento historico*, a que em geral se ligue mais interesse, do que a uma victoria da eloquencia, e o sabio a considera melhor do que uma batalha mesma, porque como triumpho obtido pela força espiritual, é de uma significação maravilhosa.» Eis ahi, o grande americano proferiu a verdadeira palavra: *um acontecimento historico*. O discurso deve ser isso; ou então reduz-se a nada. Quem ha porém entre nós,

principalmente no tempo de hoje, a que se limitam as minhas observações, capaz de deixar-se medir por uma tal bitola? Qual é ahi, pois que me occupo sómente da tribuna parlamentar, o deputado ou senador, que tenha dado uma dessas *batalhas* e alcançado uma dessas victorias, de que nos fala o pensador de Boston? Ninguem o conhece. Na camara temporaria, onde é de presumir que se manifestem os melhores talentos da especie, não ha um só, entretanto, a quem seriamente se possa conferir o titulo de um perfeito orador parlamentar.

Não obstante existir alli uma *brilhante phalange opposicionista*, segundo a phrase vulgar, todavia do seio dessa opposição, proclamada esplendida e poderosa, ainda não sahiu um daquelles discursos, que são outros tantos feitos, como é um feito o commando de um general, ou o seu grito de animação no grosso do combate.

Um estadista inglez já disse, não sei se séria ou jocosamente: « se eu não achasse uma opposição, compral-a-hia ». A que tem falado, cantado e trinado no nosso parlamento, é uma tal, que valera a pena qualquer ministro comprar e manter, para salvar as apparencias, sem correr o minimo risco de ser derribado por ella. E se não, vejamos: ha mais de oito mezes que os Srs. Nabuco e Saldanha Marinho, para restringir-me aos mais salientes, protestam e bradam contra o governo do Sr. Sinimbú; e até esta data nada ainda conseguiram... O primeiro, sobretudo, de quem os seus amigos nesta provincia fabulam maravilhas, tem falado por *vinte boccas*, tem discutido *de omnibus et*

quibusdam alliis, sempre firme no seu proposito de combater, de derrocar o ministerio, e todavia não ha uma só, sequer, de suas palavras que tenha feito impressão! Onde está pois o merito de similhante eloquencia? Que grandes oradores são estes, a quem não é dado arrastar em sua corrente os calculos da conveniencia, do *parti pris* de uma maioria, e fazer que triumphe a causa da verdade e da justiça?

Conta-se que no parlamento inglez, depois do discurso de Sheridan no processo de Warren Hastings, Pitt propoz um adiamento, para que a casa tivesse tempo de livrar-se dos effeitos da poderosa eloquencia. Dá-se isto entre nós com os taes oradores de fama? Elles falam a esbofar-se contra esta ou aquella medida governamental; mas quando acabam, o chefe da maioria, como quem quer aproveitar-se da impressão recebida, propõe logo a votação; e *esta é sempre favoravel ao governo*; o que aliás não impede que o notavel palrador seja *comprimentado e abraçado por seus collegas!*... E' o extremo do ridiculo! E nestas condições poder-se-á sustentar que temos realmente uma eloquencia parlamentar? Faz pena tanta cegueira. (1)

1879.

---

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia,* 1879 (N. de S. R.)

XIX

O Parlamento de 1879

Já venho tarde para tratar do assumpto, que presentemente mais occupa a attenção do publico, isto é, o encerramento das camaras com todas as vantagens de um longo *anno parlamentar*. Já venho tarde para isso ; mas ainda é tempo de saudar os deputados, que vão chegando em marcha de ganso em demanda dos patrios lares ; de saudal-os, digo, pelo muito que deixaram de fazer, pelo profundo e prudentissimo silencio que guardaram em todas as questões tocantes ao beneficio da provincia, e mais ainda, pelos 15:000$000 que cada um delles ganhou, no fecundo periodo da sessão recem-fechada, com o suor da sua fronte, outros diriam, com o verniz do seu rosto. SS. EEx. voltam á terra, que se arrepende de os ter eleito, desconfiados e arredios, como quem tem consciencia de algum mal que praticou. Deve ser uma triste situação a em que se acham agora esses espiritos, que são a todo instante interpellados sobre a

sua attitude parlamentar, sobre os onze mezes perdidos em ajustes de paz entre os *membros* de um lado, e do outro lado o *ventre*, cujo officio já dizia Menenio Agrippa que não era um officio vão,— *ventris quoque haud segne ministerium esse.* E a proposito de Menenio Agrippa, acompanhando aqui a marcha natural das idéas, aventuro-me a perguntar : não seria tão bom que o povo brasileiro, ao menos aquella parte, que já não tem esperanças a nutrir nem illusões a dissipar, fizesse tambem a sua *secessio in montem sacrum*, a sua completa retirada para os outeiros inaccessiveis do desprezo ou da indifferença para com a nossa miseravel vida politica ? Mas deixemos isto, vamos a cousa menos grave : os deputados que ahi chegam. Seria injustiça applicar a todos elles uma só medida. Sem falar no illustre barão de Villa Bella, o *Cobden brasileiro*, segundo a tôla expressão do Sr. Joaquim Nabuco, pois em summa, se o homem não foi no Brasil o que foi Cobden na Inglaterra (e sobre isto creio que não ha duvida), a que proposito empregar palavras de Disraeli relativas ao grande inglez, por occasião do passamento do pobre matuto pernambucano ? —sem falar, repito no Sr. Villa Bella, a quem a morte poupou o desgosto de se ver agora abandonado e aborrecido de todos, os doze que ficaram estão no caso de um abate de 70 a 75 por cento. Com effeito apenas uns dous ou tres puderam escapar á avaria geral. Os mais... *que le diable les emporte.* E entre estes não se pense que eu deixo de collocar o interessante Nabuco, de quem apenas se póde dizer, como attenuante, que foi o deputado que mais ao serio tomou a palavra — parlamento : *parlement*, *parliament*, *parliamentum*, *tagarellice*,

parolagem. Elle cumprio á risca o seu mandato: ninguem levou-lhe vantagem na mania de falar.

Entretanto, é bom advertir a mim mesmo que, neste particular, eu não estou de accordo com a opinião publica, a sensatissima opinião dos estolidos e ignorantes, inclusive a meia duzia de amigos do loquace deputado. O Sr. Joaquim Nabuco, por que falou muito, e só porque muito falou, é hoje em Pernambuco uma notavel creatura, uma personagem de... *monstrari digito*. E' para ver o interesse, com que alguns mais parvos dos seus admiradores andam perguntando a todos e a tudo: não acha que o Nabuco foi quem fez o primeiro papel? Oh! eu acho, sim; para que responder negativamente a quem pede uma affimativa? O moço é um *plusquam* perfeito *amuseur public*; fala e encanta, —*saltat et placet*. Porém digam-me: que fez elle? Uma figura brilhante; é a resposta. Sem duvida, uma figura brilhante, e de tal arte, que eu mesmo, para encaral-o de frente tenho necessidade de pôr uns oculos azues, pois de outro modo o excessivo fulgor doer-me-hia nos olhos. Mas ainda arrisco-me a redarguir: que fez o moço Joaquim? Discursos e mais discursos? Isto é pouco. Importa saber que impressão produzio, que grandes questões foram por elle postas a limpo, e que idéas sahidas da sua bocca entraram na circulação e constituiram-se outros tantos motores do espirito nacional... Sem isto, um orador é um orador, como um palhaço é um palhaço. Todavia, não quero ser tão rigoroso e levar tão alto as minhas exigencias. O Sr. Nabuco, apezar de tudo, tem um grande merito, o de conhecer perfeitamente o gosto da sua época e o meio em que se move. Assim como, se o santo padre

de Roma de vez em quando não se fizesse notar por um *anathema sit* poderia vir o momento em que o catholico perguntasse : qual é o prestimo de um papa? da mesma fórma, se o deputado não falar e não falar muito, é possivel que a nação enfastiada tambem chegue um dia ao ponto de dizer: para que quero um parlamento? E isto seria doloroso. O Sr. Nabuco não se enganou, dando largas ao palavreado. E os outros... nem isso fizeram. Parabens aos outros... (1)

1879.

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia*, 1879. (N. de S. R.)

XX

O grande dia

O numero antecedente, que sahiu a 28 de setembro, deixou de trazer um dithyrambo da moda em louvor do *grande dia*, no qual o Sr. D. Pedro II e o visconde do Rio-Branco, segundo se diz, fizeram-se immortaes, isto é, adiaram para dez annos alem do tumulo o esquecimento, a que ambos têm incontestavel direito. Venho hoje pagar essa especie de divida contrahida com os meus leitores, que em face do costume da terra esperaram talvez alguma cousa neste sentido, e no emtanto viram-se illudidos em suas esperanças.

Creio não ser preciso dizer que oito annos são passados, depois que surgiu da *imperial officina* a celebre lei da emancipação do ventre. O leitor mesmo fará nos dedos a conta exacta. Não serei eu, quem conteste aos escravos a legitimidade do seu enthusiasmo pela obra da libertação de seus filhos nascidos de então para cá. Mas tambem não serei eu, quem me associe a elles, para queimar incenso aos idolos da sua boa *fé*, e confundindo

a significação subjectiva da cousa com o valor objectivo e real, antecipar favoravelmente o juizo da historia sobre aquelles, de quem ella, no melhor dos casos, não fará menção alguma; pois *Clio* é uma musa severa, que não se deixa illudir por apparencias, não toma arlequinadas por epopéas, nem confere a *Davus* as honras do *Œdipus*.

A proposito do *monumentum œre peremnius* da lei de 28 de setembro não póde haver seriamente duas opiniões, mas uma só : é que esse pretendido heroico feito do visconde do Rio-Branco, por commissão do imperador, pondo de parte o exterior evangelico e humanitario, que deslumbra o observador superficial, traz no fundo um sem numero de males, cujos effeitos já começam a se fazer sentir. Eu não sou nenhum *negrophago*, é bom notar, mas tambem não sou nenhum *phantasta*, que tenha por ventura reforçado as suas idéas abolicionistas na *Cabana de pai Thomaz*, ou outro qualquer livro do genero, onde o escravo é posto em tal altura de generosidade e grandeza de animo, que o archanjo Gabriel poderia respeitoso curvar-se diante delle. Eu desejo a abolição de todas as instituições caducas, que são outras tantas affrontas á dignidade do homem; desejo a extincção de todas as excrescencias, de todos os orgãos rudimentares e deturpantes da sociedade humana. Neste caso está sem duvida a escravidão. Porém entendamo-nos: neste caso está tambem a monarchia. Não comprehendo, portanto, que em nome da humanidade se paguem tributos de admiração a um aulico de tamanho commum, que reclama para si a honra de ser o primeiro a dizer : *não nascem mais escravos no Brasil*, mas acharia

uma cousa horrivel que alguem tambem pretendesse a gloria de escrever nas taboas da lei: *no Brasil não ha mais corôa.* A enchada ou a foice na mão do escravo que só trabalha para outrem, é de facto um hediondo anachronismo; não é menos hediondamente anachronico o symbolico sceptro na mão do imperador, que é um mendigo illustre, que só consome e nada produz. A verdade é esta. Deixemo-nos de illusões. A lei de 28 de setembro não é um titulo de recommendação, com que o seu autor tenha entrada franca no pantheon dos benemeritos da liberdade. Os motivos que a determinaram foram pelo menos de origem duvidosa, quando não humilde e aviltante. Seus resultados moraes quasi nullos; os politicos, ainda incertos; os sociaes e economicos, inteiramente funestos. Onde pois a grandeza dessa obra? Eu não quero fazer o diabo mais preto do que elle é; mas tenho o direito de perguntar: quaes são os beneficios que o paiz já recebeu, ou conta ainda receber de similhante lei? E' facil responder que, em todo caso, *a humanidade* ficou satisfeita, e começou-se assim a lavar uma das *nodoas* da nossa historia. Puro palavreado. A lei de 28 de setembro, sendo producto unicamente da vaidade imperial, auxiliada pela subserviencia de um pequeno *orador d'Estado* ou *ministro de falar,* não póde jámais tomar proporções de um acontecimento historico, que interrompa o curso anecdotico da nossa vida politica. *Quod ab initio nullum est, nullo lapsu temporis convalescit.* Qualquer que seja o ponto de vista do observador despreoccupado, essa lei não offerece motivos de orgulho nacional e muito menos de homenagem ao seu creador.

Chamo a attenção dos leitores para o seguinte : o art. 1º § 1º da lei determina que os ingenuos ficarão em poder dos senhores de suas mãis até a idade de oito annos ; depois da qual os senhores terão a opção ou de serem indemnisados pelo Estado, entregando-lhe os mesmos ingenuos, ou de utilisarem-se dos seus serviços até 21 annos completos. Ora bem, admittamos a melhor das hypotheses, a mais natural e mais economica, isto é, supponhamos que os senhores, pela mór parte, prefiram os serviços, qual será a consequencia ? E' que daqui a 13 annos começarão a entrar para o seio da sociedade civil brasileira milhares e milhares de *analphabetos obrigados*, pois a lei dando aos senhores aquelle direito, não impoz, nem podia impor o dever de mandarem os ingenuos para a escola !... E se a isto se juntar agora a possibilidade, que se levanta, de uma reforma eleitoral, com exclusão do analphabetismo, é facil imaginar qual será, nesse futuro tão proximo, a situação politica e social do paiz. Effeitos da *boa lei* !... (1)

---

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia*, de 5 de outubro de 1879. (N. de S. R.)

XXI

1879

Não é acção de cavalheiro dizer mal de outrem na sua ausencia, principalmente quando se trata de uma ausencia sempiterna, em que não ha mais esperança de *revoir*. Eu bem o sei; mas não posso deixar de articular uma criticasinha, pelas costas, ao anno que passou. Na especie dos *annos maus* o defunto anno de 1879 occupa um lugar distincto. Para mim, ao menos, não tem havido até esta data um anno tão rigoroso, tão cruel e cheio de amarguras; pois que em nenhum dos outros eu passei pelo desgosto, como no tal 79, de completar as minhas quarenta voltas em torno do astro rei, ou, falando menos poetica e paraphrasticamente, — os meus quarenta janeiros; época sufficiente para já se ter accumulado um bom capital de rheumatismo, e capaz de fazer, durante ella, mais de uma aristocrata envelhecer dez annos. Ninguem dirá, portanto, que sejam injustas as minhas queixas contra o *finado*. Além do mais, diz o proverbio: quem aos vinte não

barba, aos trinta não casa, e aos quarenta não tem, acontece-lhe aquillo que o leitor bem sabe: nem barba, nem casa, nem tem. Eu que barbei aos 15, e casei aos 29, não levaria muito a mal que vivesse sempre imberbe, como uma moça, e solteiro, como um frade; mas chegar á idade critica das quarenta quaresmas no costado, na qual a mulher deixa de fazer parte do systema planetario, rompendo as relações que mantém com a filha de Latona, e o homem cessa de pertencer a companhia de Leporello, entrando numa quadra de mais frescura, é verdade, numa como floresta sombria, onde porém a cada momento corre o risco de ouvir os passarinhos dizerem-lhe : *o Deus Pan é morto*; não aquelle *Pan* da mythologia, que tocava gaita e tinha pés de cabra, mas o *Pan* da philosophia, que significa *tudo*, esse unico Deus feito de carne, que merece a nossa adoração, o unico Deus que nos anima, *est Deus in nobis agitante calescimus illo*, chegar a essa idade, pobre, pauperrimo, como um barão de Pernambuco, e renunciar por conseguinte a toda e qualquer pretenção de melhoramento ulterior... é o cumulo das decepções, que atormentam a vida humana! O que me consola é que ninguem me impede de voltar sobre os proprios passos, e dizendo hoje que tenho 40 annos, amanhã affirmar que ainda estou na casa dos 30. Se uso da bruta franqueza de declarar o tempo exacto da minha peregrinação mundana por este val de lagrimas, onde aliás ha mais motivos para o riso, nesta terra, filial do ceu, que em todo caso eu prefiro á sede da empreza, visto como ha claros indicios de que lá por cima os negocios não correm muito bem, e a bancarrota

é inevitavel, pois que o diabo, a quem, segundo o *santo padre* Henrique Heine, Deus pediu emprestado o dinheiro necessario para crear o mundo, hypothecando-lhe a obra creada, mostra-se disposto a *excutir a hypotheca* e receber o seu capital, com todos os juros vencidos; se sou assim tão franco, é porque em ultima analyse, já não tenho a quem agradar: pai de familia, cheio de filhos, estou fóra de questão. A não ser isso, a cousa teria uma outra fórma. Das sete differentes idades do homem, indicadas por Hippocrates, *infans*, *puer*, *adolescens*, *juvenis*, *vir*, *senior*, *senis*, eu nunca deixaria a esphera do *juvenis*. Se ao menos houvesse realizado aquella idéa, que me sosteve 24 horas no seminario da Bahia, se andasse hoje de batina, quão diversa não seria então a minha linguagem! E realmente, não hesito em declaral-o, eu perdi muitissimo em não ser padre. Errei de todo a vocação. Conheço que nasci talhado para os misteres do altar; e se com effeito fosse membro do *corpo diplomatico de Deus*, havia de ser, no confissionario, um excellente especialista para peccados de mulher... Mas voltemos ao anno de 79.

Nos fastos da experiencia popular existem certas épocas caracterisadas pelo mal que nella se fez mais largamente sentir. Assim não é raro ouvir falar do *anno da peste*, *do anno da guerra*, *do anno da secca*, *do anno da fome*, etc. O anno de 79 será mais tarde conhecido pelo *anno do parlamento*. Nenhum epitheto melhor o qualifica e o recommenda melhor á memoria dos vindouros. E' a synthese mais completa, o mais perfeito resumo da sua esterilidade. Mas não sei se

feliz ou infelizmente, nada neste mundo dura para sempre. As apparencias de eternidade que se observam em certas cousas, são totalmente illusorias: cahiu a Grecia da altura de sua gloria, Roma cahiu do alto do seu orgulho, acabaram-se os bellos dias em Aranjuez; e afinal fecharam-se as camaras brasileiras, que já tinham feito crer na permanencia do phenomeno. Quem dil-o-hia? Tudo é assim. Concluiu-se pois o anno de 1879, e com elle o *longo parlamento*, que dissipou o resto de illusões do anachronico partido liberal. Não vale a pena lançar sobre esses doze mezes, pobres de factos, vasios de idéas, uma chamada *vista retrospectiva*. Ao chronista que insiste em volver os olhos atrás para fazer a historia do infeliz anno, succede o mesmo que ao *bon vivant* curioso, que segue na rua os passos de uma mulher bonita, para saber onde ella mora, mas logo ao virar a proxima esquina, a primeira cara que se lh'antolha, é a de um terrivel credor, por quem elle protestara nunca mais ser visto, e que o faz recuar espavorido. Assim causa-me medo o *retrospecto* do anno passado; nem quero mais lembrar-me delle. A terra lhe seja leve. (1)

---

(1) Artigo de fundo do *Contra a Hypocrisia*, aos 21 de janeiro de 1880. (N. de S. R.)

XXII

Algumas palavras sobre a theoria da mora

Antes de tudo, importa confessar: eu tenho um grande defeito, gosto mais de Shakespeare do que do Lobão. Mas tambem é certo, e não hesito em dizel-o: a penna que está afeita a traçar linhas a respeito de uma bella voz, ou de uma bella cabeça feminina, não augmenta de peso, nem se torna mais difficil de manejar, immergindo-se numa chamada questão séria, numa questão de direito ou mesmo de processo. Deixo-me assim prender em flagrante delicto de immodestia. Pouco importa. Conheço perfeitamente o mundo em que vivo. A modestia, essa virtude que as mulheres feias exigem das bonitas e os espiritos mediocres dos que lhes são superiores, é sem duvida um predicado de ouro, uma virtude admiravel; porém o leitor concordará commigo que acima della está a caridade, a mais santa, a mais evangelica de todas as virtudes. Entretanto é incontestavel que num paiz de preguiçosos, a caridade torna-se um mal; assim tambem, no meio de invejosos, a modestia não passa de uma tolice.

Não sei a que me refiro, nem me perguntem pelos motivos deste pequeno *cavaco*. Basta-me assegurar que não tenho habito de idear phantasmas, para ter o prazer de os combater. A accusação de orgulhoso, que me póde ser feita, não é de todo baseada em justiça, mas eu aceito-a, e não me sinto acabrunhado por ella. O orgulho não é tão feio, como o pintam. Subscrevo de bom grado o parecer de um escriptor, que talvez só tenha um defeito, o de ser allemão. *Est ist*, diz elle, *das Selbsgefüh eine schöne Sache und ein Dichter oder Denker der neue Ideen in sich tragt, wird sich kaum in Kampfe ums Dasein ohne das selbe aufrecht erhalten.* Como se vê, o autor é tedesco; mas não me lembro agora do seu nome. Se por isso quizerem attribuir-me o invento das palavras citadas, vá que seja; essa honra não me faz mal. E dito isto, passemos ao assumpto.

I

Entre as theses, que escolhera para sustentar em concurso, figurou uma na secção de *processo civil*, relativa ás excepções peremptorias, das quaes neguei que fossem *meios de contestação*. Não quero entrar em apreciações sobre a verdade ou inverdade do meu asserto, mesmo porque não fui arguido sobre tal ponto; e nestas condições discutir agora essa these seria apenas. . . *de la moutarde aprés diner*. Permaneço firme na idéa enunciada. O que aqui pretendo é cousa bem diversa.

O estudo da questão referida forneceu-me occasião de travar mais intimo conhecimento com um velho instituto juridico civil, de que as fontes romanas se occupam

detalhadamente, e que entre nós, todavia, passava um pouco despercebido. Quero falar da doutrina da *mora*.

A primeira estranheza, que se me offereceu, foi uma certa vacillação de espirito, da parte dos praxistas, no modo de determinar aquelle conceito. Assim, tratando elles da marcha processual das accusações ordinarias, dizem que um dos effeitos da citação para a propositura da lide, é constituir o devedor *em mora*; mas este mesmo effeito elles proprios attribuem á citação para intentarem-se os meios conciliatorios. Existem pois duas moras? E afinal, que se entende, que se deve entender por *mora*?

Segundo os dados do direito romano, a mora divide-se em mora do devedor (*mora solvendi*) e mora do credor (*mora accipiendi*). O que ha de commum entre as duas especies é, como por meio da outra, dar-se um retardamento no cumprimento da obrigação. A mora do devedor presuppõe a violação de um direito, isto é, do direito que tem o credor a que a obrigação seja cumprida em tempo, e essa violação deve ser tal, que possa ser imputada, á culpa do devedor. O mesmo não se dá com a mora do credor. E' certo que, para fundar essa mora, não basta sómente a circumstancia do credor não querer realisar a obrigação; a sua vontade deve manifestar-se por um acto. Assim como quanto ao devedor, é mister a *interpellatio*, do mesmo modo, quanto ao credor, faz-se precisa a *oblatio*. Mas aqui a culpa é inadmissivel, porque o credor não tem obrigação de aceitar, e, deixando de fazel-o, não viola direito algum do devedor.

As expressões, de que os juristas romanos se serviam para designar o conceito da mora, que ahi ficou

determinado, eram não só a mesma palavra — *mora* — mas tambem as phrases : *per debitorem stat aut factum est, quo minus solveret; per creditorem stat aut factum est, quo minus acciperet.*

A mora do devedor é a offensa do direito do credor ao exacto cumprimento da obrigação. Ella presuppõe portanto que ha um direito de exigir, legitimamente fundado, que póde ser offendido pelo retardamento da prestação. Nisto repousa mais de um ponto que importa elucidar.

Primeiramente, é necessario que exista firmada uma obrigação accionavel. A existencia de uma simples obrigação natural não basta para fundar a mora. Se o descumprimento não encerra nenhuma violação de direito, pela qual se possa levantar uma pretenção contra o devedor, *á fortiori* não póde o retardamento encerrar uma tal violação. E' assim que se lê na L. 88 — Dig. — de R. J. (50, 17) — *Nulla intelligitur mora ibi fieri, ubi nulla petitio est.*

Depois, ainda não é sufficiente a simples existencia de uma obrigação accionavel. Esta deve ser de tal natureza, que nem possa distinguir-se *ipso jure*, nem mesmo se lhe possa oppor uma excepção. E' o que exprime a L. 40 — Dig. — de reb. cred. (12,1) : *Non in mora est is, a quo pecunia propter exceptionem peti non potest.*

II

Se a obrigação accionavel não deve ser de natureza a extinguir-se *ipso jure*, nem de modo a poder-se-lhe oppor uma excepção, é claro que é impossivel dar-se

mora, quando, por exemplo, se trata de um *pactum de non petendo*, pois que pelo proprio contracto o devedor adquire uma excepção, por meio da qual elle pode rechaçar a acção do credor. Se entretanto esta excepção só affecta uma parte da exigencia do credor, nenhuma duvida que póde fundar-se a mora em relação á parte não *excepcionalisada*. Isto não é simples deducção ou inducção logica, mas justamente o que se encontra nas fontes: — L. 54. Dig. *de pactis* (2,14). Si pactus sine Stichum, qui mihi debebatur, petam, — non intelligitur *mora* mihi fieri mortus que Sticho puto non teneri reum, qui antepactum *moram* non facerat. Mais: — L. 78, Dig. *de legatis* (31). Qui solidum fideicommissum frusta petebat herede Falcidiam objiciente, si *partem* interim solvi sibi desideraverit neque acceperit, in eam *moram* passus intelligitur.

Já daqui se deprehende que, de accôrdo com os principios do direito romano, as excepções tendo em geral a propriedade de excluir ou de sustar a *mora*, nada menos podem ser do que os meios de contestação, desde que a esta não se acha ligada a mesma propriedade. Mas deixemos isso de lado.

O fundamento da mora do devedor é, como já ficou dito, a interpellação. Na L. 32 pr. Dig. *de usuris* (22,1) Marciano diz : — Mora fieri intelligitur, non ex re, sed ex persona, si interpellatus opportuno loco non solverit.

Desta sentença, que é sustentada por outros textos, resulta que para fundar-se a mora, é preciso que haja uma interpellação. A interpellação é uma provocação do credor ao devedor, afim de que elle cumpra a

obrigação contrahida. Sobre este ponto ha geral accôrdo; não assim, porém, sobre quaes sejam os requisitos de uma interpellação efficaz. O direito romano dava ao juiz, neste sentido, a faculdade de examinar e decidir. E' o que se deduz das palavras que Marciano mesmo accrescenta á referida sentença: —*quod apud judicem examinabitur*.

Pela interpellação deve ficar, por um lado, estabelecido o ponto do tempo, desde o qual o retardamento da prestação toma o caracter de uma violação do direito; por outro lado, ella tem por fim levar o devedor a cumprir a obrigação e tirar-lhe qualquer pretexto de culpa attribuivel ao credor.

Uma forma determinada de interpellação não existe nos textos juridicos romanos. Por isso mesmo e de conformidade com elles, qualquer declaração do credor ou de outrem para tal fim autorisado, feita no sentido de chamar o devedor a satisfazer o devido, póde ser considerada como um meio proprio de interpellar. Entretanto esta amplietude da interpellação, segundo o direito romano, acha-se limitada pelo direito patrio, que só admitte uma formula interpellativa, a citação judicial.

E logo aqui importa accentuar o erro daquelles que falam de *mora*, quando se trata da conciliação no juizo de paz, e, como se isto não bastasse, descobrem uma outra *mora*, depois que o réo é citado para a demanda. Ha nesse modo de pensar uma certa falta de discernimento. O processo conciliatorio é por si só sufficiente para constituir a interpellação com todos os seus effeitos juridicos. Verdade é que neste ponto as opiniões divergem. Ao passo que alguns

entendem que, para haver interpellação, basta o simples facto de levar a questão ao conhecimento da justiça, outros são de parecer que a mora só começa desde a litis contestação. Tal é, por exemplo, o pensar de Schilling e Fritz. Mas eu opino com Mommsen que a interpellação tem por fim fazer conhecida do devedor a vontade do credor de ver realisado o cumprimento da obrigação e nestas condições nem é bastante, por um lado, que a questão seja levada ao conhecimento da justiça, se o devedor não é inteirado da vontade do credor, nem tambem, por outro lado, se faz preciso que se chegue á phase da litis contestação, para o inicio da mora.

Entretanto importa observar que a controversia, neste sentido, não está de todo acabada; e, pelo lado que nos toca, não seria de certo uma questão ociosa, nem mesmo para um concurso, perguntar até que ponto a conciliação é um meio de *interpellar*; até que ponto a medida conciliatoria está de conformidade com o... *opportuno loco* das fontes romanas.

Além da fórma, a interpellação tem um objecto. Ella póde ser feita sobre menos do que é realmente o *quantum* da obrigação, só com a differença de que, nesse caso, a mora não se estabelece em relação á totalidade do debito, mas sómente a respeito da parte que fez objecto da interpellação. Se esta, porém, versou sobre mais do que era devido, considera-se improficua, a respeito mesmo do verdadeiro *quantum* da divida.

Ainda pertence aos requisitos da interpellação não só o tempo e lugar proprios, mas tambem a consideração das pessoas do interpellante e do interpellado.

A interpellação fórma a regra do fundamento da mora; porém, esta póde excepcionalmente começar sem ella. E' a chamada *mora ex re*, de que são especies aquella que se estabelece contra o devedor ausente, segundo os termos da L. 34 § 1. Dig. *de usuris* (22,1)... *si forte non exstat, qui conveniatur*,— e aquella que resulta de um delicto, segundo a L. 8 § 1, L. 20, Dig. de *cond. furt* (13,1)... *videtur, qui primo invito domino rem contractaverit, semper in restituenda ea, quam nec debuit auferre, moram facere*. Além destas excepções á regra da interpellação, ha outras relativas aos casos em que o cumprimento da obrigação tem um prazo determinado. Para estes casos prevalece o principio: —*dies interpellat pro homine*. E releva notar que os senhores tratadistas de materia processual não costumam fazer similhante distincção; qualquer que seja o objecto da lide, a citação, dizem elles, constitue o devedor em mora, o que involve, assim categoricamente expresso, um erro indesculpavel.

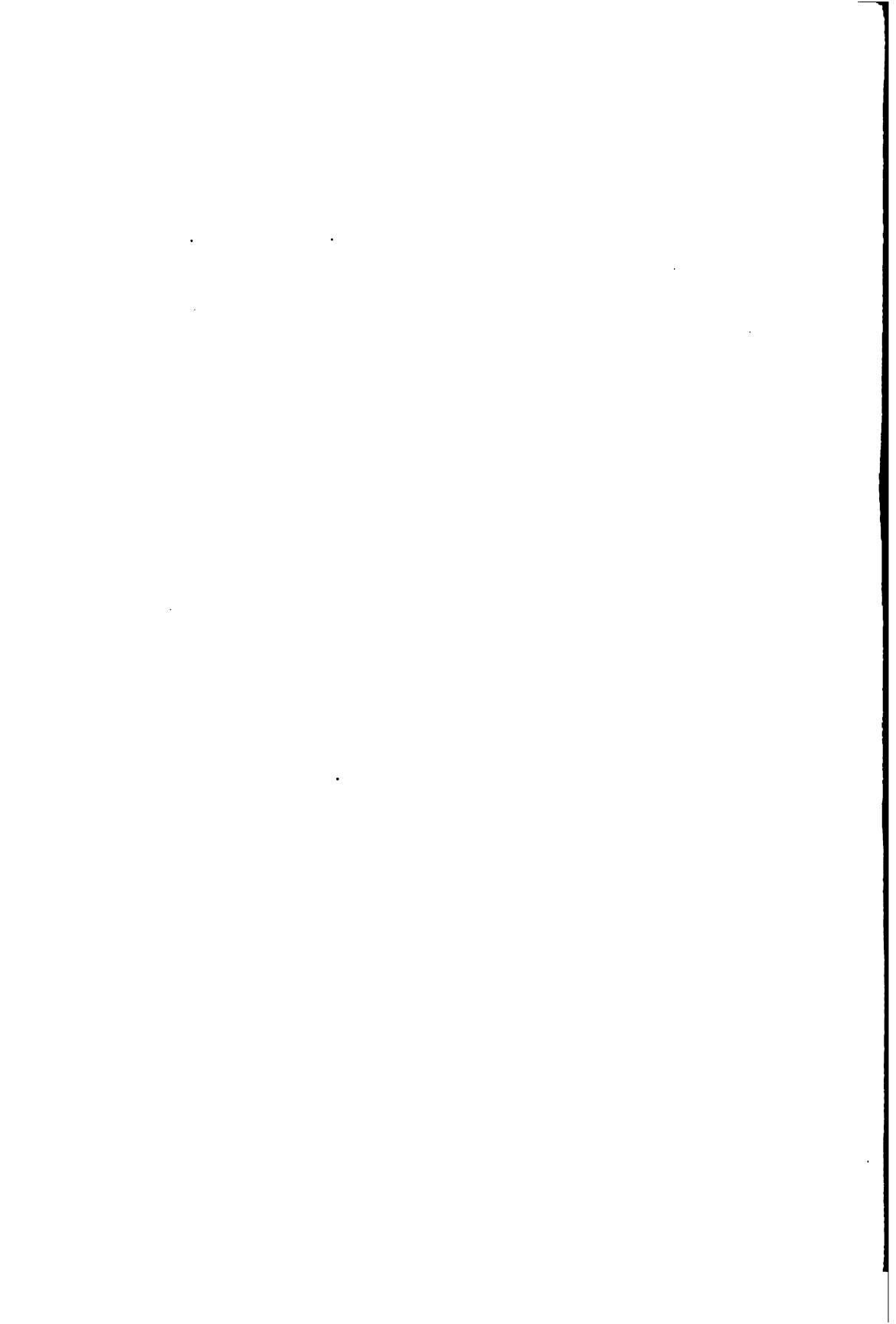
Quasi as mesmas razões que militam sobre a *interpellação*, vigoram a respeito da *oblação*, a qual consiste no acto de offerecer-se o devedor para solver a divida. Ella tambem tem um objecto, que deve ser apreciado segundo a natureza da mesma obrigação e está igualmente sujeita ás condições de lugar e tempo. A apreciação do objecto é de summa importancia juridica. O devedor não é obrigado a offerecer mais do que o realmente devido, mas o credor tambem não é obrigado a receber quantia superior áquella que se lhe deve, uma vez que dahi possa resultar-lhe algum mal. Uma hypothese basta para illustrar a doutrina. Eu sou credor

de Pedro na importancia de 1:000$000; chamo-o á conciliação e elle me offerece em pagamento um objecto que vale regularmente 1:200$000. Se eu não aceito a *oblação*, a culpa é minha, e por isso, a despeito de ter sido interpellado, Pedro não fica induzido em mora. Não assim, porém, se no caso figurado, em vez de um objecto do valor de 1:200$000, Pedro me offerece um outro que valha 2:000$000. Aqui a culpa é do devedor, eu não sou obrigado a aceitar uma cousa que importaria uma *lesão* e, como tal, poderia trazer-me um prejuizo. Nesta hypothese constitue-se a mora contra Pedro.

Bem quizera entrar em mais minucias sobre o assumpto; mas limito-me por ora ao que ahi fica escripto e aguardo melhor occasião para dar aos pontos, apenas indicados, o desenvolvimento que elles exigem. (1)

(1882).

---

(1) O verdadeiro lugar deste artigo era nos *Estudos de Direito*.
(N. DE S. R.)

XXIII

Nota sobre o romantismo allemão

O seculo XIX abriu-se na Allemanha com a escola romantica, a qual surgiu pelos fins do seculo passado. Ella succedeu ao que se chama em allemão—*Sturm-und-Drang period*. E' este o nome que alli se dá a época litteraria de Lessing, Wieland, Herder, Gœthe e Schiller, todos os quaes litterariamente pertencem ao seculo XVIII, ainda que Gœthe tenha morrido muito depois dos outros (22 de março de 1832).

Dos cinco acima nomeados, Lessing foi poeta, critrico e polemista; Wieland foi poeta; Herder historiador, philosopho e critico; Gœthe e Schiller, poetas. Quando se pronuncia a palavra escola romantica tem-se idéa não só de um grupo de escriptores allemães, conhecidos sob esse nome e dirigidos por um espirito commum, como tambem de um grupo de escriptores francezes, que vieram posteriormente e aos quaes se dá o mesmo nome. Existe pois uma escola romantica allemã e uma franceza. Tratamos da primeira. Os primeiros chefes desse movimento foram

os irmãos Schlegel (Augusto Guilherme e Frederico). A elles reuniu-se Tieck, depois Novalis (pseudonymo de Hardenberg), depois Schelling (conhecido mais como philosopho), Steffens, Clemens Brentaus, Hoffmann e outros Deve-se notar que quando se trata da romantica allemã, quasi sempre só se tem em vista os dous Schlegel, Tieck e Novalis, como os mais salientes representantes da escola. Os Schlegel representavam, por assim dizer, a parte scientifica, Tieck e Novalis a parte poetica. Ambas as partes, porém, visavam o mesmo alvo; pois quer uns, quer outros tinham um igual enthusiasmo pela verdadeira poesia e belleza, como ellas foram despertadas pelas producções de Gœthe e Schiller; quer uns, quer outros votavam odio aos velhos idolos litterarios. Para propaganda das idéas da escola houve um jornal, que durou de 1798 a 1800, chamado *Athenäum*. O primeiro manifesto da escola, escripto por F. Schlegel, e publicado no dito jornal, é de maio de 1798. Como especimen, eu citarei um pedaço desse manifesto. Eis aqui: « A poesia romantica, disse Schlegel, é uma poesia progressiva universal; seu destino é não só reunir de novo todas as especies de poesia que se acham separadas e pôr a poesia em contacto com a philosophia; como tambem ella quer e deve misturar e confundir poesia e prosa, genialidade e critica, poesia da arte e poesia da natureza, tornar a poesia viva e social, assim como tornar a vida e a sociedade poeticas. »

Este modo de ver distingue-se completamente do modo, por que até então se comprehendia a missão da poesia. Dahi a differença entre a escola classica (antiga)

e a escola romantica, onde o poeta, segundo o entender dos chefes, era encarregado de uma missão igual á dos padres e prophetas.

Não obstante a communhão de nome, não se deve identificar a romantica dos francezes com a dos allemães. Disto a melhor prova é que os coripheus da allemã disseram muito mal da romantica franceza, além de que os escriptos de Tieck, Novalis e Schlegel não eram muito conhecidos em França. Os romanticos francezes encostaram-se mais a Gœthe, Schiller, João Paulo e mais ainda a Hoffmann. Todavia não se póde desconhecer entre ambas as escolas uma certa communhão de tendencias. Assim era commum a ambas a reacção apaixonada contra o seculo XVIII, contra as regras academicas e o livre pensar dos encyclopedistas. Ambas tratavam de voltar á litteratura da idade media, ao Renascimento dos hespanhoes e inglezes, e com o auxilio destas fontes multiplicar as fórmas poeticas. O principal ponto do parentesco entre as duas escolas, é que ambas formavam da arte e do artista um conceito diverso do que até então havia dominado. A arte devia ser o fim de si mesma e o mais alto phenomeno da vida, assim como o artista tinha direito, segundo os romanticos, de correr parelhas com o padre e o propheta, como já dissemos.

Além do que já ficou dito sobre a escola romantica, deve-se ainda observar que essa escola tambem se distinguio pelo gosto das traducções. Tieck e A. Schlegel traduziram Shakespeare ; o segundo traduziu peças do velho theatro hespanhol. Houve igualmente traducções de Tasso e Ariosto, assim como de Dante, feitas por outros adeptos da escola.

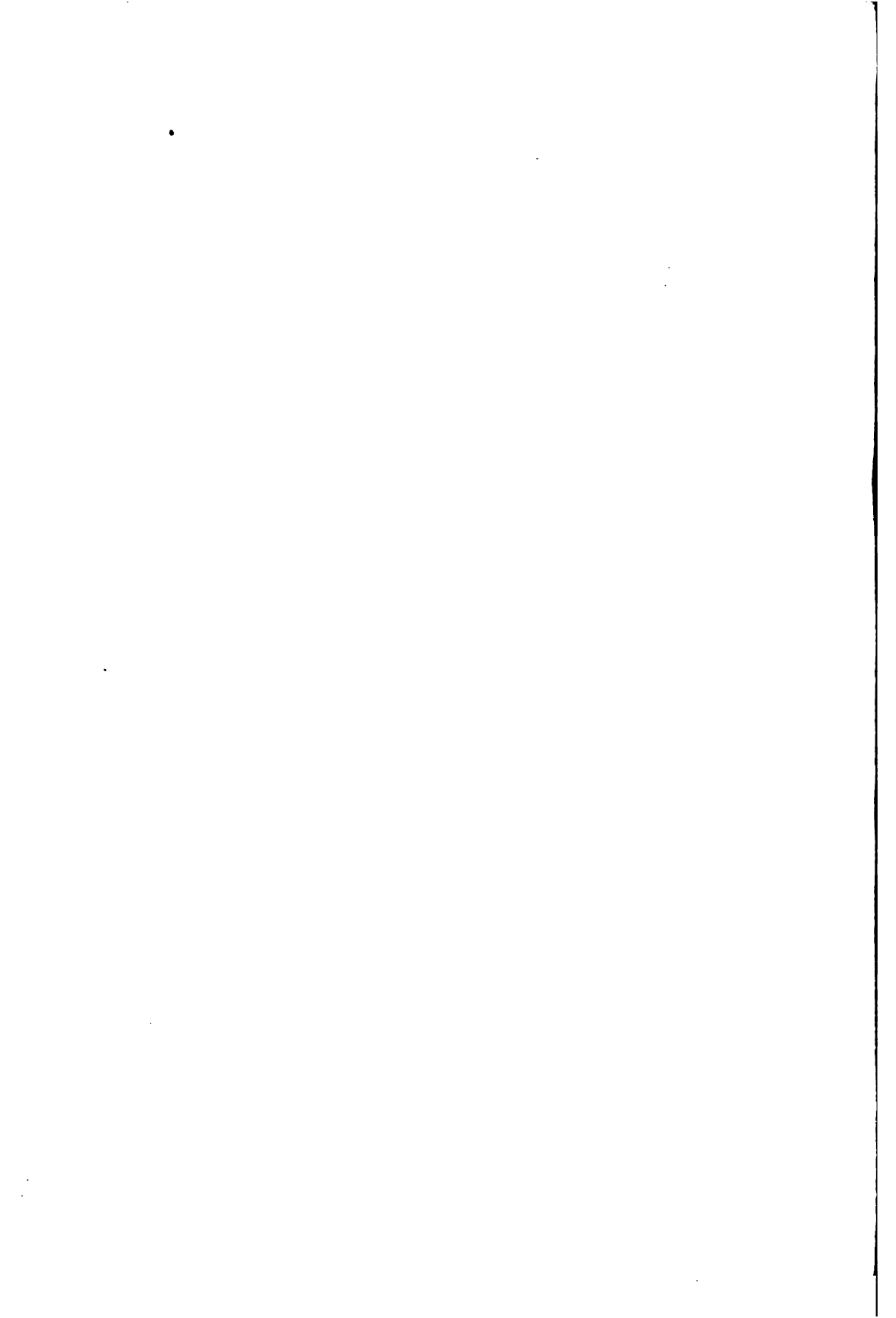
Nos começos deste seculo, e por occasião das guerras napoleonicas (1813), distinguiram-se como poetas da liberdade e da patria os seguintes: Theodoro Körner, que morreu em batalha; Frederico von Schenkendorf, em cujos cantos a lyrica religiosa e cavalleiresca dos romanticos se une com o patriotismo do tempo; — Ernesto Moritz Arndt, que os allemães costumam designar por — « Vater Arndt », e cujas poesias muito contribuiram para animar o patriotismo allemão contra o despotismo guerreiro de Napoleão, não menos que os celebres — « discursos á nação allemã » do philosopho Fichte, por essa mesma occasião. E como estes mencionados, ainda outros houve, que não importa nomear.

A' escola romantica associa-se a escola da Suabia, no tanto em que o elemento romantico póde ser considerado como o seu fundamento, posto que ella já entra nos dominios da actualidade. Os mais significativos poetas da escola da Suabia são: — Luiz Uhland, o maior d'entre os modernos no Lied e na romanza; Justino Kerner, que se notabilisou sobretudo no Lied popular; — Gustavo Schwab, que em calor de sentimento e clareza de fórma iguala a Uhland.

Neste periodo da litteratura allemã (desde os fins do seculo passado até os annos de vinte neste seculo) houve poetas épicos, lyricos e religiosos que não pertenceram á nenhuma escola em particular. Entre os épicos nomeam-se: Frederico Schulze, Ladislav Pyrker e outros. Como lyricos: Tiedge, Frederico von Mathisson, Adalbert von Chamisso, conde von Platten e outros. Como religiosos: Albert Knapp, Bernhard Garve,

Karl Spitta e alguns mais. Como dramaturgos: Zacharias Werner, o qual fez parte do circulo litterario de Madame de Stael em Coppet, Henrique von Kleist e alguns outros.

A revolução de Julho em França (1830) trouxe uma mudança no proprio desenvolvimento litterario não só da mesma França, mas da Allemanha; e vê-se pois nessa época apparecerem novas tendencias poeticas e novas inspirações.

1883.

XXIV

Himmel-und Escadafahrt

Como já é sabido, o dia 3 do corrente, (1) dia da Ascensão do Senhor *(Himmelfahrt)*, fôra destinado pela colonia allemã para o agradavel passeio que ella quiz proporcionar á S. A. o principe Heinrich e seus companheiros de viagem, commandante e officiaes da corveta *Olga*. A' Escada coube a honra de ser o lugar escolhido para essa excursão *(Escadafahrt)* de accentuado caracter têdesco; e, escolha na escolha, foi a bella e commoda casa do engenho *Sapucagy*, de morada e propriedade do coronel Marcionilio da Silveira Lins, o ponto central do passeio e reunião effectuados.

Sem exageração: a cousa esteve magnifica. A despeito mesmo do tempo chuvoso, que entretanto soube tambem ser delicado, consentindo pelo menos que a manhã se mostrasse risonha e fosse, não direi a nossa mais bella, mas ao certo a nossa mais interessante *Reisegefährtin*,

(1) Maio. (N. de S. R.)

foi um dia cheio, hora por hora, de todas as delicias que podia offerecer um divertimento de tal genero.

A comitiva, que se compunha de senhoras e cavalheiros, montava a mais de sessenta pessoas. O *Extra-Zug* partiu ás 8 e chegou pouco antes das 10 horas na Escada. Ao approximar-se o trem, romperam do engenho Sapucagy, que fica ao lado direito da linha, diversas girandolas; e o mesmo se deu na estação. Os foguetes são uns bons cosmopolitas; não têm partido nem nacionalidade. Entre nós, elles se acham encarregados de resolver todas as questões e dar expressão a todos os prazeres. Nunca porém me pareceram representar melhor o seu papel, nunca me foram mais sympathicos do que naquelle dia. Eu logo digo a razão.

A' chegada do trem, a estação apresentava um aspecto imponente. Grande numero de cavallos, carros, criados, tudo isto era de natureza a produzir a impressão da riqueza, da plutocracia da terra. E eu não deixei de sentir um certo orgulho de testemunhar aquelle quadro, que punha em relevo a hospitalidade brasileira. O bom nome do meu paiz estava salvo. Os *matutos* tinham brilhado.

Não houve a minima demora. Os carros que nos esperavam, foram destinados á conducção das senhoras; e os homens seguiram a cavallo. Mas a nossa viagem foi mais longa, porque demos uma volta por dentro da cidade. Feliz lembrança esta: fazer um neto de Guilherme ver a Escada e ser visto pelos escadenses !...

Cada um tem o direito de attribuir aos factos o sentido que lhe apraz; não se me crimine portanto

de ter dado, como dei, a essa passagem do principe Heinrinch pelas ruas da velha aldeia uma alta significação. Como que via por toda parte o riso ironico do destino, que tambem me fazia rir. Era na terra, onde eu iniciara a luta pelo germanismo, na terra onde vivi dez annos, que foram outros tantos annos de combate, que sustentei, *Zehn Jahre deutscher Kämpfe*, não em fórma de livro, como Treitschke, mas em fórma de improperios e insultos que não me faltaram, era na terra, onde a minha *folie raisonnante* pela Allemanha chegou a dar-me um certo ar de *lastimabilidade*, a ponto de se julgar um acto providencial a minha retirada d'alli por ordem dos bacamartes, no que aliás, digamol-o entre parenthesis, não deixa de haver um pouco de razão, pois só os actos da providencia, ainda mesmo os mais disparatados, costumam passar impunes, como passou o singular attentado de 1° de agosto de 1881; era na terra emfim, onde eu fôra alvo de insolitos desdens, como chefe da chamada *escola teuto-sergipana,* até da parte do jornalismo da côrte, que um principe allemão se tornava objecto de contemplação e curiosidade geral! Oh! sem duvida: eu tinha motivo de rir.

Tudo isto devia causar-me a impressão de uma victoria. Não foi sem muita razão que uma intelligente allemã me disse naquelle dia: — *Sie haben gesiegt*! Realmente, eu me sentia triumphante.

E o triumpho parecia-me tanto mais significativo, quanto era certo que o homem da Escada, a quem devia caber maior gloria pela boa recepção do principe, era aquelle justamente, que unico tinha vindo em meu

soccorro, quando alli se me quiz assassinar com *todas as formalidades da lei.* Ainda mais: nos ultimos tempos de meu exilio escadense, fôra-me a casa do coronel Marcionilio, no engenho Sapucagy, um ponto certo de passeio e entretenimento, sem que tivesse, nem uma só vez que lá me achei, deixado de conversar sobre a Allemanha e meu fanatismo por ella. Tinha sido alli mesmo no engenho para onde agora nos dirigiamos, que ao publicar, em 1876, a pequena brochura — *Brasilien wie es ist, in literarischer Hinsicht betrachtet* eu dera primeiro a conhecer, em circulo familiar, o conteúdo desse escripto. Quanta coincidencia!...

Não estou habituado a ver, em cada cousa que se interpõe no meu caminho, em cada galho de arvore que por ventura me passa no rosto, o *dedo de Deus*, apontando-me algum successo, mas quero crer que tão singular conjunto de factos coincidentaes, se não podem tomar a fórma de um dedo divino, tomam ao menos a de uma bonita *mão de diabo* para esbofetear mais de um tôlo, que ainda hontem zombava da minha germanomania.

O rodeio que fizemos, não gastou vinte minutos; chegámos logo ao termo da viagem. A presença do principe foi de novo saudada com todos os signaes de regozijo. A casa estava ricamente preparada. Neste juizo houve geral accôrdo. Consta mesmo que Sua Alteza a qualificou de *ein berliner Haus*. Para mim que d'antes a conhecia, ella tinha apenas uma novidade notavel:— era a enorme varanda que lhe addicionaram, na qual se achavam então quatro grandes mesas, onde foi servido o almoço.

O coronel Marcionilio, sua senhora e sua filha mais moça, unicos membros da familia que alli estavam, para receber o illustre hospede, refulgiam de prazer e amabilidade. Era para ver o enthusiasmo com que aquelle cavalheiro acolhia a todos, e de todos fazia-se comprehender na lingua universal das boas maneiras, do gesto e do sorriso bondadoso. Tambem todos, por sua vez, se mostravam profundamente agradecidos.

E' certo que para a recepção do principe no tocante a meios de transporte, cavalgaduras, carros, criados, contribuiram diversas pessoas da Escada. Alguma cousa de similhante á confecção do *credo,* para o qual affirmam os theologos que... *quilibet apostolorum particulam suam quasi bolum suum apposuit.* Mas eu não quero saber qual foi o quinhão de Pedro, nem de Thadeu, nem de André, nem de Judas, e outros menos conhecidos. O que vi, foi o coronel Marcionilio fazer uma bonita figura.

No almoço que foi lauto, póde ser que tivesse havido esperdicio de iguarias, mas não houve esperdicio de palavras. Levantaram-se apenas tres brindes: um do principe Heinrich ao imperador da Allemanha, outro do Consul allemão, o Sr. W. Otto, a Sua Alteza o principe Heinrich, e o terceiro erguido por este ultimo a Sua Magestade o Imperador do Brasil.

Nada mais simples.

No meio porém, desta imponente simplicidade houve um instante, em que os musculos do riso tambem prestaram o seu serviço. Rara é a scena da vida que não tenha sempre um momento comico, por mais séria e grandiosa que ella seja. O *komisches Moment* da nossa festa

foi a presença de um camponio, de pés descalços em mangas de camisa, que appareceu, quando almoçavamos, assomando logo bem fronteiro ao principe, tendo o chapeu em uma das mãos, e na outra duas gallinhas para presentear a Sua Alteza. E' possivel que em outras condições, e aos olhos de algum poeta, este quadro encerrasse uma certa graça *idyllica*, um certo perfume de rustica ingenuidade; porém no caso vertente, elle tinha uma feição bem diversa. O matuto não estava mais na phase poetica dos *presentes por amor*, mas já na phase economica dos *presentes por interesse*. O matuto era um jurista, que sentia todo o alcance do... *do ut des*.

Depois do almoço, o que de melhor occorreu, foi o dansar. Dansou-se muito. E aqui releva notar que a bella musica da *Olga* tambem acompanhára a Sua Alteza e ali se fez largamente ouvir.

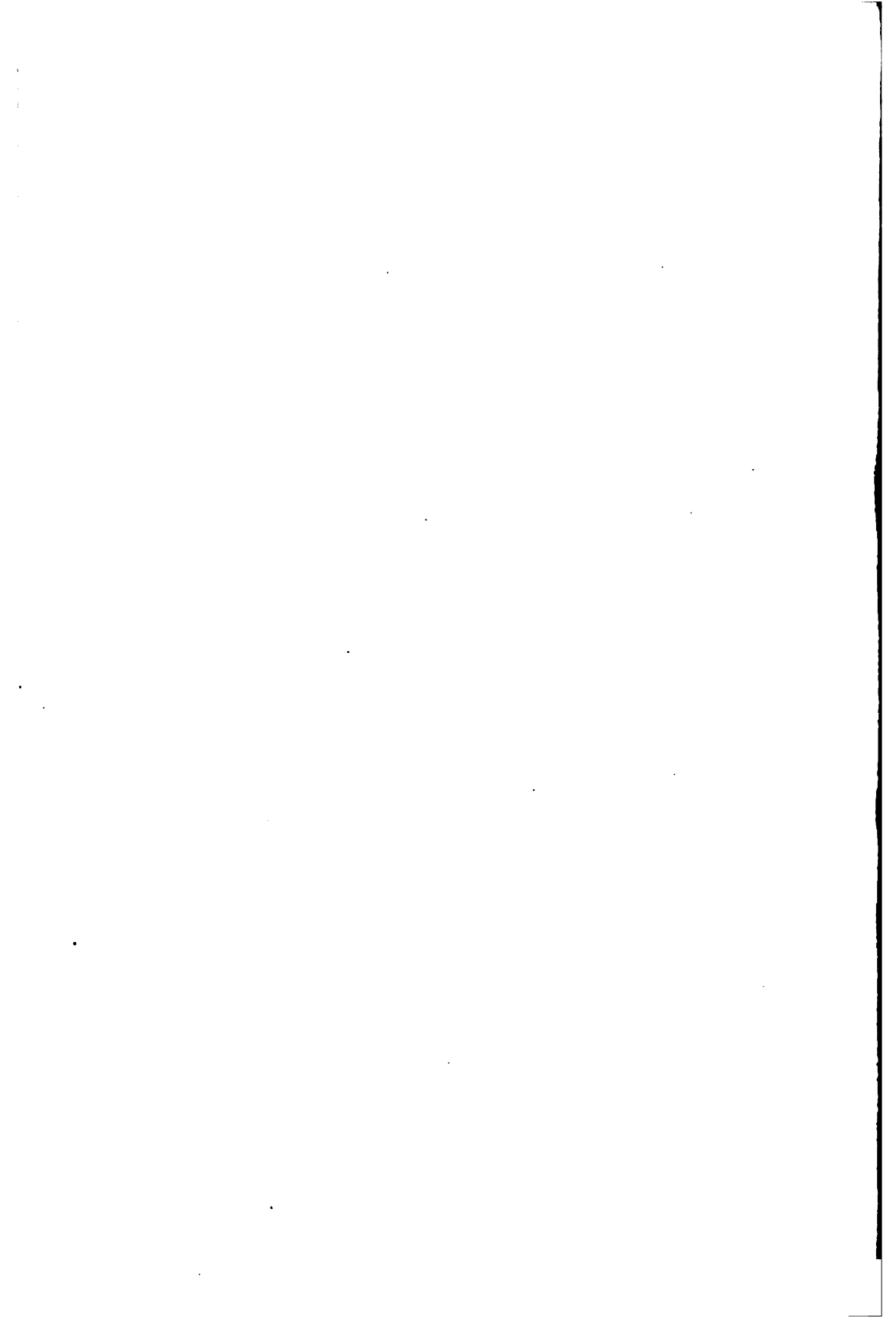
Durante todo o tempo do divertimento, reinou geral harmonia. Os leitores não estranhem que eu lhes diga que a palavra franceza *politesse* tem o seu correspondente em allemão. O commandante e officiaes da *Olga* são todos cavalheiros de fino trato. *Primus inter pares*, o Sr. Barão von Seckendorff, é um dos mais bellos exemplares, que tenho visto, do homem culto e delicado. Quanto ao principe Heinrich, eu já sabia por informação de uma escriptora alleman, que a princeza imperial Victoria dedica-se muito a arte de jardinar, e que o momento ethico e cultural desse trabalho se deixa vêr claramente na educação de seus filhos. A informante não exagerou. Se, como disse o poeta hungaro Petöfi, quem gosta das flores, não póde ter mau coração,

poderia tel-o por ventura, quem foi educado, como se educa uma flôr? Não de certo. Sua Alteza revela uma grande alma, qualquer que seja o ponto de vista que se tome para o observar.

Chegou a hora de voltar. A não ser o tempo chuvoso, teria havido uma caçada; mas esta ficou adiada para melhor occasião. A's sete horas da noite estavamos nas Cinco Pontas.

Foi um dia bem passado, que facilmente não se repetirá.

Recife, maio de 1883.

XXV

Nota sobre a litteratura da America do Norte

Até pouco tempo qualquer apreciação ou estudo sobre a vida litteraria da America do Norte devia começar pela observação de que o *escriptorismo* do novo mundo se achava em completa dependencia do da Inglaterra, e que portanto bem podia-se falar de escriptores americanos de lingua ingleza, nunca porém de uma litteratura americana emancipada e autonoma.

E' certo que, comparada com o glorioso passado da litteratura ingleza, a dos americanos deve recuar e esconder-se de pejo, porquanto, nos primeiros cem annos decorridos desde a independencia, ella não tem a mostrar uma só obra que prometta perdurar na litteratura universal.

Mas uma comparação do estado actual das lettras em ambos os paizes obriga-nos a enunciar o seguinte juizo: um bom livro escripto em inglez é hoje, na maioria dos casos, um livro americano. Na America vive presentemente um grupo consideravel de escriptores, que

quando não produzam cousas extraordinarias, produzem-nas todavia muito lindas e dignas de todo apreço, ao passo que na Inglaterra, pelo menos no que toca á poesia, é quasi completa a desolação litteraria.

Muitas firmas commerciaes livreiras de Londres anunciam de preferencia em seus catalogos de novidades nomes de autores americanos. Fóra mesmo da Inglaterra é quasi exclusivamente a America, que satisfaz a necessidade de nova leitura em lingua ingleza. Realiza-se dest'arte no dominio das bellas lettras alguma cousa de similhante á collossal concurrencia desse paiz no dominio material. A America já fornece uma grande parte da nutrição da Europa; dá-lhe o seu barato petroleo, dá-lhe a sua luz electrica.

A litteratura americana assume tambem cada vez mais um caracter nacional. Esse caracter, podem chamal-o como quizerem, appelidal-o de *Yankeeismo*, ou de outro qualquer nome, mas é certo que elle existe e se faz valer *pari passu* com o de suas mais velhas irmans.

Nos escriptores precedentes mesmo já se deixa entrever um elemento particular, que indica uma differenciação nacional Longfellow, Cullen Bryant, Edgar Poë, Washington Irving, e até o Nestor dos homens da penna na America, — Benjamin Franklin, todos elles têm alguma cousa que os separa dos seus companheiros de lingua da Gran Bretanha.

A poesia americana se assignala por um traço preponderantemente idealistico. Os poetas alli nunca se dedignaram de apresentar ao seu povo que lutava pela existencia humana e nacional certos alvos que estão além das fadigas e labores quotidianos. No meio de quasi

nenhum outro povo culto, os poetas são em tamanha escala como na America, os mestres dos seus concidadãos, os pregadores das boas doutrinas nas horas de silencio e de lazer.

Como em nenhum outro paiz, a poesia alli é uma missão e aos poetas americanos deve-se dar sincero testemunho de haverem até hoje cumprido essa missão cultural com toda a consciencia da sua importancia. Foi um delles que compoz o *canto*, cujo estribilho, sem ser um daquelles *pleonasmos estheticos* de que fala Schopenhauer, tornou-se a divisa dos idealistas de todas as linguas. Quero falar de Longfellow com o seu *Excelsior*.

E' ainda um facto digno de nota que os poetas da America têm todos tomado parte na vida publica de seu povo. Não ha entre elles poetas de gabinete. Mais de um foi typographo, antes de ser escriptor: por exemplo, Walt Whitman, que compoz mesmo com suas proprias mãos o primeiro volume de suas poesias; e bem assim Bayard Taylor, Bret Harte, etc.

E como na America, de accordo com o velho proverbio — *trabalho não envergonha*, ninguem lá se admira de que Mark Twain, antes de fazer-se escriptor, tenha sido por muito tempo um saveirista do Mississipi. Este contacto com a vida real dos contemporaneos imprime nos escriptores americanos um certo cunho de máscula capacidade.

Póde ser que ahi se introduza uma boa dóse de arrogante orgulho; todavia elles são sempre mais amaveis do que os novissimos *fazedores de livros* da Inglaterra, despidos de toda individualidade, dos quaes

apenas se sabe que cada grupo de *doze* forma uma *duzia*, ou pouco mais se sabe do que isso.

Ao idealismo dos seus poetas corresponde o modo realmente nobre, por que o povo americano, até ás mais infimas, ou mais correctamente, até ás mais pobres camadas, se mostra digno da sua litteratura. Os *yankees* compram os livros dos seus escriptores, quer grandes, quer pequenos, em quantidade tal, que os outros povos cultos mal podem imaginar e comprehender.

Uma nação, por conseguinte, cujo materialismo, tantas vezes malsinado, admitte similhante idéa de um dever nacional para com a litteratura, não tem sómente um futuro na monstruosa aposta dos povos sobre os portos e praças commerciaes do mundo; altos destinos tambem se lhe reservam no puro dominio da vida espiritual.

E releva ainda mencionar que não ha paiz em que tamanho seja o numero de ricas bibliothecas publicas, devidas unicamente á nobre dedicação de particulares. O glorioso exemplo da bibliotheca de Astor, fundada em 1839, foi imitado em todas as grandes cidades da União.

1886.

XXVI

Deixemo-nos de lendas...

Vejo-me obrigado a vir protestar contra uma fabula que se vai repetindo a meu respeito, ainda que no intuito de elevar e engrandecer a minha pobre individualidade. Para isso, porém, tenho necessidade de contar uma historia.

Em 1879 quando eu ainda morava na Escada, um illustre allemão, meu amigo, (1) residente em Porto Alegre, dirigiu-me uma carta na qual entre outras cousas dizia o seguinte :

« O publico allemão já vos conhece e sabe apreciar-vos. Ha dias recebi carta de Ernesto Häckel, com quem me correspondo ha longos annos e me diz textualmente : — *Soweit ich es verstehe (dem ich bin kein Held in portugieseschen), hat mich das kleine Buch des Dr. Sylvio Roméro sehr interessirt, hauptsaechlich in dem Theil, welcher von Tobias B. de Menezes handelt, der mir zur Race der grossen Denker und der unermuedlichen*

---

(1) Carlos de Koseritz. (N. de S. R.)

Arbeiter zu gehoeren scheint: Até onde posso comprehender (pois não sou nenhum heroe em portuguez), muito interessou-me o pequeno livro do Dr. Sylvio Roméro (era *A Philosophia no Brasil)* principalmente na parte que trata de Tobias B. de Menezes, o qual me parece pertencer á raça dos grandes pensadores e dos incansaveis trabalhadores. »

Publicava eu então o jornal *Contra a hypocrisia.* Nelle dei conta do facto, pela mesma fórma porque hoje aqui o refiro de novo, não só para satisfação de um certo orgulho, que no caso era muito natural, mas tambem para *beliscar* a inveja dos inimigos, que nunca me faltaram, ainda que me sejam, em sua maioria, inteiramente desconhecidos.

Em virtude da acanhada circulação daquelle jornal, as palavras de Häckel ficaram limitadas ao conhecimento de um pequeno numero, posto que ellas fossem repetidas no *Export*, e no *Magazin für die Litteratur des Auslandes*, jornaes de Berlin.

Tempos depois, quando já me achava nesta capital e como lente da Faculdade, a imaginação de algum *sanguineo* apoderou-se das palavras do grande naturalista, alterou-as, desfigurou-as e deu-lhes emfim o sentido que bem lhe pareceu.

Deste modo começou-se a formar a fabula de que Häckel me considerava *o primeiro pensador da raça latina* (dizem uns), *o primeiro pensador da minha raça* (dizem outros). As expressões allemans—*zur Race der grossen Denker*—abriram caminho a essa illusão dos interpretes. Quero, pois, acabar por uma vez com similhante inverdade.

Para livrar-me da censura de qualquer adhesão a um erro que me lisongeava, eu tinha o facto da publicação da verdadeira historia no meu jornal da Escada.

Em conversação com algumas pessoas, tive por vezes de narrar a cousa, como a cousa tinha sido. O meu nobre amigo Sylvio Roméro tambem tratou do assumpto, e ainda ultimamente na sua *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. II, pag. 1290, refere exactamente o dito de Häckel. Estavam portanto arredados todos os pretextos de engano.

Mas a despeito de tudo, a lenda continúa. Até moços de talento, que me honram com a sua dedicação, ainda estão a repetir a singular *inventiva*. E' a esses principalmente que me dirijo para pedir-lhes que rectifiquem o seu juizo.

A expressão — *primeiro pensador da raça latina*, não podia ser empregada por um Häckel, nem mesmo a respeito de qualquer das grandes notabilidades das nações romanicas da Europa; como poderia sel-o em relação a mim? Era uma hyperbole eminentemente ridicula.

A outra expressão, porém, de *primeiro pensador de minha raça*, não teria bastante senso. Porquanto eu mesmo não sei qual é a raça em que me acho filiado.

Nem puro *aryano*, nem puro *africano*, nem puro *americano*... o que sou eu pois? Individuo de uma *raça* ou *sub-raça*, que ainda se acha em via de formação; e como tal poder ser o primeiro pensador desse *lote* não seria de certo uma deshonra, mas tambem não era uma gloria digna de ser mencionada.

Nem se pense que sou egoista.

O que acabo de affirmar sobre mim mesmo julgo cabivel e applicavel a muitos outros.

E' preciso que me comprehendam.

Posto que seja lente da Faculdade, todavia ainda não cheguei ao estado de preoccupação pessoal daquelles dois venerandos velhos professores, dos quaes *um* acreditava piamente que o seu *compendio de pratica do processo* tinha sido traduzido e' adoptado nas universidades allemans, como lhe diziam os seus admiradores, ao passo que o *outro* vivia engolphado na illusão de que o seu retrato se achava em uma *galeria de economistas* em Londres, occupando o quinto lugar por ser elle justamente o quinto economista do mundo!

Ha muito que está acabada a época destas e outras tolices similhantes. *Pertencer á raça dos grandes pensadores,* na opinião de Häckel já é muitissimo; e tanto me basta, não para me vangloriar, mas para revestir-me de maior coragem no combate pela luz.

Agosto de 1888.

XXVII

As artes e a industria artistica

I

. . . .

II

. . . .

III

Nós dissemos que o primeiro dever do Estado para um fecundo cultivo da arte, é que elle torne possivel uma solida educação dos artistas. Insistimos nesta idéa.

A estreita alliança, que ao principio existia entre a *arte* e o *officio*, fazia o discipulo ir procurar o ensino em casa de um mestre, e mais tarde auxilial-o

como socio na execução de obras mais trabalhosas. Deste modo o mestre transmittia, ao mesmo tempo, a sua maneira de conceber e a sua technica. O discipulo porém podia andar por onde lhe aprouvesse, aprendendo e collaborando em diversos lugares, entrar em uma officina e finalmente tambem se tornar mestre.

Temos como absolutamente vantajoso que o *officio* seja o terreno da arte, que no simples quebrador de pedras se possa erguer o espirito da invenção, ou que o pobre pintor de vasos possa copiar as grandes formas e composições do genio artistico.

Entretanto, o progresso do tempo exige que á cultura technica do artista se associe a cultura scientifica. Por meio da sciencia se estabelece e explica muita cousa de que o artista necessita. O plastico precisa de conhecimentos anatomicos, o architecto de mathematicos, e o pintor deve ser familiarisado com os principios da optica.

Isto porém não se póde dar de individuo a individuo; faz-se mister um ensino commum, de vantagem para muitos, senão mesmo de vantagem para todos. E posto que a velha relação entre mestre e discipulo tivesse alguma cousa de patriarchalmente intimo e respeitavel, comtudo é certo que nem todo artista é talhado para mestre, e um grande numero de habilidades technicas são de tal natureza, que só podem ser adquiridas em uma escola.

Desta ordem de considerações nasceu a idéa, que quasi todos os povos cultos procuraram realisar, da fundação de academias e outros estabelecimentos para o ensino e aperfeiçoamento dos artistas. Sem falar das mais antigas, que remontam ao seculo XVI, basta

mencionar a escola de pintores e esculptores, que foi fundada em Vienna em 1704, e a que mais tarde addicionou-se o ensino da architectura, com uma escola florescente de desenho e de gravura. José II poz essa academia em contacto com todos os ramos da industria; e segundo a justa idéa de que o espirito é quem faz o artista, o qual só póde dar á materia a vida espiritual, que elle mesmo possue, foi creada em 1812 uma cadeira de theoria e historia da arte.

São dignas de nota as palavras que, nessa occasião, proferio o celebre Metternich. E' a voz de um despota, que entretanto vale a pena ouvir. Elle disse: «Nada existe de mais cosmopolitico do que a sciencia e a arte. O puro parentesco dos espiritos, ácima de qualquer condição material, estende-se através dos seculos; os seus laços não são interrompidos por nenhuma distancia, nem enfraquecidos ou desatados por nenhum acontecimento. O estudo da arte, o senso de tudo que é grande e bello, a verdadeira riqueza nacional, inseparavel da verdadeira gloria nacional, elevar-se-hão em iguaes proporções. Os filhos gozarão daquillo que os pais lhes deram, a patria offerecer-lhes-ha o que nós presentemente vamos procurar em outros céos... Das ruinas de Athenas e Roma erguem-se ainda hoje, depois de millenios, as vozes dos velhos tempos. Ainda hoje palpita nas obras dos seus artistas o nobre sentimento, que os animou; qualquer dessas obras fala mais alto, e tem muito maior significação, do que as frias e inanimadas ruinas de passada grandeza».

Quanta razão tinha o estadista, para ver tambem no cultivo da arte uma alavanca da riqueza nacional,

provou-o de sobra a rapida florescencia da capital da Baviera, onde fundara-se em 1808 uma academia, cujos optimos resultados não se fizeram longo tempo esperar.

Estes exemplos, a que muitos outros poderiam vir juntar-se, demonstram claramente que não é uma exigencia desponderada que se faz ao Estado, pedir-lhe cuidado e protecção sobre a instrucção artistica.

Admittindo-se mesmo o que pretende um certo liberalismo rheterico, para quem o Estado é um servidor da sociedade, um servidor porém, que sabe que é indispensavel e não póde ser despedido, razão pela qual está sempre disposto a se mostrar arrogante, admittindo-se mesmo que as funcções do Estado, em mais de um ponto, constituam um *vicariato*, isto é, que elle esteja fazendo as vezes de *alguem*, cuja madureza ainda não é completa para exercel-as por si, não se póde todavia deixar de convir que esse *alguem* não é unico e identico em todos os paizes. A sociedade, que se considera em tal condição de *pupilla*, não chega a um só tempo, e em relação a todos os povos, á *maioridade* desejada. E' bem possivel que, já tendo attingido, ou já estando perto de attingir essa época nesta ou naquella nação, ainda mui longe se ache, quanto a outras menos cultas e adiantadas. Este é, por exemplo, o caso dado entre nós.

O esperar tudo do Estado, não menos que o esperar tudo de Deus, é um phenomeno pathologico, é um symptoma de doença, um documento de preguiça. Mas dahi não se deduz que os individuos e os povos só tenham a depositar confiança em si mesmos, com exclusão de qualquer concurso do alto. Não foi Deus

quem disse, como lhe attribue o proverbio, mas é o Estado quem deve dizer: — *faze, que eu te ajudarei.*

Nada existe, portanto, de mais illogico, de mais contrario á natureza das cousas, do que esta velha affirmação categorica da incompetencia do Estado para influir nos dominios da vida cultural de uma nação, economicos, juridicos, artisticos, religiosos e scientificos. Assim nós outros, que ainda nos movemos em uma das primeiras phases da politica, isto é, que ainda estamos condemnados a fazer *politica de população*, pela escassez de habitantes e forças de trabalho em nosso immenso territorio, nós outros, dizemos, para sermos coherentes com a theoria da abstenção do Estado, não deveriamos pedir-lhe, como instante e constantemente lhe pedimos, que tome a seu cuidado o problema da colonisação, mas antes deixar isto por nossa conta e risco. A theoria liberalistica chega até lá. E vai mais longe ainda. Com que direito, poderiamos então perguntar, com que direito o Estado mette-se a resolver a questão do elemento servil, cuja solução, visivelmente vantajosa pelo lado social, póde trazer complicações desastrosas pelo lado estrictamente juridico e economico, elle, o Estado, que tem por unica missão proteger-nos e salvaguardar-nos, não porém melhorar-nos e engrandecer-nos? Porque não deixa esse mister á *iniciativa in ividual*, á boa vontade, ao criterio, ao *liberalismo* dos proprietarios? Taes são as consequencias da theoria que combatemos. Mas haverá quem seriamente as aceite? Cremos que não. Entretanto, é dos mesmos principios, consciente ou inconscientemente estabelecidos, que se parte para negar ao Estado qualquer interferencia na esphera das artes.

IV

De principios falsos ou falsamente formulados, é que póde sahir, como consequencia, a não intervenção dos poderes publicos no progresso e melhoramento das artes.

Felizmente, porém, o velho e estragado—*laissez faire, laissez passer*—começa a perder a sua magia. Os espiritos superiores estão de accordo que ao Estado compete prescrever leis para o bom desenvolvimento da vida nacional, uma de cujas manifestações é sem duvida a industria artistica.

Nós somos o primeiro a confessar que, ainda sendo muito razoaveis, as exigencias da theoria não podem ser sempre satisfeitas pela pratica. Nada seria pois mais injusto do que applicar ás nossas actuaes circumstancia esta ou aquella medida theoretica e tirar d'ahi uma conclusão a geito, um modo de julgar categorica e peremptoriamente.

Màs isto não é um obstaculo a que digamos a verdade, nos limites em que ella permanece tal, e não se mistura com a exaggeração e a injustiça. Os poderes publicos, entre nós, têm sido até hoje, no que toca ao nosso assumpto, de um excessivo *liberalismo*. Com receio talvez, como se costuma dizer, de perturbar com a sua influencia a marcha natural da actividade artistica e industrial, elles vão deixando artes e industrias definharem e morrerem.

Não chegaremos ao ponto de exigir do Estado que despenda o que não póde dar com a instrucção artistica em todas as suas direcções. Porém tudo tem seus limites, até mesmo a economia, cujos excessos equivalem

muitas vezes á sua falta. Em uma época de urgentes necessidades, seria digno de censura, não ha duvida, que se edificassem palacios publicos, para expor obras da arte, e, ao passo que se augmenta a miseria dos funccionarios, se tratasse de enriquecer os artistas. Mas esta não é a unica solução do problema. Existe ahi um meio termo, que satisfaz a questão.

E' dizer uma velha banalidade affirmar que, entre nós, quer o Estado, quer as provincias, sem falar nos municipios, que são entidades nullas, fazem muitas despezas inuteis. Não seria entretanto uma idéa proveitosa a de desviar uma parte dessas despezas do seu destino improficuo e pol-a a serviço do desenvolvimento artistico? Ninguem contestal-o-ha.

E quando outras razões não falassem em favor de tal idéa, bastaria indicar, pois que nós deixamo-nos muito levar pela imitação, o eloquente exemplo de outros paizes.

E' sabido que a pequena Baviera despende annualmente 15.000 florins com o cultivo e protecção da arte. A Saxonia destinou, da parte que teve nas indemnizações da guerra franco-allemã, 262.000 florins para fins artisticos e compra de obras, applicando além disto a somma annual de 17.500 florins para a arte monumental, e uma quantia em separado para a compra de trabalhos de artistas vivos. A Prussia gasta, para este mesmo fim, annualmente a somma de 87.000, e no orçamento austriaco figuram cerca de 37.000 com igual destino.

A França despende por anno: com trabalhos de arte, quadros, esculpturas, monumentos 930.000 francos; com exposições e compras de obras de artistas vivos

315.000; com a mantença de monumentos historicos 1.100.000. A Belgica, por sua vez, gasta annualmente: para promover o adiantamento da pintura a fresco e com objectos de igreja 110.000 francos; para animar a gravura 30.000; com a compra de obras de artistas vivos 100.000. Além das dotações orçamentarias para os museus modernos, são ainda concedidos meios extraordinarios ao *Musée royal de peinture et de sculpture*, destinados á compra de trabalhos de artistas belgas; meios estes que já têm por vezes montado a 250.000 francos.

Todas estas quantias, despendidas por diversos Estados, são provas mais que sufficientes de que, para elles ao menos, já não se trata de saber, *se o Estado deve* gastar, mas *quanto deve*, com a protecção das artes e dos artistas. Onde porém buscar o limite e a medida?

Antes de tudo, a situação geral das finanças de qualquer paiz é que deve dar a ultima palavra sobre essa questão. Se ella é de tal natureza, que feitas as despezas necessarias, e sem oppressão dos contribuintes, ainda ha um superfluo que possa ser applicado á arte, não ha duvida que a applicação é das mais uteis.

Mas nós não queremos afagar illusões. Qual é ahi o paiz, e o nosso menos que todos, capaz de apresentar esse *superfluo* da sua receita? Cremos que nenhum. Já se vê que a partir daquelle principio, que aliás é justissimo, nunca se chegaria ao fim desejado. O que importa pois é buscar tirar o melhor partido do mau estado financeiro mesmo em que nos achamos.

Presentemente um dispendio, qualquer dispendio do Estado, ou da provincia, para ter uma galeria de quadros e outros artefactos de primeira ordem, tomaria as

proporções de um rasgo de insensatez. Os costumes de um povo inculto difficilmente se nobilitam e se apuram com a simples contemplação de grandes obras da arte, ainda mesmo sahidas das mãos de afamados mestres. Antes que a arte appareça sob a fórma de um passatempo, de um brinco do espirito, ella deve apparecer sob a fórma de uma actividade pratica, ella deve entrar na categoria do trabalho.

Para isso, porém, é mister que se abra caminho ao desenvolvimento da industria artistica, aquella talvez, d'entre todas, que mais necessita do auxilio publico. A despeito dos nossos *lyceus de artes e officios*, que são uma imitação miniaturesca da *Académie des arts et des métiers*, ainda nada existe digno de séria attenção. Fazemos votos para que o Estado e com elle as provincias tomem maior interesse por tão importante assumpto. (1)

1883.

---

(1) E' com grande magua que deixo apparecer este optimo estudo faltando-lhe as duas primeiras partes. Sahiram ellas nos dois primeiros numeros d'*O Industrial*, em 1883, Recife. (N. de S. R.)

XXVIII

A proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino

Ousar é a divisa do seculo, disse o autor da *Nova Babylonia.*

Synthese soberba, que abraça, explica e vai até legitimar todas as tentativas grandes e arriscadas, todas as vastas projecções de sombra que ahi continuamente se cruzam na atmosphera das idéas. Filho do seculo, acceitamos a sua divisa; filho do seculo, juramos em suas mãos o cumprimento de nosso dever. E a primeira audacia que ostentamos, é a de não crermos cega e irreflectidamente na palavra dos oraculos.

A philosophia quer e deve ser livre; a liberdade é para ella mais que um distinctivo; é sua propria vida, pois que constitue o seu poder.

Se ha presentemente, a esta hora da civilisação, um phenomeno ao mesmo tempo lastimavel e ridiculo, é por certo o esforço que ainda fazem espiritos apoucados, para suffocar o philosopho no fundo de seu

pensamento e dizer á razão: Cala-te louca! Seria com effeito bom para elles que a razão guardasse silencio.

A verdade que núa e radiante acode ao seu appello, ficaria lá eternamente reclinada no seio da nuvem e o espirito humano rastejaria abraçado com o espectro de uma philosophia gelida, immovel, talhada no marmore da theologia intolerante.

A quadra da autoridade passou. Entretanto a idade média que é hoje apenas uma triste recordação, um remorso atroz na consciencia da historia, conta ainda, em materia philosophica, seus ardentes defensores, capazes de levar até o martyrio o fervor de sua dedicação. São homens que têm as costas viradas para o futuro e esperam que a estrella da manhã surja do occaso; almas caducas que admiram como astros os fogos fatuos que se levantam do tumulo da theocracia.

E posto que, na phrase de um escriptor, o martyrio da época seja o açoite do ridiculo, todavia não achamos bom combatel-os assim. A seriedade é cabivel em todas as questões; ella deve caracterisar todos os homens que discutem.

Não vão porém nossas palavras, mal entendidas ou de proposito extraviadas, ferir susceptibilidades religiosas.

O sentimento religioso nos é altamente respeitavel. Nunca ousaremos dizer á religião que professamos: despe-te de tuas galas, deixa-nos ver os teus mysterios. Sacrilega audacia propria do homem que dissesse á virgem do seu amor: mostra-me a alvura de teu seio. Nem se julgue que similhante reserva é inconciliavel com a liberdade que reclamamos.

A religião é para nós alguma coisa mais que o embalar do thuribulo, o cheiro do incenso, a voz do sacerdote; é o raio da consciencia divina atravessando a consciencia humana, é a penetração do ineffavel, é Deus.

Desde que Deus é um objecto de sentimento, um objecto de amor, elle deixa de ser um objecto de sciencia, pois que nada é mais repugnante ao amor do que a severidade da logica, a frieza do raciocinio. Theologia ou theodicéa, a sciencia de Deus é impossivel.

O positivismo tem razão quando julga inaccessivel e intratavel a questão da causa primeira. E' crivel mesmo que todos os desatinos metaphysicos e theologicos sejam a fatal consequencia de querer-se conter a divindade no circulo das investigações scientificas.

Os delirios da theurgia e os disparates do atheismo são élos extremos de uma mesma cadêa.

Aquelle que buscando a causa suprema tem a convicção de possuil-a, e aquelle que depois de a procurar declara não havel-a descoberto, são sabios da mesma sciencia, são irmãos. Palmas a quem disse : *o atheo é um theologo*; porque disse uma estupenda, porém profunda verdade.

Quando se é bastante forte para applicar a attenção, esse telescopio do espirito, ao fóco das altas idéas, não se deve levar a audacia a ponto de aspirar o impossivel.

Quando a metaphysica, livre e soberba, como uma hetaira grega depois de longo meditar, de volta de suas excursões pelos páramos do ceu, vem dizer-nos : Existe uma causa de tudo que é Deus; tão pequena

descoberta, filha de tão grande arrojo, faz-nos hesitar entre a compaixão e o desdem.

A existencia de Deus é uma crença instinctiva do espirito humano, que póde tomar formas diversas, diversos grau de aperfeiçoamento, e dest'arte como facto interno pertence á psychologia determinal-o e descrevel-o. Mas a sciencia, que não se farta de saber que Deus existe, quer ainda saber quem elle é em sua substancia, em suas qualidades e em suas relações com o universo, emmerge-se no desconhecido e quando ergue a cabeça é carregada de hypotheses tendo por unica these indubitavel, que aliás não é descoberta sua, esta verdade sabida — Deus existe. Pobre metaphysica!

Vem por outro lado a theologia, esse trapo de burel monastico, essa larva dos claustros, que arroga-se o direito de sondar e commentar a natureza divina, embrulhando, cobrindo muitas vezes de nuvens o que estava limpido e sereno. E aqui temos o alvo, o ponto principal do nosso escripto, que foi inspirado pela leitura de uma theoria de S. Thomaz sobre a intelligencia divina.

E' facil comprehender o perigo a que nos arriscamos com similhante empreza.

As doutrinas do angelico doutor, consagradas pelo tempo, como que não se prestam a uma refutação. E' esta ao menos a opinião dos seus fanaticos admiradores. Essa mesma theoria, cuja apreciação tentamos fazer, apparece-nos arrimada ao poderoso talento de Balmés, que em sua *Philosophia fundamental* cita-a como specimen de metaphysica sublime. Pois bem; é mesmo

para evitar qualquer interpretação má, que possamos dar ás palavras do theologo escolastico, é para prevenir duvidas e suspeitas que vimos collocar-nos diante do philosopho hespanhol e sobre suas palavras estabecer a nossa analyse.

Balmés, agitando a questão da existencia de uma primeira verdade, principio de todas as verdades, admitte-a na ordem intellectual universal; não assim na ordem intellectual humana.

Poderiamos aqui de passagem objectar ao illustre pensador que se essa verdade-principio não existe na ordem intellectual humana, como sabemos, quem nos diz que ella existe na ordem intellectual universal? De que modo podemos admittil-a como realidade, senão admittimol-a como idéa?

Essa primeira verdade, que existe na ordem dos seres, é Deus; e se no dominio physico e metaphysico Deus é com effeito uma verdade esteril, d'onde nenhuma outra póde sahir por deducção ou inducção, na ordem moral é um principio fecundo e vivificante para a intelligencia e para o coração; para a intelligencia, dissemos, porque a idéa do bem, em que assenta a moral, só se explica e melhor se esclarece diante da idéa de Deus; para o coração, repetimol-o, porque o amor e respeito á divindade é muitas vezes um poderoso motivo de nobres e grandiosas acções.

Continuando, o philosopho chega a avançar que não ha sómente unidade de origem nas verdades realizadas, ou nos seres considerados em si mesmos, porém que essa unidade se manifesta no encandeiamento das idéas que representam os seres.

E' mister observar que nem todas as idéas que são concatenadas pela mão da sciencia representam seres; as qualidades e relações dos entes são abstracções que não têm objectividade na ordem real; além de que na concatenação das idéas não ha essa unidade de que fala o philosopho; pois que não ha uma synthese completa abrangendo todas as cousas que as sciencias investigam.

Se porém a synthese imperfeita, a unidade apparente que se mostra no encadeiamento scientifico, não é puramente logica, mas representativa da mesma unidade de origem das coisas; se assim as evoluções do pensamento são adequadas ás evoluções do ser, mau grado seu, Balmés encontrou-se com Schelling e Hegel, e uma palavra de mais seria bastante para fazel-os abraçarem-se e reconhecerem-se irmãos.

Proseguindo notámos ainda que segundo o pensar do philosopho, se o nosso entendimento pudesse elevar-se ao conhecimento de todas as verdades, veria que, não obstante sua dispersão quasi infinita, em certa altura essas verdades vão convergindo para um centro commum. E' a proposito desta theoria que Balmés cita S. Thomaz, nos seguintes termos: «Segundo o santo doutor, á medida que os puros espiritos se elevam na ordem hierarchica, sua intelligencia engrandecida se exerce sobre um menor numero de idéas; e esta progressão vai terminar em Deus que conhece todas as cousas em uma só idéa; esta idéa unica é sua essencia mesma. Dest'arte, ha não só um ser autor de todos os seres, mas tambem uma idéa unica, infinita, que abrange todas as idéas...» Basta.

Esta doutrina é, á primeira vista, deslumbrante por um não sei que de grandioso e poetico; porém traz o seio tumido de uma profunda aspiração pantheistica.

Com justiça poderiamos attribuil-a a Spinosa, o *impio*, que facilmente reconheceria nella uma avoenga de suas *malditas*, *excommungadas theorias*.

Além do conhecimento que Deus tem de todas as coisas, elle tambem tem conhecimento, consciencia de si; se pois a idéa do universo e a idéa de Deus não são distinctas na mesma intelligencia divina, se ellas fundem-se em uma só idéa, que é a propria essencia de Deus, resulta que a substancia das coisas identifica-se com a de Deus, pois que nelle a idéa não é uma abstracção, porém uma realidade; resulta que o conhecimento que Deus tem de tudo, sendo assim identico a consciencia que elle tem de si, visto como esse conhecimento é sua propria essencia, Deus e o universo, perante a intelligencia divina, constituem um só ser.

E' o maior arrojo do pantheismo, o pantheismo do proprio Deus!

Para que similhante doutrina já tivesse recebido o estigma de impiedade, para que contra ella já tivesse chovido em todos os tempos a mosquetaria da logica sacerdotal, e trovejado, entre os modernos, do alto de suas cadeiras, a voz dos Srs. Beautain, Maret e outros; falta-lhe sómente uma circumstancia é o ser filha legitima de algum eleatico, alexandrino ou hegeliano.

Lede o judeu Spinosa, esse grande espectro, essa magestosa figura da historia philosophica, genio fumegante de anathemas, que parece responder aos golpes

da ignorancia com o riso da candura e boa fé ; achareis que, na opinião do philosopho, ha necessariamente em Deus a idéa de sua essencia, bem como de tudo que necessariamente decorre della : essa idéa é uma, como a mesma substancia divina.—(Ethica, livro 3, prop. 3).

Qual a differença notavel entre esta e a theoria do doutor angelico ?

Já a escola da Alexandria, pelo orgão de Plotino, partindo do principio de que a philosophia deve procurar elevar-se á altura em que o conhecimento e a coisa conhecida, o sujeito e objecto são reduzidos á identidade, tinha chegado á extranha concepção da unidade absoluta, essencia e principio de tudo, possuindo a visão de si mesma, porém sem reflexão, isto é, sem poder distinguir-se das coisas.

A idéa unica, infinita de que fala S. Thomaz, identificada com a essencia divina, tambem sem reflexão, pois que a reflexão traria, pelo menos, uma nova idéa, a da differença e distincção entre Deus e o universo, leva o espirito á concepção de um Deus omnisciente, é verdade, mas inconsciente : — o que é alguma coisa similhante á Unidade de Plotino.

E não ficamos ainda aqui.

Aquelle que possuisse essa idéa unica, infinita, veria tudo nella, diz o theologo escolastico, apreciado por Balmés. Ora, essa idéa, synthese absoluta do conhecimento universal, é, como já vimos, a mesma essencia divina ; aquelle que a possuisse, possuiria Deus. Mas a intelligencia humana aspira o conhecimento de tudo ; cada verdade pois que vai conhecendo, cada descoberta que faz nos dominios da sciencia, é uma face

da grande idéa que ella divisa, é um golle do infinito que ella sorve, é uma porção de Deus que ella devora! Que triste consequencia!

Quando a philosophia hegeliana diz que Deus não é, porém vai-se fazendo, pode soccorrer-se á doutrina do angelico doutor e sustentar que esse Deus que ha de fazer-se, é a idéa infinita igual á propria substancia divina: idéa unica de todas as coisas, que ainda não está demonstrado como impossivel a intelligencia humana um dia adquiril-a, e então o homem será Deus!

E' assim que do fundo tenebroso da idade média vem uma doutrina sombria, cujas consequencias quasi que se confundem com as liberrimas e erroneas doutrinas da moderna Allemanha!

E o que mais admira é que essa theoria vem do *mais sabio dos santos e do mais santo dos sabios*; vem de um membro daquella classe de doutores, a que se davam epithetos chistosos, podendo quasi todos designar-se pelo de *Doctores stolidi.*

E o que mais espanta é a coragem com que neste seculo se desce aos subterraneos em que jaz feito cinza o cadaver da escolastica e se pretende resuscital-a para offerecel-a ao publico.

A idade média não podia ter uma philosophia no seu verdadeiro sentido como desenvolvimento da intelligencia em busca das altas verdades, cujo conhecimento mais lhe interessa.

Quando Leibnitz dizia ter achado ouro na ciscalhagem da escolastica, Leibnitz enganava-se: eram os reflexos do seu proprio genio projectados sobre aquelle

muladár que elle tomava como preciosidades daquelles tempos.

Publicando estas considerações, fazemos votos para que ellas não suscitem animosidades e rancores.

Estudando e combatendo uma doutrina philosophica, aliás de subido alcance, provamos, ao menos, que não gastamos o nosso tempo em banalidades e parvoices que se dizem escriptos litterarios.

Se alguem ha entre nós, que se julgue a encarnação do thomismo, e se sinta por isso ferido no intimo de sua religiosidade, dir-lhe-hemos que é facil o desaggravo, dignando-se de erguer a luva que ahi fica lançada na liça do combate. (1)

Abril de 1868.

---

(1) É o mais antigo artigo de critica philosophica de T. Barreto, no qual começou a separar-se da philosophia do espiritualismo catholico, e deu inicio á reformação espiritual entre nós. (N. de S. R.)

XXIX

A theologia e a theodicéa não são sciencias

(CARTA A MANOEL G. A. AUTRAN)

Apresso-me em responder á sua preciosa carta, ultimamente publicada, na qual dignou-se de me fazer observações sobre um escripto meu a proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino.

Menos penetrante do que o collega, que limitou-se a ler-me com bastante prazer, eu fui forçado a medital-o com bastante attenção. Assim exigiam a importancia do assumpto e a dignidade da pessoa.

E comquanto nunca me tivesse passado pela mente que o collega descesse a tomar parte em uma questão philosophica, não me surprehendeu todavia o seu apparecimento. Eminentemente catholico, não era possivel que o collega deixasse, por esta vez, de fazer ouvir a sua voz que em occasiões mais difficeis tem-se erguido para rechaçar os ataques por ventura dirigidos a qualquer dos pontos religiosos, em cujo

numero é natural que se considere a philosophia de S. Thomaz.

Notei porém que as suas observações não roçaram sequer na superficie da questão principal em que eu ousara combater a doutrina do angelico doutor.

Com um golpe de sua analyse amolada e percuciente, arrancou-me um pedaço, uma phrase, uma proposição, despredendo-a dos seus antecedentes, segregando-a dos seus consequentes ; e sobre ella ergueu um edificio de conjecturas.

Demasiado modesto, para ouvir tão sómente os dictames de sua consciencia que o declara inferior a S. Thomaz; demasiado bondoso, para considerar-me capaz de merecer palmas, o collega não deixou, entretanto, de derramar um pouco de veneno na agua benta com que me fez a preliminar aspersão.

E' assim que diz com emphase que a *logica ainda não é um monopolio para aquelles que presumem de bem raciocinar.*

Nem eu tive jamais a loucura de querer monopolisar o raciocinio, nem ponto algum do meu escripto se prestava a similhante doesto. Comtudo, devo dizer que a logica, se de certo não é meu, é monopolio de alguns, a saber, daquelles que estudam, que meditam sobre esta ou aquella materia, e se tornam mais ou menos competentes para conhecer e agitar as questões.

Accresce que a logica, desacompanhada de um certo capital de idéas, sobre que se *exerça,* é similhante a um engenho de fogo morto : nada rende. Desculpe a rasteirice da comparação. Não rio-me nem pretendo fazer rir; despreso os lances de espirito; gosto de falar serio.

E para não tornar demasiado longo este preambulo, entrarei já na apreciação de suas luminosas considerações.

Foi-lhe estranhavel, entre todas e sobre todas, esta minha proposição: « Desde que Deus é um objecto de sentimento, um objecto de amor, elle deixa de ser um objecto de sciencia; pois que nada é mais repugnante ao amor do que a severidade da logica, a frieza do raciocinio. Theologia ou theodicéa, a sciencia de Deus é impossivel. »

E para refutal-a diz o collega : ... « *Mas o que é esse sentimento ou esse amor... não será esse sentimento ou amor um objecto de sciencia? Parece que sim, porque para sentir-se é necessario conhecer-se que se sente, e não se pode amar sem saber que se ama.* »

O collega não meditou bem aqui nas razões de sua duvida ; mostrou que falta-lhe ainda o habito da reflexão e a leitura dos psychologos. Isso deu lugar a falsidades e confusões. E' falso que para sentir seja necessario conhecer que se sente. E' um erro de psychologia. A consciencia dá o conhecimento do que se sente ; para conhecer uma coisa é mister que essa coisa exista, mesmo antes de ser conhecida; ao contrario, o conhecimento não seria uma representação, mas uma creação da coisa que se conhece. O recemnascido não tem consciencia do que sente, mas sente a dor que o faz chorar. A expressão do sentir inconsciente, em sua pureza nativa, é o grito ; a expressão do sentimento de que se tem consciencia, é a palavra.

O collega confundiu factos distinctos. O sentimento, o amor de que eu disse que Deus era objecto, é

um phenomeno interno, uma modificação espiritual, como todas as outras que a consciencia testemunha. Considerado em si mesmo, apreciado isoladamente, esse amor não é objecto de sciencia. Não existe a sciencia do amor de Deus. Considerado porém como fazendo parte dos phenomenos psychicos, deve pertencer ao dominio de uma ;... qual é ella ?... A psychologia.

Convido-o para ler commigo algumas linhas do meu escripto que lhe passaram despercebidas, e onde eu disse :

« *A existencia de Deus é uma crença instinctiva do espirito humano que pode tomar formas diversas, diversos graus de aperfeiçoamento, e dest'arte como facto interno pertence á psychologia determinal-o e descrevel-o* ».

Já vê pois que levantou questão onde questão não havia.

Ser objecto de sciencia não é o mesmo que ser objecto de conhecimento ; o collega confundiu ; attenda.

O conhecimento é particular, phenomenal, determinado ; a sciencia é geral, baseada em principios. O individual, encarado em si mesmo, não pertence á sciencia ; o que nos individuos ella procura é o que elles têm de geral e commum aos generos, ás diversas classes de seres ou de factos. O amor que se tem a Deus é um phenomeno particular do espirito ; como tal cáe sob as vistas da consciencia, mas não é ainda por si só um objecto scientifico ; o amor pertence á classe dos phenomenos sensiveis, e estes por sua vez á classe dos phenomenos espirituaes em geral, sobre que se exerce a psychologia empirica.

Termina o seu primeiro pedaço de argumentação com o seguinte raciocinio : « *Se Deus é objecto de sentimento ou amor, com maioria de razão deve sel-o da sciencia, etc., etc.* »

Não sei onde o collega descobriu essa maioria de razão. Para isso commette um sophisma, suppondo admittido o que se contesta, a saber, que todo objecto de conhecimento é objecto de sciencia.

Consultemos o coração; escute. Muitas vezes um fio de cabello, um annel, uma fita, um adorno qualquer da belleza que adoramos é para nós um objecto do mais puro amor; e sel-o-ha tambem de sciencia?... Supponhamos que o collega, em um desses momentos de felicidade, recebendo da mão de alguma beldade, por exemplo, um botão de rosa, em vez de fazer desse mimo um objecto de amor, quizesse tornal-o um objecto de sciencia, e com ares de botanista dissesse : eis aqui, minha senhora, uma flor pertencente ao genero typo da grande familia das rosaceas, plantas dicotyledoneas polypetalas, de estames perigyneos, corolla de 4 ou 5 pétalos, que para provar arranco um por um; tem calice gamoséphalo, etc., etc., etc. Depois desta trovoada de palavras, com tal força de analyse, a pobre florinha estaria morta e a linda offertante fugiria espavorida.

O collega julga ter cortado a questão, quando diz que a *idéa do amor traz comsigo a idéa de um ser que ama e outro que é amado*... Quid inde ? O amor é um sentimento complexo, como chamam os psychologos, entre os quaes os nossos velhos conhecidos Barbe e Charma.

Essa complexidade está justamente em que o amor, ao contrario dos phenomenos sensiveis em geral que

são subjectivos, é objectivo. Mas que prova isto?... *Se assim é,* diz o collega, *como se pode amar a Deus se não se tem conhecimento de sua existencia?* Eis ahi ainda a confusão de conhecimento e sciencia que não soube distinguir. *Esse conhecimento,* diz o collega, *só nos é dado pela sciencia; — logo Deus é objecto della.* Isto faz pasmar. Dizer que só a sciencia nos dá o conhecimento de Deus, é dizer que só os sabios e só elles sabem que Deus existe.

Tres quartos da humanidade, se não mais, protestam contra similhante absurdo. A maioria dos homens, que é dos que não cultivam as sciencias, fica dest'arte condemnada ao atheismo, pela força de uma phrase impensada.

Continuando, diz o habil polemista, que ou o conhecimento de nós mesmos constitue sciencia, ou não; no caso affirmativo, havemos de chegar a concluir que se Deus é um objecto de amor, e se este é por sua vez o da sciencia que temos *em nós mesmos*, é claro que Deus é objecto de sciencia.

Em primeiro logar, lhe respondo que ha com effeito uma sciencia da alma, uma sciencia do — eu —; mas o simples conhecimento de nós mesmos não basta para constituil-a; esse conhecimento é um facto de consciencia, commum a todos os homens. O que constitue a sciencia é a reflexão, o estudo dos factos internos, sua generalisação e classificação. O amor que se tem a Deus, é um facto do numero daquelles que a psychologia estuda. O argumento do collega faz de Deus um objecto da sciencia, de quem o sentimento é tambem objecto; logo para o collega a sciencia de Deus é a psychologia;

mas a psychologia estuda os phenomenos de consciencia; logo Deus é um desses phenomenos, nós temos consciencia de Deus; elle é interior ao homem, subjectivo, immanente e só tem existencia no espirito humano.

Sem pensar, o collega passou aqui por cima de um precipicio com toda singeleza de uma criança, que, sorrindo, se pendurasse da janella de uma torre.

Bem disse eu que ainda lhe faltava o habito da reflexão; se não, veria que o conhecimento do amor que se tem a este ou aquelle objecto é diverso do conhecimento do mesmo objecto, não confundiria a percepção externa com a percepção interna, para assim cahir involuntariamente no subjectivismo de Fichte.

A crença na existencia de Deus, o amor que por elle se sente, são factos psychicos, distinctos do mesmo Deus; pode haver, ha de certo uma sciencia, em cujo quadro entram as diversas classes a que esses factos pertencem; mas não pode haver uma sciencia de Deus. Eis o que disse e o que ainda e sempre sustentarei. Se é verdade que só se ama aquillo de que se tem mais ou menos conhecimento, não é verdade que só se ame aquillo cujo conhecimento nos é dado pela sciencia. A sciencia é a razão, o amor é o coração; e segundo a phrase de Pascal, *le cœur a des raison que la raison ne connait point.*

A sciencia procura a claridade; o amor delicia-se muitas vezes no obscuro e no mysterioso.

Indagador como é, o collega deve conhecer o mimoso mytho grego de Psyché. E', como disse alguem, a encantadora imagem do que se passa n'alma, logo

que á serena e descuidosa confiança do sentimento succede a reflexão com seu triste cortejo.

A sciencia é pois incompetente para elevar-se á divindade. Qualquer expressão de amor, um olhar, um suspiro que se mande ao ceu, attesta a existencia de Deus mil vezes mais do que todos os argumentos metaphysicos e theologicos que a critica de Kant reduziu á poeira.

Causa primeira do homem e da natureza, causa suprema de todas as causas do universo, Deus é inaccessivel á indagação e analyse scientifica. Se me objectam que pela razão concebemos Deus, que temos delle uma idéa, e que sobre essa idéa esclarecida é que se levanta a sciencia respectiva, direi que neste caso a theologia ou theodicéa fica sendo, como a geometria, a sciencia de um ser que se concebe, mas não existe tal qual é concebido, como realmente não existem, por exemplo, triangulos e circulos com a perfeição que se lhes attribue nas idéas em que a geometria se firma.

E peço que vão entender-se com o illustre Renan, para quem Deus é a categoria do idéal, isto é, uma formula, sob a qual concebemos o bem, o bello, o verdadeiro, etc., como o espaço é a categoria dos corpos, isto é, uma formula sob a qual conhecemos a existencia da materia; e, assim como não existe realmente o espaço, realmente não existe Deus!

E' este mais ou menos o resultado a que chegam as investigações theosophicas.

Os argumentos dos theologos que querem sondar e dispor do ceu trazem-me de longe o ruido do camartello dos architectos de Babel. A theologia ou theodicéa é impossivel, porque impossivel é a sciencia

de um ser que por sua infinitude está fóra de todas as leis que as sciencias investigam.

O espectaculo do universo impõe a necessidade racional de conceber uma causa para este grande effeito: como é essa causa? existirá ella com o mesmo universo em estado de immanencia, ou existirá fóra delle?

A sciencia debate-se entre estas duas hypotheses e nada affirma de satisfactorio e decisivo.

O amor vem resolver a questão. Para isso seja-me permittido referir um bello pedaço de um dialogo de Platão.

Socrates, discutindo sobre o amor diz a seu interlocutor Agathon: « Procura mostrar-nos se o amor é o amor de alguma coisa, ou de nada. De alguma coisa certamente.

Repara bem no que dizes, e lembra-te de que é que o amor é amor, segundo opinas. Porém antes de ir mais longe, dize-me se o amor deseja a coisa de que elle é amor. Elle a deseja.

Mas, replica Socrates, possue elle a cousa que deseja e ama, ou não a possue? Provavelmente, responde Agathon, elle não a possue. Provavelmente! Vê antes se não é mister necessariamente que aquelle que deseja uma coisa, tenha falta della, ou que a não deseje, se della não tem falta, etc., etc».

Eis ahi. O amor de Deus é o amor de alguma coisa, e de alguma coisa que desejamos, porque ella nos falta. Se ella nos falta é que não está em nós, não faz parte de nós; salvo o absurdo de desejarmos a nós mesmos; como tambem não está no universo, pois que o universo não é o que desejamos,

visto como não é o universo que nos falta. Logo, Deus, o objecto de nosso amor, está fóra de nós e fóra do universo; é uma causa transcendente.

Peço desculpa ao collega, por ir assim dando á minha resposta proporções maiores do que devera. E' que quando discutimos, segundo a phrase de Pelletan, devemos chamar-nos — argumentos; é que o publico tambem tem direito a minha resposta; por elle é que tenho-me alongado, visto como desejo sempre communicar meu pensamento *completo, livre, natural, como elle surge*, para servir-me aqui de uma expressão de Guizot na Camara Franceza.

Tant pis pour vous, poder-me-ha alguem dizer, como então houve quem dissesse ao profundo orador, com o qual tambem responderei: *Tant pis pour qui se trompe.*

O collega, no correr do seu argumentar, diz que o fanatismo é um sentimento severo e frio, bem como o indifferentismo!...

O senso commum considera o fanatismo uma paixão ardente, exaltada, exaggerada: o collega é o primeiro que lhe descobre frieza. O indifferentismo é a negação, a ausencia do sentimento; a que proposito pois mencionou-o?

Nota o collega que *a theologia não é uma sciencia de investigações que procura saber se Deus é um ser ou uma idéa, e o que elle faz, quaes as suas funcções na outra vida; — mas um encadeiamento de verdades que prendem o homem a Deus.*

O collega parece aqui ignorar que a theologia se divide em moral e dogmatica; nesta não se trata de um encadeiamento de verdades que prendam o homem a

Deus; trata-se pelo contrario de impor, como verdades, symbolos, mysterios, coisas que ninguem comprehende e que nada influem no destino do homem.

A theologia moral, que é a sciencia dos deveres impostos pela Igreja, não tem propriamente Deus por objecto; está fóra da questão.

A theodicéa não é simplesmente a sciencia que só trate de Deus em relação ao homem. Foi Leibnitz quem unicamente a comprehendeu nesse sentido, sob o ponto de vista da providencia. A philosophia ousa determinar na theodicéa os attributos e qualidades divinas; será essa determinação exacta?... sobre que dados é ella feita?

Porque o homem se conhece intelligente e livre, julga que Deus tambem é dotado de intelligencia e liberdade; mas... que analogia ha entre o homem e Deus?... Qual é o fundamento de similhante conclusão? São estas as questões capitaes e insoluveis que aliás deveriam ser resolvidas para que a theodicéa fosse o que pretende.

Deus é uma individualidade, uma personalidade: do que é individual e pessoal não se faz uma sciencia, mas uma descripção; não se descreve senão aquillo que se percebe interna ou externamente: ora nem de uma nem de outra fórma Deus é percebido; logo Deus é indescriptivel, não se pode fazer a enumeração de suas qualidades; qualquer que se faça, é arbitraria, ousada e absurda. Para que não me taxem talvez de adverso ás sagradas paginas vou perguntar-lhes quem é Deus. E é Deus mesmo que me responde: *Ego sum qui sum.*

Dizei-me, philosophos e theologos, todo o valor, todo o alcance desta phrase? Debalde! Ninguem ainda

a comprehendeu. E como se quer fazer de Deus que assim definiu-se a si mesmo, um objecto de sciencia?

Se as sciencias em geral não dão o conhecimento pleno de tudo o que procuram indagar, dão o conhecimento de muita coisa. Progressivas e perfectiveis todas ellas, como já disse alguem, têm uma parte de these e uma parte de hypothese. Esse estado crepuscular de duvida e hypothese vai, com o tempo, tornando-se claridade.

Veritas filia temporis.

A theologia não adianta uma linha do que já dantes se sabia; é incapaz de progresso: digo que é mesmo incapaz de regresso, para apropriar-me aqui de uma phrase de um meu intelligente amigo. E' nisso que está a grande differença. As sciencias de observação, como a medicina, estudam os factos e buscam descobrir as leis a que elles estão subordinados. Por não dar a explicação de todos, não se segue que deixem de dar a explicação de alguns. A theologia porém nada instrue, nada explica.

Deus, o infinito, o absoluto, é inteiramente inaccessivel ás indagações do espirito humano; só é dado ao coração estremecer diante dessa longinqua visão.

Na phrase do illustre Littré: *C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.*

Tenho sido importuno, tenho escripto de mais.

Desde já pedindo ao collega perdão para uma ou outra palavra que o possa molestar, devo dizer-lhe que me sinto sem forças para resistir aos seus ataques.

Custa-me muito o meditar nas questões. Se o collega me tivesse atirado a luva eu a rejeitaria, tal é a consciencia de minha fraqueza. Não quero, não posso continuar a discussão, podendo aliás o collega explanar-se quanto quizer no terreno philosophico, refutar-me, combater-me. Não saberei mais responder-lhe.

Cavalheiro, como devo ser, comprehende o collega que, se o grande numero de estudantes de philosophia que tem o collegio das Artes e os demais collegios desta capital começasse a dirigir-me cartas refutatorias dos meus pobres escriptos, não deveria deixal-as sem resposta; e para isso faltava-me o tempo, faltavam-me as habilitações.

Fraco e desanimado, eu poderia não ter respondido a sua carta; fiz porém um esforço sómente para pagar um tributo de respeito á amizade e ao nome da corporação a que pertencemos.

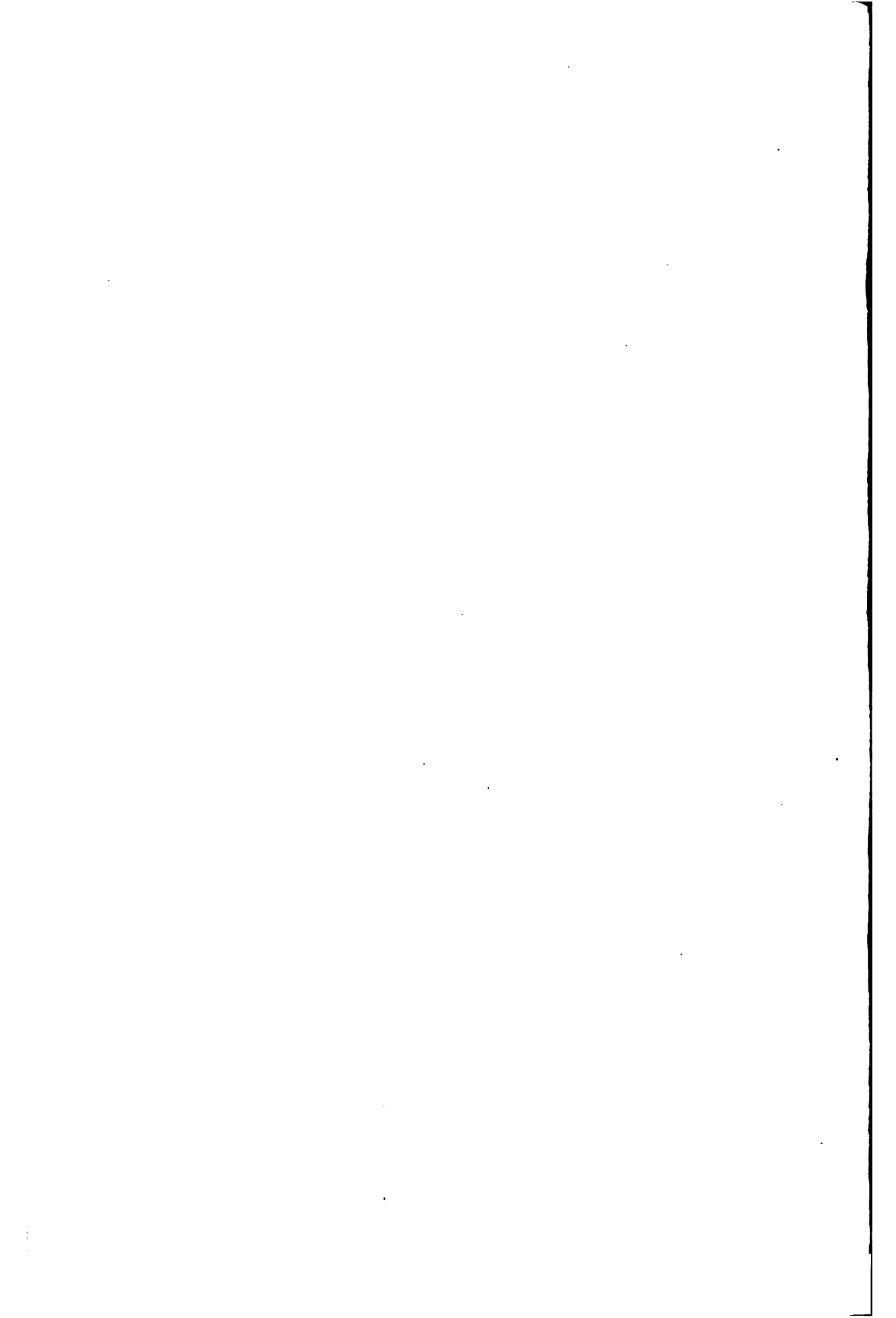
Entretanto, continuarei a combater, no que de mau tenho encontrado, a philosophia de S. Thomaz. Tenho para mim que o ruido do seculo, o alarido da civilisação não deixam mais ouvir os mugidos desse boi, segundo a expressão de seus condiscipulos e de seu mestre Alberto Magno.

Meu fito é saber, nada mais. (1)

Recife, 16 de junho de 1868.

---

(1) Era ainda estudante da Faculdade do Recife o autor, quando escreveu o artigo antecedente, que deu logar a uma critica de M. G. Autran, que provocou esta resposta (N. de S. R.).

XXX

Uma lucta de gigantes

O publico desculpar-nos-ha o virmos entretel-o com assumptos que destoam dos nossos habitos, do nosso modo costumeiro de sentir e comprehender as cousas religiosas.

Tendo lido na *Revista dos Dous Mundos* de 1 de março do corrente anno (1) umas cartas do padre Gratry dirigidas a Vacherot, por occasião do livro que este publicara, intitulado *A Religião*, bem como a resposta immediata que ao grande philosopho theologo deu o grande metaphysico francez, sobreveio-nos a idéa de escrever, como simples leitor, a nossa opinião, pois que a formamos, a respeito da victoria de um ou de outro.

A respeito da victoria, dizemos, porque em taes questões e com taes combatentes nunca se fica indeciso. Hector e Ajax uma só vez se encontraram.

(1) Era em 1871. (N. de S. R.)

E' sabido que entre esse padre e esse racionalista existe de ha muito uma guerra declarada pela causa da religião e da sciencia.

Quando Vacherot publicou a sua *Historia critica da escola de Alexandria,* o padre Gratry, que era capellão da escola normal, da qual Vacherot era o director, sahio-lhe á frente com uma serie de escriptos refutatorios, e de forte discussão entre elles travada resultou que o director se demittisse, entregando-se, na solidão e no silencio, á meditação profunda, donde brotou a grande obra que tem por titulo: *A metaphysica e a sciencia.*

Sobre esta obra que é talvez o maior edificio da philosophia franceza contemporanea, sentimo-nos aqui bem acanhados de espaço e tempo para emittir um juizo seguro.

Podemos porém dizer com Ernesto Bersot que, ou se goste ou não de sua doutrina, é forçoso confessar que alli ha uma philosophia e um philosopho.

Eis que de novo os contendores voltam á liça e a peleja é digna da espectação do mundo. O livro d'*A Religião* foi o signal do combate. A theologia catholica sentiu-se ferida e em nome della o padre Gratry aceitou o desafio.

E' desculpavel este empenho, esta opiniaticidade mesmo em defender uma causa a que se tem amarrado o proprio destino, e cuja completa derrota motivaria a diminuição da importancia pessoal dos seus defensores.

Aceita, de facto, como verdadeira, a these primaria do livro de Vacherot, isto é, que a instituição religiosa corresponde a um estado e não a um principio

da natureza humana; admittindo-se ainda que esse estado vai desapparecendo na razão da influencia e do progresso de philosophia, que tal phenomeno se dê mais cedo ou mais tarde, pouco importa: desde já a sotaina e a corôa sacerdotal se tornam insignificantes, a nuvem da indifferença ou do desprezo começa a envolver tudo, desde a tiara pontificia até o especifico chapéo do mais rotundo e obscuro frade.

E' pois desculpavel, repetimos, a pressa que se dão os homens, como Gratry, em se fazerem escudos para repellir os golpes da critica moderna. E conseguem-no?

Podemos duvidar, sinão negar, deante das provas.

O illustre padre do Oratorio, na sua primeira carta, promette mostrar que o autor d'*A Religião* é injusto; que se engana contra os theologos e não só contra os theologos, mas contra todos os philosophos, aos quaes ha vinte annos, diz elle, Vacherot faz uma guerra intellectual digna de attenção.

Assim é que o mesmo autor d'*AMetaphysica e a sciencia*, no prefacio deste livro, depois de ver uma revolução radical do espirito humano, desde o principio do nosso seculo, ousou dizer: Tudo o que precede esta revolução, jaz morto. Descartes e Leibnitz pertencem á historia, como Platão e Aristoteles. Essa philosophia é de outro tempo; ella não póde satisfazer ás necessidades novas do pensamento moderno...

Deste modo, segundo vós, diz o padre Gratry, tudo está morto, inclusive Descartes. Não vos pesa o que têm de excessivo estas palavras? Não sente-se logo que ellas implicam algum grande erro? (*Rev.* de 1 de março, pag. 132).

Onde o excesso e o erro? perguntamos nós.

Quem é, ao contrario, que não vê naquellas phrases a expressão da consciencia do seculo em materia philosophica? Onde o excesso e o erro em considerar Descartes não mais adaptado ao espirito moderno? Quem é hoje que se arrima ao cartesianismo para comprehender um só ponto das grandes questões contemporaneas?

Que ha mais de novo em Descartes philosopho, se de dia em dia vai-se reconhecendo a sua esterilidade?

E é mesmo um eloquente conferenciador, o padre Monsabré, quem nos diz que a sua reputação diminue.

O proprio Gratry, em um dos capitulos de sua *Logica*, falando dos *methodos exclusivos* e a respeito da pretenção de certos espiritos a descobrirem novidades, assim se exprime: *Avouons que Descartes, à cet égard, n'a pas donné le bon exemple. Il ne sait pas que de ses deux demonstrations de l'existence de Dieu, l'une Dieu demonstré par ses effets, est, au fond, la demonstration d'Aristote; et l'autre, Dieu demonstré par son idée, est celle de Saint-Anselme. Et il ne se doute pas de ce qu'affirme si judicieusement Fenelon... qu'on retrouverait dans Saint-Augustin tout Descartes et plus encore.*

Não havia, pois, razão para tamanho pasmo da parte do celebre Oratoriano.

E' uma verdade que o pensamento moderno não cabe nas estreitezas da philosophia do seculo XVII, e as mãos sacrilegas, que ainda tentam comprimir-lhe os impetos, começam a não aguentar a força que o atira para as regiões desconhecidas.

O livro de Vacherot, sobre que versa o debate, divide-se em tres partes que chamaremos uma historica, outra critica e outra theorica.

Em todo o decurso da primeira parte, o autor, fazendo a apreciação de varias escolas, tem em vista provar de facto que a theologia catholica parece não ouvir o ruido do trabalho que tende a desmoronar o seu edificio pelos esforços da critica religiosa que lhe oppõe textos sobre textos e ella nada responde.

Que diz a isto o respeitavel padre? Limita-se a perguntar sobre que se firmam similhantes accusações e accrescenta que ellas repousam na affirmação de que os theologos não são livres, e em um exemplo citado para fazer comprehender a cegueira ordinaria da theologia. (*Rev.*, pag. 133).

Quem leu o livro de que se trata e compenetrou-se da idéa capital de seu autor, não póde admittir a facilidade com que assim o padre Gratry procura reduzil-o a uma insignificancia.

Que a theologia não tem respondido seriamente aos ataques da critica, é um facto observavel e observado, que não precisa de outro apoio senão referil-o e mostral-o real.

Foi o que fez Vacherot.

A razão, porém, dessa attitude que toma a theologia, já é um outro ponto que só póde ser explicado ou pela falta de sciencia ou pela falta de liberdade. Mas a sciencia, abundando em muitos membros do clero, que o mesmo Vacherot nomeadamente enumera, só é aceitavel a segunda hypothese.

Admitte, pois, ou não admitte o reverendo polemista a affirmação de que os theologos não são livres? Nenhuma palavra a respeito.

Entretanto, de que vai occupar-se? Do exemplo e só do exemplo no qual, por mais que diga, o autor não quiz firmar sua asserção, que já estava algures firmada.

Qual é, porém, esse ponto que elle descobriu para refugiar-se e fazer fogo ao seu adversario? Eil-o... *Pour ne citer qu'un exemple, le Jesus de la theologie commence, poursuit, acheve sa mission avec une force toute divine. Sauf un accès de defaillance au jardin des Oliviers et un cri de desespoir sur la croix, il conserve une foi et une esperance indomptables jusqu'au dernier soupir... N'est-ce pas seulement le Jesus de Saint Luc et Saint Jean qui montre cette confiance? Dans Saint Mathieu et Saint-Marc le drame de la passion est autrement sombre et desolant; là il n'est question ni de ressurrection ni de glorieuse ascension au ciel. . . etc.* (Veja-se *Religião*, pag. 134).

Não era mister que o autor na resposta que deu ao padre Gratry (*Rev.* cit. pag. 149 e seguintes) mostrasse o engano de seu contendor, no modo porque comprehendeu o sentido de suas palavras. Ellas são claras e inaccessiveis a qualquer ambiguidade. E' um exemplo congruente ao pensamento geral da primeira parte do livro, isto é, a demonstração de como a theologia não se tem sahido bem dos embaraços de ferro que lhe ha tecido a mão dos Strauss, dos Revilles, Havets, Renans e outros.

Ao numero das incoherencias e dubiedades que a critica tem feito brotar dos proprios textos, quiz

juntar mais uma incoherencia que os theologos não explicam.

Ora, quando o mesmo sabio Oratoriano chegasse a provar que aquelle exemplo é totalmente falso, não lhe cumpria, não lhe ficava bem fazer disso a arma unica para defender tão importante causa e responder a similhante adversario; nem poderia apagar tão facilmente as impressões que a leitura do livro deixa em qualquer espirito amante da verdade.

Vacherot, com a sinceridade que o caracterisa, como escriptor, e segundo é facil de induzir, como homem de bem, não dissimula, não cala os pontos vulneraveis do livro que fez mais barulho, suscitando refutações de theologos e mesmo de philosophos e sabios, a *Vida de Jesus* de Renan. Mas não cala tambem que a theologia deixou passar sem resposta os escriptos de Larroque, de Bouteville e de Peyrat.

Entretanto, na *Vida de Jesus* deste ultimo, diz elle, todos os factos que servem de base á tradição catholica, são discutidos e enviados ao capitulo da lenda ; e ahi ajunta : — *Quand la theologie voit les textes se dressér devant elle, passe son chemin, mais toujours la téte haute, comme si elle n'avait rien vu* : — palavras estas que soaram mal ao ouvido do padre Gratry, a quem aliás competia empregar outros meios de defesa, mostrando, sobretudo, que aquellas obras foram combatidas.

Mas, como isto lhe era impossivel, o estimavel padre, pondo de lado tudo que no livro de Vacherot devia merecer-lhe mais attenção, apodera-se do texto, desvia-se do ponto de vista em que o seu adversario

o havia citado, e parece exultar de prazer por ir provar-lhe que os evangelhos de S. Matheus e São Marcos contém exactamente o que Vacherot diz só existir no de S. Lucas e S. João, isto é, o annuncio da resurreição e a gloriosa ascensão ao céo.

A descoberta do reverendo polemista não lançou luz alguma no seio da questão. Como disse o autor em sua defesa e como, sem que elle o dissesse, qualquer leitor poderia comprehender, as suas palavras não se referem a todos os acontecimentos da historia de Jesus, mas unicamente ao *drama da paixão.*

O padre Gratry sabia disto perfeitamente, mas fingiu ao principio entender de outro modo, para vangloriar-se de increpar ao seu antagonista a ignorancia dos textos!

Duvidando porém da efficacia de seu achado, e como que prevenindo a resposta, aceitou o verdadeiro sentido das palavras só relativas ao acto da paixão, e certo de triumphar, quer ahi mesmo fazer recuar o seu adversario. Ouçamol-o : *Mais ici l'on m'assure que vous n'avez pas entendu comparer les Evangiles entiers, qu'il sagit seulement des quatre rècits de la passion, et que dans cette limite votre critique est vraie !*

Prenez garde, monsieur: si telle etait votre intention, votre sort comme critique serait bien pire encore, car parlez vous des Evangiles, vous ne vous trompez sur deux, mais sur tous les quatre. En effet la prophetie de la resurrection ne se trouve pas du tout dans les rècits de la passion, soit de Saint Luc, soit de Saint Jean; mais elle se trouve dans les deux

autres, Saint Mathieu (Cap. 26 v. 3) et Saint Marc (cap. 14 v. 28).

C'est l'inverse de ce que vous dites. Vous niez le fait où il est et l'affirmez où il n'est pas. Telle ne peut pas avoir été votre intention.

Ora, pois, o padre Gratry nos assegura que a prophecia da resurreição, que não se encontra no acto da paixão narrado por Lucas e João, como affirmara Vacherot, se encontra nesse mesmo acto narrada por Matheus e Marcos, onde elle havia negado.

Mas isto não é exacto ; a citação é erronea.

O versiculo 3 do Cap. 26 de S. Matheus é o seguinte : *Tunc congregati sunt principes sacerdotum et sermones populi in atrium principis sacerdotum qui decebatus Caiphaz.*

Dir-nos-ão que é talvez um lapso ou um erro de imprensa e que, em vez do versiculo 3, deve-se ler 32, onde se vê : *Postquam autem ressurrexero, præcedam vos in Galileam* ; tanto mais quanto este é identico ao versiculo 28, Cap. 14 de S. Marcos, tambem citado, que diz: *Sed postquam ressurrexero, precedam vos in Galileam.*

Mas, sendo assim, perguntamos nós, a que proposito vem a citação desses dois textos que exprimem palavras de Jesus, proferidas antes de começar o *drama da paixão ?*

Entendamo-nos sobre o valor desta ultima phrase. Pelo drama da paixão de que fala Vacherot, é natural que se comprehendam os factos acontecidos desde a paixão de Jesus até a sua morte. (Math. cap. 26 v. 50 a cap. 27 v. 50, Marc. cap. 14 v. 46 a cap. 15 v. 37,

Luc. cap. 22 v. 54 a cap. 23 v. 46, João cap. 18 v. 12 a cap. 19 v. 30).

Ora, os dois textos referidos, não estando inscriptos no circulo assim determinado, era inutil, se não illogico, fazer delles menção.

O valente polemista concede ao seu adversario restringir, limitar, quanto quizer, o quadro da paixão, pois que, se dest'arte póde tirar de S. Matheus e S. Marcos o que elles encerram, não poderá do mesmo modo descobrir em S. Lucas e S. João o que elles não contém.

Ainda assim o padre Gratry não foi feliz.

Já não trata de saber se os dois primeiros evangelhos, no acto da paixão, referem palavras que expremiam a confiança de Jesus em sua resurreição ; quer porém provar que, ao contrario do que diz Vacherot, taes palavras não existem nos dois ultimos.

Entretanto,, em S. Lucas cap. 22 v. 42 e 43, a respeito de um dos malfeitores, entre os quaes Jesus fôra crucificado, lê-se : *Et dicebat ad Jesum* : *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum. Et dixit illi Jesus , Amen dico tibi ; hodie mecum eris in paradiso.*

Que significa esta resposta, senão a consciencia que ainda naquelle momento extremo Jesus tinha do seu caracter divino, do triumpho completo de sua missão e da gloria que o esperava ?

Em S. João, na verdade, não se leem palavras identicas nem mesmo analogas. Mas é preciso não dar demasiada importancia á forma. O pensamento do autor d'A *Religião*, resumido, simplificado e limitado, como o mesmo Gratry concede que o seja, é que

em S. Matheus e S. Marcos Jesus morre como que baldo de força e de esperança, ao passo que nos dois outros evangelistas elle apresenta uma coragem, uma confiança, uma grandeza divina. Não ha que responder; a evidencia resalta dos textos.

Alli elle exclama: *Deus, Deus meus, et quid dereliquistis me?* (Math. cap. 27 v. 46, Marc. cap. 15 v. 34) Expressão de agonia e desanimo.

Aqui porém: *Pater in manus tuas commendo espiritum meum.* (Luc. cap. 23 v. 46) Resignação e firmeza.

Mulier, ecce filius tuus. Deinde dixit discipulo: ecce mater tua. Post ea sciens Jesus quia omnia consummaretur scriptura, dixit sitio... Cum ergo accepisset Jesus acetum, dixit: consummatum est. Et inclinato capite, tradidi spiritum. (João, cap. 19 v. 26, 27, 28 e 30).

Aqui tudo respira a serenidade e a calma da consciencia de um Deus. Jesus morre, sem dar um grito ou gemido, *voce magna,* de que falam os outros evangelistas; grito ou gemido que de um certo modo deturpa a simplicidade e, por assim dizer, a belleza divina daquella morte.

E' por iguaes considerações que tambem nos parece digna de attenção a divergencia que se nota nos mesmos textos sobre a historia dos dois ladrões. Nos primeiros evangelhos não ha differença entre elles; ambos insultam a Jesus. S. Matheus, cap. 27, diz: *Id ipsum autem et latrones qui crucifixi erant cum eo, improperabant ei.* S. Marcos, cap. 15 v. 32, diz: *Et qui cum eo crucifixi erant, conviciabantur ei.* Mas em S. Lucas,

como já vimos, um desses crucificados pede a Jesus que se lembre delle. S. João menciona-os, porém não lhes attribue palavra alguma.

Cremos, em face destas razões, que o padre Gratry acudiu fóra de tempo em defesa dos textos: nada descobriu que possa abalar a importancia do livro discutido. (1)

1871.

(1) Por este artigo, pelas *Notas sobre a Critica Religiosa*, *Os Livros Mosaicos*, *Moysés e Laplace*, *Excursão nos dominios da sciencia biblica*, *A Historia do Povo de Israel e o Sr. Oliveira Martins*, vêem-se os grandes conhecimentos do auctor neste genero de estudos. (N. de S. R).

XXXI

O atraso da philosophia entre nós [1]

I

O Sr. Dr. J. Soriano de Souza tem uma pretenção opiniatica, incoercivel: reagir contra o seculo e esbofetear a civilisação moderna. No empenho de attingir o fim supremo de todos os seus anhelos terrestres, o digno doutor tem publicado algumas obras. Enganei-me: são apenas algumas diatribes contra o estado actual da cultura humana.

Nesses escriptos, onde a insipidez da forma rivalisa com o vulgarismo do fundo, e dos quaes o mais recente vai ser objecto do presente artigo, o honrado professor é sempre o mesmo. Quero dizer, o mesmo espirito incançavel no combate das idéas dominantes; o mesmo

(1) *Licções de philosophia elementar,* pelo Dr. José Soriano de Souza.

homem consagrado, por uma especie de voto monastico, á defesa de principios evidentemente mortos.

E' um trabalho esterilissimo, sem duvida, e que não deixa de ter o seu lado burlesco. Divisa-se n'elle alguma cousa de analogo aos santos esforços dos monges da Thebaida. Elles iam ao Nilo encher cantaros, para regar um galho de pau secco, plantado por acinte nos areiaes do deserto.

Similhantemente, os livros do Dr. Soriano têm todos os caracteres de uma penitencia. Involve-os o que quer que seja capaz de abrir o céo — attrição, contrição, despreso absoluto das illusões mundanas. A isto accresce o mais completo jejum de tudo que alimenta o espirito da epoca. Dahi vem que são tão pallidos, tão magros, os pobres livros do veneravel doutor.

A sciencia dos nossos dias, em qualquer de suas ramificações, uma vez que ella se opponha á *Summa* de S. Thomaz, não acha graça deante do philosopho. « A ignorancia, diz Scherer, falando de L. Veuillot, é uma das condições do culto do passado. Se Veuillot condemna a civilisação e a sciencia moderna, tem para isso boas razões: elle é muito ignorante. »

Poderei dizel-o? taes palavras seriam de todo applicaveis ao Dr. Soriano, se não fosse a injustiça de emparelhal-o, de um certo modo, com o beato francez. Este, pelo menos, possue uma lingua correcta e um estylo attrahente.

O professor do Gymnasio Pernambucano, ao que parece, crê-se destinado a uma grave missão. E' fabricar no Recife o melhor contra-veneno das idéas perigosas.

Depois de haver nos mimoseado com aquella compillação indigesta da philosophia de S. Thomaz, cuja influencia foi nulla, deu-nos ultimamente o volume intitulado — *Licções de philosophia elementar*. Sobre este livro, impresso em bom papel e bem encadernado, venho pedir a attenção do leitor.

E antes de tudo importa saber que o livro é dedicado a S. M. o Sr. D. Pedro II, *principe não só pelo sangue, pelo sceptro, mas tambem pelas lettras.* Logo aqui o leitor desprevenido ha de achar-se em presença de uma novidade.

O principado litterario do Sr. D. Pedro II, até nos dominios da philosophia, a cujo estudo não consta que tenha consagrado tempo algum de sua regia vida, é cousa que geralmente ainda se ignorava. Graças, porém, ao Dr. Soriano, fica sendo, d'ora avante, verdade adquirida, ponto de fé inabalavel da orthodoxia monarchica. Além disto, bem se pode de antemão ajuizar da ordem de idéas de um homem de hoje, para quem existem *principes pelo sangue*.

Como quer que seja, o Dr. Soriano é de uma grande actividade. Admiro que o seu nome não se ache cercado de maior consideração. Custa mesmo a crer que o illustre escriptor não se visse ainda lithographado em uma lauda do *Novo Mundo*. Porquanto, este jornal, demasiado generoso, tomou a peito fazer conhecidas do estrangeiro, a titulo de grandezas, as nossas ninharias politicas e litterarias. Mais do que ninguem, o Dr. Soriano tem direito de ser alli mencionado. Nem sei tambem como é possivel que o Sr. Pessanha Povoa, em sua lista

de notabilidades patrias, não se lembrasse do insigne philosopho. (1)

---

(1) Refiro-me á obrinha *Os heroes da arte*. Não obsta que fosse destinada ao elogio de artistas. Nella apparecem nomes de pessoas que não o são e, mais ainda, que não têm relação com a cousa.

Quem nos dera que tudo fosse isso! E' sensivel que, quando a arrogancia dos Srs. Ramalho e Eça de Queiroz nos vestiu de trajos ridiculos, em quadros traçados pela mão de dois exagerados, viesse o Sr. Povoa prestar-lhes um *documento*. Esse moço, que é tido como litterato brasileiro, sob a protecção e as vistas do Sr. Porto Alegre, que é ainda mais do que isso, acaba da escrever em Lisboa um complexo de frioleiras. A proposito de dois notaveis artistas nossos, o escriptor sem criterio entendeu dever dizer os maiores disparates. Entre outros, diz, por exemplo, que Carlos Gomes é para a musica o que foi Mahomet para a religião. Dá-se mais claro dislate? Isto exprime cousa alguma, sinão que o escripto é insensato? Diz ainda que Roger Bacon e Descartes foram reformadores do methodo. E' um erro de tres seculos e meio; devia dizer Francisco Bacon.

Diz mais que Ptolomeu amesquinha Mario, que Cicero envergonha Hermogenes... Que é isto? Quem foi esse Mario amesquinhado por Ptolomeu? Quem é esse Hermogenes envergonhado por Cicero?

E' mister ser idiota para não indignar-se diante de cousas taes. O Brasil é atacado como nescio e sem espirito: eis que lá mesmo, onde o ataque se dá, um moço brasileiro não trepida em sahir ao publico, para revelar a mais chata estolidez; e isto com ares de *inspirado cantor das patrias glorias!* Que saboroso *pratinho* não deve ser para os Eças e Ortigões a producção do Sr. Pessanha?

O joven escriptor sabe de cousas e dil-as por um modo que provoca o riso. Por exemplo, este pedaço, a respeito do autor do *Guarany*: « Vem da nossa patria a noticia de que o governo inglez o encarregou de escrever uma opereta que será uma epopéa, cujo assumpto é Cromwell, isto é, a vida de um gentil homem *rebelde*...»

Tal noticia, enviada do Brasil para Portugal, é muito interessante. Não seria bem ridiculo se o Sr. Povoa, que está em Lisboa, nos dissesse: « Acabo de receber dos meus amigos do Brasil um

Quando disse que admirava não ver o nome do Dr. Soriano rodeado de maior consideração, eu olvidei um facto importante. Como deixar em silencio a carta do papa, aqui mesmo publicada, sobre o livro de que me occupo?

Bem que Sua Santidade não tivesse tempo de lel-o, afiançava todavia que o livro era excellente. Isto póde fazer as delicias de um catholico de lei; mas não é proprio de tranquilisar a consciencia de um auctor.

Não obstante o elogio papal, indeciso e ambiguo, o merito do livro, quero dizer, o merito do philosopho é ainda questão aberta. Salvo se querem que a *infallibilidade* se estenda até ao ponto de santificar os maus escriptos, com pena de excommunhão a quem ousar combatel-os. Devo crer que não corro este risco.

Segundo me parece, o Dr. Soriano toma por base de suas tentativas um sentimento odioso, anachronico, anti-scientifico: a intolerancia.

Elle julga prestar com os seus livros um certo serviço á causa da igreja. E' um engano. O sublime paradoxo evangelico da *grandeza dos pequenos* não tem

---

rico presente de vinho do Porto?» Ou se aqui no Recife alguem fosse mimoseado por um amigo de Pageú de Flores com *mantas de carne secca e latas de sardinha?* Pois não ha differença entre isto e a noticia de que fala o joven escriptor.

Peço desculpa ao Dr. Soriano de haver deturpado o artigo sobre o seu *santo* livro com esta longa nota a respeito das puerilidades do Sr. Pessanha. Aos amigos e companheiros deste peço tambem que não me tenham em conta de pessimista.

E' minha convicção que muito mal nos vai fazendo esse *systema de elogio mutuo* do qual são victimas laureadas os Pessanhas e outros iguaes.

cabimento no mundo intellectual. Eu me explico. A virtude, qualquer virtude, é por si mesma grande e apreciavel. Fazer o bem de qualquer modo e em qualquer escala, é sempre um merito. Isto porém não se dá no que toca á intelligencia.

Não basta escrever um, dois, tres livros, para conquistar o titulo de escriptor. Não basta vir actualmente affirmar, por exemplo, que o thomismo é a verdadeira, a unica philosophia, para ser considerado um espirito distincto. Eu bem sei, como se diz, que cada um, na medida de suas forças, leva a sua *pedrinha* para o edificio; mas, infelizmente, não se trata de erguer, porém de sustentar o velho templo que desaba.

Não basta, em uma palavra, lançar na circulação meia duzia de idéas velhas, desenterradas do jazigo secular, para se merecer a nomeada de homem instruido. Nem tão pouco aproveita a quem quer que seja a insistencia na defesa de uma causa perdida. Já se vê que o Dr. Soriano, com os seus escriptos philosophicos, não presta o menor serviço ás doutrinas que professa; e, o que mais lhe deve importar, não se faz por elles notavel.

O digno professor, como era de esperar, communica aos leitores em um largo *Prefacio* o plano e o espirito de sua obra. E' duro dizel-o, mas é verdade, que logo em principio se encontram as mais vivas provas de muita estreiteza mental.

« Naturalismo e sobrenaturalismo, diz elle, razão independente e fé humilde, taes são os termos da magna questão debatida na sociedade moderna. »

O illustre doutor é assás ingenuo. Ainda julga que a sociedade moderna é theatro das velhas contendas entre a razão e a fé. Não lhe chegou ainda aos ouvidos a noticia de que essa lucta não tem mais senso e que «o combate acabou-se á falta de combatentes?» Não viu um só instante que um dos termos da questão, como o digno doutor a entende, aquelle mesmo systema, a cuja conta se costumam pôr os homens que pensam, isto é, o atheismo, está hoje tão caduco e desacreditado como a propria theologia? Quem é que cuida mais de procurar argumentos para provar a independencia da razão? Seria um tolo igual aos que ainda se occupam de mostrar com textos da Biblia que o homem não poude progredir sem uma revelação divina.

O Dr. Soriano está muitissimo atrazado. Presente-se que o seu livro é uma repetição de materia velha e inaproveitavel. Porque no meio do triumpho geral da sciencia moderna, que chegou a transformar a propria religião, até no que ella tem de mais intimo e profundo, o seu *conceito*, a sua *idéa*; porque nesse meio ainda se levanta uma ou outra voz rouquenha para entoar *ladainhas* de convento, deve-se inferir que a lucta continúa? Porque no campo de batalha, depois de uma victoria, ouvem-se os ais dos moribundos e as maldições dos feridos, é concludente que a pugna persiste?

E' debalde que o nosso philosopho se esforça por fazer a arvore secca da idade media reflorir e fructificar. Essa epoca morreu. Pode-se-lhe apenas applicar o hemistichio de Lucano sobre Pompeu: *Stat magni nominis umbra.*

Mas o Dr. Soriano não se deixa convencer. Elle tem palavras duras para os que não se curvam ante o velho S. Thomaz. Lê-se á pagina X do seu prologo: «Verdade é que ainda os ignorantes e bufões da sciencia têm algumas chanças de mau gosto e sediças rabularias com que acommettem essa philosophia que ignoram, e da qual, segundo elles, ninguem mais faz caso.»

. Qualquer que seja o sentimento de minha fraqueza e a convicção do pouco que valho, não me posso eximir de pertencer á categoria levantada pelo illustre escriptor. Mais de uma vez tenho dito o que penso dessa philosophia, tão elogiada por homens de um espirito mesquinho ou atrazado. Como não aceitar uma parte da honra dada pelo Dr. Soriano aos que elle chama ignorantes e bufões da sciencia? Gosto pouco de andar pondo em relevo a minha pessoa, a minha *subjectividade*, como dizem os allemães.

Todavia, peço a permissão de recordar um facto. Em 1867, quando se deu um concurso para provimento da cadeira actualmente regida pelo Sr. Soriano, já me tinha, dias antes, declarado, e em um exame publico, inimigo do thomismo. Não havia melhor occasião do que essa em que fomos unicos candidatos, para o thomista convencido demonstrar que o seu antagonista era um bufão da sciencia.

Não o fez, não poude fazel-o. O que ficou em dominio de todos, foi que ambos nós, eu então pobre academico do 3° anno, e o Dr. Soriano, ja conhecido até em Roma, provamos que eramos nescios, horrivelmente nescios em materia philosophica. Dest'arte, arrisco-me a assegurar que a incompetencia do nobre

professor, para dirigir-me qualquer invectiva, é caso julgado.

Se eu tivesse alguma supposição de que o Dr. Soriano se incommoda com os meus escriptos e chega a votar-me algum odio, desistiria por certo do trabalho emprehendido. Supplico-lhe pois que não me tenha rancor. O respeito das convicções alheias não consiste em julgal-as boas e verdadeiras, mas só em tel-as por intimas e sinceras. Eu penso que o honrado professor tem a mania de querer impor-nos as suas opiniões, os seus prejuizos de educação, como verdades indubitaveis e superiores a qualquer analyse.

Ha uma cousa sobretudo que me parece exquesita nos escriptos do illustre doutor. E' o seu modo de ser religioso, é a sua *religiosidade*. Não comprehendo, não me posso assimilar essa maneira de exprimir-se com tamanha firmeza e decisão sobre os grandes objectos de nossa eterna ignorancia. A metaphysica dos philosophos e a theologia dos padres muito ha que fizeram fiasco. Para que ainda vir debruçar-se no abysmo tenebroso dos problemas insoluveis e não reconhecer emfim que a philosophia hodierna tomou outro caminho?

O Dr. Soriano crê talvez que, falando longamente sobre Deus, sua natureza e seus attributos, bem como sobre tudo que diz respeito á igreja catholica, põe a descoberto, para se admirar, o vigor de seu senso religioso. E' o maior dos enganos, Lembro-me de um bello pensamento de Frederico Schlegel: assim como o homem são pouco fala de saude, o verdadeiro philosopho é o que menos fala de religião e muito menos da sua propria.

Dieser ist ein Philosoph und wird, wie der Gesunde von der Gesundheit, nicht viel von der Religion reden, am wenigsten von seiner eignen.

Fiquemos por emquanto aqui. No seguinte artigo entraremos em mais funda apreciação.

II

O livro do Sr. Dr. Soriano tem os defeitos communs a todas as obras onde o auctor mal se deixa lobrigar, sempre escondido por detraz de velhas autoridades. E' notavel que, lendo-se o volume inteiro, com difficuldade se possa descobrir o caracteristico do escriptor.

A razão provém de que o Dr. Soriano não é daquelles que pensam por sua propria conta; é um escriptor que nunca soube tomar a attitude da duvida, porque só lhe satisfaz a attitude da submissão.

Não quero entretanto dizer que o lado subjectivo da obra nos seja completamente occulto.

Sob o véo de algumas phrases de *uncção* sacerdotal, sorprehende-se o homem altamente catholico, cheio de apprehensões theocraticas e fanaticos rancores. O fundo psychico do autor é pouco visivel; mas o que se chega a ver interessa á critica e á sciencia da alma em geral. Eis o motivo. No meio da effervescencia e do bulicio das idéas que surgem de dia a dia; nesta continua dilatação dos pulmões do seculo, aspirando a largos sorvos os effluvios aromaticos de jardins ignotos; quando todos cá de baixo vemos ao longe,

no alto do monte, para onde caminhamos, erguerem-se brilhantes, em demanda do céo, a sciencia e a consciencia livres, como as duas torres da igreja do futuro; no meio de tudo isso um homem da epoca, irritado contra ella, de punhos cerrados ameaçando a estrella que nos guia, não será um phenomeno digno de estudo?

Para falar sem imagens e mais a sabor do philosopho thomista: de onde provém, como explicar a anomalia de um leigo contemporaneo, que renega affoutamente o espirito hodierno e sente que o mundo inteiro não se transforma em um convento?

Bem sei que muita gente não acha difficuldade em decifrar o enigma. Em taes casos costuma-se dizer que a reacção é motivada por vistas de interesse; e, dest'arte, comprehende-se a razão da teima insensata. Eu porém não penso assim. Julgo que não é este o modo mais proprio de ligar o facto á sua lei. Sem duvida, o interesse é uma grande força, a cuja influencia obedecem até os phenomenos da ordem intellectual. Não obstante, importa reconhecer que tudo não se explica, nem se póde por elle explicar.

A opiniaticidade do Dr. Soriano tem raizes mais profundas. Os seus escriptos, é verdade, não pôem em clara luz as feições brilhantes de uma viva intelligencia; mas tambem não são unicamente productos industriaes, sujeitos á lei economica da offerta e da procura. Antes de tudo são os fructos, bem que pecos e tardios, de uma alma de eremita, mau grado seu, atirado no vortice do mundo.

No estylo, isto é, na ausencia de estylo, na linguagem, nas idéas do honrado professor, como que se

ouve o gemido surdo de um devoto, carregando o peso de sua cruz. Eu creio, pois, na sinceridade de convicções com que o Dr. Soriano escreve e publica as suas obras.

Nem ousara censurar qualquer largueza de vistas, podendo ao mesmo tempo abranger o céo e a terra, a corôa imperial e a tiara pontificia... Quando o evangelho nos diz que o homem não vive só de pão, implicitamente admitte que os interesses materiaes não são de todo despreziveis. Bem se póde escrever um livro da abundancia da alma, com a mais viva dedicação a uma certa ordem de idéas, e todavia tentar, por meio delle, a solução de algum embaraço, não estrictamente scientifico.

O volume do illustre professor do Gymnasio pouco se recommenda pelo seu conteúdo. Escripto com o dogmatismo proprio daquelles para quem a verdade está feita e dita sobre todas as cousas, não tem problemas a resolver.

O que a nós outros parece ainda questionavel, é um resultado do nosso desvairamento em não querermos instruir-nos na *Summa* de S. Thomaz. O nobre doutor dá indicios de quem se admira de não ver abraçada sem contestação e por todos os homens de senso aquella santa philosophia.

Para elle esta sciencia não tem, siquer, uma face obscura; tudo se acha, de antemão, resolvido pelo *anjo da escola*. Em taes condições, sendo nullo o interesse dos leitores, era natural que só restasse de pé e muito saliente o interesse do auctor.

A obra que começa por ser dedicada a *Sua Magestade*, acaba por ser submettida a *Sua Santidade*.

Ha nisto ao menos uma certa symetria. Fica portanto o livro, a despeito de ser inutil, bem apadrinhado entre o papa e o imperador, «estas duas metades de Deus», segundo a phrase faiscante do poeta de *Hernani*.

O que deturpa essencialmente o volume do illustre doutor, é a falta absoluta de espirito scientifico. A sua philosophia tem um proposito firme: desprezar, como indignos de attenção, os achados da sciencia moderna, maximé os que podem contrariar a theologia escolastica. Nota-se este phenomeno: o Dr. Soriano é um medico e está portanto habilitado para esclarecer o estudo do homem com os dados de outros estudos.

Tinha-se direito de esperar do honrado filho de Hypocrates alguma cousa nesse sentido. Completo engano. Eu desafio a quem quer que seja para me apontar uma só linha do livro, de onde, sem outro auxilio, se possa inferir que o auctor é um medico. O philosopho segue o seu caminho já trilhado pelos santos doutores, convencido da vaidade, da miseria, do nenhum valor da propria materia em que é graduado, desde que ella não se presta a fortificar os annexins latinos da *Summa theologica*. O Dr. Soriano, escrevendo philosophia, não quer graças com as sciencias medicas. Se alguma vez se encontra com ellas, é só para lançar-lhes um olhar de desdem. Leia-se, por exemplo, o final da pagina 201 do volume. E' admiravel que Santo Agostinho e S. Thomaz sejam quem faça a despeza dos conhecimentos physiologicos do nosso auctor.

Entretanto, convém advertir que não tenho em vista fazer crer que o livro do Dr. Soriano devia estar cheio de anatomia e physiologia. O que me parece

estranhavel, é que o nobre philosopho, em taes circumstancias, não puzesse a seu serviço as descobertas, as soluções mais recentes de sciencias que elle professa.

Medico e philosopho! Que feliz coincidencia para escrever uma obra viva, toda penetrada do espirito do tempo, com as suas grandes conquistas, as suas vastas aspirações e altos presentimentos!

Eu não censuraria que o Dr. Souza se entregasse de todo aos seus estudos predilectos, com exclusão e prejuizos das materias de seu *grão*, se estas não tivessem intimas relações com aquelles mesmos estudos. Quero dizer — a philosophia manejada por um medico deve se mostrar menos pobre, menos frivola e esteril do que a vemos nas mãos do nobre doutor. (1)

---

(1) Esta ordem de idéas pede uma nota. Porque amo a philosophia, eu invejo as condições *scientificas*, reaes ou presumidas, do Dr. Soriano. Um medico philosopho é cousa mais toleravel, aos olhos da gente *sensata* do que um bacharel em direito.

Parece que este só deve se occupar do que diz respeito ao *corpus juris*. Se ousa um instante olhar por cima dos muros destas velhas e hediondas prisões, chamadas Correia Telles, Lobão, Gouveia Pinto, etc., ai delle, que vai ser punido por tamanho desatino! O menos que lhe podem fazer, é consideral-o uma especie de renegado da nobre sciencia do *jus in re* e *jus ad rem*, com todo o seu acompanhamento de *embargos*, *arestos* e *aggravos*, expressões duras e barbaras, que estão para a linguagem culta dos tempos actuaes, como o velho *xenxem* para a moeda de ouro corrente.

Como quer que seja, a verdade é que o pobre bacharel limitado aos seus chamados conhecimentos *juridicos*, sabe menos das necessidades e tendencias do mundo moderno, sente menos a infinitude dos progressos humanos, do que póde ver de céo azul um preso através das grades do calabouço. E o que ha de mais interessante, é que bem poucos conhecem a estreiteza do terreno em que pisam.

O que primeiro nos occorre, quando lemos uma obra de philosophia, é saber se o seu auctor compenetrou-se

Muitos entendem que o ponto culminante da sabedoria está em descriminar os effeitos da *appellação*, em falar no *devolutivo* e no *imperativo*, etc., etc., e outras quejandas questiunculas forenses. Todos os homens que pensam, todas as cabeças bem formadas tem o seu — *to be or not to be* —, os seus maximos problemas que absorvem sua meditação. O bacharel igualmente deve tel-os. Quaes são elles? Se o leitor intelligente pertence á classe, ha de ter-se encontrado alguma vez com collegas, aliás cercados de nomeada, os quaes em conversação, tomando de repente um certo ar de profundeza, lhe tenham interpellado: *doutor, você o que pensa sobre este ponto?* E quando é de esperar que o ponto seja uma questão do seculo, uma questão politica ou social, religiosa ou philosophica, eis que o nobre interpellante continua: *o aggravo de petição é cabivel em tal caso ou é o de instrumento?* etc. São desta natureza os problemas inquietantes do espirito de uma classe de homens cultos! E note-se que propor taes questões só é dado aos habeis, estudiosos, que querem fazer carreira na magistratura, ou ter um nome illustre na advocacia. Quem não andar muito em dia, leva *quinau*. Confesso que tenho levado bastantes. Nem é para menos ver-me abarbado em assumptos similhantes: *esta appellação deve ser recebida em um só ou em ambos os effeitos? Tal cousa é facto ou direito?* O que bem se parece com brinquedos de meninos: *curro, curro, eu entro; com quantos? Sapatinho de judeu, qual de riba, qual de baixo.*

Confio que os velhos advogados, cuja sciencia está provada, não se julgarão offendidos. Elles sabem por instincto a quem é que me dirijo.

Eu quizera saber que motivos tem para crer-se superior aos rabulas um bacharel que só sabe tratar de demandas ante o Sr. juiz do civel e o Sr. juiz do commercio. Alguns ficam logo tão cheios de si, que se fazem distinguir por um certo *chiado* na expressão, dando a todos os pluraes uma desinencia em *x*: os *principiox*, os *direitox*, os *embargox*...

Ah! pobre classe, para quem não é um dos menores defeitos o contar-me em seu seio! Verdade é que não sou dos mais inditosos. Porém não tenho vocação para o negocio. E por isso dizia eu que tinha inveja das condições scientificas do Dr. Souza.

bem do estado da sciencia e deu ás questões vigentes alguma solução. Por este lado, quem abrir o livro do

---

Delle ao menos não dir-se-á que tem geito para a philosophia, que póde tornar-se notavel na sciencia; mas na chicana não corre parelhas com este ou aquelle.

E a proposito, lembro-me de um facto. Em certo circulo, onde por acaso estava um sertanejo, falava-se dos homens mais salientes da epoca, e dizia-se que Victor Hugo era um dos maiores vultos, um genio extraordinario, uma cabeça estupenda... — *Mas não é capaz,* grita o camponio, *não é capaz de tocar o bahiano, na viola, como Chiquinho, meu primo.*

Ora, pois, *mutatis mutandis,* ha perfeita analogia: *sabe philosophia, mas não sabe chicana; é um grande poeta, mas não toca viola...*

E' preciso que nos convençamos desta verdade: a balança da justiça virou balança de joalheiro, mais propria de pesar ouro do que direitos; não é pois nas suas conchinhas que se podem pesar os grandes cerebros.

Ter boa cabeça para propor e vencer *demandas,* acudindo com toda a deligencia aos *prasos fataes,* idéando *meios* de torcer o pescoço da pobre lei, e pol-a de rasto para traz, etc... é um merito, sem duvida; porém de pouca monta.

Não se diz tambem que esta ou aquella pessoa tem *boa cabeça* para fazer *pipocas bem estraladas*? Este mundo é assim: ha gente para quem Homero mesmo perderia o esplendor de sua gloria, se chegasse a descobrir que o autor da *Iliada* frequentara uma escola de sapateiro e nunca teve geito siquer para arranjar umas alpercatas; ha, com effeito, homens desse pensar.

Entre os vôos da aguia e as largas passadas do camello não hesitam em preferir a magestade do quadrupede, porque em ultima analyse este leva no costado uma porção do *necessario* e do *util,* alguma cousa que faz parte da grande bagagem da vida.

Sobre o que vou finalmente dizer, eu chamo a attenção dos homens graves. Duas cousas existem no Brasil que precisam escrever a *critica de si mesmas,* reconhecer os seus defeitos, afim de dar-lhes remedio. São ellas o *liberalismo* e o *bacharelato.* Sem isso, correm o risco de se nullificar. Pelo lado que me toca, irei fazendo o que puder.

Peço de novo desculpa ao Dr. Soriano por esta nota que parece uma extravagancia.

Dr. Souza, póde estar certo de que nada encontrará. Melhor será que não o leia, porque elle não satisfaz áquella exigencia.

E' sabido que, nos ultimos tempos, a questão philosophica mais inquietante, se não a de maior alcance, tem sido levantada sobre a propria essencia e limites da philosophia. Augusto Comte e a sua escola atiraram para o meio das creações phantasticas a velha metaphysica, especie de mythologia racional, menos poetica e mais obscura que a mythologia ordinaria. Mesmo na Allemanha, naturalmente idealista, repercutiu algum tanto o abalo da nova doutrina. A corrente hegeliana foi um pouco retardada pela invasão do positivismo. Esta invasão é affirmada por certos phenomenos notaveis.

As obras de Büchner e Molleschot, que se fizeram apostolos de um materialismo quasi extravagante, eu não as tenho de certo como productos immediatos dessa influencia; mas ao menos é provavel que, vindo depois, não deixassem de ter em vista o caminho indicado pelo famoso pensador francez.

Outros factos accusam melhor a feição do tempo. Schiel traduz a *Logica* de Stuart Mill, a qual se poderá chamar o *Regulamento* do systema de Comte. Haym escreve um livro precioso sobre Hegel, onde o espirito positivo se revela em alta escala. Assim, para elle, « a metaphysica é a poesia da sciencia »... *die Poesie gleichsam der Wissenschaft* ». « Grandes construcções metaphysicas são o privilegio das gerações estheticamente dispostas e harmonisadas ». *Grosse metaphysische Bauten konnen nur einem esthetisch gestimmten Geschlechte gelingen.*

Eu creio que Littré não falaria sobre o assumpto com mais calma e segurança. E' ainda um allemão, Julian Schmidt, que, a respeito dos destinos da philosophia em sua patria e no mundo civilisado, se exprime em termos taes: *Die moderne Philosophie steigt von ihrem alten Isolirschemel herab und behreift die Bedeutung der ubrigen Wissenschaften, von denen sie zu lernen, die sie selber aber zu orientiren hat*... Isto importa engrandecer o dominio da sciencia positiva e deixar no esquecimento sonhos e visões chimericas, os dogmas decrepitos da pura especulação.

Ora, pois, quem dil-o-ia? — o Dr. Soriano demonstra ignorar completamente esse estado de cousas. O seu livro é de uma pobreza lastimavel, pelo que toca a similhante ponto. Elle nos diz (pag. 121) que « a palavra metaphysica quer dizer *trans naturale*, extraphysica ». Que grande novidade! Conta-nos mais o bom do livro a historia da formação dessa palavra!

Quem abre uma nova obra, intitulada philosophica, não vai atraz de saber anecdotas, porém de aprender cousas mais serias. Pela historia que refere o Dr. Souza, a respeito do nome da metaphysica, poderiamos dizer-lhe: obrigado, meu senhor. Vamos á sciencia; deixemo-nos de tolices.

E' assim que, depois de nos regalar com etymologias, o veneravel doutor accrescenta: « Como quer que seja, o termo metaphysica prevaleceu até hoje e designa a sciencia que trata daquellas cousas que estão separadas da materia, quer na realidade, quer por simples *precisão* do espirito ». Não ha duvida: o Dr. Soriano é inteiramente baldo de senso philosophico,

elle desconhece que uma proposição, como a que acabo de citar, não indica nem determina objecto algum.

« A sciencia que trata daquellas cousas... » E' um modo esse de falar a esmo, prodigalisando palavras e economisando idéas. «Daquellas cousas que estão separadas da materia... » Não bastaria dizer: a sciencia das cousas immateriaes? Mas isto, por demasiada concisão, poderia deixar o leitor em duvida: era mister deixal-o em plena ignorancia. Dito e feito.

Mas o que vai alem do desproposito, é a illação que o illustre doutor julgou dever tirar das referidas palavras. Continuando, (pag. 122) elle diz: «Daqui se infere a existencia da metaphysica ». O philosopho é muito corajoso. «Daqui se infere... » de onde é que sahe essa illação? Anteriormente se tratou apenas da significação etymologica do termo, do seu modo de formação e de ser a metaphysica a sciencia do immaterial.

Que factos são esses de tamanho alcance, para delles se inferir que a metaphysica existe? E de mais: ninguem ainda contestou-lhe a existencia. Ao contrario, aquelles que a combatem, não se dirigem a uma sombra van, mas a uma realidade, cuja influencia julgam perigosa e anachronica, porque ja teve a sua epoca e hoje só deve pertencer á historia.

O que se questiona, não é se a metaphysica existiu ou existe; porém é saber se outr'ora e hoje e sempre, onde quer que ella appareça, póde ser considerada uma sciencia; se ella tem um objecto certo e determinado, como as outras; em uma palavra, se ella nos instrue de alguma cousa que não é dado ás outras conhecer.

O Dr. Soriano, na ignorancia do estado da questão, entendeu responder a qualquer duvida com esta simples e banal pergunta: «...se ha sciencias que se occupam das cousas materiaes e sensiveis, porque não haverá alguma que discorra sobre as cousas immateriaes e supra-sensiveis? »

E' incrivel que um espirito culto lance mão de soluções desta ordem e pareça ficar satisfeito. Note-se bem: a metaphysica não é impugnada por motivos tirados della mesma, por sua forma, por seu nome; porém sómente por seu objecto, por seu conteudo.

Por isso mesmo que tem a pretenção de *discorrer* sobre as cousas immateriaes e supra-sensiveis, ella põe em duvida o seu caracter scientifico e o valor dos seus resultados. O immaterial objectivo e concreto é ainda para muitos uma grave questão.

Como pois dar por sabida e innegavel a sua existencia, afim de justificar a pobre metaphysica? E' uma logica bem singular.

Eu insisto. Os adversarios da pretendida sciencia deduzem argumentos da propria natureza das cousas que ella tenta investigar, isto é, de sua *incognoscibilidade*. A metaphysica involve contradicção, porque vem a ser a sciencia do *incognoscivel*, do que não se póde saber, do que, de feito, não se sabe.

Não basta haver uma sciencia do mundo physico, para crear-se uma outra do mundo supra-sensivel. Dado mesmo que este mundo exista, como eu creio, ainda assim não fica resolvido que possamos ter delle um conhecimento adequado. E esta é a questão.

III

Poucos homens parecem tão estranhos, tão opacos e inaccessiveis á vasta irradiação das idéas dominantes, quanto o honrado professor do Gymnasio.

E' para ver e admirar a corajosa indifferença com que elle se pronuncia em relação ás questões mais serias e mais preoccupantes da epoca.

Está dito e provado. A obra que analyso, é um livro de philosophia, onde se aprende perfeitamente, se assim posso dizel-o, a ignorar essa materia. E não ha cousa alguma de chistoso neste modo de falar; é a expressão de uma verdade, claramente revelada em mais de um facto da mesma natureza.

Todas as obras de nossos dias, que trazem o velho cunho catholico de uma benção pontifical, estando em opposição decidida á sciencia contemporanea, devem professar, por via de regra, a mais profunda ignorancia. E' um enigma proposto aos benemeritos da igreja: excogitar os meios de fazer o espirito humano recuar deante da grandeza de sua propria sombra, envergonhar-se de seus triumphos e volver os olhos atraz.

O Dr. Soriano tem sido infatigavel em cooperar, quanto póde, para pôr em pratica a palavra do esphinge. Eu lastimo que elle não disponha de maiores recursos, que não possa entrar na luta com mais vigor de talento. Ter-se-ia, pelo menos, um espectaculo mais interessante: o de uma intelligencia real que se esforça por encurtar-se a si mesma, afim de caber no quadro estreito de doutrinas convencionaes.

E com effeito não é raro vel-o em espiritos notaveis. Quem não sente, por exemplo, ante os escriptos de um Balmés, um como que esforço de aguia que tentasse esconder-se na velha abobada dos templos arruinados e fazer sua a habitação dos mochos?

Mas o nosso philosopho está longe de maravilharnos por esse lado. Não deixa de causar uma certa impressão e pôr em movimento a curiosidade publica o facto extraordinario de ser o digno doutor de quem poder-se-ia esperar uma outra ordem de idéas, o campeão titulado de já usadas tolices escolasticas. Todavia, não é lá muito para lamentar a falta de seu concurso na defesa do terreno por nós outros occupado.

Para não alongar demasiado esta apreciação ao livro do Dr. Souza, vou concluir pelo exame de mais um ou dous pontos importantes e aos quaes elle não deu, siquer, uma apparencia de solução plausivel. Quero falar, de preferencia, da theoria da inducção.

A *elementariedade*, com que, talvez por excesso de modestia, se qualifica a obra do illustre professor, não o salva da censura de tratar tão pobremente um dos mais vastos assumptos da philosophia moderna.

Quem consagrou não poucas paginas a velhas futilidades que não têm mais sentido nem valor algum, quem tanto se occupou de *ontologia*, falou de *ente* e *essencia*, de *acto puro* e *acto mixto*, não era muito que se estendesse um pouco mais a respeito da inducção.

O Dr. Soriano revelou não conhecer o fundo e o alcance da questão. E oxalá que tudo fosse isso. Elle mostrou ainda mais que não sabe raciocinar, mesmo

sobre cousas para as quaes já existem, por assim dizer, argumentos feitos e armazenados.

Tratando de inducção, o philosopho pergunta se o raciocinio deductivo e o inductivo serão essencialmente distinctos; se o syllogismo differirá radicalmente da inducção. E depois de referir alguns caracteres, por onde ha quem responda affirmativamente, assim se exprime: « Mas se bem considerarmos, veremos que a differença daquelles dous processos está mais na fórma do que na essencia. Porquanto é certo que o syllogismo, *sendo um processo geral de raciocinar*, nenhum raciocinio póde ficar fóra delle. »

Eu creio que o leitor, por si mesmo, antes de observar-lh'o, já descobriu o vicio radical, o misero illogismo dessas phrases.

Procura-se saber se o syllogismo differe da inducção ou se de algum modo identifica-se com ella; o que vale o mesmo que averiguar se qualquer delles constitue um processo geral de raciocinio que possa abranger o outro. Eis que o nobre professor decide que não differe, isto é, affirma que o syllogismo constitue um processo geral, porque é certo que o syllogismo, sendo um processo geral de raciocinio, nenhum póde ficar fóra delle. (1)

---

(1) Obra citada, pag. 60. Reforcemos a demonstração do erro com um exemplo. Agita-se a seguinte questão: O *beato* de batina differe do *beato* de casaca? ou a batina é a forma geral que comprehende as duas classes? Pela logica do Dr. Soriano poderá se responder que não ha differença, porque o habito *talar* é a fórma generica de todos os *beatos*. E não seria um horrivel paralogismo?

Não sei como é possivel que este senhor tenha pretenções a philosopho.

Bem se póde lamentar que o Dr. Souza não tivesse aprendido nos livros de sua predilecção as regras mais sabidas da logica rotineira. Deveria poupar-me o trabalho de fazer aqui notar-lhe um erro pueril.

Mas vamos ao fundo. A inducção é ahi definida *a operação mental pela qual attribuimos a uma especie o que constantemente temos observado nos individuos ou attribuimos ao genero o que temos constantemente observado nas especies que lhe são subordinadas.*

Será isto exacto?

Ficará por este modo bem determinado o que seja a inducção? Terá o Dr. Souza bastante docilidade para admittir commigo que a sua definição é pobre e quasi nada esclarece?

Custa pouco demonstral-o.

Não bastava dizer que a inducção consiste em attribuir-se a uma especie o que se observa contantemente nos individuos. Era mister accrescentar que isto se dava, quer na especie *natural*, quer na especie *facticia*, distincção que não se deprehende d'aquellas palavras citadas.

A faculdade pela qual attribuo, por exemplo, a todos os animaes o sentir e o viver, é a mesma que me leva a entrar em qualquer hotel de uma cidade estranha para tomar uma refeição, porque creio que todos devem tel-a.

Ora, a especie *hotel* não é da mesma natureza da especie *animal*; e todavia é uma só faculdade que me fornece aquelle juizo sobre ambas. Em qualquer estação de via-ferrea espera-se um trem á hora certa, com quasi a mesma confiança com que se aguarda

o nascer do sol. Em ambos os casos ha inducção, porque ha crença na repetição de um phenomeno constante. E a que ordem de *especies* pertence o vapor?

Era para exigir do Dr. Soriano maior desembaraço, maior jogo de conhecimentos na desenvolução dessa materia. Poderá crer-se que elle ignore até aquillo que tem sido dito por seus irmãos em S. Thomaz? Quem não sabe que o padre Gratry escreveu uma *Logica* e nella se occupou da inducção com muita largueza, posto que com alguns notaveis disparates?

Parecia justo que o nosso philosopho levantasse e buscasse resolver os problemas respectivos. Nada disto. Para o honrado doutor não ha duvidas nem sombras que perturbem a marcha do seu pensamento. Como que vive engolphado na eterna claridade de uma lampada celeste, exactamente posta a prumo sobre a sua cabeça calma e reflectida.

Entretanto, se espiritos profundos encaram hoje a inducção como cousa que muito interessava á philosophia das sciencias, com que direito o nosso professor, escrevendo uma obra do genero, limita-se a dizer-nos pouco mais do que nada?

Se é certo, como está escripto, que o syllogismo não differe da inducção; que esta, ao contrario, lhe é reductivel; pois que aquelle se baseia em principios, em juizos mais ou menos universaes; como é que se adquirem taes juizos? Em sua formação já não ha um processo inductivo? E neste caso, não se parece girar em um circulo vicioso?

Que nos diz a tal respeito o Dr. Soriano? Absolutamente nada. A velha theoria de *verdades*

primeiras, conceitos racionaes e outras phrases mysticas, de que V. Cousin e seus appendices encheram os ouvidos de uma geração descuidosa, não vem mais a proposito. Está desacreditada. Faz-se pois necessario descer ao interior do assumpto e procurar melhores razões. E' justamente o que devera ter feito o grave doutor para dar-nos alguma cousa de novo e não massar o seu leitor com antigualhas banaes.

No syllogismo ha sempre um meio, diz o Dr. Soriano; na inducção falta esse meio.

Dê-se que seja assim. Mas esse meio deve ser um juizo e este juizo, mais ou menos geral, sahe fôra da experiencia directa e entra sempre no quadro de uma inducção. Sirva de prova a maneira por que o auctor quer demonstrar que n'um raciocinio inductivo vai envolto um syllogismo, deste modo formulavel:

«A experiencia mostra que estas e aquellas qualidades observadas nos individuos não procedem do acaso, mas sim da natureza especifica dos mesmos, a qual é commum aos individuos da mesma especie, ainda não observados; ora, as leis da natureza são constantes ou as causas physicas são fataes em produzir seus effeitos; logo, os outros individuos da mesma natureza sem duvida hão de ter as mesmas qualidades que têm os que observámos.»

A premissa intermediaria «as leis da natureza são constantes» é um juizo universal: como foi elle formado? Crer na constancia das leis naturaes é induzir; e esta inducção ainda suppõe uma outra, que é a crença na existencia dessas leis. A que é pois que se deve conferir a anterioridade, ao syllogismo ou á

inducção? Nem se diga que aquella crença é um facto espontaneo e congenito ao espirito humano.

O assombro que primitivamente o homem experimenta deante dos phenomenos naturaes é a viva prova de que elle não tem com a idéa delles nenhuma noção da harmonia das cousas. Pelo contrario, a primeira impressão que experimenta é a impressão da desordem manifestada em tudo que percebe e observa. Quanto tempo não foi preciso para que o conceito de lei se applicasse aos factos da natureza?

« A experiencia mostra que estas e aquellas qualidades observadas nos individuos não procedem do acaso ou de uma propriedade individual, mas sim da natureza especifica dos mesmos. » Completo engano. A natureza especifica dos seres, como objecto de conhecimento, sobrepuja a experiencia, e é um producto inductivo.

O philosopho illude-se. Desde que formamos dellas o juizo de não procederem do acaso, porém do proprio fundo das cousas, taes e taes qualidades percebidas, a experiencia abre caminho e cede o passo a uma nova operação intellectual.

Mais ainda: «... a qual é commum aos outros individuos da mesma especie, ainda não observados.» Que profunda confusão! Cahiu em cheio. Como sabemos nós que os individuos não observados são de natureza commum aos que temos visto, se não por inducção? A que pois se reduz a identidade das duas formas e a preponderancia do syllogismo?

Se por um lado parece desculpavel que o Dr. Soriano tenha errado naquillo em que escriptores de

alta esphera ainda se revelam meio confusos e pouco adiantados; não deixa de espantar, por outro lado, a insufficiencia, a caduquice de suas idéas, quando elle tinha para melhor sustentar-se os largos detalhes e vastas discussões relativas ao objecto.

Não comprehendo que alguem, e sobretudo na epoca presente, venha dizer ao publico: eu sou philosopho, e, para justificar tão ousada pretenção, não tenha duas palavras vivas, duas idéas novas, que fiquem fulgurando na memoria do leitor.

Ainda é mais estranhavel que se aventem questões importantes, mostrando-se ignorar o seu immenso alcance actual, nem ao menos dando-se conta do que ha de controversia a respeito.

Eu já falei na obra do padre Gratry. E' uma logica *mystica*, de impetos poeticos e velhas declamações contra a philosophia e os philosophos. Comtudo, nella existe muita noticia util e de que bem pudera aproveitar-se o Dr. Soriano, para dar á sua obra uma cor mais agradavel.

Falei do padre Gratry, por ser um autor muito conhecido. Entretanto, é mister não esquecer que ha mais de um livro notavel, onde se encontra similhante questão em estado de ser apreciada e comprehendida. Basta mencionar o bem pensado opusculo de E. L. Apelt, philosopho allemão, e unicamente consagrado á materia particular da inducção. (1)

O mesmo Gratry parece lisongear-se de estar de accordo com esse autor; e não obstante, depois da

(1) *Die Theorie der Induction*, Leipzig, 1854.

leitura de ambos, achar-se-ha que ha no fundo da doutrina mais divergencia do que harmonia, e é evidente que o philosopho francez não se dedignou de pedir inspiração ao sabio de além Rheno. E não se infira d'aqui, por qualquer modo, que a citada obra germanica não tenha para mim o menor defeito. Eu a considero ainda maculada pelo prejuizo do *apriorismo*.

O escriptor diz no prologo que Leibnitz foi quem abriu á philosophia alleman o caminho da especulação racionalista, e a força que o seu genio tem exercido sobre o espirito e o pensamento philosophico racional, Kant mesmo não poude destruir com a sua critica da razão... *die Macht, welche sein Genius über den Geist und die philosophische Denkweise der deutschen Nation ausübt hat selbst Kant durch seine Kritik der Vernunft nach nicht zu berechnen vermocht*.

Parece-me que o autor é uma grande prova da exactidão de suas palavras. Como quer que seja, a lucta existe, assás renhida e muitissimo fecunda, no dominio da philosophia. Mas o Dr. Soriano desconhece tudo isto. Ja não digo que para elle foi em vão que Stuart Mill escreveu o seu celebre *System of Logic*. Esta obra que é sem duvida o producto mais significativo desse elevado espirito e encerra o que de mais forte e original se tem escripto sobre tal questão, não é de natureza a ser saboreada pelo nosso philosopho.

O extraordinario é que para o illustre professor seja ainda em vão que Charles de Remusat, entre outros, escrevesse tambem um livro interessante e no qual se adquirem proveitosos ensinos do objecto de que se trata. Disse — extraordinario — porque é um livro de

geral conhecimento e quasi familiar aos alumnos e *dilettanti* de philosophia. (1)

Deixo de lado tudo que ainda aqui pudera allegar quanto á ignorancia do Dr. Soriano em relação á historia, mesmo contemporanea, do problema que nos occupa. Não acho tambem cabivel tornar aqui patentes as minhas vistas pessoaes e tratar de destruir uma para substituil-a por outra theoria. Comprehendo o meu papel: quero a elle limitar-me. Nem por isso desisto da ambição que nutro de escrever um artigo especial sobre a inducção e os philosophos que têm ultimamente procurado elucidal-a. (2)

---

(1) *Bacon, sa vie, son temps*, etc., pags. 307 a 373.

(2) Este, bem como outros artigos, já escriptos ou planejados, formam, ha muito, o quadro de um livro que pretendo publicar. Os poucos amigos que me honram e que sabem da validade do meu projecto, devem ter já sentido alguma impaciencia, por não verem logo executado o que tenho promettido.

Venho agora confessar-lhes o que, mais do que outro qualquer obstaculo, me tem demorado por tanto tempo. E' um medo irresistivel que de mim se apodera, ao considerar nos maus resultados praticos que o meu livro póde trazer. Com effeito, neste *culto* e *instruido* paiz, escrever qualquer obra de critica, onde não se diz, *verbi gratia*, que o Conselheiro Zacharias é tão sabio como Guizot, tão orador como Royer Collard, tão publicista como Robert von Mohl, etc., etc., e que *seria um grande rival dos estadistas inglezes*, se não fosse (vêde o motivo!) *se não fosse a constituição* (que disparate!) e já houve quem o dissesse; escrever qualquer obra de critica, onde não se diz que o Conselheiro Octaviano é um escriptor *mimoso* (ainda que delle não se conheça escripto algum de importancia), é um poeta magnifico (ainda que quasi não tenha poesias), é um jornalista de pulso (ainda que nos seus melhores tempos só tenha escripto ligeiros folhetins e bagatellas litterarias); e o mesmo para com Alencar, Macedo, Taunay e Machado de Assis: mas, ao contrario, publicar um livro, bom ou máo, em que se tem coragem de exigir dessas e outras notabilidades os titulos de sua

Valia a pena que o Dr. José Soriano tivesse tomado mais ao serio esse capitulo da logica. Uma definição que nos désse, bem clara e comprehensiva, já seria um

---

nomeada; publicar um livro, em que não ha reservas pessoaes, quero dizer, adulações a pessoa alguma, e que, devendo conter muitos erros, não deixa por isso de encerrar muita cousa nova e extranha aos *sabios* da terra... dar á luz um livro tal, é negocio de fazer hesitar.

Nem eu estou creando phantasmas. Basta lembrar o seguinte facto. No anno passado publiquei n'*O Americano* uma serie de artigos em que tratei de analysar o espirito de uma obra famosa sobre a natureza e os limites do poder moderador.

Posto que não tivesse então concluido o meu trabalho, tenho convicção de haver demonstrado exuberantemente o desparatado da questão e a fraqueza de argumentos de todos que têm a mania de suscital-a.

Era uma cousa simples. Entretanto, é triste dizel-o; mas é verdade, que tanto bastou para se me ter na conta de um *orgulhoso, aspero e intratavel*, que nega a intelligencia do illustrado Sr. Zacharias e outros vultos proeminentes do paiz...

Nós sabemos que Guizot, por exemplo, com toda a sua grandeza intellectual, não escapou á critica rigorosa de escriptores que lhe descobriram até erros de grammatica. Aos olhos de um Taine as reputações de Maine de Biran, Cousin, Jouffroy, não pareceram muito respeitaveis, para elle deixar de fustigal-os e lançar-lhes o ridiculo.

Quem já se lembrou de qualificar de *orgulho insensato* aquillo que é apenas uma prova de independencia no modo de pensar? Verdade é que não sou Taine; mas tambem as pessoas, que têm feito o objecto de minha critica, não são Jouffroy nem Guizot. Não ha mesmo proporção a estabelecer. Quer do fundo dos valles, quer do alto das montanhas, quando se encaram as estrellas, não ha meio de comparação, em ambas as posições a distancia é sempre incommensuravel. Vejam, pois, se não tenho razão para possuir-me de algum receio. E todavia, sou um pouco rebelde; em vez de modificar, por conveniencia, as minhas opiniões, sinto-me obrigado a revel-as e aprofundal-as. O resultado é que estou mais firme no juizo formado a respeito de *certas cabeças* de nossa

merito louvavel. Porém nem isso. A inducção vai mais longe do que se suppõe. A vida humana, a vida espiritual, é quasi toda feita de crenças, quasi toda baseada em inducções. A nossa propria existencia, da qual, segundo a maioria dos philosophos, temos um conhecimento directo e immediato por meio da consciencia, é objecto de inducção.

Em um momento dado, eu sei directamente que existo; mas não é esse instante rapido, imperceptivel,

---

terra, pelo lado da instrucção e cultura. Podem considerar-me o que quizerem: não me demovem do proposito encetado.

E' com effeito para admirar: quem não acha que o Brasil tem tanta sciencia como a Allemanha; que os brasileiros são todos genios superiores, desde D. Pedro II, o primeiro *testa coroada* do mundo, até Carlos Gomes, o primeiro *compositor do universo*; quem não diz que nada temos a invejar em materia de illustrações e intelligencias fecundas, fica amaldiçoado e tido na conta de tolo, quando não de malvado. E' preciso acabar com este porco e miseravel *chauvinismo*. Quanto a mim, declaro que estou na liça, e della não sahirei sem que me provem que ando errado e muito errado em meus juizos. Que outra idéa posso formar de um paiz dito civilisado, onde se leva um anno e mais, sem que se veja sahir á luz um livro notavel, uma obra instructiva, uma cousa que venha augmentar o nosso parco patrimonio intellectual?

Seja como for, o certo é que os factos depõem contra a louca presumpção de sermos um povo culto. A minha questão não é que este ou aquelle individuo me applauda; não gosto disso. O meu fim é andar ás claras commigo mesmo. E tambem não se trata de saber se vivo longe ou perto do centro da civilisação, se moro na cidade ou na *roça*. O que se faz preciso mostrar, é se ando em dia com as idéas correntes, se o que digo e o que escrevo, está ou não impregnado do espirito do tempo, tal qual elle sopra em mundos superiores ao nosso obscuro mundo. Fóra deste terreno, não aceito observações, por me parecerem ineptas e estolidas.

que me fornece todos os juizos ralativos á minha existencia. Fóra do momento passageiro, actualissimo, em que me sinto viver, nada posso de mim mesmo affirmar, senão induzindo. Enlarguecei o quadro desta idéa e vós vereis desapparecer o pretendido valor do—*cogito, ergo sum*, como base da psychologia.

Não admira que não se tenha dado sempre ao estudo da inducção a merecida importancia. A razão é simples. Como espirituosamente diz Macaulay, se são precisas boas inducções para fazer um par de sapatos, não o são de certo para fazer um syllogismo. Dahi o descuido e a facilidade de errar, nesse sentido.

Não é de pouca monta uma questão de tal natureza, que interessa á vida inteira, sob todas as suas relações. A queda dos prejuizos, a destruição dos velhos erros, o assento da moral e da politica em melhores fundamentos —quem diria?—estão á espera de uma exacta theoria da inducção. E seja dito entre parenthesis: se os nossos escriptores de direito publico e jornalistas do dia soubessem um pouco mais a philosophia das sciencias sociaes, como se lhes applica o methodo inductivo, não andariam repetindo, a cada passo, mil tolices sobre a Inglaterra e outras tantas sobre os Estados Unidos.

Eu sei que para escrever um artigo de critica, a sabor de alguns leitores, que aliás não fazem honra, é preciso descer á analyse das palavras, abrir o *diccionario*, mostrar que o autor commette gallicismos, neologismos, cincoenta outras asneiras em—*ismo*, não sendo assim, para elles não ha critica. Penso diversamente. O que mais importa fazer conhecido, quando se analysa qualquer obra, é o seu espirito, é a tendencia

dominante. Foi o processo que segui na apreciação do livro do Dr. Souza.

E' um livro sem vida, que não encerra uma só cousa aproveitavel. Feliz o autor que, escrevendo um grosso volume, póde ver, depois de passar pela prova da leitura publica, uma idéa sua, eu digo uma só, de pé sobre as ruinas de tudo mais. Assim acontece nos paizes cultos aos escriptores de maior consideração. Verdade é que entre nós tornar-se-ia isto bem difficil.

Os productos intellectuaes são aqui sempre tidos como bons e sem defeito algum, salvo este ou aquelle que de antemão se julga ruim, pelo facto do autor não ser muito sympathico e não cahir em qualquer extremo: ou andar com o *credo* na bocca, ouvindo missa todos os dias, ou viver á *bohemia pelos cafés e restaurants*, falando de poesias e romances. E, pois, do livro do nosso philosopho nada resta: tudo vai-se com o tempo.

Elle não trouxe um obulo, siquer, para o cofre, ainda tão vasio, de nossa litteratura. (1)

1872.

---

(1) Muito litterato da terra tem de ficar admirado de ver classificar, como litterarias, obras de philosophia. Para certa gente, aliás de nomeada, só é litteratura verso e romance, e por uma estranha confusão julga-se que poeta e litterato são synonimos. Não ha maior desproposito.

Litteratura, no sentido amplo, no sentido actual, é synonimo de *vida espiritual:* é uma estatistica aprofundada de todas as producções intellectuaes de um paiz, em uma epoca dada, sciencia, philosophia, poesia, theatro, romance e até musica e pintura.

Assim se comprehende na Allemanha, onde os livros ou tratados de litteratura nos dão a conhecer não só Goethe e Schiller, como Kant e Hegel, não só Freytag e Stifter, como Strauss

e Baur, não só Beethoven e Mozart, como Cornelius (pintor) etc., etc.

Vê-se pois como é vastissimo o quadro litterario. No Brasil, ao contrario, ser litterato é fazer versos, romances ou dramas, de qualquer quilate que elles sejam...

Qualquer moço que não sabe historia, porque, diz elle, em seu tempo não se dava no Collegio das Artes; que não sabe philosophia, porque nunca teve gosto pelo Charma; que não avança uma palavra sobre a critica religiosa, porque é catholico de lei; que não sabe mesmo pronunciar-se com desembaraço a respeito das concepções musicaes, porque é negocio estranho ao seu mister e ao muito poderá repetir que Carlos Gomes deitou abaixo todos os *maestros*, etc., esse moço, assim bem cultivado, tem coragem de dizer que só sabe e só gosta de litteratura...

E' horrivel!